



PROEX

Pro-Reitoria de Extensão
e Assuntos Comunitários

REVISTA EXTENSÃO & CIDADANIA

v. 9, n. 16, jul./dez. 2021.

ISSN 2319 - 0566





UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

REITOR

Luiz Otávio de Magalhães

VICE-REITOR

Marcos Henrique Fernandes

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS

Gleide Magali Lemos Pinheiro

EDIÇÕES UESB – DIRETOR

Cássio Marcílio Matos Santos

COORDENADOR DO PORTAL DE PERIÓDICOS DA UESB

Natalino Perovano Filho

COMITÊ EDITORIAL

Allisianne Krystina Saraiva de Figueiredo
Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (UESB/PROEX)

Gleide Magali Lemos Pinheiro
Departamento de Saúde II (UESB/DS II)
Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (UESB/PROEX)

Luziê Maria Fontenele-Gomes
Departamento de Ciências Humanas e Letras (UESB/DCHL)

Marizete Argolo Teixeira
Departamento de Saúde II (UESB/DS II)

REVISTA EXTENSÃO & CIDADANIA
Revista da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários
ISSN 2319-0566

EDITORAS-CHEFES

Marizete Argolo Teixeira
Departamento de Saúde II (UESB/DS II)

Luziê Maria Fontenele Gomes
Departamento de Ciências Humanas e Letras (UESB/DCHL)

EQUIPE TÉCNICA

Editoração

Luziê Maria Fontenele-Gomes (UESB/DCHL)
Brenda Damasceno Rigaud (UESB/PROEX)

Arte e Desiner da Capa

Éric de Oliveira Santos
Assessoria de Comunicação (UESB/ASCOM)



CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Alejandro Enrique Gomez Rios, Laboratorio de Acondicionamiento Ambiental, Universidad Ricardo Palma (LAA/URP), Lima, Peru.

Profa. Dra. Annette Gertrud Anneliese Leibing, Faculté Sciences Infirmière, Université de Montreal (UdeM), Montreal, Canadá.

Prof. Dr. Carlos Roberto Pires Campos, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Instituto Federal do Espírito Santo (EDUCIMAT/IFES), Espírito Santo, Brasil.

Prof. Dr. Diógenes Cândido de Lima, Departamento de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DELL/UESB), Bahia, Brasil.

Profa. Dra. Elane Nardotto Rios Cabral, Departamento de Ensino, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFBA), *campus* de Jequié, Bahia, Brasil.

Profa. Dra. Gleide Magali Lemos Pinheiro, Departamento de Saúde II, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DS II/UESB), Bahia, Brasil.

Profa. Ma. Luziê Maria Fontenele-Gomes, Departamento de Ciências Humanas e Letras, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DCHL/UESB), Bahia, Brasil.

Profa. Dra. Maria da Conceição Valença da Silva, Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas (CEDU/UFAL), Alagoas, Brasil.

Profa. Dra. Maria do Socorro Martins Calháu, Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino, Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DEAE/UERJ), Rio de Janeiro, Brasil.

Prof. Dr. Mario René Rodríguez Torres, *Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História*, Universidade Federal da Integração Latino-Americana (ILAACH/UNILA), Paraná, Brasil.

Profa. Dra. Marizete Argolo Teixeira, Departamento de Saúde II, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DS II/UESB), Bahia, Brasil.

Prof. Dr. Orlando Nobre Bezerra de Souza, Faculdade de Educação, Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará (ICED/UFPA), Pará, Brasil.

Prof. Dr. Raul Angel Carlos Olivera, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade do Estado de Mato Grosso (FACISA/UNEMAT), Mato Grosso, Brasil.

Profa. Dra. Rosemary Lapa de Oliveira, Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia (DEDC-I/UNEB), Bahia, Brasil.



Prof. Dr. Vicente Concilio, Departamento de Artes Cênicas, Universidade do Estado de Santa Catarina (DAC/UDESC), Santa Catarina, Brasil.



AVALIADORES/PARECERISTAS AD HOC

Prof. Dr.	Adilson Amorim de Sousa	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Dra.	Adriana David Ferreira Gusmão	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Dra.	Adriana Maria de Abreu Barbosa	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Ma.	Alcione Torres Ribeiro	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Ma.	Alda Fátima de Souza	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Ma.	Alessandra Bueno de Grandi	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Me.	Alexandre Garcia Araújo	– Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Profa. Dra.	Alice Helena de Souza Paulino	– Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL
Profa. Dra.	Aline Vieira Simões	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Dra.	Ana Angélica Leal Barbosa	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Dra.	Ana Cristina Santos Duarte	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Ma.	Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	André Souza dos Santos	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Dra.	Andréa dos Santos Souza	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Dra.	Camila Pereira	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Dra.	Carla Patrícia Novais Luz	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Dra.	Carmem Virgínia Moraes da Silva	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Cesar Andres Diaz Arias	– Claretiano Centro Universitário
Prof. Dr.	César Pimentel Figueirêdo Primo	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Charles Souza Santos	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Ma.	Claudia Almerinda de Souza Oliveira	– Instituto Federal de São Paulo – IFSP
Profa. Dra.	Claudia Feio da Maia Lima	– Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
Profa. Dra.	Cláudia Ribeiro Santos Lopes	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Cleber Souza de Jesus	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Dra.	Cristiane Alves Paz de Carvalho	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Dra.	Cristina Silva dos Santos	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Daelcio Ferreira Campos Mendonça	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Daniel Lemos Cerqueira	– Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Profa. Dra.	Daniela Andrade Monteiro Veiga	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Dra.	Daniela Márcia Nery Sampaio	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Dra.	Daniele Farias Freire Raic	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Danilo Sá Teles	– Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – IFMS
Prof. Dr.	Dayvison Bandeira de Moura	– Universidad del Sol – UNADES Paraguay
Prof. Dr.	Dener Santos Silveira	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Me.	Déric Soares do Amaral	– Centro Regional de Ciências Nucleares do Nordeste – CRCN-NE
Profa. Ma.	Diana Helena Alves Muniz	– Secretaria de Educação do Estado do Pará – SEDUC PA
Profa. Dra.	Edite Lago da Silva Sena	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profa. Dra.	Elane Nardotto Rios	– Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA



Profª. Dra.	Eliane Fonseca Linhares	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profª. Dra.	Ennia Débora Passos Braga Pires	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profª. Dra.	Ester Maria de Figueiredo Souza	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Euclides Santos Mendes	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Fábio Félix Ferreira	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Fábio Mansano de Mello	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Fábio Moura Pereira	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Felipe Watarai	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profª. Dra.	Fernanda Almeida Pereira	– Universidade Federal da Bahia – UFBA
Profª. Ma.	Fernanda Bordignon Luiz	– Universidade de São Paulo – USP
Profª. Me.	Fernanda de Quadros Carvalho	– Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUCMG
Profª. Dra.	Fernanda Viana de Alcântara	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Francisco André Sousa Lima	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profª. Dra.	Francislene Cerqueira Alves	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profª. Dra.	Generosa Sousa Ribeiro	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profª. Ma.	Genivalda Cândido da Silva	– Universidade Federal da Bahia – UFBA
Prof. Dr.	Gildásio Santana Júnior	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profª. Ma.	Gláucia Celeste Frota Gumes	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Heitor Antonio Gonçalves	– Universidade Federal de São João del Rei – UFSJ
Profª. Dra.	Ires Aparecida Falcade Pereira	– Universidade Federal do Paraná – UFPR
Profª. Ma.	Jacqueline Meireles Valiense	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Me.	Janderson Carneiro de Oliveira	– Universidade Federal da Bahia – UFBA
Profª. Dra.	Janice Cássia Lando	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profª. Dra.	Januária Araújo Bertani	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Jefferson Paixão Cardoso	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Jerry Adriane Pinto de Andrade	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profª. Dra.	Joana Angélica Andrade Dias	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Me.	José Elias Seibert Santana Junior	– Faculdade do Sul – FACSUL/UNIM
Prof. Dr.	José Fábio da Silva Albuquerque	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Me.	José Otávio Monteiro Badaró	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Me.	José Ricardo Oliveira Mello	– Centro Universitário UniFTC
Prof. Dr.	Josué Leite Santos	– Universidade Federal da Bahia – UFBA
Profª. Dra.	Karla Rocha Pithon	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profª. Ma.	Kátia Maria de Aguiar Barbosa	– Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Profª. Ma.	Kueyla de Andrade Bitencourt	– Universidade Federal da Bahia – UFBA
Profª. Dra.	Larissa Silva Abreu Rodrigues	– Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Profª. Ma.	Layres Cardoso Canuta Clímaco	– Faculdades Unidas de Pesquisa, Ciências e Saúde – FAPEC
Profª. Dra.	Lúcia Maria de Freitas Perez	– Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Profª. Dra.	Luciana Santos Silva	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Luciano Artemio Leal	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Luciano Lima Souza	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Luciano Nery Ferreira	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profª. Ma.	Luciene Matos de Souza	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profª. Ma.	Lucinea da Silva Santana	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Profª. Ma.	Lucinéia Braga de Oliveira Magalhães	– Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC
Prof. Dr.	Luís Nieto González	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB



Prof. Ma.	Luma Costa Pereira Peixoto	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Márcio Pereira Lobo	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Marcos Antonio Pinto Ribeiro	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Maria da Conceição Valença da Silva	–	Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Prof. Ma.	Maria das Graças Silva Bispo	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Maria de Cássia Passos Brandão Gonçalves	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Maria de Fátima Araújo Frazão	–	Universidade do Estado do Bahia – UNEB
Prof. Dra.	Maria Fani Scheibel	–	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS
Prof. Me.	Maria Soledade Soares Cruzes	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Maria Yaná Guimarães Silva Freitas	–	Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS
Prof. Dra.	Marilete Cardoso Calegari	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Ma.	Marília do Amparo Alves Gomes	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Marina Helena Chaves Silva	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Ma.	Marine Alves	–	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA
Prof. Dr.	Mario René Rodríguez Torres	–	Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA
Prof. Dra.	Mary Weinstein	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Me.	Melquesedeck Saturnino Cabral Oliveira	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Micheline Flôres Porto Dias	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Ma.	Nádia Cristina Moraes Sampaio Gobira	–	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA
Prof. Ma.	Náila Neves de Jesus	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Nerêida Maria Santos Mafra Benedictis	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Ney Cristina Monteiro de Oliveira	–	Universidade Federal do Pará – UFPA
Prof. Dra.	Odaléa Feitosa Vidal	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Odilza Lines de Almeida	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Orlando Nobre Bezerra de Souza	–	Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRM
Prof. Dra.	Patrícia Anjos Lima de Carvalho	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Paula Lisiane Assunção	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Pedro Pereira Rizzato	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Ma.	Priscila Correia de Sousa Carneiro	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Priscilla Coppola de Souza	–	Universidade de Brasília – UnB
Prof. Dr.	Raul Angel Carlos de Olivera	–	Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT
Prof. Ma.	Renata Tereza Brandão Meireles	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Renê Alexandre Giampetro	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Ma.	Roberta Laíse Gomes Leite Morais	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Roberto Gondim Pires	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Roberto Paulo Machado Lopes	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Robson Aldrin Lima Mattos	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Rosália Teixeira Luz	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Rosana Alves Ferreira	–	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB



Prof. Dra.	Rosimeire Martins Régis dos Santos	– Universidade Católica Dom Bosco – UCDB
Prof. Me.	Rowayne Soares Ramos	Faculdade Latino Americana de Educação – FLATED
Prof. Dr.	Rubens Jesus Sampaio	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Ma.	Samia da Costa Ribeiro Teixeira	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Sergio Siqueira Júnior	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Silvana Nascimento da Silva	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Silvia Regina Marques Jardim	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Sirlândia Souza Santana	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Socorro Aparecida Cabral Pereira	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Soraya Mendes Rodrigues Adorno	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Sulene Alves de Araújo	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Tania Regina Braga Torreão Sá	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Tatiana Yokoy de Souza	– Universidade de Brasília – UnB
Prof. Dr.	Thiago Santos de Assis	– Universidade Federal da Bahia – UFBA
Prof. Dr.	Uendel de Oliveira Silva	– Universidade Federal da Bahia – UFBA
Prof. Ma.	Valéria Lessa Mota	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Valter Luiz dos Santos Marcelo	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Vanda Palmarella Rodrigues	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Vanessa Barreiros Gonçalves	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Vanessa Elisabete Raue Rodrigues	– Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO
Prof. Ma.	Vanusa Maria de Melo	– Faculdade de Formação de Professores da UERJ – FFP
Prof. Dr.	Vicente Concilio	– Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Prof. Dr.	Vinicius Denardin Cardoso	– Universidade Estadual de Roraima – UERR
Prof. Dra.	Vilara Maria Mesquita Mendes Pires	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Vilomar Sandes Sampaio	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Virgínia Maria Mendes Oliveira Coronago	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Vivian Mara Ribeiro	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dr.	Wagner Rodrigues de Assis Soares	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Me.	Wallace Matos da Silva	– Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA
Prof. Me.	Wermerson Meira Silva	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Me.	Wesley Amaral Vieira	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Zoraide Santos Vieira	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Prof. Dra.	Zulmerinda Meira Oliveira	– Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB



Sumário

EDITORIAL

Marizete Argolo Teixeira
Luziê Maria Fontenele-Gomes

1-6

ARTIGOS

AÇÕES EXTENSIONISTAS DO GEPAN: INTERDISCIPLINARIDADE E ABRANGÊNCIA

7-20

Amanda Carla Oliveira
Ana Lucia Castilhano de Araújo
Edisio Pereira da Silva Luz Júnior
Felipe Santos Viana
Grazielle Meira Freire
Mariana Batista de Moraes

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DAS ÁGUAS DE DIFERENTES FONTANÁRIOS PÚBLICOS DE POÇOS DE CALDAS, ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL

21-32

Juliana Carvalho Ribeiro
Maria de Fátima Lino Coelho
Yula de Lima Merola

DIAGNÓSTICO E MANIFESTAÇÕES PRECOCES NA ASMA PEDIÁTRICA: O QUE SABEMOS?

33-51

Flávia Isabelle Barbosa
Sabrina Nayara Pio de Oliveira
Gláucia de Oliveira Moreira

FUNCIONAMENTO DO GRUPO DE CORRIDA PAPA-LÉGUAS NA PANDEMIA

52-64

Gabriel Pinzon
Lucas Lopes dos Reis
Ricardo Siqueira de Oliveira

Thayana Amorim Berenguel
Natã José Ayres Christoni
Rui Gonçalves Marques Elias

**A LITERATURA NO ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA
ESTRANGEIRA: DIÁLOGOS NO COMMUNICATION CAFÉ** 65-80
Ana Ketilly Manhães Magalhães
Alice Vasconcelos Silva
Clarissa Costa e Silva
Fernando Gonçalves de Souza Neto
Mateus Freire Santana Silva

**O PROJETO “PEDAGOGIA NA QUARENTENA”: CONTEXTOS E
CONTRASTES EDUCATIVOS EM MEIO À PANDEMIA** 81-94
Adriana Patrício Delgado
Emília Carolina B. S. Augusto
Felipe de Carvalho Ferreira
Isadora L. M. de Lucena
Janilce de Oliveira Castello
Julia dos Santos Vieira

**USO DE METODOLOGIA ATIVA E TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA
FABRICAÇÃO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS COM RESÍDUOS
SÓLIDOS** 95-111
Juliano da Cunha Gomes

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

**APRENDER ESPANHOL COM CANÇÕES: RELATO DE
EXPERIÊNCIA DE UM CURSO DE ESPANHOL *ONLINE*** 112-122
Fabiana Brandão Silva Amorim

**CICLO DE SEMINÁRIOS EM QUÍMICA DOS DIVERSOS SABERES –
UESB: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DURANTE A PANDEMIA** 123-135
Robson Almeida Silva
Mariele Moraes Brito
Geisa Sales Oliveira
Neiane Oliveira Sampaio
Amanda Pereira Santos
Fabiany Cruz Gonzaga

CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NUM CURSO DE ENGENHARIA DE TRANSPORTES 136-152
Alex Mota dos Santos

DESVENDANDO A ANATOMIA CARDÍACA POR MEIO DA DISSECAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA LADHAS UNIFAL-MG 153-165
Gabriel dos Reis Pinto
Paula Camelo de Almeida Santos
Barbara Bianca Melo Toledo
Gabriel Ferro Baccaro
Isadora Furlan Ribeiro
Evelise Aline Soares

FISICÁ & ACOLÁ: DISCORRENDO SOBRE A PALAVRA DA CIÊNCIA 166-177
Danilo Ribeiro de Sá Teles

OFICINAS CULINÁRIAS COMO ESTRATÉGIA PARA FORTALECIMENTO DA ECONOMIA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 178-188
Edson Douglas Silva Pontes
Mayany Carolynny Germano de Araújo
Cleita Keliane do Nascimento Silva
Ana Carolina dos Santos Costa
Vanessa Bordin Viera
Raphaela Veloso Rodrigues Dantas

NÚMERO TEMÁTICO

AS AÇÕES EXTENSIONISTAS NOS ESPAÇOS SOCIOEDUCATIVOS E PRISIONAIS 189-193
Luziê Maria Fontenele-Gomes
Socorro Calháu
Rowayne Soares Ramos

ANÁLISE DA RECEPÇÃO EM TEIXEIRA DE FREITAS DE MENSAGENS ESCRITAS POR PESSOAS PRESAS 194-211
Alcides Gomes Oliveira

DIREITO À POESIA - UMA OFICINA LITERÁRIA EPISTOLAR DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19	212-231
Cristiane Checchia Mario René Rodríguez Torres Layra Fabian Borba Rodrigues Jhenifer Rodrigues de Almeida Angélica Moreno Usaquin Anderson Alves dos Santos	
INICIANÇAS, CHEGANÇAS E ESPERANÇAS: EXTENSÃO, SOCIOEDUCAÇÃO E PANDEMIA	232-241
Ana Nobre Pereira de Melo Bruna Moraes da Conceição Larissa de Oliveira Rios Pereira Santos Sophia Wolff Castro	
O TEATRO EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: RELATO SOBRE A FORMAÇÃO DE UMA REDE	242-252
Laís Jacques Marques Vicente Concilio	
PAPO LÍRICO ENTRE CELAS: OFICINAS DE LITERATURA E CINEMA NO CONJUNTO PENAL DE JEQUIÉ	253-266
Valeria Lessa Mota Anísio Assis Filho Ana Letícia de Jesus Silva Elenita Brito Aragão Assis Emanuel Jorge Leal Braga Domingos Calixto dos Santos	
PSICOLOGIA, SAÚDE E TRABALHO: ATUAÇÃO JUNTO A TRABALHADORAS E TRABALHADORES DA SOCIOEDUCAÇÃO A PARTIR DE UM PROJETO UNIVERSITÁRIO DE EXTENSÃO, ENSINO E PESQUISA	267-299
Elaine Cristina Schmitt Ragnini Camila Brüning	
RELATO DE EXPERIÊNCIA: DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA “ENREDANDO SABERES: IMPASSES DA PRÁTICA”: O TRABALHO EM REDE NA SOCIOEDUCAÇÃO	300-313
Lucia Maria de Freitas Perez Andréa Martello Samia Jraige Marlise Eugenie D'Icarahy	

Laura de Sousa Ferreira Brito
Yasmim Cristina dos Santos Nascimento

**UMA BRINQUEDOTECA NO PRESÍDIO: EXPERIÊNCIAS
FORMATIVAS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM TEMPOS DE
PANDEMIA** 314-330

Andréa Kochhann
Ana Paula Fernandes Soares
Wlisses Cavalcante Santos

Editorial

A extensão universitária é a ação da Universidade junto à comunidade, possibilitando o compartilhamento com o público externo do conhecimento produzido no ensino e na pesquisa, articulado às necessidades da comunidade, com vistas à transformação da realidade social. Tendo por objetivo promover o desenvolvimento social, a partir do fomento de projetos e programas de extensão, levando em conta os saberes-fazer populares para garantir valores democráticos de igualdade de direitos, respeito à pessoa e sustentabilidade ambiental e social, servindo como instrumento de inserção social, aproximando a academia da comunidade. É neste território que os saberes acadêmico e popular se encontram, se complementam e transformam a realidade (GADOTTI, 2017).

Na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), a extensão universitária é gerenciada pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEX), que oferece suporte técnico e material aos projetos de extensão vinculados à UESB e cadastrados no Sistema de Gerenciamento da Extensão (SigExt). Arelada a PROEX, encontra-se a **Revista Extensão & Cidadania**, a qual vem cumprindo seu papel ao publicar textos originais e inéditos advindos de ações extensionistas, uma verdadeira viagem pelos saberes-fazeres trilhados por discentes, docentes, técnicos, indivíduos e comunidades. Visto que “não há um campo melhor e mais gratificante e inovador para o trabalho acadêmico do que na Extensão Universitária” (GADOTTI, 2017, p. 14) que, nos dias atuais, vem sendo inserida nos Projetos Políticos Pedagógicos e matrizes curriculares de cursos das Instituições de Ensino Superior, ou seja, a necessária curricularização da extensão.

Assim, é com imensa alegria que apresentamos o volume 9, número 16 da **Revista Extensão & Cidadania** trazendo 21 trabalhos organizados em Artigos e Relatos de Experiência do fluxo contínuo e um Número Temático intitulado “As ações extensionistas nos espaços prisionais e socioeducativos”, coordenado por professores que estudam o contexto prisional e socioeducativo e, também, atuam na extensão destes espaços, que são: Professora Luziê Maria Fontenele-Gomes, do Departamento de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), uma das editoras-chefes desta Revista; Socorro Calhau, Professora Adjunta na Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Professor Rowayne Soares Ramos, da Faculdade Latino-americana de Educação e da Faculdade São Judas Tadeu; Policial Penal da Secretaria de Segurança Pública de Mato Grosso (SESP); Coordenador do II Fórum Nacional de Educação Prisional e Inserção Social de Mato Grosso e autor do livro *Letramento na prisão?* publicado pela editora Appris, do Paraná.

Os textos aqui publicados são oriundos de ações extensionistas de instituições públicas e privadas das várias cidades em diversos estados brasileiros, tais como: na Bahia, a Universidade Estadual da Bahia (UESB), com trabalhos dos *campi* de Vitória da Conquista, Jequié e Itapetinga, e a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), *campus* de Teixeira de Freitas; na Paraíba, a Universidade Federal de Campina Grande; em Minas Gerais, a Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL) e a Faculdade Pitágoras em Poços de Caldas; no Paraná, a Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *campus* de Jacarezinho e a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), na cidade de Foz do Iguaçu; no Rio de Janeiro, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); em Santa Catarina, a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), *campus* Garopaba; em Goiás, a Universidade Federal de Goiás (UFG), *campus* da cidade de Aparecida de Goiânia e a Universidade Estadual de Goiás (UEG) e, por último, em Mato Grosso do Sul, o Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), em Dourados. A seguir, apresentamos as sinopses dos artigos e relatos de experiência do fluxo contínuo aqui publicados.

O artigo **Ações extensionistas do GEPAN: interdisciplinaridade e abrangência**, de Amanda Carla Oliveira; Ana Lúcia Castilhano de Araújo; Edisio Pereira da Silva Luz Júnior; Felipe Santos Viana; Grazielle Meira Freire e Mariana Batista de Moraes, trata sobre as ações extensionistas frente às modalidades virtuais em decorrência da pandemia da Covid-19, do Grupo de Estudos em Psicologia Analítica, que atua no Projeto de Extensão *Estudos de*

Psicologia Analítica, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista, que funcionaram como catárticas à produção de diferentes ferramentas de aproximação da comunidade externa e de construção coletiva e multidimensional dos saberes.

O artigo **Avaliação da qualidade das águas de diferentes fontanários públicos de Poços de Caldas, estado de Minas Gerais, Brasil**, de Juliana Carvalho Ribeiro; Maria de Fátima Lino Coelho e Yula de Lima Merola, apresenta as ações de um Projeto de Extensão do curso de Farmácia, da Faculdade Pitágoras, de Poços de Caldas, Minas Gerais, objetivando analisar as amostras físico-químicas, microbiológicas e parasitológicas da água coletada em seis fontanários públicos de diferentes regiões de Poços de Caldas.

O artigo **Diagnóstico e manifestações precoces na asma pediátrica: o que sabemos?**, de Flávia Isabelle Barbosa; Sabrina Nayara Pio de Oliveira e Gláucia de Oliveira Moreira, trata-se do resultado do Projeto de Extensão Universitária *Promovendo saúde: ações e interlocuções*, da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), no âmbito das ações da Liga de Pediatria da Faculdade de Medicina da UNIFAL-MG, em parceria com a Coordenação da Atenção Básica da Secretaria Municipal de Saúde da cidade de Alfenas, objetivando identificar os critérios clínicos utilizados no diagnóstico precoce de asma e as condutas empregadas a fim de otimizar o tratamento.

O artigo **funcionamento do Grupo de Corrida Papa-léguas na pandemia**, de Gabriel Pinzon; Lucas Lopes dos Reis; Ricardo Siqueira de Oliveira; Thayana Amorim Berenguel; Natã José Ayres Christoni e Rui Gonçalves Marques Elias, discorre sobre as ações do Projeto de Extensão *Caminhada e Corrida Papa-Léguas*, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), vinculado ao curso de Educação Física, do *campus* de Jacarezinho. Foram utilizadas as redes sociais *Youtube*, plataforma do *Google Meet*, *Facebook* e aplicativos *WhatsApp* e *Strava* para as aulas por meio de videoaulas, palestras, mensagens e prática de desafio, possibilitando melhorias no condicionamento cardiovascular e peso corporal dos participantes, além da superação de muitas marcas pessoais.

O artigo **A literatura no ensino de inglês como língua estrangeira: diálogos no Communication Café**, de Ana Ketilly Manhães Magalhães; Alice Vasconcelos Silva; Clarissa Costa e Silva; Fernando Gonçalves de Souza Neto e Mateus Freire Santana Silva, trata das ações do Projeto de Extensão *Communication Café*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista. O texto é resultado de reflexões tecidas nas disciplinas de Literatura Inglesa e Norte-Americana e no projeto de extensão, a partir das

experiências de leitura, produção e/ou reflexões de textos literários vivenciadas nestes dois contextos, traçando um paralelo entre a importância da literatura e as formas de incorporação ao processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa.

O artigo **O projeto “Pedagogia na quarentena”: contextos e contrastes educativos em meio à pandemia**, de Adriana Patrício Delgado; Emília Carolina B. S. Augusto; Felipe de Carvalho Ferreira; Isadora L. M. de Lucena; Janilce de Oliveira Castello e Julia dos Santos Vieira, apresenta os resultados do Projeto de Extensão *Pedagogia na Quarentena*, vinculado ao Núcleo de Planejamento Pedagógico das Licenciaturas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O texto traz o relato da construção, execução e vivências deste projeto de extensão advindo da urgência do curso de Pedagogia da Instituição resistir mediante a um momento delicado, sensível e complexo que é a necessidade de isolamento social.

O artigo **Uso de metodologia ativa e tecnologias digitais para fabricação de instrumentos musicais com resíduos sólidos**, de Juliano da Cunha Gomes, trata-se das ações de um Projeto de Extensão realizado pelo Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental, do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), *campus* Garopaba, Santa Catarina, com o objetivo de qualificar fabricantes de instrumentos musicais a partir da reutilização dos Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) na comunidade de Garopaba, durante a fase de distanciamento social da pandemia causada pelo SARS-Covid-19.

O relato de experiência **Aprender espanhol com canções: relato de experiência de um curso de espanhol online**, de Fabiana Brandão Silva Amorim, refere-se às atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão *Canta Conmigo – aprender espanhol com canções*, realizado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Jequié. O projeto tem como objetivo ampliar o espaço de aprendizagem da língua espanhola com a inclusão de alunos dos mais diversos cursos, servidores da própria Instituição, bem como profissionais e estudantes da educação básica da rede pública, integrantes de movimentos sociais e de grupos comunitários.

O relato de experiência **Ciclo de Seminários em Química dos Diversos Saberes – UESB: um relato de experiência durante a pandemia**, de Robson Almeida Silva; Mariele Moraes Brito; Geisa Sales Oliveira; Neiane Oliveira Sampaio; Amanda Pereira Santos e Fabiany Cruz Gonzaga, trata das ações do Projeto de Extensão *Ciclo de Seminários de Química dos Diversos Saberes*, realizado pelo Diretório Acadêmico dos Cursos de Química (DAQUIM), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Itapetinga, com o objetivo de

divulgar diversas palestras sob diferentes áreas da Química e sua contribuição na ciência e no desenvolvimento social.

O relato de experiência **Curricularização da extensão universitária: relato de uma experiência num curso de Engenharia de Transportes**, de Alex Mota dos Santos, discorre sobre as experiências do Projeto de Extensão *Ações na Escola para Educação e Segurança no Trânsito*, da Universidade Federal de Goiás (UFG), *campus* da cidade de Aparecida de Goiânia, que apresenta uma experiência da curricularização da extensão universitária num curso de Engenharia de Transportes sob a perspectiva da educação para o trânsito.

O relato de experiência **Desvendando a anatomia cardíaca por meio da dissecação: relato de experiência da LADHAS UNIFAL-MG**, de Gabriel dos Reis Pinto; Paula Camelo de Almeida Santos; Barbara Bianca Melo Toledo; Gabriel Ferro Baccaro; Isadora Furlan Ribeiro e Evelise Aline Soares, apresenta as ações do Projeto de Extensão *Anatomia cardíaca: dissecação do coração*, da Liga Acadêmica de Diabetes e Hipertensão Arterial Sistêmica (LADHAS), do curso de Medicina, da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Tem por objetivo relatar a experiência sob a perspectiva dos extensionistas e dos participantes, analisando o impacto das atividades na formação dos estudantes envolvidos.

O relato de experiência **Fisicá & acolá: discorrendo sobre a palavra da ciência**, de Danilo Ribeiro de Sá Teles, trata das ações do Projeto de Extensão *Fazendo Ciência*, do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), Dourados, Mato Grosso do Sul. O texto relata os caminhos, resultados e conclusões de um trabalho desenvolvido em uma escola municipal da cidade de Dourados, envolvendo estudantes do ensino básico, fundamental e médio, na discussão de temáticas relacionadas a alguns fenômenos físicos e sociais, sendo um vetor de divulgação científica e de estímulo ao engajamento de crianças e adolescentes na ciência.

O relato de experiência **Oficinas culinárias como estratégia para fortalecimento da economia durante a pandemia da Covid-19**, de Edson Douglas Silva Pontes; Mayany Carolyn Germano de Araújo; Cleita Keliane do Nascimento Silva; Ana Carolina dos Santos Costa; Vanessa Bordin Viera e Raphaela Veloso Rodrigues Dantas, trata das ações do Projeto de Extensão *COMpreender*, da Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, que uniu conhecimentos de nutrição, gastronomia, tecnologia de alimentos, marketing digital e pessoal para o fomento de renda na pandemia e fortalecimento do comércio de bebidas e alimentos por meio de receitas e informações.

Portanto, desejamos que a leitura da **Revista Extensão & Cidadania** traga aos leitores e leitoras reflexões da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão na universidade, tripé essencial para o diálogo permanente da universidade com a sociedade entrelaçadas num campo de construção de conhecimentos, com vistas a possível transformação social. Feliz Natal e um Ano Novo repleto de saúde e de renovadas esperanças. Excelente leitura!!!

Vitória da Conquista, 15 de dezembro de 2021.



Marizete Argolo Teixeira

Professora Titular do Departamento de Saúde II, da UESB
Doutora em Enfermagem, pela UFBA
PhD. Université Aix-Marseille - França



Luziê Maria Fontenele-Gomes

Professora Assistente do Departamento de Ciências Humanas e Letras, da UESB
Mestre em Letras: Educação e Cultura, pela UESB
Doutoranda em Memória: Linguagem e Sociedade, pela UESB

Editoras-chefes

Referência

GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária: para quê?** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017. p.1-18. Disponível em:
https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em: 19 jun. 2021.

ARTIGOS



DOI: 10.22481/recuesb.v9i16.8671

AÇÕES EXTENSIONISTAS DO GEPAN: INTERDISCIPLINARIDADE E ABRANGÊNCIA

EXTENSIONIST ACTIONS BY GEPAN: INTERDISCIPLINARITY AND SCOPE

ACCIONES EXTENSIONISTAS DEL GEPAN: INTERDISCIPLINARIEDAD Y ALCANCE

Amanda Carla Oliveira¹

Ana Lúcia Castilhano de Araújo²

Edisio Pereira da Silva Luz Júnior³

Felipe Santos Viana⁴

Grazielle Meira Freire⁵

Mariana Batista de Moraes⁶

Resumo: O presente artigo aborda acerca das ações extensionistas do Grupo de Estudos em Psicologia Analítica, que desde 2019 atua através do projeto de extensão Estudos de Psicologia Analítica da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e promove espaços de estudo e divulgação da psicologia de Carl Gustav Jung. Objetivando destacar o caráter interdisciplinar do grupo de estudos e do projeto de extensão, através de um relato de experiência, este artigo discorre a respeito da abrangência da citada atividade extensionista e da ampliação de seu alcance com a utilização das redes sociais, principalmente com a aderência às modalidades virtuais em decorrência da pandemia da Covid-19. São debatidos resultados como: encontros criativos, minicursos, submissão de resumos no 9º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, além da ampliação da participação comunitária no projeto após o rompimento das barreiras geográficas, proporcionado pela adesão às plataformas virtuais. Finalmente,

¹ Graduanda em Psicologia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5499-2979> E-mail: amandacarloliv@gmail.com

² Psicóloga. Doutora em Educação. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3554-828X> E-mail: alcastilhano@uesb.edu.br

³ Graduando em Psicologia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Psicologia, linha Avaliação Psicológica, Formação em Psicologia Sociedade e Saúde. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3670-9321> E-mail: epsljr@gmail.com

⁴ Graduando em Psicologia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7006-1509> E-mail: felipxviana@gmail.com

⁵ Graduanda em Psicologia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3671-9095> E-mail: graziellefreire1@gmail.com

⁶ Graduanda em Psicologia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3278-1468> E-mail: mbmoraes.psicologia@gmail.com

retoma-se a importância das ações extensionistas, que funcionaram como catárticas à produção de diferentes ferramentas de aproximação da comunidade externa e de construção coletiva e multidimensional dos saberes, ações mediadas e envolvidas pelas artes e tecnologias de comunicação, expandindo as discussões para além do espaço da Psicologia.

Palavras-chave: Extensão. Interdisciplinaridade. Psicologia Analítica. Redes sociais.

Abstract: *This article concerns the service activities developed by the Analytical Psychology Study Group, which has been acting since 2019 by means of the Southwest Bahia State University Analytical Psychology service project, and promotes venues for studying and popularizing the psychology of Carl Gustav Jung. Aiming to emphasize the interdisciplinarity of this study group as well as this university-service project, through an experience report, this work discourses on the coverage of the aforementioned service-based activity and on the widening of its reach by using social media, especially adhering to virtual modalities due to the Covid-19 pandemic. The results hereby discussed include: creative meetings, minicourses, the submission of manuscript abstracts to the ninth Brazilian University Service Congress, as well as the broadening of community participation into the project after geographical barriers were overcome, which provides adherence to web platforms. Finally, it retrieves the importance of university-service actions that had functioned as cathartic to the production of diverse tools aimed at gathering external community and collective, multidimensional construction of knowledge and actions mediated and involved by arts along with communication technologies, expanding thus the discussions beyond the scope of Psychology.*

Keywords: University service. Interdisciplinarity. Analytical Psychology. Social media.

Resumen: *Este artículo trata de las acciones extensionistas llevadas a cabo por el Grupo de Estudios en Psicología Analítica que ha actuado desde el año 2019 por medio del proyecto de extensión “Estudios de Psicología Analítica” de la Universidad Estadual del Suroeste de Bahía. Dicho grupo promueve espacios de estudio y divulgación de la psicología de Carl Gustav Jung. Con el objetivo de destacar el carácter interdisciplinario del grupo de estudios y del proyecto de extensión al realizar un relato de experiencia, este artículo discute la cobertura de dicha actividad extensionista y la ampliación de su alcance tras el uso de redes sociales, principalmente con la adherencia a las modalidades virtuales debido a la pandemia de Covid-19. Se discuten resultados tales como: encuentros creativos, minicursos, sumisión de resúmenes al 9º Congreso Brasileño de Extensión Universitaria, además de la ampliación de la participación comunitaria en el proyecto tras el rompimiento de las barreras geográficas, lo que ha proporcionado adhesión a plataformas virtuales. Finalmente, retómese la importancia de las acciones extensionistas, las cuales han funcionado de manera catártica a la producción de diferentes herramientas de aproximación de la comunidad externa y de construcción colectiva y multidimensional de los saberes, acciones mediadas e involucradas por las artes y tecnologías de comunicación, expandiendo los debates más allá del espacio de la Psicología.*

Palabras clave: Extensión. Interdisciplinarietà. Psicología Analítica. Redes sociales.

Introdução

O Projeto de Extensão Estudos de Psicologia Analítica se inicia, em 2019, a partir da vontade de docentes e discentes, especialmente do curso de Psicologia, de estudar a abordagem de Carl Gustav Jung. A importância dos estudos e da teoria junguiana vai muito além de um método de psicoterapia, abrangendo discussões filosóficas, a arte, a história por meio das mitologias, propondo um trânsito bem fundamentado entre áreas como a Psicologia, a Medicina (em particular, com os estudos em Psicotrauma e Psicossomática), o Cinema, a Literatura, a Antropologia e, especialmente, a Psiquiatria, tendo como destaque o primoroso trabalho de Nise da Silveira (SILVEIRA,1981). A Psicologia Analítica, ou Complexa, também apresenta relevância para os campos da Sociologia e estudos políticos (ODAJNYK, 2007).

Apesar de ter seguido adiante após o rompimento com Freud e a Psicanálise, Jung ainda permanece restrito quando o assunto é o meio acadêmico, sobretudo, no nível de graduação em Psicologia. Pouquíssimos cursos incluem o estudo da Psicologia Analítica de Jung em seus currículos, o que, certamente, configura uma exclusão epistemológica que restringe à discussão ampliada da Psicologia como ciência. Assim, tornam-se relevantes os esforços para inserir o pensamento de Jung no meio acadêmico. A cidade de Vitória da Conquista, na Bahia, possui atualmente cinco cursos de graduação em Psicologia, sendo dois deles oferecidos em instituições públicas. A representação da Psicologia na cidade e região tende a se tornar significativa para a Bahia e para o Brasil, dependendo de esforços integrados que podem se traduzir, inclusive em ações extensionistas que, no caso do presente Projeto, lançam o germe para o estudo científico de Jung na região sudoeste.

Jung constrói a teoria tendo como base sua experiência de longos anos em hospital psiquiátrico nos estudos filosóficos, bem como seu interesse pelos ritos e religiões em nível antropológico e histórico, a isso tudo ainda se pode acrescentar os estudos em alquimia e mitologia comparada. O autor parte de uma concepção que estende a experiência humana para além do aspecto racional, considera, como Freud, a relevância do desconhecido como parte da própria definição do que é ser humano. No entanto, vai mais além para apresentar uma dinâmica psíquica na qual impera um trabalho compensatório, a partir de uma instância inconsciente que não se define como depósito de experiências, mas como algo a priori e completo em si mesmo.

Para Jung (1991), tanto o corpo humano como a psique compartilham respectivamente uma anatomia e um tronco comum originários de épocas remotas da existência. Isso faz com

que os seres humanos partilhem não apenas uma determinada estrutura anatômica e fisiológica, mas também uma lógica de funcionamento psíquico que inclui um arsenal herdado, uma tendência a imagens e mitos que remontam a ancestrais muito antigos, e se manifesta de maneira intensa e misteriosa sob a forma de fantasias, sonhos, imagens e símbolos de natureza inconsciente e autônoma.

Sonu Shamdasani (2011, p. 27) afirma que para Jung, “a psicologia era a disciplina capaz de unir o círculo das ciências”, referindo-se à amplitude dos assuntos discutidos no curso de sua obra. Sendo assim, tanto as diversas áreas do conhecimento podem se beneficiar de Jung, como a própria abordagem do autor propõe a compreensão das produções culturais humanas, do autoconhecimento, incluindo aspectos inconscientes, como fatores de saúde mental e individuação. De acordo com o Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras:

A Extensão Universitária denota uma postura da Universidade na sociedade em que se insere. Seu escopo é o de um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, por meio do qual se promove uma interação que transforma não apenas a Universidade, mas também os setores sociais com os quais ela interage. (FÓRUM, 2012, p. 28)

Nesta visão, a ciência e a sociedade se alimentam mutuamente tanto no processo formal de construção do conhecimento como no progresso social que pode ser alcançado a partir de preceitos e descobertas científicas. Espera-se que, progressivamente, os participantes das ações extensionistas possam trazer propostas de discussão e aprendizagem de forma cada vez mais presentes nos conteúdos de ensino. É desta maneira que percebemos a ação indissociada entre ensino, pesquisa e extensão no projeto apresentado.

Partindo desse contexto, um dos objetivos do Projeto de Extensão Estudos em Psicologia Analítica é o de criar um estudo sistemático da psicologia de Jung, tendo a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) como base, ajudando a divulgá-la no meio acadêmico e social. Como desdobramento desse objetivo geral, o projeto se propõe a colaborar de forma interdisciplinar para a formação de discentes, docentes e pessoas interessadas da comunidade para a constituição de grupos de estudos e pesquisa a médio e longo prazo tendo como campo de estudos a Psicologia Analítica. O presente estudo se propõe, através de relato de experiência, discorrer a respeito da abrangência da atividade extensionista e da ampliação

de seu alcance com a utilização das redes sociais, principalmente com a aderência às modalidades virtuais, em decorrência da pandemia da COVID-19.

Metodologia do GEPAN

As ações desenvolvidas durante todo o Projeto de Extensão, partindo do embasamento propiciado pelo Grupo de Estudos de Psicologia Analítica (GEPAN), grupo que também possui caráter extensionista na UESB, são de grande importância para a formação acadêmica, visto o engajamento recíproco entre o grupo favorecendo a horizontalidade das relações tanto pessoais quanto profissionais.

A ação principal do Projeto se refere ao estudo sistemático da psicologia junguiana, sendo esta realizada através do chamado Encontro de Estudos: reuniões mensais para discussão e debate de textos pré-estabelecidos em conjunto e leitura prévia individualmente. Cada encontro é divulgado através de mídias sociais e o convite é aberto para toda a comunidade, acadêmica e geral, estudiosa ou não da obra de Jung. Ao todo já foram discutidos 14 textos, escolhidos através da recomendação do Professor Mestre Heráclito Pinheiro, coordenador e professor do curso de Psicologia Junguiana, do Instituto Dédalos.

Os textos estudados e discutidos da coleção Obras Completas, de C. G. Jung, foram: A prática da Psicoterapia, vol. 16/1 (1985); Presente e futuro: Civilização e mudança, Parte I, vol. 10/1 (2011); capítulo Da Formação da Personalidade, do livro O Desenvolvimento da Personalidade, vol. 17 (2011); o capítulo Resposta a Martin Buber – o bem e o mal na psicologia analítica, do livro Escritos Diversos, vol. 11/6 (2012); os primeiros capítulos de Aion, vol. 9/2 (1990); Psicologia do Inconsciente, vol. 7/1 (2011); O Eu e o inconsciente, vol. 7/2 (2008); capítulo seis, do livro Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo, vol. 9/1 (2000); Tipos psicológicos, vol. 6 (1991); Fundamentos de Psicologia Analítica, vol. 18/1 (1985). Ainda do mesmo autor, também estudamos o capítulo um, do livro O homem e seus símbolos (1964). De outros autores, as obras estudadas foram: Jung: vida e obra (1981), de Nise da Silveira e A Interpretação dos Contos de Fadas (1999), de Marie-Louise von Franz.

As discussões realizadas preservam o aspecto da horizontalidade, em que todos podem e devem contribuir com a discussão, independentemente do nível de estudo em Psicologia Analítica, de ser integrante do GEPAN ou participante novato. Desta forma, preza-se o estudo em conjunto e papel ativo dos integrantes – sejam estes cotidianos ou esporádicos –, além do

incentivo à interdisciplinaridade, visto que todos podem contribuir, independente da sua área de formação. Inicialmente, todos os Encontros de Estudos aconteciam aos sábados de manhã, na UESB, mas devido à pandemia da Covid-19, as reuniões se dão agora por meio virtual através da plataforma de videoconferência *Google Meet*.

Dentre as atividades, estão os Encontros Criativos: ações extensionistas amplamente divulgadas na comunidade acadêmica e em redes sociais, iniciadas em maio de 2019, na UESB, em que obras artísticas (cinematográficas, literárias e afins) são comentadas à luz da Psicologia Analítica. O GEPAN inaugurou sua proposta com a exibição do documentário *Questão do Coração* (1985), apresentando a vida e obra de Jung à comunidade. Na sequência, já foram comentados mais nove longas e uma obra literária, além de serem realizados dois minicursos frutos da proposta dos Encontros Criativos e idealizados em parceria com outros grupos. A primeira colaboração se deu em setembro de 2020 com o Centro Acadêmico do curso de Psicologia (Gestão Nise da Silveira), já o mais recente minicurso foi realizado em abril de 2021 com a participação do Grupo Paideia, resultando em discussões que aliaram os temas apresentados a diversos conceitos junguianos.

Nos Encontros Criativos, o recurso mais utilizado foram as obras cinematográficas. Dessa forma, a linguagem fílmica é utilizada como base para discussão de temas da Psicologia Analítica, expandindo-a tanto dentro do espaço acadêmico, quanto para o público leigo nesta abordagem teórica. Para Monteiro (2013, p. 11), o cinema pode ser compreendido como uma projeção de nossa realidade, “mesclando a beleza da arte com os arquétipos, os simbolismos da vida, o surreal, a complexidade das relações entre as pessoas e com os meandros da emoção da alma humana”. A autora também assinala que:

A arte cinematográfica com suas possibilidades quase ilimitadas de dialogar com os espectadores, não ficou restrita ao campo de contar histórias ou de ser apenas um elemento de entretenimento para o público. Como tela de projeção da nossa realidade, o cinema mesclou toda a beleza da arte com os arquétipos, os simbolismos da vida, o surreal, a complexidade das relações entre as pessoas e com os meandros das emoções da alma humana [...]. (MONTEIRO, 2013, p. 11)

Após a exibição do primeiro documentário, as produções de longa-metragem discutidas foram respectivamente: *The wall* (1982); *Guardião dos sonhos* (2003); *Sete minutos depois da meia-noite* (2016); *A face do outro* (1966); *O Babadook* (2014); *Kill Bill* (2004); *Coringa*

(2019); Peixe grande (2004); e A ostra e o vento (1997). Sendo que a discussão das três últimas obras citadas se realizou de forma virtual, em função da pandemia de COVID-19.

A primeira experiência *online* desta ação extensionista, foi a edição intitulada “Aspectos Simbólicos no filme Coringa (2019)”, realizada pela plataforma de videoconferência do *Google Meet*, em setembro de 2020, após ampla divulgação pelas mídias sociais, atraindo um público numeroso e diverso, totalizando 52 participantes. A temática contemporânea explorada pelo filme possibilitou debates bastante participativos sobre saúde mental, conflitos sociais e outras questões que remetem à atemporalidade de conceitos galgados por Jung (2000), além da articulação entre esses conceitos e o presente tempo histórico que se apresenta em suas diversas manifestações políticas, sociais e também psicológicas.

Seguindo os Encontros Criativos na modalidade *online* e inaugurando a discussão de uma obra literária, o GEPAN inicia a prática de extensão no ano de 2021 com o livro “O Oceano no Fim do Caminho” (2013) de Neil Gaiman, realizada também pela plataforma *Google Meet*. Essa edição foi guiada pela professora Ana Lúcia Castilhano, que recentemente escreveu sobre o livro no trabalho de conclusão em seu Curso de Especialização em Psicologia Analítica no Instituto Junguiano da Bahia (IJBA).

Os minicursos realizados também foram concebidos numa modalidade *online*, o primeiro deles, “Mitos e Arquétipos nos Animes dos Estúdios Ghibli”, se deu em sinergia com o Centro Acadêmico de Psicologia, ocorrendo durante o 1º Ciclo de Minicursos da Gestão Nise da Silveira. O evento, em comemoração ao Dia da Psicóloga, objetivava uma discussão, durante os meses de setembro e outubro, acerca das diversas áreas de atuação e estudo da psicologia, sendo deste modo o GEPAN convidado para apresentar-se como extensão e grupo de estudos num diálogo analítico e antropológico, com o também convidado Prof. Dr. José Ricardo Marques (UESB), acerca dos mitos e arquétipos presentes na arte cinematográfica dos *animes*, do Studio Ghibli. Como resultado de sugestões recebidas dos participantes do primeiro minicurso, o mais recente minicurso, “Arquétipos Sem Fim: os perpétuos de Gaiman e os conceitos de Jung”, propôs uma análise junguiana dos Perpétuos, personagens da história em quadrinhos (HQ) "Sandman", de Neil Gaiman, e teve como palestrante o Prof. Me. Claudiney Moreira Mendonça da Universidade Federal do Ceará (UFC) e do Grupo Paideia.

Cada Encontro Criativo e Minicurso realizado possibilitou inúmeras trocas de conhecimento e experiência entre as pessoas que participam, sejam elas do meio acadêmico ou da comunidade externa, do mesmo município ou de outros estados durante o período de

pandemia ainda vigente, trocas estas permeadas de vivências riquíssimas como só a arte é capaz de despertar. Desde então, as ações desenvolvidas pelo grupo vêm aproximando cada vez mais pessoas interessadas tanto nas concepções teóricas que embasam o projeto, quanto nas temáticas abordadas pelas diversas produções artísticas, agregando tais participantes ao GEPAN em suas atividades de extensão e também de estudo.

Resultados e discussões: o impacto das ações extensionistas

O Instagram como ferramenta de divulgação e comunicação

O avanço das tecnologias de comunicação, segundo Moran (1995), tem permitido usar os diversos sentidos e compartilhar diferentes experiências na realidade e no mundo virtual. Conseqüentemente, esses avanços têm modificado também a relação pedagógica, tanto no sentido de reforçar visões tradicionais de educação, quanto de abrir caminhos para novos jeitos de educar, de partilhar conhecimento (MORAN, 1995).

Atentando-se aos múltiplos usos e benefícios comunicacionais que as redes poderiam permitir ao Projeto, como a divulgação das ações do GEPAN, foi criada uma página para o grupo na rede social *Instagram*, além do grupo no *WhatsApp*. A função da página é a de divulgar tanto os encontros do grupo nos quais acontecem discussões teóricas, os Encontros de Estudos, quanto aqueles que objetivam promover intersecções entre Psicologia Analítica e as mais diversas artes – os Encontros Criativos. Além deles, os eventos e seminários promovidos pelo grupo também foram amplamente difundidos nas redes sociais.

Nesses espaços, também, é apresentada a teoria da Psicologia Analítica/Complexa através de postagens curtas, de textos de autoria do grupo, imagens diversas, que apoiam as possibilidades de conversas com outras áreas do conhecimento, assim como funcionam como convite à leitura e a participação no grupo de estudos, independente da área de formação inicial.

Nesse sentido, o que foi percebido durante a experiência no projeto é que a divulgação das ações do grupo na página proporcionou um alcance significativo de pessoas, não apenas do curso e da área da Psicologia, mas ultrapassando as discussões dentro desse campo, motivando a comunidade externa a participar ativamente e até mesmo a fazer parte do GEPAN. Sendo observado um crescimento especificamente durante o processo de realização dessas ações, agregando seguidores e novos colaboradores.

Eventos, apresentações e interdisciplinaridade

As vivências no grupo possibilitaram ainda a produção de resumos para submissão em evento, uma possibilidade que reforça ainda mais o caráter de extensão do projeto. Foram apresentados quatro trabalhos no 9º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária: Redes para Promover e Defender os Direitos Humanos (CBEU), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sendo eles: “Estudos de Psicologia Analítica: uma experiência de ensino e extensão”; “Encontros Criativos: sessões comentadas na perspectiva da psicologia analítica”; “Encontro Criativo “Aspectos simbólicos no filme Coringa”; e “A importância das redes sociais para o projeto de extensão Estudos em Psicologia Analítica”, em espaços virtuais no formato de redes de conversa, agrupados pela organização do evento em áreas e temáticas afins.

A participação nas redes de conversa do CBEU com a apresentação dos trabalhos reflete resultados de um processo muito significativo construído em grupo, que, ao se abrir a uma comunidade acadêmica mais ampla propicia ricas trocas de experiência. Foi possível entrar em contato com uma gama de trabalhos realizados em caráter de extensão, de diversas universidades e regiões do país, em e para comunidades diferentes.

Somado a essas possibilidades de socialização de produções vinculadas ao grupo, apresenta-se, como exemplo, uma das ações realizadas, o minicurso Arquétipos Sem Fim: Os perpétuos e os conceitos de Gaiman, sendo realizado no contexto de pandemia e sendo assim de forma virtual e gratuita, como todas as outras ações do grupo. O minicurso foi conduzido pelo Professor Ms. Glaudiney Moreira Mendonça Júnior, da Universidade Federal do Ceará (UFC) e do Grupo Paideia - apresentado em breve nesse texto, através das plataformas *Google Meet* e *YouTube*. Sobre a realização do minicurso, alguns pontos são abordados, a proposta de diferentes áreas, estabelecimento de parceria com outros grupos e entidades estudantis e a abrangência nacional, possibilitada pelo *online*.

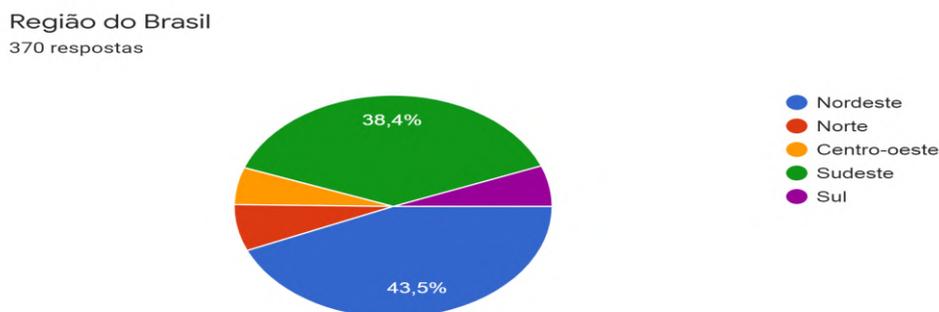
A proposta inicial do minicurso está compreendida na aproximação da Psicologia Analítica/Complexa, de Carl Gustav Jung, foco primeiro do grupo, e a relação de seus constructos com a literatura de Neil Gaiman, especificamente sobre a série Sandman, da qual pertencem os 7 personagens discutidos na ação. Essa abordagem pode ser entendida como eficiente, uma vez que tanto o público interessado na Psicologia Analítica, quanto leitores e leitoras do trabalho de Gaiman, e demais interessados nas ampliações realizadas pelo condutor do encontro, puderam estar presentes. Destaca-se a importância da divulgação *online* nas redes

próprias do GEPAN, como em grupos de interessados na literatura citada. Esse procedimento é comum nas ações extensionistas pelos objetivos da interdisciplinaridade, como forma de ampliar discussões e contribuir para o olhar de estudos.

A referida realização teve dois principais parceiros, o Grupo Paideia vinculado à Universidade Federal do Ceará (UFC), mais especificamente ao curso de Letras, que se propôs a discutir diversos temas como mitologias, mitologia comparada, contos de fada e temáticas afins. O grupo é formado por diversos profissionais de Letras, História, Ciências da Computação entre outros, e promovem cursos, eventos e especializações. Uma outra parceria, a nível local, o Centro Acadêmico de Psicologia, que trabalhou na articulação e divulgação junto ao GEPAN, para o corpo estudantil e outros centros acadêmicos diversos, cujas parcerias já haviam sido realizadas.

Pensando nesses movimentos de produção, divulgação e estabelecimento de parcerias diversas, assim como a realização da ação em meios *online*, apresenta-se sua amplitude a seguir, com dados oriundos do processo de inscrição e de lista de presença, utilizada para certificação de ouvintes e demais participantes, junto à Gerência de Extensão e Assuntos Culturais (GEAC), da UESB. Desta maneira, para apresentar de forma descritiva, temos os seguintes dados: 749 inscritos no evento durante o período de divulgação, encerrado um dia antes da realização do minicurso; 370 participantes inscritos que assinaram a lista de presença; amplitude nacional, sendo apresentada pelo gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Porcentagem de inscritos no minicurso Arquétipos Sem Fim, por região do Brasil (n=370)



Fonte: Elaborado pelos autores.

A representação quantitativa da distribuição espacial (regiões do Brasil) dos ouvintes do minicurso torna possível uma visualização clara: do número total de participantes (n=370), 43,5% (n=161) declararam ser da região nordeste, seguido por 38,4% (n=142) da região sudeste, tendo as regiões norte, sul e centro-oeste, respectivamente 6,8% (n=25), 5,9% (n=22) e 5,4% (n=20). Cabe ressaltar que com a transmissão também feita pela plataforma *YouTube*, ficando salva, soma até o momento 1,552 visualizações, daqueles inscritos que quiseram rever ou dos demais interessados. Sendo assim, apesar de a região com maior presença ser o Nordeste, local onde os grupos se situam fisicamente, com a possibilidade da realização *online*, as ações do GEPAN podem ser ampliadas para as outras 4 regiões do país, tendo em vista os processos de divulgação já citados. Ressaltando, portanto, a importância das parcerias com grupos, entidades e também com o viés interdisciplinar.

Conclusão

As ações realizadas pelo projeto não seriam possíveis sem a iniciativa do Grupo de Estudos em Psicologia Analítica, o qual tem se implicado em tornar presentes as discussões de um campo que foi por muito tempo restrito à academia, além das parcerias com outros grupos e instituições estudantis que aceitaram o desafio de somar e trazer novas ideias aos eventos. Trazer tais debates à extensão, foi uma forma também de reforçar o papel imprescindível da cultura na educação. Além disso, entende-se também que a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEX) adota uma política que democratiza a realização de projetos das mais diversas áreas, de importância salutar à produção de conhecimento na universidade pública, a partir da qual foi possível financiar o presente trabalho com duas bolsas para discente extensionista em 2019, e mais duas em 2020.

Retoma-se finalmente a importância das ações extensionistas que funcionaram como catárticas à produção de diferentes ferramentas de aproximação da comunidade externa e de construção coletiva e multidimensional dos saberes, não restringindo-a apenas ao espaço da Psicologia, mas mediando através das artes e tecnologias de comunicação, os mais diversos temas. Em ampliação ao pensamento de Moran (1995) sobre as tecnologias e o encantamento na escola, conclui-se que o encantamento está não nas ferramentas tecnológicas ou nas proposições teóricas, mas na capacidade de nos tornarmos pessoas plenas: em termos junguianos, de nos tornarmos conscientes de nós mesmos em nosso processo de individuação.

E só com esse componente humano, ético, é possível utilizar dos saberes de modo a construir mundos plurais.

Referências

A FACE do outro. Direção e produção de Hiroshi Teshigahara. Elenco: Tatsuya Nakadai, Machiko Kyō, Kyōko Kishida e outros. Roteiro: Kōbō Abe. Tóquio: Teshigahara Tokyo Co., 1966. 1 DVD (121 min).

A OSTRÁ e o vento. Direção de Walter Lima Jr. Elenco: Leandra Leal, Lima Duarte, Fernando Torres, Castrinho, Floriano Peixoto, Débora Bloch e outros. Roteiro: Walter Lima Jr., Flávio Ramos Tambellini e Moacir C. Lopes. Brasil: Ravina Filmes, 1997. 1 DVD (118 min).

BABADOOK. Direção de Jennifer Kent. Produção de Kristina Ceyton. Elenco: Essie Davis, Noah Wiseman, Hayley McElhinney e outros. Roteiro: Jennifer Kent. Austrália: Entertainment One/Umbrella, 2014. 1 DVD (94 min).

CARL GUSTAV JUNG: Questão do coração. Direção de Mark Whitfield. Roteiro: Susanne Wagner. Estados Unidos: Image Entertainment, 1983. 1 DVD (107 min).

CORINGA. Direção de Todd Phillips. Produção de Todd Phillips, Bradley Cooper e Emma Koskoff. Elenco: Joaquin Phoenix, Robert De Niro, Zazie Beetz e outros. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures/DC Films, 2019. 1 DVD (122 min).

FRANZ, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fadas**. São Paulo: Paulus, 1999.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: FORPROEX, 2012. Extensão Universitária, v. 1.

GAIMAN, Neil. **O oceano no fim do caminho**. Trad. Renata Pettengill. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

GUARDIÃO dos sonhos. Produção de Ron McLeod e Matthew O'connor. Direção de Steven Barron. Canadá: Hallmark, 2003. 1 DVD (180 min).

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência. Petrópolis: Vozes, 1985. (Obras completas de C. G. Jung v. XVI/1)

JUNG, Carl Gustav. **Presente e futuro**: civilização e mudança (parte 1). Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras completas de C. G. Jung v. X/1)

JUNG, Carl Gustav. Da formação da personalidade. In: JUNG. C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 148-166. (Obras completas de C. G. Jung v. XVII)

JUNG, Carl Gustav. Resposta a Martin Buber. In: JUNG. C. G. **Escritos diversos**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 113-150. (Obras completas de C. G. Jung v. XI/6)

JUNG, Carl Gustav. **Aion**: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 1990. (Obras completas de C. G. Jung v. IX/2)

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras completas de C. G. Jung v. VII/1)

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2008. (Obras completas de C. G. Jung v. VII/2)

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000. (Obras completas de C. G. Jung v. IX/1)

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 1991. (Obras completas de C. G. Jung v. VI)

JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos de psicologia analítica**. Petrópolis: Vozes, 1985. (Obras completas de C. G. Jung v. XVIII/1)

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao inconsciente. In: JUNG. C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, 1964.

KILL BILL, Vol. 1. Direção e produção de Quentin Tarantino. Elenco: Uma Thurman, Lucy Liu, Vivica A. Fox e outros. Estados Unidos: Miramax Films, 2003. 1 DVD (111 min).

MONTEIRO, Dulcinea da Mata Ribeiro. **Jung e o cinema**: psicologia analítica através de filmes. 2. ed. rev. e amp. Curitiba: Juruá, 2013.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e o reencantamento do mundo. **Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, v. 23, n.126, p. 24-26, set./out. 1995. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/novtec.pdf. Acesso em: 5 maio 2021.

ODAJNYK, Volodymyr Walter. **Jung and politics**: the political and social ideas of C. G. Jung. Lincoln: Authors Choice Press, 2007.

PEIXE GRANDE. Direção de Tim Burton. Produção de Richard D. Zanuck, Bruce Cohen e Dan Jinks. Elenco: Ewan McGregor, Albert Finney, Billy Crudup e outros. Roteiro: John August. Estados Unidos: Sony Pictures, 2003. 1 DVD (125 min).

PINK FLOYD The Wall. Produção de Allan Marshall. Direção de Alan Parker e Roger Waters. Elenco: Bob Geldof, James Laurenson, Eleanor David e outros. Roteiro: Roger Waters. Reino Unido: MGM/UA Entertainment, 1982. 1 DVD (95 min).

SETE MINUTOS depois da meia noite. Direção de Juan Antonio García Banoya. Elenco: Sigourney Weaver, Felicity Jones, Toby Kebbell e outros. Espanha: Universal Pictures, 2016. 1 DVD (108 min).

SHAMDASANI, Sonu. **Jung e a construção da psicologia moderna**: o sonho de uma ciência. Trad. Maria Silvia Mourão Netto. Aparecida: Ideias & Letras, 2011. Edição digital. Disponível em:
file:///C:/Users/User/Downloads/Jung%20e%20a%20construcao%20da%20psicologia%20moderna-Sonu-Shamdasani.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021.

SILVEIRA, Nise da. **Jung**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

Recebido: 14.05.2021

Aceito: 04.08.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DAS ÁGUAS DE DIFERENTES FONTANÁRIOS PÚBLICOS DE POÇOS DE CALDAS, ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL

EVALUATION OF THE QUALITY OF WATER FROM DIFFERENT PUBLIC FOUNTAINS IN POÇOS DE CALDAS, MINAS GERAIS STATE, BRAZIL

EVALUACIÓN DE LA CALIDAD DEL AGUA DE DIFERENTES FUENTES PÚBLICAS EN POÇOS DE CALDAS, ESTADO DE MINAS GERAIS, BRAZIL

Juliana Carvalho Ribeiro¹

Maria de Fátima Lino Coelho²

Yula de Lima Merola³

Resumo: Poços de Caldas é uma cidade brasileira, localizada no Sul do estado de Minas Gerais, que se destaca em função da presença de diversos fontanários hidrominerais. Em função do grande consumo e da falta de cuidados básicos de higiene por parte de muitos usuários, questiona-se quanto à possível contaminação da água nesses locais, pode causar doenças de veiculação hídrica. O objetivo deste trabalho foi realizar um projeto de extensão abordando análises físico-químicas, microbiológicas e parasitológicas de amostras de água coletadas em seis fontanários públicos de diferentes regiões da cidade. Para as análises físico-químicas foram avaliadas as características organolépticas, pH e testes colorimétricos qualitativos para sulfato, cloreto, amônio, cálcio e magnésio. As análises microbiológicas realizadas foram análise de bactérias viáveis e presença de *Escherichia coli*. De acordo com as análises parasitológicas e físico-químicas, as amostras atenderam aos padrões de potabilidade. Porém, em duas amostras observou-se valores de pH levemente alcalinos. As análises microbiológicas atenderam aos padrões de potabilidade e em uma amostra observou-se estado de alerta em função da presença de unidades formadoras de colônia de bactérias viáveis. Conclui-se que 66,7% das amostras atenderam os padrões de potabilidade, porém as amostras 2 e 5 (33,3% das amostras) foram reprovadas por apresentarem valores de pH acima do indicado. Recomenda-se um

¹ Farmacêutica; Doutora em Toxicologia, pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FCRP-USP). Professora substituta no curso de Farmácia na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Alfenas, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3724-2321> E-mail: rbrjuliana@yahoo.com.br

² Farmacêutica; Mestre em Ciências Médicas, área de concentração Patologia Clínica, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora do curso de Farmácia na Faculdade Pitágoras de Poços de Caldas, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7961-7120> E-mail: mfl.coelho@yahoo.com.br

³ Farmacêutica; Doutora em Ciências da Saúde, pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas (UNICAMP). Professora do curso de Farmácia na Faculdade Pitágoras de Poços de Caldas, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3576-9365> E-mail: yulamerola7@gmail.com

monitoramento continuado e frequente da potabilidade da água para maior segurança dos usuários e direcionando ações corretivas futuras.

Palavras-chave: Potabilidade da água. Água mineral. Poços de Caldas. Fontanários hidrominerais. Análise de água.

Abstract: *Poços de Caldas is a Brazilian city, located in the south of Minas Gerais, stands out due to the presence of several hydromineral fountains. The high consumption and the lack of basic hygiene precautions by many users, raise questions about the possible water contamination in these places, which may cause waterborne diseases. The objective of this work was to carry out physicochemical, microbiological and parasitological analyzes of water samples collected from six public fountains in different regions of the city. For the physicochemical analyzes, the organoleptic characteristics, pH and qualitative colorimetric tests for sulfate, chloride, ammonium, calcium and magnesium were evaluated. The microbiological analyzes performed were analysis of viable bacteria and the presence of Escherichia coli. Parasitological analyzes were performed using the spontaneous sedimentation method. The samples met the potability standards according to the for parasitological and physical-chemical analyzes. However, in two samples a slightly alkaline pH value was observed. The microbiological analyzes met the standards and in one sample, a state of alert was observed due to the presence of colony-forming units of viable bacteria. In conclusion, the results show four samples met the potability standards, however, samples 2 and 5 were disapproved for presenting pH values above that indicated. Continued and frequent monitoring of water potability is recommended for greater safety for users and directing future corrective actions.*

Keywords: Water potability. Mineral water. Poços de Caldas. Hydromineral fountains. Water analysis.

Resumen: *Poços de Caldas es una ciudad brasileña, ubicada al sur del estado de Minas Gerais, que se destaca por la presencia de fuentes hidrominerales. Debido al alto consumo y la falta de cuidados básicos de higiene por parte de muchos usuarios, surgen interrogantes sobre la posible contaminación del agua en estos lugares, que puede provocar enfermedades de transmisión hídrica. El objetivo de este trabajo fue llevar a cabo un proyecto de extensión que aborde los análisis físico-químicos, microbiológicos y parasitológicos de muestras de agua recolectadas de seis fuentes públicas en diferentes regiones de la ciudad. Para los análisis físicoquímicos se evaluaron características organolépticas, pH y pruebas colorimétricas cualitativas para sulfato, cloruro, amonio, calcio y magnesio. Los análisis microbiológicos realizados fueron análisis de bacterias viables y presencia de Escherichia coli. De acuerdo con los análisis parasitológicos y físicoquímicos, las muestras cumplieron con los estándares de potabilidad. Sin embargo, en dos muestras, se observaron valores de pH ligeramente alcalinos. Los análisis microbiológicos cumplieron con los estándares de potabilidad y en una muestra hubo un estado de alerta debido a la presencia de unidades formadoras de colonias de bacterias viables. Se concluye que el 66,7% de las muestras cumplieron con los estándares de potabilidad, pero las muestras 2 y 5 (33,3% de las muestras) fueron desaprobadas por presentar valores de pH superiores a los indicados. Se recomienda un monitoreo continuo y frecuente de la potabilidad del agua para mayor seguridad de los usuarios y orientar futuras acciones correctivas.*

Palabras clave: Potabilidad del agua. Agua mineral. Poços de Caldas. Fuentes hidrominerales. Análisis de agua.

Introdução

Poços de Caldas é uma cidade brasileira, localizada no sul do estado de Minas Gerais, segundo os dados da Prefeitura Municipal, o município situa-se num planalto elíptico, rodeado de montanhas com altitudes entre 1600 m e 1800 m. O solo tem características geológicas diversas, sendo formado por extensa intrusão de rochas alcalinas denominadas sienitos nefelínicos, circundados por formações arqueanas. Esta região é marcada pela presença de grandes reservas de minérios ferrosos, não ferrosos e radiativos, o clima de Poços é caracterizado por invernos secos e verões brandos. A vegetação característica é a floresta tropical pouco densa, permitindo a fácil penetração de luz solar, favorecendo o aparecimento de vegetação arbustiva e herbácea (PREFEITURA MUNICIPAL DE POÇOS DE CALDAS, 2021).

Neste cenário, brotam águas naturais por toda a Serra de São Domingos e esta particularidade faz de Poços de Caldas uma cidade referência no uso de águas minerais, com destaque mundial. As águas minerais são também denominadas minero-medicinais, medicinais e termais. Ao longo da história, relata-se que as águas minerais foram batizadas como diamante líquido, petróleo, ouro, remédio universal, quer por suas virtudes terapêuticas, quer pelo potencial econômico que representam para um país e/ou uma região. Os lugares que circundam essas fontes foram denominados laboratórios da natureza ou farmácias da natureza. A partir delas, formaram-se ciências como a hidrologia, a hidrologia médica, a crenologia e, em torno destas, originaram-se disputas pela legitimidade de suas práticas, apoiadas em saberes populares ou empíricos, para outros, científicos (QUINTELA, 2004).

Em função da grande quantidade de minas de águas minerais, o distrito que deu origem ao município de Poços de Caldas foi, inicialmente, denominado Nossa Senhora da Saúde das Águas de Caldas. A popularização do uso das águas minerais de Poços de Caldas se confunde com a chegada da Ramal Mogiana de estradas de Ferro, no final do século XIX, pois, com a implantação da ferrovia, nasceu a história do turismo local, que teve seu auge nos meados do século XX, marcado pela construção de um cassino, um hotel e um balneário, este construído para tratamentos de saúde e que acabou levando o nome de Poços de Caldas para todo o mundo (MEGALE, 2002; MARRICHI, 2009). Nesta época, destacou-se também a construção de diversos fontanários públicos ao longo da cidade, facilitando o acesso à água por parte da população local e também dos turistas. A construção destas estruturas resultou em

desenvolvimento turístico, trazendo para Poços de Caldas pessoas vindas de longe, e na construção de residências de veraneio, elevando o status da estância hidrotermal (PREFEITURA MUNICIPAL DE POÇOS DE CALDAS, 2021). Porém, o fechamento dos cassinos em 1946 e a evolução dos medicamentos industrializados impactaram o turismo termal. A economia se recuperou da crise através das mineradoras, da chegada de indústrias e principalmente da mudança de foco na área turística (PREFEITURA MUNICIPAL DE POÇOS DE CALDAS, 2021).

No Brasil, a partir de 2006, despertou-se um novo olhar sobre o uso das águas minerais em tratamentos medicinais, desta vez reconhecida como uma Prática Integrativa e Complementar em Saúde (PICS) (BARBOSA; GUIMARÃES; SANTOS; BEZERRA; TESSER; SOUSA, 2020). Classificada como hidrologia médica, termalismo social ou crioterapia, o uso de água mineral e das demais PICS foi institucionalizado no Sistema Único de Saúde (SUS) pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), aprovado pela Portaria nº 971, de 5 de março de 2006 (BRASIL, 2006). A finalidade de tal política do Ministério da Saúde é oferecer à população acesso às PICS, padronizando-a para atender às demandas da rede pública de saúde e apresentar-se em todos os níveis de atenção à saúde, disponibilizando à população diversas modalidades de tratamentos que não substituem os tratamentos convencionais, mas que trazem um importante reequilíbrio físico, mental e emocional, com foco na qualidade de vida do paciente (ANTUNES; DAHER; GIARETTA; FERRARI, 2019).

Porém, mesmo com essa retomada no uso terapêutico de águas minerais, é importante ressaltar que a qualidade das águas é um fator muito importante a ser considerado, pois as doenças de veiculação hídrica são um sério problema de saúde pública. As águas podem ser contaminadas por substâncias químicas, microrganismos e parasitas. As autoras Paiva e Souza (2018) relatam que cólera, febre tifóide e paratifoide, shigelose, amebíase, diarreia e gastroenterite de origem infecciosa presumível, esquistossomose e outras doenças infecciosas intestinais foram responsáveis por 2,35% das internações totais no Brasil, gerando uma parcela de 0,7% dos gastos totais do SUS e, afetando principalmente pessoas com 10 anos ou mais de idade.

O propósito primário para a exigência de qualidade da água é a proteção à saúde pública e os critérios adotados para assegurar essa qualidade têm por objetivo fornecer uma base para o desenvolvimento de ações que, se propriamente implementadas junto à população, garantirão

a segurança do fornecimento de água através da eliminação ou redução à concentração mínima de constituintes na água conhecidos por serem perigosos à saúde (DAHI, 1992). Quase invariavelmente, o melhor método de assegurar água adequada para consumo consiste em formas de proteção, evitando-se contaminações de dejetos animais e humanos, os quais podem conter grande variedade de bactérias, vírus, protozoários e helmintos. Falhas na proteção e no tratamento efetivo expõem a comunidade a riscos de doenças intestinais e a outras doenças infecciosas (BROMBERG, 1995; HELLER, 1998).

Sendo Poços de Caldas um município privilegiado pela presença de muitas minas de águas minerais, a avaliação da potabilidade da água é um parâmetro essencial para a garantia de acesso à água de boa qualidade. Assim, o Departamento Municipal de Água e Esgoto realiza e divulga periodicamente análises dos principais fontanários existentes na cidade. No entanto, em função da ampla quantidade de fontanários e minas, alguns não são monitorados e algumas pessoas têm a falsa ideia de que a água de origem natural não faz mal e pode ser consumida sem restrições (DMAE, 2021). Ainda, observa-se que se implantou na população local o hábito de frequentar e buscar águas nos diversos fontanários da cidade.

Existe uma prática frequente na população poços-caldense de utilização para consumo humano da água de fontanários não ligados a redes de distribuição públicas. Esta prática está de tal forma enraizada que, mesmo nos casos em que as populações são servidas por redes de distribuição pública, algumas preferem consumir a água deste tipo de fontanários, utilizando como argumento a sua gratuidade, o sabor menos agradável da água da rede, a ideia de que a água que a entidade gestora distribui não tem qualidade para ser ingerida ou até eventuais propriedades terapêuticas das águas dos fontanários.

Em função do grande consumo e da falta de cuidados básicos de higiene por parte de muitos usuários, questiona-se quanto à possível contaminação nesses locais, podendo causar doenças de veiculação hídrica. Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi realizar análises físico-químicas, parasitológicas e microbiológicas de amostras de água coletada em fontanários públicos de diferentes regiões da cidade de Poços de Caldas, de forma a evidenciar os padrões de potabilidade de suas águas.

Metodologia

Este estudo é o resultado de um projeto de extensão do curso de Farmácia da Faculdade Pitágoras, de Poços de Caldas, Minas Gerais. Por meio de entrevista, seis alunos foram selecionados para a execução de análises laboratoriais, com o objetivo de evidenciar os padrões de potabilidade da água. Foram escolhidos seis fontanários, localizados em diferentes regiões da cidade, a fim de proporcionar boas práticas de análises em laboratório, elaborou-se quatro procedimentos operacionais padrões, sendo denominados (1) normas para amostragem de água potável; (2) análises físico-químicas; (3) análises microbiológicas e (4) análises parasitológicas da água potável. Para a execução do trabalho foram realizadas coletas de amostras d'água na saída dos fontanários e a amostragem seguiu os padrões da Portaria MS nº 518, de 25 de maio de 2004, da Fundação Nacional da Saúde (FUNASA).

A Portaria nº 2.914, de 12 de dezembro de 2011, do Ministério da Saúde (BRASIL, 2011) estabelece procedimentos e responsabilidades para o controle e vigilância da qualidade da água para consumo humano e seu padrão de potabilidade. Neste estudo, os procedimentos operacionais foram padronizados tendo como referência esta portaria e as técnicas descritas na Farmacopeia Brasileira (BRASIL, 2019). Esta referência bibliográfica aborda a monografia da água potável e também padroniza os métodos de análise, o que facilitou a elaboração dos procedimentos operacionais padrão.

As normas de coleta de água potável possibilitaram uma preparação correta e padronizada dos frascos e técnicas específicas de coleta para as diferentes análises. Os frascos de coleta foram padronizados em frasco vidro âmbar, com tampa, rotulados quanto ao tipo de análise e data de coleta. Os frascos foram higienizados com água e detergente neutro e secos em estufa de secagem. Usou-se o mesmo frasco para as análises microbiológicas e parasitológicas. Para estas análises, estes frascos depois de secos, receberam 0,5 g de tiosulfato de sódio P.A. para a neutralização de cloro, foram embalados, autoclavados e secos em estufa de secagem, garantindo um ambiente estéril para conter a amostra. Durante a coleta, foram tomados cuidados de modo a evitar a contaminação da amostra, isentas de detritos, folhas ou outro tipo de material acidental, imediatamente após a coleta, as amostras foram acondicionadas e levadas para análise. As análises microbiológicas e parasitológicas foram priorizadas e realizadas em câmara de fluxo laminar, as amostras das análises físico-químicas foram mantidas

sob refrigeração de 2 a 8°C até o momento da análise que não ultrapassou 24 horas após a amostragem.

Os procedimentos operacionais foram padronizados e elaborados mediante consulta na monografia para água potável descrita na Farmacopeia Brasileira (BRASIL, 2019). Para as análises físico-químicas foram avaliadas características organolépticas, pH e testes colorimétricos qualitativos para sulfato, cloreto, amônio, cálcio e magnésio.

As análises microbiológicas realizadas foram análise de bactérias viáveis e presença de *Escherichia coli* pela pesquisa de patógenos específicos. A análise de bactérias viáveis foi realizada pela contagem microbiana em meio sólido, usando o ágar triptona soja como meio de cultura. Inoculou-se 1 ml da amostra de água em uma placa e 0,1ml em outra, em duplicata e as placas foram preenchidas com cerca de 20 ml do meio de cultura líquido, homogeneizando pelo método Pour Plate. As placas foram levadas para estufa bacteriológica por 48 horas a 37°C. Após este período, realizou-se a contagem das colônias, na placa em que foi colocado 0,1 ml de amostra, o resultado foi multiplicado por 10 e como foram feitas 4 placas, o número total de colônias encontrado foi dividido por 4. Para a análise de *Escherichia coli*, colocou-se 5 ml da amostra de água e 50 ml de caldo BHI, levando-se para estufa bacteriológica por 24 horas a 37°C. Após este período, realizou-se a pesquisa de patógenos específicos, descrita na Farmacopeia Brasileira, pelo método da semeadura em placa de ágar Mac Conkey, cujo resultado foi observado após 24 horas (BRASIL, 2019).

As análises parasitológicas foram realizadas pelo método da sedimentação espontânea por 24 horas, com posterior análise microscópica.

Resultados e discussão

Na Tabela 1 estão descritos os resultados das análises físico-químicas, microbiológicas e parasitológicas nos seis fontanários em análise.

Tabela 1 – Resultado das análises físico-químicas, microbiológicas e parasitológicas de seis fontanários de diferentes regiões na cidade de Poços de Caldas, Minas Gerais, Brasil, 2019

Análises físico-químicas	Especificações	Fontanários					
		1	2	3	4	5	6
Aspecto	Líquido límpido e incolor	C	C	C	C	C	C
Odor	Inodoro	C	C	C	C	C	C
pH	Entre 6,0 e 9,5	9,10	11,05	8,99	8,67	11,01	8,88
Cloreto	Máximo 250mg/L	C	C	C	C	C	C
Sulfato	Não ocorre alteração	C	C	C	C	C	C
Amônio	Não ocorre alteração	C	C	C	C	C	C
Cálcio e Magnésio	Produz-se coloração azul puro	C	C	C	C	C	C
Análises microbiológicas							
Bactérias viáveis	Até 100 UFC	5	14	95	12	5	89
<i>Escherichia coli</i>	Ausente	C	C	C	C	C	C
Análises parasitológicas							
Depósitos de ovos e parasitas	Ausente	C	C	C	C	C	C

UFC: Unidade formadora de colônia; C: em conformidade; NC: Não conformidade

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nas análises físico-químicas observa-se valores em conformidade com os padrões especificados para as características organolépticas de aspecto e odor e para os testes qualitativos para cloreto, sulfato, amônio, cálcio e magnésio. Porém, ao analisar o pH, nota-se que os fontanários 2 e 5 demonstraram valores de pH acima do pH especificado. Esta característica alcalina pode estar relacionada com as características do solo da região, pois o Maciço de Poços de Caldas, segundo Garda (1990), destaca-se como uma das maiores manifestações de rochas alcalinas do mundo e faz parte do conjunto de intrusões alcalinas do Brasil Meridional. Na literatura consultada não foram encontradas referências mais recentes, evidenciando as características qualitativas e quantitativas do solo local para fins de comparação.

Nas análises microbiológicas, observou-se conformidade com os padrões estabelecidos. A ausência de *Escherichia coli* é um importante parâmetro a ser avaliado, pois esta bactéria cujo habitat é o intestino de mamíferos é um importante indicativo de contaminação fecal, o que pode estar relacionado com contaminações de microrganismos e parasitas. Em um estudo semelhante, Cavalcante (2014) observou altos índices de *E. coli* em fontes de água e pontos de consumo em uma comunidade rural de Alagoas, sendo recomendadas intervenções adicionais visando a segurança desta população.

As bactérias viáveis, também chamadas heterotróficas, estão relacionadas com monitorização de bactérias ambientais. Os autores Domingues, Tavares, Stuker, Michelot, Reetz, Bertoncheli e Horner (2007) relatam que a contagem de bactérias heterotróficas é amplamente utilizada como indicador da qualidade da água potável, sendo que os microrganismos são detectados por propagação em meios não-seletivos. Nos fontanários 3 e 6, observou-se estado de alerta em função da presença de unidades formadoras de colônia de bactérias viáveis bem próximos aos limites especificados, o que determina cautela. Sugere-se a reamostragem e o monitoramento continuado e frequente da potabilidade da água para maior segurança dos usuários destes dois fontanários. É importante ressaltar que este estudo não avaliou o índice de coliformes fecais, pois muitos fontanários são avaliados periodicamente neste parâmetro pelo Departamento Municipal de Água e Esgoto e optou-se então por análises de parâmetros diferentes dos parâmetros de análise de rotina, a fim de comparação dos resultados e detecção de limites de alerta.

Em função dos resultados encontrados, observa-se que 66,7% das amostras analisadas estão de acordo com os padrões de potabilidade especificados, uma vez que em dois fontanários, o 2 e o 5, os valores de pH detectados estão acima das especificações. A análise proposta usando parâmetros físico-químicos, microbiológicos e parasitológicos para determinar a potabilidade de água é um estudo pioneiro na região de Poços de Caldas. Na literatura consultada não foram encontrados estudos semelhantes realizados nesta região para fins de comparação. O estudo semelhante mais próximo encontrado na literatura é o de Silva; Maciel; Marta; Bronharo; Michelin (2018) que avaliou a qualidade da água de escolas públicas municipais na região de Araçatuba, do estado de São Paulo, pela análise microbiológica de *Escherichia coli* e coliformes fecais e análise físico-química de teor de nitrato. Os resultados foram preocupantes, apontando a necessidade de implantação de medidas de saneamento nas escolas avaliadas.

É importante ressaltar que esta análise foi realizada antes da pandemia de Covid-19. Para implantar medidas de segurança, o Departamento Municipal de Água e Esgoto instalou recipientes contendo álcool em gel 70% e toalhas descartáveis de papel nos fontanários de maior público e também foram realizadas atividades de educação em saúde. Considerando que as bactérias viáveis são sensíveis ao álcool 70%, acredita-se que os valores próximos aos limites de alerta encontrados em dois fontanários possam ter diminuído. Este é mais um motivo que reforça a reamostragem proposta, sendo uma importante fonte de informação para o monitoramento microbiológico dessas áreas.

Conclusão

Nestas condições de análises, os resultados demonstraram que 66,7% das amostras analisadas estavam de acordo com os padrões de potabilidade estabelecidos na legislação. Dos seis fontanários analisados, quatro foram aprovados para consumo, estando as análises em concordância com os parâmetros estabelecidos. Porém, nos fontanários 2 e 5, não são adequados para consumo, pois observou-se valores de pH acima do indicado. Sugere-se ações de monitoramento continuado e frequente da potabilidade da água para maior segurança dos usuários e, em caso de alterações frequentes, esta será uma importante fonte de informações para ações futuras, apontando a necessidade de medidas corretivas e direcionando ações de educação em saúde da população.

Referências

ANTUNES, Juliane Macedo; DAHER, Donizete Vago; GIARETTA, Vania Maria Araújo; FERRARI, Maria Fernanda Muniz; POSSO, Maria Belén Salazar. Hydrotherapy and crenotherapy in the treatment of pain: integrative review. **Brazilian Journal of Pain**, v. 2, p.187-198, 2019.

BARBOSA, Fernanda Elizabeth Sena; GUIMARÃES, Maria Beatriz Lisboa; SANTOS, Carlos Renato Santos; BEZERRA, Adriana Falangola Benjamin; TESSER, Charles Dalcana; SOUSA, Islandia Maria Carvalho. Oferta de práticas integrativas e complementares em saúde na estratégia saúde da família no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. 1-13, 2020.

BRASIL. **Reunião da Diretoria Colegiada (RDC) nº 298, de 12 de agosto de 2019**. Dispõe sobre a aprovação da Farmacopeia Brasileira, 6ª edição. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/farmacopeia-brasileira/arquivos/7987json-file-1>. Acesso em: 20 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.914, de 12 de dezembro de 2011**. Dispõe sobre os procedimentos de controle e de vigilância da qualidade da água para consumo humano e seu padrão de potabilidade. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/saudeflegis/gm/2011/prt2914_12_12_2011.html. Acesso em: 20 mar 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006**. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html. Acesso em: 25 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). **Portaria MS nº 518, de 25 de maio de 2004**. Brasília, DF, 2005. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/portaria_518_2004.pdf. Acesso em: 20 mar 2021.

BROMBERG, M. **Safe drinking water**: Microbial standards help ensure water quality for consumers. p. 791-798, 1995. Disponível em: <http://www.hermes.ecn.purdue.%20edu/cgi/convwqtest?/ru-7.il.ascii>. Acesso em: 27 abr. 2021.

CAVALCANTE, Rosane Barbosa Lopes. Ocorrência de Escherichia coli em fontes de água e pontos de consumo em uma comunidade rural. **Revista Ambiente e Água**, v. 9, n. 3, p.150-158, 2014.

DAHI, Eli. **Water supply in developing countries**: problems and solutions. Lyngby: Eds. Technical, University of Denmark, 1992.

DMAE. Departamento Municipal de Água e Esgoto. Disponível em: <http://dmaepc.mg.gov.br/#>. Acesso em: 25 abr. 2021.

DOMINGUES, Vanessa Oliveira; TAVARES, Gilda Dias; STUKER, Fernanda; MICHELOT, Tiago Mozzaquatro; REETZ, Luiz Gustavo Brenner; BERTONCHELI, Claudia Mello; HORNER, Rosmari. Contagem de bactérias heterófitas na água para consumo humano: comparação entre duas metodologias. **Revista do Centro de Ciências da Saúde Santa Maria**, v. 33, n. 1, p. 15-19, 2007.

GARDA, Gianna Maria. **A alteração hidrotermal no contexto da evolução geológica do maciço de Poços de Caldas, MG-SP**, 1990. 214 f. Dissertação (Mestrado em Mineralogia e Petrologia) – Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

HELLER, Leo. **Saneamiento y salud**. Washington, D.C.: CEPIS/OPS, 1998.

MARRICHI, Jussara Marques Oliveira. **A cidade termal**: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 a 1931. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

MEGALE, Nilza Botelho. **Memórias históricas de Poços de Caldas**. 2. ed. Poços de Caldas: Sulminas, 2002.

PAIVA, Roberta Fernanda Paz; SOUZA, Marcela Fernanda Paz. Associação entre condições socioeconômicas, sanitárias e de atenção básica e a morbidade hospitalar por doenças de veiculação hídrica no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 1, p. 1-11, 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE POÇOS DE CALDAS. Disponível em: <https://pocosdecaldas.mg.gov.br/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

QUINTELA, Maria Manuel. Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). **História, Ciências, Saúde**, v. 11, p. 239-260, 2004.

SILVA, Débora Regina Romualdo; MACIEL, Marilene Oliveira Santos; MARTA, Barbara Braga Ferreira; BRONHARO, Tereza Marilene; MICHELIN, Aparecida Fátima. Qualidade da água em escolas públicas municipais: análise microbiológica e teor de nitrato em Araçatuba, estado de São Paulo – Brasil. **Revista do Instituto Adolfo Lutz**, v.77, 2018.

Recebido: 1.11.2021

Aceito: 28.11.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

DIAGNÓSTICO E MANIFESTAÇÕES PRECOSES NA ASMA PEDIÁTRICA: O QUE SABEMOS?

DIAGNOSIS AND EARLY MANIFESTATIONS IN PEDIATRIC ASTHMA: WHAT DO WE KNOW?

DIAGNÓSTICO Y MANIFESTACIONES TEMPRANAS EN EL ASMA PEDIÁTRICA: QUÉ SABEMOS?

Flávia Isabelle Barbosa¹

Sabrina Nayara Pio de Oliveira²

Gláucia de Oliveira Moreira³

Resumo: Objetivou-se identificar os critérios clínicos utilizados no diagnóstico precoce de asma e as condutas empregadas a fim de otimizar o tratamento. Trata-se de pesquisa de coorte retrospectiva com análise quantitativa dos dados, em amostra estratificada, na qual foram entrevistados pais de pacientes com idades entre 5 e 12 anos, previamente diagnosticados com asma. Dentre as 35 entrevistas analisadas, em 85,7% havia algum familiar próximo alérgico e em 60% com asma diagnosticada. Houve discreto predomínio do sexo masculino (20/57,1%), mas a manifestação de tosse sem sibilância associada, prevaleceu no sexo feminino na relação de 4:1 ($\chi^2 p < 0,0001$). Os sintomas mais frequentes foram tosse seca (91,4%) com piora noturna (96,8%), o esforço físico (84,3%), o desconforto respiratório (82,8%) e o chiado (85,7%). Os principais desencadeantes foram: poeira, mofo, fumaça de cigarro, perfume (94,2%) e a mudança climática (88%). Havia a percepção da melhora com fenoterol (65,7%) e salbutamol (71,4%) inalado ($p = 0,13 - X^2$), sendo que os meninos usaram mais β_2 ($p = 0,03 - X^2$) que as meninas. A média e a moda de idade no diagnóstico foram de 2 anos sem diferença entre os sexos. Anti-histamínicos (80%) e β_2 de curta ação contínua sem corticoterapia eram comumente usados. A tosse seca, o chiado e o desconforto respiratório recorrentes foram valorizados no diagnóstico, outros fatores considerados foram alergia ou asma familiar, desencadeantes e atenuantes. É imperativa a introdução de ações educativas direcionadas aos profissionais de saúde e pacientes, além da elaboração de estudos adicionais mais amplos.

Palavras-chave: Asma. Diagnóstico. Fatores de risco. Saúde da criança. Espirometria.

¹ Discente do curso de Medicina, da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Alfenas, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4228-4588> E-mail: flavia.barbosa@sou.unifal-mg.edu.br

² Discente do curso de Medicina, da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Alfenas, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4664-6192> E-mail: sabrina.oliveira@sou.unifal-mg.edu.br

³ Pneumologista pediátrica; Doutora (PhD) em Ciências na área de Ensino em Saúde. Docente da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL–MG), Alfenas, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7623-8777> E-mail: glauucia.moreira@unifal-mg.edu.br

Abstract: The aim was to identify the clinical criteria used in the early diagnosis of asthma and the approaches used to optimize the treatment. This is a retrospective cohort study with quantitative data analysis, in a stratified sample, in which parents of patients aged between 5 and 12 years, previously diagnosed with asthma, were interviewed. Among the 35 interviews analyzed, 85.7% had a close relative who was allergic and 60% had diagnosed asthma. There was a slight predominance of males (20/57.1%), but the manifestation of coughing without associated wheezing prevailed in females at a ratio of 4:1 ($\chi^2 p < 0.0001$). The most frequent symptoms were dry cough (91.4%) with night worsening (96.8%), physical exertion (84.3%), respiratory distress (82.8%) and wheezing (85.7%). The main triggers were dust, mold, cigarette smoke, perfume (94.2%) and climate change (88%). There was a perception of improvement with fenoterol (65.7%) and salbutamol (71.4%) inhaled ($p = 0.13 - X^2$), with boys using more β_2 ($p = 0.03 - X^2$) than girls. The mean and mode of age at diagnosis was 2 years, with no difference between genders. Antihistamines (80%) and continuous short-acting β_2 without steroids were commonly used. Dry cough, wheezing and recurrent respiratory distress were valued in the diagnosis; other factors considered were familial allergy or asthma, triggering and mitigating. It is imperative to introduce educational actions aimed at health professionals and patients; in addition to the elaboration of additional, broader studies.

Keywords: Asthma. Diagnosis. Risk factors infant health. Pulmonary function.

Resumen: El objetivo fue identificar los criterios clínicos utilizados en el diagnóstico precoz del asma y los enfoques utilizados para optimizar el tratamiento. Se trata de un estudio de cohorte retrospectivo con análisis de datos cuantitativos, en una muestra estratificada, en el que se entrevistó a padres de pacientes de entre 5 y 12 años, previamente diagnosticados de asma. De las 35 entrevistas analizadas, el 85,7% tenía un familiar cercano alérgico y el 60% había diagnosticada asma. Hubo un ligero predominio del sexo masculino (20 / 57,1%), pero la manifestación de tos sin sibilancias asociadas predominó en el sexo femenino en una proporción de 4: 1 ($\chi^2 p < 0,0001$). Los síntomas más frecuentes fueron tos seca (91,4%) con empeoramiento nocturno (96,8%), esfuerzo físico (84,3%), dificultad respiratoria (82,8%) y sibilancias (85,7%). Los principales factores desencadenantes fueron el polvo, el moho, el humo del cigarrillo, los perfumes (94,2%) y el cambio climático (88%). Hubo una percepción de mejoría con fenoterol (65,7%) y salbutamol (71,4%) inhalados ($p = 0,13 - X^2$), y los niños utilizaron más β_2 ($p = 0,03 - X^2$) que los niños niñas. La edad media y la moda en el momento del diagnóstico fue de 2 años, sin diferencias entre los géneros. Se utilizaron habitualmente antihistamínicos (80%) y β_2 continuo de acción corta sin esteroides. En el diagnóstico se valoraron tos seca, sibilancias y dificultad respiratoria recurrente; otros factores considerados fueron alergia familiar a asma, desencadenantes y atenuantes. Es imperativo introducir acciones educativas dirigidas a profesionales de la salud y pacientes; además de la elaboración de estudios adicionales más amplios.

Palabras clave: Asma. Diagnóstico. Factores de riesgo. Salud de los niños. Espirometría.

Introdução

A asma é definida como uma doença inflamatória crônica das vias aéreas, que se apresenta por resistência ao fluxo aéreo nas vias condutoras e hiperresponsividade da

musculatura lisa brônquica, à uma variedade de estímulos ambientais. Clinicamente, observam-se episódios recorrentes de tosse, sibilos, aperto torácico e dispneia, mais frequentemente no período noturno, pela manhã ao despertar e com esforço físico. É resultante da interação entre herança genética, exposição ambiental a alérgenos ou vírus e compostos irritantes, além de outros fatores específicos que determinam o desenvolvimento e a manutenção dos sintomas (BUSSE; LEMANSKE, 2001; COOKSON, 1999).

Dois diferentes estudos, ao analisarem fragmentos histológicos da mucosa brônquica obtidos endoscopicamente de pacientes com asma branda ou por autópsia de indivíduos asmáticos, observaram: infiltração da mucosa e submucosa com células inflamatórias; descamação irregular do epitélio; espessamento da musculatura lisa da via aérea; fibrose sub epitelial, hiperplasia de glândulas mucosas e de células caliciformes e, também, tampões mucosos disseminados na asma fatal (HOLGATE, 1996; BARNES, 1996). É importante ressaltar que o processo inflamatório crônico pode ocasionar mudanças irreversíveis nas estruturas respiratórias como a intensificação da broncoconstrição e a perda persistente da função pulmonar, que são decorrentes do remodelamento brônquico (MAUAD *et al.*, 2000).

O diagnóstico é fundamentado, principalmente, na anamnese e no exame clínico, sendo complementado, sempre que possível, com os testes de avaliação funcional respiratória e, quando necessário, da avaliação da alergia. Entretanto, na anamnese, a identificação de dados que corroborem com o diagnóstico como a história familiar de asma (STIRBULOV; BERND; SOLÉ, 2006) pode ser indisponível por desconhecimento.

A identificação clínica da asma baseia-se na recorrência dos sintomas respiratórios como a tosse, a sensação de falta de ar, o aperto no peito ou a sibilância e, ainda, na limitação variável do fluxo expiratório demonstrada nas medidas de função pulmonar (GINA, 2018). Quando esses sintomas se associam à piora noturna e ao despertar, melhorando espontaneamente ou após o uso de medicamento específico e surgindo após a exposição a irritantes, fornecem evidências para o diagnóstico de asma (CRUZ *et al.*, 2012).

Em lactentes e pré-escolares, o diagnóstico torna-se mais complexo, já que cerca de 60% das crianças que sibilam até os três anos de vida não desenvolverão asma (TABACHNIK; LEVISON, 1981; SPORIK; HOLGATE; COGWELL, 1991; MARTINEZ *et al.*, 1995).

Desse modo, por se tratar de uma doença crônica marcada por episódios recorrentes de exacerbação, um dos critérios para o seu diagnóstico é a criança apresentar sintomatologia pelo menos três vezes até o segundo ano de vida, desde que com as características sugestivas citadas

previamente (FONTES *et al.*, 2005).

Há alguns critérios de recorrência já identificados como fatores de risco associados à maior chance de desenvolver e/ou persistir com a sibilância recorrente, evoluindo para asma, são eles: história familiar de asma; sexo masculino; início de sintomas na primeira infância; exposição tabágica e a outros poluentes ambientais; história pessoal de rinite alérgica e/ou eczema atópico; valor elevado da Imunoglobulina E (IgE) total sérica; sensibilização aos alérgenos inalantes e infecções virais associadas à frequência precoce em creches (ex.: vírus sincicial respiratório, rinovírus, influenza) (PINTO; SILVA, 2014). Entretanto, há vários tipos de asma, por isso, esses critérios podem se modificar em função deles, pois a elevação da IgE específica para aeroalérgenos está relacionada ao tipo alérgica ou atópica, com perfil eosinofílico por estimulação da via Th2; enquanto na não alérgica à estimulação da via Th17 resulta em perfil neutrofílico (BELITARDO *et al.*, 2019, p. 87), dificultando a associação dos riscos com o desencadeamento diagnóstico.

A terapêutica deve ser individualizada dentro do espectro de faixa etária e de gravidade de cada caso, o qual deve incluir um plano medicamentoso por escrito, atividades educativas para os pacientes e seus cuidadores, o treinamento para o correto uso e a forma de higienizar o dispositivo inalatório, além de prever a revisão da técnica de uso e o controle sintomático a cada reavaliação (GINA, 2020).

Metodologia

Foi realizada, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) explicitado pelo do Projeto sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 13502219.5.0000.5142 e Parecer nº 3.567.244, de 11 de setembro de 2019, uma coorte retrospectiva, com amostra aleatorizada e estratificada por conveniência para a obtenção dos dados quantitativos descritos e utilizando-se o teste Qui-quadrado (χ^2) para a análise de dados categóricos. De acordo com a Secretaria Municipal de Saúde (SMS), de Alfenas, Minas Gerais, há 16 Unidades Básicas de Saúde (UBS) no município e, para o presente estudo, foram selecionadas 9 UBS, cada uma representou um grupo de análise. A amostra constituiu-se de pacientes que receberam o diagnóstico de asma nos seus 5 primeiros anos de vida, identificados aleatoriamente por meio dos prontuários médicos, independentemente de estarem em acompanhamento periódico ou não no momento da coleta de dados. Após esta etapa, os Agentes

Comunitários de Saúde (ACS) eram solicitados a convidar os pacientes e seus responsáveis a comparecerem na UBS a fim de participarem da pesquisa, explicando-lhes os benefícios, os objetivos e a importância do trabalho. Em dia e horário agendados, os voluntários presentes foram novamente orientados pelas estudantes pesquisadoras e os concordantes foram entrevistados por elas, totalizando 35 responsáveis por pacientes de ambos os sexos com idade entre 5 e 12 anos, de acordo com os critérios de inclusão previamente definidos.

Utilizou-se um formulário próprio desenvolvido para a pesquisa, na forma de uma entrevista anônima semiestruturada, respeitando os preceitos éticos previstos pelo CEP. Os sujeitos foram repetidamente informados sobre a confidencialidade e o sigilo das informações coletadas; os prontuários foram utilizados tanto na seleção, quanto como uma ferramenta de apoio para consultar os dados não esclarecidos nas entrevistas. Os dados do questionário foram analisados em uma planilha do *Excel* com o auxílio de um estatístico da Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais (UNIFAL-MG).

O estudo foi parte integrante das atividades do Projeto de Extensão Universitária registrado na Pró-Reitoria de Extensão da UNIFAL-MG, sob o número 3869, intitulado “Promovendo Saúde: Ações e Interloquções”, no âmbito das ações da Liga de Pediatria da Faculdade de Medicina da UNIFAL-MG, o qual dispõe para o seu desenvolvimento, do termo de parceria firmado com a Coordenação da Atenção Básica da SMS da cidade de Alfenas. Desta forma, o trabalho obedeceu às Resoluções nº 466/2012 e nº. 580/2018, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), do Ministério da Saúde e, aos requisitos exigidos pelo CEP da Universidade.

Resultados

Das 35 entrevistas, 20 (57,1%) se referiam a pacientes do sexo masculino e 15 (42,9%) a do sexo feminino; 20 (57,1%) se declararam brancos; 13 (37,1%) pardos e 2 (5,8%) pretos. A média de renda familiar era de 2 salários-mínimo, com mediana e moda de 1 salário-mínimo.

Dentre os entrevistados, 23 (65,7%) negaram tabagismo no domicílio e 12 (34,3%) confirmaram. Destes que confirmaram, 3 (25%) somente a mãe; 3 (25%) somente o pai e o restante um outro familiar próximo como irmãos, avós e tios.

Em relação à presença de alergia entre familiares, 30 (85,7%) tinham história positiva. A tosse alérgica foi citada por 8 (26,6%); bronquite por 15 (50%); alergia alimentar por 3 (10%);

rinite alérgica por 19 (63,3%); asma por 21 (70%); dermatite por 3 (10%) e alergia a medicamentos por 2 (6,6%).

Em 18 crianças (51,4%), o diagnóstico de asma foi informado nos primeiros 2 anos de vida (média e moda de 2 anos), a idade mínima foi inferior a 2 meses. A maioria iniciou o tratamento aos 2 anos de idade (DP 2,4); uma criança usava broncodilatador de curta ação desde o nascimento, concomitantemente 8 (22,8%) relataram diagnóstico de refluxo gastroesofágico e 21 (60%) delas recebeu pelo menos uma vez o diagnóstico de pneumonia quando buscaram atendimento durante as exacerbações.

A tosse seca foi referida por 32 (91,4%), com piora noturna em 31 (96,8%) e, associada a esforços físicos em 27 (84,3%), tendo havido recorrência dos sintomas pelo menos três vezes em 34 (97,1%) pacientes até o diagnóstico. O chiado foi relatado por 30 (85,7%) e o desconforto respiratório por 29 (82,8%) respondentes. O relato de tosse não associada à sibilância ou ao chiado ocorreu com maior frequência no sexo feminino, em uma relação de 4:1 ($\chi^2 p < 0,0001$). O diagnóstico concomitante de rinite alérgica apareceu em 5 (14,2%) pacientes.

Dentre os fatores de piora, a exposição à poeira, ao mofo, à fumaça de cigarro e ao perfume foram referidos por 33 (94,2%) entrevistados e a mudança climática por 31 (88%), principalmente nos meses de inverno em 7 (36,8%), na primavera em 2 (10,5%), no outono em outros 2 (10,5%) e no verão para 1 (5,2%), notadamente no período noturno em 30 (85,7%).

Dos medicamentos referidos, 32 (91,4%) utilizaram os broncodilatadores de curta ação, sendo o salbutamol citado por 27 (84,3%). Essa medicação era utilizada exclusivamente nas agudizações por 26 (81,2%) crianças. Em 6 (17,1%), com uso medicamentoso contínuo ou diário; 3 (50%) relataram uso de salbutamol sem corticoterapia. Das crianças do sexo masculino, 20 (100%) utilizavam o broncodilatador de curta ação, enquanto no sexo feminino 12 (80%) se referiram ao uso ($\chi^2 p = 0,03$). Para uma criança (2,8%), citou-se o uso de Acebrofilina; para 29 (82,8%) o anti-histamínico, predominando a loratadina (82,7%). A percepção de melhora associada ao uso do fenoterol ocorreu em 65,7% e do salbutamol em 71,4% ($\chi^2 p = 0,13$).

O uso do corticoide oral foi referido por 24 (68,5%) dos entrevistados, representado principalmente pela prednisolona (62,5%); 2 (8,33%), citaram o dipropionato de beclometasona; 1 (4,1%) a associação de salmeterol e propionato de fluticasona; 2 (8,2%) associação de formoterol com budesonida, sendo todos nas crises.

Dos 8 pacientes que receberam oxigenoterapia em algum quadro agudo, 3 (37,5%) mencionaram o uso de corticoide inalado e 1 (2,8%) tinha histórico prévio de 4 internações por

asma, referindo usar salbutamol associado à loratadina nas crises mais graves, negando uso prévio de corticoide sistêmico ou inalado no domicílio. Dos 5 respondentes que mencionaram sintomas diários, 2 usavam corticoterapia inalada.

Em 26 crianças (74,2%), foram referidos à utilização de medicação inalatória com espaçador, avaliando-se a técnica, em 22 (84,6%), houve o relato adequado; quanto à frequência, 16 (61,5%) usavam 1 ou 2 vezes ao dia e, na maioria, a medicação era o salbutamol, sendo que 9 (36%) disseram não perceber melhora.

Dos 32 pacientes que citaram ter tomado antibiótico durante uma exacerbação, 15 (46,8%) relataram ter recebido o diagnóstico médico de pneumonia associada, os demais mencionaram terem sido para Infecção do Trato Urinário, Infecção das Vias Aéreas Superiores (sinusite, faringite, otite), peito cheio, tosse, alergia e crises de asma.

Discussão

A discreta predominância masculina da amostra é condizente com a literatura, a qual associa aos meninos uma constituição pulmonar mais favorável ao aparecimento das doenças obstrutivas como a asma, estando associados a uma menor função pulmonar e maior sensibilidade aos aeroalérgenos (REIS, 1997; CRUZ *et al.*, 2012; SOUSA *et al.*, 2012). Essa diferença de prevalência entre os sexos masculino e feminino deve desaparecer na puberdade, quando os meninos passam a apresentar um maior desenvolvimento da caixa torácica e, conseqüentemente, a razão diâmetro/comprimento da via aérea se iguala entre meninos e meninas (SOLÉ *et al.*, 1998).

Vários estudos encontraram uma maior prevalência de asma em crianças de pele preta ou parda, devido às diferenças biológicas e aos processos discriminatórios que determinam um menor acesso aos recursos e aos serviços de saúde (CHATKIN *et al.*, 2003; CHATKIN; MENEZES, 2005). A predominância, neste estudo, de autodeclarados brancos em amostra originária, principalmente de pacientes atendidos nas UBS mais centrais do município, configura um fator de confusão, além da autodeclaração ser subjetiva e baseada em aspectos culturais, podem subestimar o número de crianças de pele preta e parda.

A exposição à fumaça do cigarro parece se associar a maior gravidade e morbidade da asma na infância, por acelerar a perda da função pulmonar, ao aumentar a inflamação das pequenas vias aéreas mediada por neutrófilos e macrófagos e potencializar a hiperresponsividade brônquica,

obstruindo o fluxo aéreo e diminuindo a qualidade de vida do paciente (VIEGAS, 2009; LANG; TANG, 2019). Os pais das crianças submetidas ao ambiente tabágico verbalizaram crises mais graves e intensas com maior dificuldade de controle. Apesar de a relação do tabagismo passivo no desenvolvimento da asma como uma associação direta ser difícil de determinar (ULRIK *et al.*, 1996; LEWIS *et al.*, 1996), o estudo retrospectivo observacional conduzido por Collet *et al.* (2021) identificou uma relação dose-efeito para o tabagismo materno durante a gestação, repercutindo no maior tempo de internação de lactentes com quadro de sibilância, não necessariamente asma, contudo, a história de tabagismo gestacional não foi coletada na presente análise. Nesta pesquisa, 23 (66%) asmáticos não conviviam com tabagistas, no entanto, estudos adicionais com maior tamanho amostral são necessários para se avaliar a possível associação com a gravidade dos sintomas e o diagnóstico de asma.

A alta prevalência de alergia familiar associada ao diagnóstico de asma encontra justificativa na predisposição genética relacionada à exposição ambiental aos alérgenos ou aos compostos irritantes (COOKSON, 1999; BUSSE; LEMANSKE, 2001). Alguns autores demonstram, em estudos com gêmeos, a influência genética na manifestação da asma, estimando sua hereditariedade, ao sugerir que alguns cromossomos possuem genes capazes de regular os níveis séricos de Imunoglobulina E ou mesmo promover a mudança do isótipo IgE. Este, em níveis elevados, se associa fortemente às manifestações de atopia e à asma na infância, influenciando na gravidade e persistência sintomatológica após os 3 anos de idade (PINTO; STEIN; KABESCH, 2008; PINTO; STEIN; RIBEIRO, 2009). Neste estudo, a grande maioria dos pacientes não apresentava tal dosagem, o que pode ser devido às dificuldades para sua realização no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) local, tornando não possível o aprofundamento nessa análise, considerando-se somente o relato dos entrevistados.

Há referências quanto à possibilidade da Doença do Refluxo Gastroesofágico (DRGE) desencadear os sintomas asmáticos, a partir da verificação de que o contato do pH ácido gástrico com o esôfago distal acarrete o reflexo de broncoconstrição, reduzindo a função pulmonar. Em contrapartida, a asma também induziria os episódios de RGE devido ao aumento do esforço respiratório (aumento da pressão intra-abdominal) com o surgimento da DRGE (KUWAKINO *et al.*, 2007; MARTINS, 2007). Apesar de ser uma relação controversa, outros autores demonstraram uma maior prevalência da DRGE em crianças asmáticas, com maior ocorrência associada aos casos moderados e graves, os quais persistem sintomáticos por períodos mais longos e com agravamento noturno devido ao decúbito (TEIXEIRA *et al.*, 2007; TEBET, 2000).

Nos estudos sem a classificação pela gravidade da asma, a prevalência da DRGE seria significativamente menor (KUWAKINO *et al.*, 2007; SHEIKH *et al.*, 1999), podendo justificar o observado no presente estudo, uma vez que a categorização dos pacientes pela gravidade não foi possível devido ao pequeno tamanho amostral, e onde identificou-se 8 (22,8%) crianças com diagnóstico concomitante de DRGE. Entretanto, chama a atenção que 23 (65,7%) relacionaram à piora dos sintomas asmáticos com o decúbito dorsal e 9 (25,7%) com a alimentação, mas os 8 (22,8%) diagnosticados com DRGE não estão entre eles, podendo sugerir a necessidade de uma investigação adicional para que se avalie a possibilidade da DRGE entre eles.

Apesar da literatura ser concordante quanto à dificuldade em se diagnosticar asma nos menores de 5 anos de idade, neste levantamento, o diagnóstico foi na maioria dos casos (51,4%) efetuado nos primeiros dois anos de vida, conseqüentemente, a quase totalidade (94,3%) já tinha o diagnóstico antes de completar cinco anos, sendo a faixa etária em que o diagnóstico demanda maior embasamento em aspectos clínicos, devido às limitações existentes para se executar a confirmação por medidas objetivas de função pulmonar (CRUZ *et al.*, 2012).

Levando-se em conta que os sintomas clínicos da asma são variáveis e inespecíficos, que muitas crianças que sibilam até os dois anos de idade não manifestarão asma e, considerando que cerca de 40% delas irão sibilar ao menos uma vez nos três primeiros anos de vida, é preciso excluir outras causas, principalmente para os que iniciam os sintomas nos primeiros meses de vida (TABACHNIK; LEVISON, 1981; SPORIK; HOLGATE; COGWELL, 1991; MARTINEZ *et al.*, 1995; PEDERSEN *et al.*, 2011). Entretanto, como aproximadamente 50% a 80% das crianças com asma manifestam clinicamente a doença durante os primeiros anos de vida (CAMELO-NUNES; SOLÉ; NASPITZ, 1997; FONTES *et al.*, 2005) e analisando a persistência dos sintomas acima dos três anos de idade, seria importante neste momento se proceder à avaliação da atopia para os casos pertinentes, da DRGE para os casos suspeitos, da função pulmonar para todos que consigam executar a manobra para a medida do pico de fluxo expiratório (PFE) e para a espirometria (prova completa) com o estadiamento da gravidade e do nível de controle da asma. Até porque, durante as agudizações, principalmente nos atendimentos de urgência e emergência, o PFE é parte integrante da avaliação da gravidade do quadro de exacerbação e da resposta à terapêutica (GINA, 2021).

Para o diagnóstico de asma é indicado avaliar os sintomas, suas características e periodicidade, associadas à recorrência e não restritos aos relacionados aos quadros virais (PIZZICHINI *et al.*, 2020; FIKS, 2008). As manifestações refletem a inflamação crônica das

vias aéreas inferiores, desencadeando uma contração rápida frente a uma ampla gama de estímulos, configurando a hiperresponsividade (CAMPOS, 2007).

Observa-se no grupo estudado, um quadro clínico compatível com sintomas em caráter recorrente e com as características esperadas, sugerindo o provável diagnóstico de asma. Quanto ao tratamento referido, também é utilizado na avaliação diagnóstica, a melhora ou a constatação da reversibilidade da obstrução após o uso das medicações de alívio, no caso os broncodilatadores e, uma vez que o salbutamol é um broncodilatador de curta duração, sabe-se que deve ser utilizado a cada 4 horas. Portanto, a falta de resposta relatada em alguns casos pode ser decorrente do excessivo distanciamento entre as doses, contudo, nos pacientes que se referem aos sintomas, desde o nascimento ou nos primeiros 2 meses de vida, é necessária uma cuidadosa revisão quanto à possibilidade de diagnósticos alternativos.

As mudanças climáticas, exercícios físicos, exposição aos produtos de limpeza, à poeira, ao mofo, à fumaça de cigarro e ao perfume são os chamados gatilhos, sendo reconhecidos na literatura, como potenciais desencadeantes de quadros de exacerbação asmática (TRINCA; BICUDO; PELICIONI, 2011). Os desencadeantes podem ser considerados como irritantes ou alérgenos, que deflagram a hiperresponsividade das vias aéreas inferiores, desencadeando uma obstrução parcial e reversível ao fluxo aéreo. Há relatos de uma piora em 78% dos casos expostos à poeira e em 88% dos submetidos à mudança climática (ALVES; VIANNA; PEREIRA, 2008). Da mesma forma que foi relatado nesta pesquisa (FERNANDES *et al.*, 2017), a piora na primavera pode sugerir a alergia a pólenes que induzem a inflamação dos brônquios, outro gatilho deflagrador para quem for sensibilizado.

A piora da tosse seca à noite e com o esforço físico pode se relacionar à queda do fluxo expiratório esperada nesse período, havendo uma maior contração do calibre brônquico durante a madrugada e maior resistência das vias aéreas, o que se relaciona à ausência do controle da doença (ARAÚJO *et al.*, 2014). A piora com o esforço pode caracterizar o broncoespasmo induzido pelo exercício (BIE), descrito como consequente ao aumento transitório da resistência das vias aéreas após atividade enérgica, podendo estar presente em 80 a 90% das crianças portadoras de asma (FIKS, 2008; TENROLLER, 2004).

Para o tratamento inicial, é necessário identificar a gravidade do quadro, considerando-se a frequência e a intensidade dos sintomas, as medidas objetivas da função pulmonar e a resposta ao tratamento, entretanto, para o tratamento de manutenção, deve-se associar aos critérios de controle (STIRBULOV; BERND; SOLÉ, 2006). Após a classificação, a criança se

encaixa em uma etapa do tratamento, em que será indicada a melhor forma de manejo da medicação (GINA, 2020). Os broncodilatadores (β_2 agonistas) são utilizados no alívio ou resgate nas exacerbações, sendo utilizados em todas as etapas do manejo da asma, logo, é esperado que todos os pacientes usem em algum momento, como recomendado nos protocolos, os quais utilizam sua frequência de uso como parte da avaliação do controle obtido (FERREIRA *et al.*, 2019). O salbutamol foi usado por 27 (84%) dos entrevistados, corroborando com o indicado na literatura (BRASIL, 2010).

Os broncodilatadores são medicamentos de alívio que não atuam na inflamação, estando os corticoides indicados para o controle da doença, de acordo com a idade e a gravidade (GINA, 2020). Observou-se um número expressivo de crianças, cujos cuidadores referiram ter usado corticoide (68,5%), prevalecendo a Prednisolona (62,5%) a qual juntamente com a Prednisona são as drogas mais administradas no tratamento da asma infantil, devido ao seu custo-benefício e à meia-vida intermediária, expondo ao menor risco de efeitos colaterais, com absorção rápida e completa pelo trato gastrointestinal em comparação com outras (SANTANA; MENNA BARRETO; CARVALHO, 1997). Nos estudos mais recentes, há uma progressiva preferência pelo uso de sua apresentação inalada, reduzindo exponencialmente a dosagem administrada e restringindo ao uso da formulação oral para os casos de maior gravidade (GINA, 2021). Uma fragilidade deste estudo se deve ao fato de não se ter detalhado mais sobre o uso dessas formulações, por exemplo, analisando-se quanto ao uso não prescrito do corticoide oral ou do não respeito ao uso contínuo por um período determinado das formulações inalatórias para o controle, uma vez que se identificou considerável insegurança dos cuidadores em relação ao diagnóstico, à evolução da doença, suas associações e estratégias terapêuticas utilizadas.

Outras fragilidades detectadas foram o reduzido tamanho amostral, o qual foi imposto pela eclosão da pandemia da Covid-19, determinando a interrupção precoce da coleta dos dados impedindo sua continuidade. Apesar disto, as estudantes do curso de graduação médica puderam compartilhar com os pais das crianças envolvidas e com a equipe de saúde das UBS uma importante experiência reflexiva quanto às dificuldades de comunicação, ao fluxo de funcionamento do SUS e, sobretudo, quanto à carência manifestada pelos usuários, de tempo suficiente durante os atendimentos para sanar suas dúvidas e trocar experiências em relação ao quadro de saúde de seus descendentes. Apesar de se crer na adequada orientação prestada aos pacientes, ficou evidente a necessidade de ser implantado um sistema educativo especialmente voltado aos pacientes crônicos e aos seus cuidadores.

Os dados analisados indicaram, ainda, a possibilidade de um uso excessivo de medicamentos não indicados no tratamento da asma, como os anti-histamínicos e antibióticos, e uma utilização aquém da ideal para os broncodilatadores e corticoides inalados, necessitando de um aprofundamento das pesquisas e das estratégias de atualização dos profissionais de saúde que atuam na rede. Sendo ainda, necessário identificar acerca dos mitos culturais que possam influenciar as condutas aplicadas e recebidas.

Nesse sentido, alguns pontos cruciais podem ser elencados: a ausência no uso da medicação de resgate por algumas crianças; o uso isolado e frequente do salbutamol; a ausência do uso do PFE pelos profissionais da rede tanto hospitalar quanto ambulatorial; a deficiência na solicitação de espirometria, de investigação da alergia e dos diagnósticos diferenciais em alguns casos; a falta de uso do corticoide inalado preventivo, principalmente naqueles com asma não controlada e nos que manifestaram quadros de maior gravidade, casos em que a literatura recomenda formalmente o uso do corticoide inalatório (GINA, 2020; GINA, 2021; PIZZICHINI *et al.*, 2020) como medida de importância pelo efeito anti-inflamatório, capaz de prevenir o remodelamento das vias aéreas e a evolução para a obstrução irreversível, sendo que a baixa taxa de uso pode ser associada à falta de adesão ao tratamento e à escassez de conhecimento acerca da fisiopatologia da doença (FONTES *et al.*, 2005).

Pode-se pontuar ainda o uso da metilxantina e do fenoterol por alguns pacientes, medicações que, por questões de segurança, não são comumente indicadas, as da primeira classe somente estão indicadas em casos graves refratários a outras terapias, como ocorre em pacientes admitidos em unidades de terapia intensiva (UTI); já o fenoterol, deve ser preterido em relação ao salbutamol, uma vez que ambos são broncodilatadores de curta ação (pertencem a mesma classe), devido a se ter verificado em estudos na década de 1990, um maior risco de ectopias cardíacas e de morte entre seus usuários, sem haver benefícios para a função pulmonar em relação às doses equivalentes de salbutamol, o qual pode ser explicado pela seletividade 10 vezes maior para os receptores β_2 , deste último, implicando em menor efeito indesejável sobre os receptores β_1 (BREMNER *et al.*, 1992; SUISSA *et al.*, 1994; SCALABRIN *et al.*, 1996; EMERYK; EMERYK-MAKYMIUK, 2020). Destaca-se que o salbutamol em inalador dosimetrado se encontra amplamente disponível a custo zero no Brasil, pelo Programa da Farmácia Popular do Governo Federal.

Outro fármaco, incluído no referido Programa, é o corticoide inalado, dipropionato de beclometasona, também amplamente disponível a custo zero para o tratamento de manutenção

dos pacientes asmáticos, representando uma boa relação custo/benefício para o tratamento anti-inflamatório e, o conseqüente controle sintomatológico da doença, possibilitando a redução considerável na recorrência dos sintomas, no risco de ocorrência de uma exacerbação grave, possivelmente fatal e, conseqüentemente, na frequência de idas aos serviços de emergência e de hospitalizações (MOURA; CAMARGOS; BLIC, 2002; STIRBULOV; BERND; SOLÉ, 2006; GINA 2018; GINA, 2020; PIZZICHINI *et al.*, 2020).

Destaca-se a constatação positiva de que a maioria dos usuários das formulações em spray dosimetrado descreveu a realização da técnica correta, o que pode ser atribuído à escolha adequada do dispositivo quanto ao custo/benefício; à preferência do paciente; à facilidade de transporte; à efetividade da droga administrada; à orientação e treinamento adequados do paciente e seus cuidadores pela equipe de saúde, além do uso de apenas um tipo de dispositivo, e à avaliação periódica, citados como fatores que podem estar relacionados ao sucesso (STIRBULOV; BERND; SOLÉ, 2006).

O uso de antibióticos foi quase universal, tendo sido prescrito na maioria dos casos (91,4%) com o intuito de tratar sintomas de tosse seca, desconforto respiratório e sibilância, de acordo com os relatos dos cuidadores, o que não encontra respaldo na literatura especializada, mas que encontra eco nos autores que identificaram o uso indiscriminado de antibióticos em portadores de asma, devido à dificuldade em se distinguir ou excluir as infecções bacterianas do trato respiratório, mesmo sabendo-se que a maioria das infecções pediátricas associadas às exacerbações são de etiologia viral, merecendo atenção à forte associação entre o uso de antibióticos precocemente (no primeiro ano de vida) e ao desenvolvimento posterior de asma, o que foi relatado por autores que observaram a influência negativa desses fármacos sobre a flora intestinal, destruindo as bactérias benéficas que desempenham importante papel para o desenvolvimento do sistema imunológico, gerando prejuízos imunitários, que podem aumentar a susceptibilidade às doenças alérgicas (RISNES *et al.*, 2011; BRICKS, 2003; NASCIMENTO-CARVALHO, 2006; MORAES *et al.*, 2013).

Não há indicação para o uso de antibioticoterapia nas exacerbações de asma, a qual pode ser considerada, caso haja alguma evidência de coinfeção bacteriana, ou nos casos severos com perda de parâmetros discriminatórios evidentes, nos quais medidas invasivas de tratamento em regime de hospitalização sejam necessárias (ASENSI MONZÓ, 2017). Por isso, alguns autores dedicaram pesquisas específicas à prescrição excessiva de antibióticos nas manifestações de asma (CHONG-NETO *et al.*, 2020; RIBEIRO *et al.*, 2013; ANDRADE *et al.*,

2015; ANIBARRO PEREZ; ALONSO CLAVERO; DEL NIDO ALONSO, 2009). Neste estudo, a principal justificativa para sua prescrição foi o diagnóstico adicional de pneumonia, seguida de faringite aguda, sinusite aguda e otite média aguda. Não esquecendo-se de que a pneumonia é uma das complicações mais comuns em pacientes com quadros asmáticos de maior gravidade (SANTANA; MENNA BARRETO; CARVALHO, 1997). Embora infrequente essa associação e, estando mais restrita aos casos severos, a pneumonia constitui relevante causa de mortalidade pediátrica, principalmente nos primeiros cinco anos de idade (NASCIMENTO-CARVALHO, 2006).

Considerações finais

Na impressão dos cuidadores ou responsáveis, a tosse seca, o chiado e o desconforto respiratório foram os principais sintomas recorrentes valorizados no diagnóstico, além da genética familiar, dos desencadeantes ambientais e dos fatores atenuantes. A manifestação de tosse não associada à sibilância evidente, mais relatada no sexo feminino e a maior frequência de uso de broncodilatadores pelo sexo masculino, pode sinalizar para uma maior proporção de tosse como variante de asma e de casos mais brandos entre as meninas. Entretanto, a maior contribuição deste estudo foi trazer a percepção de que ainda existe uma falta de entendimento por parte do paciente, dos seus familiares e cuidadores, e até do próprio profissional de saúde, quanto à gravidade, à cronicidade, às implicações futuras e ao acompanhamento ou tratamento mais adequado aos pacientes portadores de asma, o que compromete o controle da doença e impõem riscos adicionais.

Por fim, apesar de serem necessários novos e mais amplos estudos nesta área, é indiscutível a necessidade de se desenvolver atividades educativas envolvendo o estudante de medicina, as equipes de saúde dos serviços nos diferentes níveis de atenção, gestores destes sistemas e, principalmente, a comunidade assistida, aproximando a academia da população, para que, através da maior interlocução entre todos os componentes da rede, possa haver a construção coletiva das estratégias que atenda realmente às necessidades dos pacientes crônicos e aos seus cuidadores.

Referências

- ALVES, R. S. A.; VIANNA, F. A. F.; PEREIRA, C. A. C. Fenótipos clínicos de asma grave. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 34, n. 9, p. 646-653, 2008.
- ANDRADE, J. M. A. *et al.* Perfil da utilização de antibióticos em crianças internadas num hospital infantil no interior do estado do Ceará. **Boletim Informativo Geum**, Teresina, v. 6, n. 3, p. 15-21, jul./set. 2015.
- ANIBARRO PEREZ, S.; ALONSO CLAVERO, A.; DEL NIDO ALONSO, M. Programa del asma en Atención Primaria: estudio comparativo entre dos centros de salud de Valladolid. **Revista Pediatría de Atención Primaria**, Madrid, v. 11, n. 42, p. 241-249, 2009.
- ARAÚJO, D. L. *et al.* Avaliação da qualidade do sono e da qualidade de vida na asma. **Journal of Allergy and Clinical Immunology**, v. 2, n. 3, p. 107-111, maio/jun. 2014.
- ASENSI MONZÓ, M. Crisis de asma. **Revista Pediatría de Atención Primaria**, Madrid, v. 26, Supl., p. 17-25, 2017.
- BARNES, P. J. Neuroeffector mechanisms: the interface between inflammation and neuronal responses. **Journal of Allergy and Clinical Immunology**, v. 98, n. 5, p.73-81, 1996.
- BELITARDO, E. M. M. A. *et al.* Receptores toll like (TLR) e a resposta imune na atopia e na asma brônquica. In: COSTA, S. L.(org.). **Avanços da pesquisa em imunologia na Bahia: 30 anos de contribuição do Programa de Pós-Graduação em Imunologia da UFBA**. Salvador: Ed. da UFBA, 2019. p. 87.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Formulário Terapêutico Nacional 2010**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010.
- BREMNER, P. *et al.* Nebulized fenoterol causes greater cardiovascular and hypokalaemic effects than equivalent bronchodilator doses of salbutamol in asthmatics. **Respiratory Medicine**, v. 86, n. 5, p. 419-423, 1992.
- BRICKS, L. F. Uso judicioso de medicamentos em crianças. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro; Porto Alegre, v. 79, n. 1, supl., p. 107-114, jun. 2003.
- BUSSE, W. W.; LEMANSKE, R. F. Asthma. **New England Journal of Medicine**, v. 344, n. 5, p. 350-362, Feb. 2001.
- CAMELO-NUNES, I. C.; SOLÉ, D.; NASPITZ, C. K. Fatores de risco e evolução clínica da asma em crianças. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 73, n. 3, p. 151-60, 1997.
- CAMPOS, H. S. Asma: suas origens, seus mecanismos inflamatórios e o papel do corticosteroide. **Revista Brasileira de Pneumologia Sanitária**, v. 15, n.1, p. 47-60, dez. 2007.

CHATKIN, M. *et al.* High prevalence of asthma in preschool children in Southern Brazil: a population-based study. **Pediatric Pulmonology**, v. 35, n. 4, p. 296-301, 2003.

CHATKIN, M.; MENEZES, A. M. Prevalence and risk factors for asthma in school children in southern Brazil. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. 411-416, 2005.

CHONG-NETO, H. J. *et al.* Guia prático de abordagem da criança e do adolescente com asma grave: Documento conjunto da Associação Brasileira de Alergia e Imunologia e Sociedade Brasileira de Pediatria. **Arquivos de Asma, Alergia e Imunologia**, v. 4, n. 1, p. 3-34, 2020.

COLLET, C. *et al.* The First 1000 Days: Impact of prenatal tobacco smoke exposure on hospitalization due to preschool wheezing. **Healthcare (Basel)**, v. 9, n. 8, 2021.

COOKSON, W. The alliance of genes and environment in asthma and allergy. **Nature**, v. 402, p. 5-11, 1999.

CRUZ, A. A. *et al.* Diretrizes da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia para o Manejo da Asma – 2012. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 38, supl. 1, p.1-46, 2012.

EMERYK, A.; EMERYK-MAKSYMIL, J. Short-acting inhaled β_2 -agonists: why, whom, what, how? **Advances in Respiratory Medicine**, v. 88, n. 5, p. 443-449, 2020.

FERNANDES, S. S. C. *et al.* Epidemiological trends of allergic diseases in adolescents. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 43, n. 5, p. 368-372, Sept./Oct. 2017.

FERREIRA, E. S. *et al.* Novas terapias coadjuvantes ao tratamento clássico da asma brônquica: uma revisão da literatura. In: 22ª Semana de Mobilização Científica – SEMOC, 2019, Salvador. **Anais [...]**, Salvador: Universidade Católica do Salvador 2019.

FIKS, I. N. Asma e exercício. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 209-213, ago. 2008.

FONTES, M. J. F. *et al.* Asma em menores de cinco anos: dificuldades nodiagnóstico e na prescrição da corticoterapia inalatória. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 244-253, jun. 2005.

GINA - Global Initiative for Asthma. **Global Strategy for Asthma Management and Prevention**, 2018. Disponível em: <https://ginasthma.org/wp-content/uploads/2018/04/wms-GINA-2018-report-V1.3-002.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

GINA - Global Initiative for Asthma. **Global Strategy for Asthma Management and Prevention**, 2020. Disponível em: https://ginasthma.org/wp-content/uploads/2020/04/GINA-2020-full-report_-final-_wms.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

GINA - Global Initiative for Asthma. **Global Strategy for Asthma Management and Prevention**, 2021. Disponível em: <https://ginasthma.org/wp-content/uploads/2021/05/GINA-Main-Report-2021-V2-WMS.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

HOLGATE, S. T. The immunopharmacology of mild asthma. **Journal of Allergy and Clinical Immunology**, v. 98, n. 5, p.7-16, nov. 1996.

KUWAKINO, M. S. *et al.* Doença do refluxo gastroesofágico e sua relação com a asma. **Revista Brasileira de Alergia e Imunopatologia**, v. 30, n. 1, p.13-20, 2007.

LANG, J.E.; TANG, M. Tabagismo: ainda é um grande problema em crianças com asma. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 95, n. 5, set./out. 2019.

LEWIS, S. *et al.* Study of the aetiology of wheezing illness at age 16 in two national British birth cohorts. **Thorax**, v. 51, n. 7, p. 670-676, 1996.

MARTINEZ, F. D. *et al.* Asthma and wheezing in the first six years of life. **New England Journal of Medicine**, v. 332, p.133-138, 1995.

MARTINS, M. A. Asma e refluxo gastroesofágico. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 33, n. 2, p. 11-12, 2007.

MAUAD, T. *et al.* Remodelamento brônquico na asma. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 26, n. 2, p. 91-98, abr. 2000.

MORAES, L. S. *et al.* Risk factors associated with wheezing in infants. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 89, n. 6, p.559-566, nov./dez. 2013.

MOURA, J. A. R. de; CAMARGOS, P. A. M.; BLIC, J. de. Tratamento profilático da asma. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v.78, supl. 2, p. 141-150, dez. 2002.

NASCIMENTO-CARVALHO, C. M. Antibioticoterapia ambulatorial como fator de indução da resistência bacteriana: uma abordagem racional para as infecções de vias aéreas. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 82, n. 5, supl. p. 146-152, nov. 2006.

PEDERSEN, S. E. *et al.* Global strategy for the diagnosis and management of asthma in children 5 years and younger. **Pediatric Pulmonology**, v. 46, n. 1 p. 1-17, 2011.

PINTO, J. R.; SILVA, I. C. **Programa Nacional para as Doenças Respiratórias**. Manual para abordagem da sibilância e asma em idade pediátrica. Governo de Portugal: Ministério da Saúde, 2014.

PINTO, L. A.; STEIN, R. T.; RIBEIRO, J. D. Associação genética da asma e da sibilância induzida por vírus: uma revisão sistemática. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 35, n. 12, 2009.

PINTO, L.; STEIN, R. T.; KABESCH, M. O impacto da genética na asma infantil. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro; Porto Alegre, v. 84, n. 4, supl., p. 68-75, ago. 2008.

PIZZICHINI, M. M. M. *et al.* Recomendações para o manejo da asma da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia – 2020. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 46, n. 1, p. e20190307, 2020.

REIS, F. C. Asma: fatores de risco. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 73, p.151-160, 1997.

RIBEIRO, F. *et al.* Prescrição de antibióticos em um Departamento de Emergência Pediátrica de um hospital de nível II da Região Central. **Nascer e Crescer – Jornal Médico de Nascimento e Crescimento**, v. 22, n. 4, p. 216-219, 2013.

RISNES, K. R. *et al.* Antibiotic exposure by 6 months and asthma and allergy at 6 years: findings in a cohort of 1,401 us children. **American Journal of Epidemiology**, v. 173, n. 3, p. 310-318, Feb. 2011.

SANTANA, J. C. B.; MENNA BARRETO, S. S.; CARVALHO, P. R. A. Fatores associados com asma aguda grave na infância: aspectos epidemiológicos e clínicos. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 73, N. 5, p. 324-334, 1997.

SCALABRIN, D.M. *et al.* Efficacy and side effects of beta 2-agonists by inhaled route in acute asthma in children: comparison of salbutamol, terbutaline, and fenoterol. **Journal of Asthma**, v. 33, n. 6, p. 407-415, 1996.

SHEIKH, S. *et al.* Lung function in infants with wheezing and gastroesophageal reflux. **Pediatric Pulmonology**, v. 27, n. 4, p. 236-241, 1999.

SOLÉ, D. *et al.* A asma na criança: classificação e tratamento. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 74, Supl. 1, p. 48-58, 1998.

SOUSA, C. A. *et al.* Prevalência de asma e fatores associados: estudo de base populacional em São Paulo, SP, 2008-2009. **Revista de Saúde Pública**, v. 46, n. 5, p. 825-833, 2012.

SPORIK, R.; HOLGATE, S. T.; COGWELL, J. J. Natural history of asthma in childhood: a birth cohort study. **Archives of Disease in Childhood**, v. 66, n. 9, p. 1050-1053, Sept. 1991.

STIRBULOV, R.; BERND, L. A. G.; SOLÉ, D. IV Diretrizes Brasileiras no Manejo da ASMA. **Revista Brasileira de Alergia e Imunopatologia**, v. 29, n. 5, p. 222-245, 2006.

SUISSA S. *et al.* A cohort analysis of excess mortality in asthma and the use of inhaled beta-agonists. **American Journal of Respiratory and Critical Care Medicine**, v. 149, n. 3, p. 604-610, 1994.

TABACHNIK, E.; LEVISON, H. Infantile bronchial asthma. **Journal of Allergy and Clinical Immunology**, v. 67, p. 339-347, 1981.

TEBET, E. N. **Pesquisa de refluxo gastroesofágico através da phmetria intraesofágica de 24 horas em crianças asmáticas.** Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2000.

TEIXEIRA, B. C. *et al.* Refluxo gastroesofágico e asma na infância: um estudo de sua relação através de monitoramento do pH esofágico. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro; Porto Alegre, v. 83, n. 6, p. 535-540, dez. 2007.

TENROLLER, C. A. **Asma e atividade física em crianças**. Monografia (Especialização em Saúde Coletiva) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2004.

TRINCA, M. A.; BICUDO, I. M. P.; PELICIONI, M. C. F. A interferência da asma no cotidiano das crianças. **Journal of Human Growth and Development**, v. 21, n. 1, p. 70-84, 2011.

ULRIK, C. S. *et al.* Risk factors for development of asthma in children and adolescents: findings from a longitudinal population study. **Respiratory Medicine**, v. 90, n. 10, p. 623-630, 1996.

VIEGAS, C. A. de A. Tabagismo e controle da asma brônquica. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, São Paulo, v. 35, n. 3, mar. 2009.

Recebido: 10.05.2021

Aceito: 04.08.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

FUNCIONAMENTO DO GRUPO DE CORRIDA PAPA-LÉGUAS NA PANDEMIA

FUNCTIONING OF THE PAPA-LÉGUAS RUNNING GROUP IN PANDEMIC

FUNCIONAMIENTO DEL GRUPO DE CARRERAS PAPA-LÉGUAS EN LA PANDEMIA

Gabriel Pinzon¹

Lucas Lopes dos Reis²

Ricardo Siqueira de Oliveira³

Thayana Amorim Berenguel⁴

Natã José Ayres Christoni⁵

Rui Gonçalves Marques Elias⁶

Resumo: O cenário atual da Pandemia da Covid-19 exige cada vez mais a aquisição de um estilo de vida saudável, principalmente quanto à prática de atividade física. Uma das atividades com maior número de adeptos nesse período, devido sua praticidade foi a corrida de rua, que obteve mudanças, principalmente, na dinâmica dos grupos de corrida. Praticar exercícios físicos mesmo com o isolamento social, se tornou o grande desafio da população mundial, tendo em vista que o modelo de entrega dessas atividades passou a ter um novo formato. Dentro desse panorama, nota-se a importância evidenciada da prática de exercício físico para aquisição de níveis ideais de saúde e também formatação adequada do método de treinamento para atividades *online*. O presente artigo busca apresentar a proposta de intervenção e resultados do alcance do Grupo de Corrida Papa-léguas durante a Pandemia da Covid-19. O grupo utilizou as redes sociais *Youtube*, Plataforma do *Google Meet*, *Facebook* e aplicativos *WhatsApp* e

¹ Graduando de Educação Física, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *Campus* de Jacarezinho, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7030-9885> E-mail: gabriel.pinzon.mt@hotmail.com

² Mestrando em Ciências do Movimento Humano, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *Campus* de Jacarezinho, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5458-2657> E-mail: lucasuenp@outlook.com

³ Mestrando em Ciências do Movimento Humano, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *Campus* de Jacarezinho, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0755-7632> E-mail: ricardo.profissional.edfisica@gmail.com

⁴ Mestranda em Ciências do Movimento Humano, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *Campus* de Jacarezinho, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2244-0993> E-mail: thayana.berenguel@gmail.com

⁵ Graduando de Educação Física, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *Campus* de Jacarezinho, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4936-3446> E-mail: nachristoni@outlook.com

⁶ Doutor em Educação Física. Professor do curso de Educação Física, na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *Campus* de Jacarezinho, Paraná, Brasil. Coordenador do Projeto de extensão Papa-léguas, Jacarezinho, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0040-8212> E-mail: rgmelias@uenp.edu.br

Strava. Por meio de videoaulas, palestras, mensagens e prática de desafio, os professores e bolsistas envolvidos no projeto de extensão mantiveram suas atividades, desenvolveram conhecimento acadêmico e alcançaram um maior público. O *Youtube* apresentou 1.473 visualizações nos vídeos; o *Facebook* abrangeu 120 contas alcançadas; a plataforma *Google Meet* apresentou média de 10 participantes no treinamento *online* e o *Strava* apresentou 119 participantes do desafio de 120 km em 40 dias. O Projeto de Extensão Papa-léguas apresentou um excelente retrospecto mesmo durante o isolamento social.

Palavras-chave: Coronavírus. Atividade Física. Estilo de Vida.

ABSTRACT: *The current scenario of the Covid-19 Pandemic has increasingly demanded the acquisition of a healthy lifestyle, especially when it comes to physical activity. One of the activities with the greatest number of fans in this period, due to its practicality was street running, which obtained changes mainly in the dynamics of the running groups. Practicing physical exercises even with social isolation, has become the great challenge of the world population, considering that the model of delivery of these activities has taken on a new format. Within this panorama, it is noted the importance of the practice of physical exercise for the acquisition of ideal health levels and also adequate formatting of the training method for online activities. The present article seeks to present the intervention proposal and results of the reach of the Road Runner Group during the Covid-19 Pandemic. The group used the social networks Youtube, Google Meet Platform, Facebook and Whatsapp and Strava applications. Through videos, lectures, messages and challenging practices, the professors and fellows involved in the extension project, maintained their activities, developed academic knowledge and reached a wider audience. Youtube presented 1473 views in the videos, Facebook covered 120 accounts reached, Google Meet platform presented an average of 10 participants in the online training and Strava presented 119 participants of the 120km challenge in 40 days. The Papa-léguas extension project presented an excellent retrospect even during social isolation.*

Keywords: *Coronavirus. Physical Activity. Lifestyle.*

Resumen: *El escenario actual de la pandemia Covid-19 requiere cada vez más la adquisición de un estilo de vida saludable, especialmente en lo que respecta a la práctica de actividad física. Una de las actividades con mayor número de adherentes en este período, por su practicidad, fue el street running, que tuvo cambios principalmente en la dinámica de los grupos de corredores. La práctica de ejercicio físico incluso con aislamiento social se ha convertido en un gran desafío para la población mundial, dado que el modelo de ejecución de estas actividades ha adquirido un nuevo formato. Dentro de este panorama, se destaca la importancia de la práctica del ejercicio físico para la adquisición de niveles ideales de salud, así como el correcto formateo del método de entrenamiento para las actividades en línea. Este artículo busca presentar la propuesta de intervención y los resultados del alcance del Grupo Roadrunner durante la Pandemia Covid-19. El grupo utilizó las redes sociales Youtube, Google Meet Platform, Facebook y las aplicaciones WhatsApp y Strava. A través de videoclases, conferencias, mensajes y prácticas desafiantes, los profesores y becarios involucrados en el proyecto de extensión mantuvieron sus actividades, desarrollaron conocimientos académicos y alcanzaron una audiencia más amplia. Youtube tuvo 1473 visitas en los videos, Facebook alcanzó 120 cuentas, la plataforma Google Meet tuvo un promedio de 10 participantes en la capacitación en línea y Strava tuvo 119 participantes del desafío de 120 km en 40 días. El proyecto de extensión Road Runner presentó un excelente historial incluso durante el aislamiento social.*

Palabras clave: *Coronavirus. Actividad física. Estilo de vida.*

Introdução

Atualmente, passamos por um momento muito delicado em nosso país e no mundo, a pandemia está se prolongando e apresentando um inesperado desafio à saúde pública, e a cada dia que passa torna-se mais importante manter os hábitos saudáveis de algum tipo de atividade física. A prática regular de atividade física gera melhores respostas imunológicas a infecções, diminui inflamações crônicas de baixo grau e melhora os marcadores imunológicos (KRINSKI, 2010) e inflamatórios em vários estados de doenças, doenças cardiovasculares (LIN, 2016). Não apenas a prática de atividade física regular traz benefícios para saúde, mas também evitar atividades que priorizam o comportamento sedentário, como muitas horas sentado, com exceção das horas sono (TREMBLAY, 2017).

Os benefícios da atividade física ou exercício físico sobre a saúde cardiovascular e metabólica estão diretamente ligados com o estilo de vida, os indivíduos engajados em programas de treinamento apresentam uma melhora nesses dois quadros. Um ponto importante é não frisar o tipo de atividade física realizada, seja esportes, exercícios planejados, corrida, trabalhos domésticos ou de jardinagem ou tarefas ocupacionais são todos benéficos. O fator indicativo é o gasto total de energia que, se for constante, as melhorias na saúde e na forma física serão comparáveis (DELLA VALLE *et al.*, 2008). Por outro lado, a inatividade física promove condições negativas para o organismo, principalmente em condição de isolamento social, no contexto atual em que vivemos.

No entanto, a inatividade física associada ao isolamento social traz uma aceleração ao declínio das capacidades funcionais, redução da força muscular e aptidão cardiorrespiratória, dificultando o processo de reabilitação dos pacientes (WU; MCGOOGAN, 2020; BOWDEN DAVIES *et al.*, 2019). Curiosamente, uma sessão de exercício de intensidade moderada não neutraliza os efeitos prejudiciais de 4 dias de inatividade, sugerindo que os indivíduos podem se tornar resistentes a adaptações metabólicas bem conhecidas induzidas por exercícios (AKINS *et al.*, 2019).

O homem contemporâneo está sofrendo várias transformações, tanto psíquica quanto física, o que acaba gerando uma tendência a atividades hipocinéticas relacionadas à tecnologia e ao sedentarismo. Mesmo o impacto estilo de vida sedentário sendo menor em crianças, jovens e adultos, é muito decisivo quando se trata dos idosos, que são um grupo de risco e, muitas vezes, podem apresentar algum tipo de doença pulmonar crônica, diabetes, hipertensão ou até

mesmo obesidade, o que torna crucial a prática de exercícios ou atividades físicas durante o período de isolamento social (SALGADO, 2006).

No entanto, passar muito tempo em casa pode ser prejudicial a todos, pois intensificam comportamentos que contribuem para o sedentarismo, ansiedade, depressão entre outros problemas que podem afetar a todos. Por isso, é um papel importante para o nosso grupo contribuir para que a população seja elucidada sobre a redução do comportamento sedentário principalmente em momentos de isolamento. Foi demonstrado que é seguro treinar durante a pandemia do coronavírus, mas é preciso ter alguns cuidados específicos como, por exemplo, manter o distanciamento social; aumentar ainda mais a higiene pessoal e, também, pode ser apropriado o uso de máscaras durante o exercício, a fim de evitar a contaminação (ZHU, 2020).

Alguns estudos indicam que o exercício físico realizado com intensidade moderada tem efeitos positivos nas respostas do sistema imunológico contra infecções respiratórias virais, relacionando com diminuições nos episódios infecções do trato respiratório superior quando realizado regularmente em intensidades e volumes moderados (PEDERSEN; HOFFMAN-GOETZ, 2000; GLEESON; PYNE, 2000; GLEESON; WALSH, 2012; COUTO *et al.*, 2013; PRESTES *et al.*, 2006).

A corrida se encaixa perfeitamente nesse quadro e, atualmente, é uma das atividades ao ar livre mais recorrente em todo o mundo. Entende-se corrida como a forma de locomoção que requer uma coordenação de movimentos e, por se tratar de um modelo dinâmico de exercício, ajuda a trabalhar a manutenção da saúde, postura entre outros benefícios, além de ser um gesto motor aprendido nos primeiros anos de vida, pode ainda ser praticada em qualquer espaço e sem precisar de material específico sofisticado (EVANGELISTA, 2011).

O Projeto de Extensão em Caminhada e Corrida Papa-Léguas, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), vinculado ao curso de Educação Física, do Campus de Jacarezinho, existe desde 2017. Desde então, a realização do projeto possibilitou melhorias no condicionamento cardiovascular, melhoria no peso corporal dos participantes e muitas marcas pessoais foram superadas. Cada uma das cerca de 120 pessoas cadastradas no projeto atualmente possui uma história individual, mas objetivos, muitas vezes, comuns na busca por uma melhor qualidade de vida. E os esforços de cada um dos corredores contribuem também para a geração de conhecimento científico.

Além de oferecer bem-estar, qualidade de vida e maior desempenho aos participantes, as informações coletadas dos atletas do Papa-Léguas, que duas vezes por ano passam por

avaliações realizadas pelo projeto, servem para a produção de conhecimento. Ao todo, já foram realizadas sete monografias sobre o projeto, além de uma defesa de especialização e uma tese de doutorado.

Os treinos acontecem todas às segundas, quartas e sextas-feiras, a partir das 18 horas, na pista de corrida do Centro de Ciências da Saúde (CCS – antiga Faculdade de Educação Física – Faefija), do *Campus* Jacarezinho, da UENP. A comunidade é convidada a participar, o projeto é totalmente gratuito.

O Projeto Papa-léguas visa sempre a melhoria e manutenção nos componentes de saúde e bem estar dos participantes, pensando nisso a equipe profissional composta por 8 pessoas entre professores e bolsistas trabalha para desenvolver novas estratégias, a fim de dar continuidade as atividades do grupo mesmo em meio a essa pandemia e isolamento social incentivando e motivando os indivíduos a praticarem alguma atividade física de forma orientada, acompanhada, principalmente segura e consciente.

A prioridade do projeto de extensão é estimular a prática de atividades mesmo em momento de distanciamento social como estamos vivenciando, visando sempre à saúde dos indivíduos, alcançar um maior número de participantes, e que os sistemas de treinamento e desafios possam trazer uma esperança e sirva como uma forma de evitar o estresse causado pela pandemia. O objetivo deste trabalho é apresentar a relevância social, proposta de atividades, público atingido pelo Projeto de Extensão Papa-léguas durante a pandemia da Covid-19.

Metodologia

Os treinos do grupo de corrida, devido à pandemia, não estão ocorrendo de forma presencial, foi pensando nisso que o grupo Papa-léguas UENP desenvolveu estratégias de atividades para que a população atendida continue com a prática do treinamento aeróbio mesmo em isolamento social.

Utilizamos plataformas de rede social para atingir todos os participantes do grupo de corrida e os moradores de Jacarezinho e região. Um canal no *Youtube* foi criado com propósito de manter os treinamentos de fortalecimento dos participantes do grupo e novos interessados. Nesses treinamentos, um professor ou colaborador do projeto de extensão ministrava as aulas, demonstrando exercícios direcionados para manutenção e performance dos praticantes de corrida. O acesso era livre na plataforma para que todos interessados na temática de corrida

pudessem acessar em qualquer momento e em qualquer lugar. O canal possui diversos vídeos com conteúdo específico para o treinamento, desde exercícios funcionais, aquecimentos, alongamentos entre outros.

Os participantes desses programas de treinamento apresentavam de 16 a 55 anos de idade em média, todos corriam ou pretendiam iniciar com a prática de corrida de forma amadora. Para os participantes a corrida, era considerada como prática principal da rotina de treinamento, assim os vídeos contribuía de forma pontual para melhoria do condicionamento físico dos praticantes.

Foram disponibilizados vídeos específicos na plataforma de *Whatsapp* para a terceira idade e para a população que faz parte do grupo de risco, geralmente, que apresentava alguma comorbidade. As atividades se dividiam em alongamentos, fortalecimento geral, atividades de condicionamento cardiorrespiratório e relaxamento. O objetivo dos vídeos era buscar uma maior participação e integração dos indivíduos durante o momento de distanciamento social. Levando em consideração os tempos atuais, foi criado um grupo entre profissionais e bolsistas, a fim de combinar estratégias para motivação dos indivíduos. Reunimos esse grupo para pesquisar artigos científicos com o intuito de trazer informações para os participantes e facilitar a elaboração de treinos e atividades para a sociedade.

Realizamos um desafio a fim de promover a atividade física com nosso grupo, o desafio levou o nome de “Desafio da Quarentena”, tratava-se de uma corrida de rua, com o objetivo de percorrer 120 km em 40 dias. Foram entregues medalhas para os participantes que completaram o desafio, todos os bolsistas e profissionais ligados ao projeto mandavam mensagem para o público participante, visando sempre incentivar e motivar para que não se sentissem desestimulados.

Desenvolvemos um treinamento que ocorre em formato de *Live*, no *Google Meet*, toda segunda-feira, às 18 horas, para todos os participantes do grupo. Os professores e bolsistas fazem um treino ao vivo em que são realizados exercícios aeróbicos e funcionais com uma duração de 45 a 55 minutos, contando com aquecimento, treino para membros superiores, inferiores e alongamentos.

Realizamos também uma *live*, via *Google Meet*, em que foram abordados tópicos como o cenário atual da Covid-19, a importância e os efeitos do exercício físico sobre a prevenção da doença e como funciona a prescrição de exercícios durante a pandemia. A *live* serviu como um meio de conscientização e interação do grupo.

Contamos com uma palestra ministrada pela nutricionista Claudia Coimbra, pós-graduada em Nutrição Clínica e Nutrição Esportiva, a palestra foi muito interativa, houve muitas perguntas em que foram abordados temas como nutrição esportiva, algumas dicas sobre o equilíbrio energético e estratégias alimentares durante a quarentena. Também, tivemos uma palestra com o *personal trainer* Rafael Miyamoto, *Coach* na academia *The Orange Theory*, atualmente, residente em Dublin, Ohio, nos EUA. Nessa palestra, tivemos um *feedback* sobre os níveis de atividade física nos Estados Unidos, foram relatados os meios em que o governo tratou da atividade física no país e como a população estava lidando com os treinos durante a pandemia. O palestrante Miyamoto relatou que a população estava realizando atividades físicas nas ruas, de uma forma mais isolada, na maioria das vezes acompanhado por apenas uma pessoa, mas as atividades ainda estavam ocorrendo. Relatou, ainda, que os níveis de atividade estavam baixos e que as academias, nas quais ele trabalhava, estavam fechadas, e as pessoas que ainda realizavam atividades, faziam isso da forma mais isolada possível.

Resultados

As atividades desenvolvidas alcançaram um grande número de interação com a população, foram utilizadas redes sociais como *Youtube* e *Strava* para o controle dos quilômetros dos integrantes durante o desafio, e *Facebook* e *Google Meet* para a divulgação e realização dos treinamentos, como constam a Tabela 1.

Tabela 1 – Redes sociais

Redes Sociais	Finalidade	Visualizações/Alcance
<i>Youtube</i>	Vídeo aulas	1.473
<i>Facebook</i>	Divulgação	120
<i>Google Meet</i>	Treinamento ao vivo	10
<i>Strava</i>	Desafio	119

Fonte: Elaborada pelos autores.

A relação entre atividade física e saúde, tanto física quanto mental, estão conectadas e tem como função uma manutenção desses quesitos, o que torna importante as ações realizadas pelo grupo para com a sociedade. A prática da corrida é fundamental para manter a capacidade

neurológica saudável, mesmo com o avançar da idade, pois além de melhorar o condicionamento físico, a prática regular de exercícios e atividades físicas também aumenta a capacidade cognitiva, diminui os níveis de ansiedade, estresse e contribui na elevação da autoestima (BELMIRO; NAVARRO, 2016; PEDERSEN; SALTIN, 2015).

Nossas publicações teve um alcance em toda a região, atualmente, possuímos em média 56,4% do público feminino e 43,6% do público masculino; a faixa etária fica entre 18 e 55 anos de idade, consideramos um resultado muito positivo, pois mostra que estamos conseguindo alcançar todas as faixas de idade, ademais, ser uma página para todos os tipos de participantes sempre foi uma das prioridades para o Grupo Papa-léguas.

O desafio realizado pelo Grupo Papa-léguas, no ano de 2020, apresentou uma importante aderência dos participantes, dentre os 119 participantes, 64 indivíduos também faziam parte do Grupo de Corrida Papa-léguas o que representa 53,8% dos corredores do grupo. Os participantes apresentavam a faixa etária entre 16 e 55 anos de idade. O público feminino teve maior participação do desafio com 62 mulheres corredoras (52,1%), enquanto os homens atingiram 57 participantes (47,9%), conforme a Tabela 2, a seguir.

Tabela 2 – Características dos participantes

Número de indivíduos: 119	Masculino: 57 (47,9%)	Feminino: 62 (52,1%)
Grupo de corrida: 64	Total participantes: 53,8 %	Idade: 16 a 55 anos

Fonte: Elaborada pelos autores.

O desafio também alcançou várias cidades dos estados do Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Rio de Janeiro, conforme Tabela 3. Isso demonstra a eficiência do grupo em divulgar o projeto, além de proporcionar uma experiência diferenciada aos participantes, o objetivo maior do projeto de extensão foi atingido em incentivar e promover saúde mesmo durante o período de pandemia e isolamento social.

Tabela 3 – Cidades participantes

Estados	Paraná	Nº	São Paulo	Nº	Mato Grosso do Sul	Nº	Rio de Janeiro	Nº
Cidades	Jacarezinho	66	Ipaussu	03	Campo Grande	01	Resende	01
	Barra do Jacaré	01	Itatinga	02				
	Barão de Antonina	01	Mogi das Cruzes	02				
	Cambará	03	Ourinhos	02				
	Carlópolis	01	Piraju	02				
	Curitiba	01	Santa Cruz do Rio Pardo	01				
	Ibaiti	05	São Paulo	01				
	Jaguariaíva	02						
	Japira	03						
	Londrina	01						
	Maringá	05						
	Pinhalão	03						
	Santo Antônio da Platina	12						

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os participantes realizaram as atividades em diferentes localidades, o que denota a praticidade e a facilidade de adaptação de qualquer local para a prática de corrida de rua, conforme demonstrado na Tabela 4.

Tabela 4 – Ambiente em que realizaram o desafio

Locais	%	Deslocamento	%	Companhias	%
Ruas próximas de casa	54,9%	Caminhando	84,5%	Sozinho	53,5%
Avenidas	25,4%	Carro	9,9%	Até 2 amigos	25,4%
Estradas rurais	6%	Correndo	5,6%	Até 2 familiares	12,7%
Casa, academias, parques, rodovias	13,7%			Mais de 2 amigos/familiares	8,4%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Discussão dos resultados

O presente trabalho teve como objetivo apresentar a relevância social, proposta de atividades, público atingido pelo Projeto de Extensão Papa-léguas durante a pandemia da Covid-19. Por meio de atividades bem organizadas, o Projeto de Extensão demonstrou um importante impacto na prática de atividade física de toda região do norte pioneiro do Paraná e também expandiu para outros estados. O incentivo de prática de atividade física foi absolutamente essencial para que os participantes pudessem continuar com a prática habitual de exercícios físicos, mantendo o condicionamento físico e aumentando o efeito de proteção que o exercício praticado de forma crônica promove ao seu praticante. As atividades *online* possibilitaram que muitos outros participantes ingressassem nas atividades do Projeto de Extensão, uma vez que, o alcance e divulgação em mídias sociais engajaram mais o público específico de corredores.

O cenário atual de alta contaminação do novo coronavírus modificou de maneira expressiva o comportamento da população mundial em relação a todas as rotinas, principalmente a rotina de treinos das diversas modalidades físicas (OLIVEIRA NETO *et al.*, 2020). Isso exigiu uma severa mudança na forma de ministrar os treinos por parte dos profissionais de Educação Física.

Devido à pandemia, muitos profissionais de Educação Física tiveram que reinventar a prática clínica e a forma de intervenção profissional presencial se tornou limitada por conta do isolamento social. A Internet se tornou o principal meio de comunicação entre treinadores e corredores, através de plataformas específicas para transmitir treinamentos individuais ou coletivos (CAVALCANTE, 2020).

Esse desafio de transformar as aulas presenciais em vídeos *online* já é uma prática constante do Grupo de Extensão Papa-léguas. O grande diferencial foi que os colaboradores do projeto sempre exploraram com grande maestria as possibilidades para ensinar com uma boa didática as aulas de treinamento, assim os participantes das *lives* de treinamento *online*, se mantinham motivados e não deixavam de participar desses importantes momentos, que além de ser o momento de exercitarem, eles poderiam rever companheiros de corrida, mesmo de forma não presencial.

A prática de exercícios remota permite que o praticante escolha qual local realizar o treinamento, isso preconiza uma maior autonomia para o praticante escolher um local que se

sinta à vontade. Os exercícios no ambiente domiciliar ou ao ar livre podem ser igualmente eficazes como a utilização de plataformas de exercícios *online* neste período (SIMPSON; KATISANIS, 2020).

Acredita-se que os participantes, de forma geral das atividades, obtiveram melhoria nos componentes da aptidão física aeróbia, além de melhorar, também, a resposta imunológica do sistema imune. Uma vez que a prática regular de exercícios físicos é capaz de fortalecer o sistema imunológico, inclusive diminuindo a incidência de doenças transmissíveis como as infecções virais (CAMPBELL; TURNER, 2018).

Os resultados apresentados demonstram o quanto foi eficiente as intervenções do Projeto de Extensão Papa-léguas mesmo durante o período da Pandemia. Vale ressaltar o esforço e dedicação dos colaboradores do Projeto que se mantiveram atualizados e viram na dificuldade uma oportunidade de criar uma forma de acompanhamento de treino remoto. Além de todos os benefícios que já são conhecidos da prática de treinamento, os participantes puderam contar com a dedicação, o acolhimento e a seriedade de toda equipe Papa-Léguas frente à organização das atividades.

Conclusão

Os treinos e os desafios propostos com a intenção de motivar e incentivar os participantes ajudaram a mantê-los ativos de uma maneira segura durante a pandemia, tirando do estado de sedentarismo. Com a ajuda das mídias sociais, conseguimos alcançar um maior número de pessoas participando do grupo, o desafio foi realmente motivador, teve um papel importante desde a manutenção da prática de atividade física à integração dos participantes.

Assim, o objetivo de manter o grupo ativo durante a pandemia foi alcançado, com a plataforma *Youtube*, conseguimos montar e desenvolver treinos aeróbicos e postamos também vídeos para a população idosa, visando sempre à integração de todos os grupos da sociedade.

Durante os treinos e desafios, a equipe entrou em contato com todos os participantes e colaboradores via grupos de *Whatsapp* com estratégias para incentivá-los à realização de alguma prática esportiva. A recepção e abordagem de todos com a equipe foi muito receptiva e, no decorrer de toda a pandemia, foi de grande aprendizado para toda equipe de profissionais e bolsistas, que buscaram estudar artigos científicos e revistas tendo em vista sempre buscar a melhor maneira de desenvolver os trabalhos proposto pelo Projeto de Extensão Papa-léguas.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os profissionais e bolsistas do Projeto de extensão Papa-léguas UENP, da Fundação Araucária, Universidade Estadual do Norte do Paraná e Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, pelo apoio dado ao Projeto.

Referências

- AKINS, J. D. *et al.* Inactivity induces resistance to the metabolic benefits following acute exercise. **Journal of Applied Physiology**, v. 126, n. 4, p. 1088-1094, 2019.
- BELMIRO, W.; NAVARRO, A. Os efeitos do treinamento intervalado de alta intensidade para o emagrecimento. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v.10, n. 59, p. 224-230, 2016.
- BOWDEN DAVIES, K. A. *et al.* Reduced physical activity in young and older adults: metabolic and musculoskeletal implications. **Therapeutic Advances in Endocrinology and Metabolism**, v. 10, 2019.
- CAMPBELL, J. P.; TURNER, J. E. Debunking the myth of exercise-induced immune suppression: redefining the impact of exercise on immunological health across the lifespan. **Frontiers in immunology**, v. 9, 2018.
- CAVALCANTE, F. M. R. **Exercício físico durante a pandemia da Covid 19: dificuldades e novas possibilidades**. 2020. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Centro Universitário Fametro, Fortaleza, 2020.
- COUTO, M.; SILVA, D.; DELGADO, L.; MOREIRA, A. Exercise and airway injury in athletes. **Acta Médica Portuguesa**, v. 26, n. 1, p. 56-60, 2013.
- DELLA VALLE, E.; GRIMALDI, R.; FARINARO, E. Importance of physical activity for prevention of chronic diseases. **Annali di Igiene: Medicina Preventiva e di Comunità**, v. 20, n. 5, p. 485-493, 2008.
- EVANGELISTA, A. L. **Treinamento de força e flexibilidade aplicado à corrida de rua: uma abordagem prática**. São Paulo: Phorte, 2011.
- GLEESON, M.; PYNE, D. B. Exercise effects on mucosal immunity. **Immunology and Cell Biology**, v. 78, n. 5, p. 536-544, 2000.
- GLEESON, M.; WALSH, N. P. The bases expert statement on exercise, immunity, and infection. **Journal of Sports Sciences**, v. 30, n. 3, p. 321-324, 2012.
- KRINSKI, K. *et al.* Efeitos do exercício físico no sistema imunológico. **Revista Brasileira de Medicina**, v. 67, n. 7, jul. 2010.

LIN, X. *et al.* Lazer atividade física e saúde cardio-metabólica: resultados do estudo longitudinal brasileiro de saúde adulta (ELSA-Brasil). **Journal of the American Heart Association**, v. 5, n. 6, jun. 2016.

OLIVEIRA NETO, L. *et al.* TreineEmCasa–Treinamento físico em casa durante a pandemia do COVID-19 (SARS-CoV-2): abordagem fisiológica e comportamental. **Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício**, v. 19, n. 2 supl., p. S9-S19, 2020.

PEDERSEN, B. K.; HOFFMAN-GOETZ, L. Exercise and the immune system: regulation, integration, and adaptation. **Physiological Reviews**, v. 80, n. 3, p. 1055-1081, Jul. 2000.

PEDERSEN, B. K; SALTIN, B. Exercise as medicine—evidence for prescribing exercise as therapy in 26 different chronic diseases. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, v. 25, p. 1-72, 2015.

PRESTES, J.; FOSCHINI, D.; DONATTO, F. F. Efeitos do exercício físico sobre o sistema imune. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 3, n. 7, p. 57-65, 2006.

SALGADO, J. V. V; MIKAIL, M. P. T. C. Corrida de rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes. **Conexões**, v. 4, n. 1, p. 90-98, 2006.

SIMPSON, R. J.; KATSANIS, E. The immunological case for staying active during the COVID-19 pandemic. **Brain, Behavior and Immunity**, v. 87, p. 6-7, Jul. 2020.

TREMBLAY, M. S. *et al.* Sedentary behavior research network (SBRN) – Terminology consensus project process and outcome. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 14, n. 1, p. 1-17, 2017.

WU, Z.; MCGOOGAN, J. M. Characteristics of and important lessons from the coronavirus disease 2019 (COVID-19) outbreak in China: summary of a report of 72 314 cases from the Chinese Center for Disease Control and Prevention. **Jama**, v. 323, n. 13, p. 1239-1242, 2020.

ZHU, W. Should, and how can, exercise be done during a coronavirus outbreak? An interview with Dr. Jeffrey A. Woods. **Journal of Sport and Health Science**, v. 9, n. 2, p. 105-107, Mar. 2020.

Recebido: 14.05.2021

Aceito: 04.08.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**A LITERATURA NO ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA:
DIÁLOGOS NO COMMUNICATION CAFÉ**

***LITERATURE IN THE TEACHING OF ENGLISH AS A FOREIGN LANGUAGE:
DIALOGUES HELD AT COMMUNICATION CAFÉ***

***LITERATURA EN LA ENSEÑANZA DEL INGLÉS COMO LENGUA EXTRANJERA:
DIÁLOGOS EN COMUNICACIÓN CAFÉ***

Ana Ketilly Manhães Magalhães¹

Alice Vasconcelos Silva²

Clarissa Costa e Silva³

Fernando Gonçalves de Souza Neto⁴

Mateus Freire Santana Silva⁵

Resumo: Este estudo discute o papel da literatura no ensino de inglês como língua estrangeira, em especial, no tocante a como esta pode auxiliar estudantes em seus processos de aprendizagem. Este trabalho surge como resultado de reflexões tecidas nas disciplinas de Literatura Inglesa e Norte-Americana e no projeto de extensão *Communication Café*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus* Vitória da Conquista. Neste estudo, a partir das experiências (de leitura, produção e/ou reflexões de textos literários) vivenciadas nestes dois contextos, traçamos um paralelo entre a importância da literatura e as formas de a incorporarmos ao processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa. Pensar o lugar da literatura no ensino de inglês como língua estrangeira abre portas para um possível diálogo

¹ Discente do curso de graduação em Letras Modernas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. O

rcid: <https://orcid.org/0000-0003-2512-9639> E-mail: 201710703@uesb.edu.br

² Discente do curso de graduação em Letras Modernas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3679-8961> E-mail: 201710354@uesb.edu.br

³ Mestre em Linguística Aplicada. Professora Assistente de Língua Inglesa, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5118-9198> E-mail: clarissa.costa@uesb.edu.br

⁴ Discente do curso de graduação em Letras Modernas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6033-3104> E-mail: 201710590@uesb.edu.br

⁵ Discente do curso de graduação em Letras Modernas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0826-7538> E-mail: 201710364@uesb.edu.br

interdisciplinar. Ainda, permite-nos uma leitura crítica de nossa trajetória humana, considerando a intrínseca relação entre literatura e sociedade (GOMES, 2009). A análise que apresentamos é fundamentada em uma perspectiva qualitativa de pesquisa, na qual a compreensão subjetiva e crítica dos autores (professora coordenadora do projeto e discentes do curso de Letras Modernas) ocupa lugar central (CONNELLY; CLANDININ, 2000). Este estudo poderá interessar a estudantes, professores e admiradores das várias facetas da língua inglesa.

Palavras-chaves: Literatura. *Communication Café*. aprendizagem. Interdisciplinaridade.

Abstract: *This study discusses the role of literature in the teaching of English as a foreign language, especially, in terms of how it can help students in their learning process. This work comes as a result of reflections woven from English and North-American Literature classes and conversations held at Communication Café extension project, from Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitoria da Conquista Campus. In this study, based on the experiences (of reading and discussing literary texts) shared in both contexts – in the classes and in the project – we establish a parallel between the importance of literature and the ways to including it into the teaching of English as a foreign language. Thinking about the place of literature in the teaching of English as a foreign language opens doors to an interdisciplinary dialogue. Yet, it allows us a critical reading of our paths as humans, considering the intrinsic relationship between literature and society (GOMES, 2009). The analysis presented through this study is supported by a qualitative research perspective, in which the authors' subjectivity and critical understanding take a central place (CONNELLY; CLANDININ, 2000). This study may interest students, teachers and admirers of the various layers of the English language.*

Keywords: Literature. *Communication Café*. learning. Interdisciplinary.

Resumen: *Este estudio analiza el papel de la literatura en la enseñanza del inglés como lengua extranjera, especialmente en cuanto a cómo puede ayudar a los estudiantes en sus procesos de aprendizaje. Este trabajo surge como resultado de reflexiones tejidas en las disciplinas de la literatura inglesa y norteamericana y en el proyecto de extensión Communication Café, en la Universidad Estatal del Sudoeste de Bahía, Campus Vitória da Conquista. En este estudio, a partir de experiencias (leer, producir y / o reflexionar sobre textos literarios) vividas en estos dos contextos, trazamos un paralelo entre la importancia de la literatura y las formas de incorporarla al proceso de enseñanza y aprendizaje de la lengua inglesa. Pensar en el lugar de la literatura en la enseñanza del inglés como lengua extranjera abre las puertas a un posible diálogo interdisciplinario. Aun así, nos permite una lectura crítica de nuestra trayectoria humana, considerando la relación intrínseca entre literatura y sociedad (GOMES, 2009). El análisis que presentamos se basa en una perspectiva de investigación cualitativa, en la que la comprensión subjetiva y crítica de los autores (profesor coordinador del proyecto y estudiantes del curso de Letras Modernas) ocupa un lugar central (CONNELLY; CLANDININ, 2000). Este estudio puede interesar a estudiantes, profesores y admiradores de las diversas facetas del idioma inglés. Faltan resultados y conclusiones.*

Palabras clave: Literatura. *Café de la comunicación*. Aprendizaje. Interdisciplinariedad.

Introdução

Este trabalho busca discutir o papel da literatura no ensino de inglês como língua estrangeira e as possibilidades que esta junção oferece, com base em reflexões tecidas durante as disciplinas de Literatura Inglesa, Norte-Americana e nos encontros do Projeto de Extensão *Communication Café*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Por meio da experiência de leitura e discussão de textos literários, percebemos a riqueza e a importância destes como recursos valiosos a serem incorporados ao processo de ensino e aprendizagem de inglês, a partir desta percepção, nos indagamos sobre duas questões, as quais abordamos neste estudo: 1. Qual a importância da literatura na aprendizagem de inglês? 2. Quais são algumas formas de a integrarmos ao ensino de inglês?

A partir das reflexões da professora das disciplinas de Literatura Inglesa e Norte-Americana, coordenadora do Projeto de Extensão *Communication Café*, e dos discentes do curso de Letras Modernas, os quais cursaram essas disciplinas e participaram dos encontros do projeto, desenhamos uma análise crítica a fim de dar voz as nossas experiências e as percepções sobre essas questões levantadas. Este trabalho se justifica, dentre outras razões, pela possibilidade de explorarmos esse possível diálogo entre literatura e aprendizagem de inglês. Além disso, por propor que futuros professores e professores de inglês (re)pensem o lugar e papel que a literatura pode ocupar em suas salas de aula, afinal, será que criamos espaços para a literatura da língua alvo em nossas aulas? E, caso não façamos isso, como podemos iniciar? Essas são questões relevantes para o campo de estudos linguísticos e literários, bem como para a área de ensino e aprendizagem de inglês como língua estrangeira, uma vez que propõem que avaliemos nossas escolhas e práticas docentes, a fim de buscarmos potencializar as oportunidades de aprendizagem de nossos alunos.

Segundo Freire (1996), as escolhas que fazemos, enquanto educadores, devem se traduzir em atitudes responsáveis, conscientes, críticas e otimistas. Portanto, os conteúdos abordados em classe não deverão ser neutros ou distantes da realidade dos alunos, pelo contrário, estes conteúdos deverão dizer sobre esse aluno, informá-lo sobre a sociedade e formá-lo para atuar ativamente nesta. Apenas por meio desta dinâmica, segundo Freire (1996), contribuiremos para uma formação cidadã, em que um indivíduo integra a sociedade e a modifica, caso considere necessário. Esta maneira de pensarmos o processo de ensino, muitas vezes classificada como política, libertadora ou inovadora nada mais é do que um clamor para

que confirmamos a devida atenção a cada elemento ao nosso redor, e possamos utilizá-los como ferramentas valiosas no processo de ensino e aprendizagem.

Esse exercício de pensarmos sobre nossa realidade e sobre suas potencialidades para o processo de ensino traz à tona a necessidade de olharmos para a nossa história, o que sabemos e o que temos disponível sobre esta. Um dos canais, pelo qual podemos acessar esse conhecimento e buscarmos compreender mais sobre nossa história, é o dos textos literários, que se referem a todos os gêneros textuais (de ficção ou não) produzidos pela literatura, no caso deste estudo, a Literatura Inglesa e Norte-Americana. A partir destes textos, podemos ter acesso as histórias de um determinado lugar ou contexto, de um determinado indivíduo ou grupo de indivíduos, dos sentimentos, emoções, condições econômicas, políticas, sociais, culturais, psíquicas, que delineiam uma situação ou um momento ou período histórico. Os textos literários, conforme discute Hişmanoğlu (2005), oferecem um mar de histórias que podemos conhecer, explorar e compor sentidos a partir do que sabemos e podemos aprender.

Neste estudo, o contato que tivemos com os textos que compõem a Literatura Inglesa e Norte-Americana nos ofereceu uma série de histórias e possibilidades. No Projeto de Extensão *Communication Café*, este contato ocorreu pela troca de informações entre os participantes, em que cada um sugeria uma referência de leitura, compartilhava um texto/livro ou discutia sobre os sentidos de algo lido nos encontros (poemas, romances, narrativas, etc.).

Nas disciplinas de Literatura Inglesa e Norte-Americana, o contato com os textos literários se deu pelas leituras propostas para estas disciplinas: 1. livros teórico-descritivos, sobre os períodos e autores-chave; 2. romances selecionados; 3. poesias; 4. pequenos contos; 5. imagens/vídeos, disponíveis em *websites* de museus/institutos que difundem recortes dessas literaturas.

Nas disciplinas e nas conversas no *Communication Café*, aprendemos que as histórias diziam sobre a trajetória humana de um povo ou grupo de povos: os escritores expunham suas descrições/produções acerca de suas percepções, sentimentos, descobertas, aventuras, conflitos, batalhas e sonhos. Também, as histórias nos informaram sobre como a Inglaterra e os Estados Unidos cresceram, se tornaram independentes e se desenvolveram nas potências econômicas que hoje conhecemos. Ainda, as histórias contavam sobre as pessoas que habitavam essas nações, como viviam ou vivem, encaram suas realidades em transformação, revelando sentimentos e ambições.

De um modo geral, podemos afirmar que as histórias advindas dessas visitas que fizemos a Literatura Inglesa e Norte-Americana em sala de aula e no projeto de extensão são muitas e diversas, nos ensinaram sobre lugares, situações, sentimentos, pessoas e, principalmente, sobre nós mesmos. Afinal de contas, como seres humanos sociais e complexos, a nossa realidade é mista e, ao mesmo tempo, homogênea, uma vez que fazemos parte de um mesmo espaço que, apesar de dividido por fronteiras geográficas, linguísticas e marcado por diferenças sócio-históricas e culturais, nos unimos em nossa condição humana. Segundo Crystal (2003), é importante que nós, professores, saibamos que o inglês que conhecemos hoje ocupa lugar de destaque no mundo por conta de uma série de fatores históricos importantes. Ainda, segundo Foucault (1977), não podemos pensar em língua sem pensarmos sobre o “poder” que esta exerce no mundo, afinal, nenhuma língua ocupa lugar de destaque sem razões político-econômicas marcadas e construídas. Por esses motivos listados aqui, acreditamos que a discussão sobre a inclusão de textos literários em nossas aulas de inglês merece atenção de pesquisadores e de professores. Voltamos a afirmar a profunda conexão entre literatura e sociedade, como uma está ligada a outra e dizem sobre nós: pessoas inseridas no mundo, encarando situações e sentimentos diversos, visitando o passado a fim de moldar o presente e criar ou possibilitar o futuro.

Ainda, gostaríamos de salientar que entendemos que o exercício de buscar integrar literatura ao ensino de inglês não seja apenas uma estratégia a ser adotada no processo de ensino e aprendizagem de inglês, mas seja também uma necessidade. Entendemos também que esta não é uma tarefa fácil, mas propomos esta reflexão por meio deste estudo. Afinal, se a partir da literatura podemos melhor compreender nossa realidade (em termos locais e globais) e as questões que permeiam nossa sociedade, há urgência em buscarmos trazer para dentro das salas de aula as histórias que discorrem sobre a nossa humanidade. Pensamos que, ao compreendermos melhor a literatura de nações desenvolvidas, teremos, por exemplo, não apenas a chance de aprender melhor sobre a língua inglesa, sua origem e transformação ao longo dos tempos, mas também como este idioma chegou ao status de língua franca, internacional e dos negócios (CRYSTAL, 2003).

Literatura e ensino de inglês: possibilidades e desafios

Neste estudo, quando propomos a união entre as disciplinas de inglês e literatura, como uma abordagem necessária no processo de ensino e aprendizagem de inglês como língua estrangeira, o fazemos por acreditar nas potencialidades da perspectiva interdisciplinar no ensino de línguas. Como perspectiva interdisciplinar, compreendemos a possibilidade de troca teórico-metodológica entre duas disciplinas distintas (BENTLY, 2007) que se complementam e se conectam em determinados pontos, a fim de proporcionar uma visão mais ampla acerca de algo. Essas trocas entre disciplinas produzem pontes ou um intercâmbio de informações e práticas, as quais podem permitir que o aluno tenha acesso a uma visão holística da realidade.

Considerando o lugar que o inglês ocupa enquanto língua franca, temos que pensar na Literatura Inglesa e/ou Norte-Americana, por exemplo, como instrumentos de formação no processo de ensino desta língua estrangeira. Sabemos que as possibilidades de trabalharmos as quatro competências linguísticas em sala de aula (*writing, reading, listening and speaking*) por meio da Literatura são infinitas. Segundo Hişmanoğlu (2005), em seu artigo *Teaching English Through Literature*, temos uma série de abordagens pedagógicas que podem auxiliar o professor nesse trabalho, mas temos também alguns desafios.

Dentre algumas vantagens de utilizarmos o texto literário em nossas aulas, Hişmanoğlu (2005) destaca possibilidades de aprendizagem de: 1. novos vocábulos, expressões idiomáticas e estruturas sintáticas; 2. diferenças entre o inglês formal e informal; 3. questões culturais; 4. “amostras de linguagem da vida real” (HIŞMANOĞLU, 2005, p. 54), a partir do contato com textos autênticos; 5. recursos discursivos, que podem ser úteis nas atividades interativas. Além disso, acrescentamos que a curiosidade do aluno poderá impulsioná-lo ao exercício de buscar conhecer mais e, nesse processo, ressignificar a importância/lugar da língua estrangeira – de algo externo a sua realidade para algo que compõe a sua realidade. Afinal de contas, quando lemos um livro e este se torna parte da nossa vida, caso o leiamos em inglês, essa língua pode também se tornar parte de quem somos. Segundo Kumaravadivelu (2012), o processo de constituição identitária dos falantes acontece de modo diverso e constante. Vejamos o que o autor afirma sobre isso:

De forma breve, aprendizes e professores também são indivíduos. Eles também estão engajados na tarefa de se formarem e reformarem suas identidades neste mundo globalizado. Por conta da intrínseca conexão entre

linguagem e sociedade, as aulas de inglês oferecem uma oportunidade única para eles tentarem encarar e articular suas ansiedades quanto as complexidades deste processo de formação identitária (tradução minha) (KUMARAVADIVELU, 2012, p. 12)⁶.

Portanto, mais do que pensar em um ensino que integre literatura e inglês, estamos pensando em um ensino que permita uma compreensão de quem somos. Enquanto sujeitos sociais, participantes deste mundo globalizado, o acesso ao mar de informações que a literatura pode acrescentar ao ensino de inglês propicia a oportunidade de um aprendizado intercultural que, segundo Hişmanoğlu (2005), amplia, fortalece e transcende o conhecimento linguístico.

Todavia, vale lembrar que nem todos os professores estão preparados para integrar o ensino de literatura ao ensino de inglês em sala de aula. Segundo Hişmanoğlu (2005), o grande problema que inviabiliza o trabalho com o texto literário é a falta de materiais didáticos adequados que norteiem o trabalho do professor. Ainda, a pouca formação desse profissional para trabalhar com a literatura estrangeira. No que tange ao ensino de língua estrangeira na Educação Básica brasileira, sabemos que, desde 2017, a língua inglesa se tornou obrigatória nos currículos escolares a partir do 6º ano do Ensino Fundamental. Apesar das orientações que constam na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2006), percebemos que há ainda muito que discutirmos (e, possivelmente, colocarmos em prática) no que diz respeito ao oferecimento de uma experiência de ensino contextualizada. Afinal, conforme apontamos, é sabido que a partir de uma obra literária pode-se didatizar itens importantes e assim propiciar uma experiência de ensino interativa e contextualizada. Entretanto, pensando em um contexto amplo, sabemos que estamos longe de uma perspectiva de trabalho que viabiliza essa articulação entre o texto literário e o ensino de inglês e, portanto, precisamos pensar mais sobre as formas de trazermos tal prática pedagógica para dentro de nossas salas de aula.

De um modo geral, percebemos que o conhecimento sobre as potencialidades que a literatura pode agregar ao processo de ensino-aprendizagem de inglês se apresenta como uma perspectiva de ensino atraente. Entretanto, para colocá-la em prática, entendemos que será necessário investimento na formação e no trabalho do (futuro) professor de inglês, a fim de que

⁶ Simply put, learners and teachers are individuals too. They too are engaged in the task of forming and reforming their identities in this globalized world. Because of the intricate connection between language and culture, language classes offer a unique opportunity for them to try to wrestle with, and articulate their anxieties about, the complexities of identity formation. (KUMARAVADIVELU, 2012, p.12).

ele verdadeiramente tenha acesso aos conhecimentos e as ferramentas necessárias para o desempenho do seu trabalho. Uma vez que essas necessidades são supridas, a literatura abre caminhos para que histórias cheguem na vida dos alunos, e estes passam a ter acesso à interconexão que existe entre a língua, a arte e a vida.

Metodologia

Este estudo se baseia em uma perspectiva metodológica qualitativa, na qual as histórias vividas e contadas compõem e integram todo o processo de construção, composição e divulgação da questão aqui em análise: a importância e potencialidades de integrar o ensino de literatura ao processo de aprendizagem de inglês como língua estrangeira.

A pesquisa narrativa: compondo sentidos a partir de nossas histórias

Segundo a perspectiva da pesquisa narrativa (CONNELLY; CLANDININ, 2000), o pesquisador ou estudioso, interessado em investigar e discorrer acerca de alguma questão que o interessa e instiga, deve conduzir seu estudo a partir de um olhar direcionado as suas experiências: como essas se constroem, seus sentidos e desdobramentos. Esse processo deve acontecer por meio de um olhar crítico para a sua realidade e seus materiais de pesquisa, os quais poderão ser compostos por textos, anotações, gravações, entrevistas, etc. Para Connelly e Clandinin (2000), esse olhar crítico requer que reconheçamos o tripé de um contexto de investigação, o que eles denominaram de espaço tridimensional de pesquisa: contexto, participantes e experiências. Esse espaço é formado por um emaranhado de elementos e possibilidades, os quais formam e informam sobre a questão de pesquisa.

Neste estudo, com base nesta perspectiva qualitativa de pesquisa, exploramos esse espaço tridimensional e delineamos uma paisagem baseada nos seguintes itens:

1. Contexto: o contexto – indagações sobre a possibilidade e as formas de integrarmos literatura ao ensino de inglês – é composto pelos trabalhos desenvolvidos em duas disciplinas da graduação, Literatura Inglesa e Norte-Americana, e nas atividades do projeto de extensão *Communication Café*; as disciplinas ministradas em 2020-2021 de maneira remota, por conta da pandemia ocasionada pelo Coronavírus, bem como as atividades do projeto de extensão. Por meio da plataforma digital do *Google Meet*, foi possível a realização de todas as atividades

planejadas (leituras, discussões de textos propostos, apresentação de trabalhos, prática da conversação em inglês, etc.). As disciplinas tinham carga horária total de 60 horas cada e as atividades no projeto de 20 horas totais. A partir das discussões iniciadas no projeto de extensão e, posteriormente, aprofundadas por meio das disciplinas, foi possível reunir reflexões de alguns dos discentes, autores deste artigo, e da professora da disciplina (coordenadora do projeto) neste artigo. Cada um colaborou com reflexões críticas sobre a questão aqui em análise, bem como sobre a fundamentação teórica na qual este estudo se sustenta.

2. Participantes: 4 alunos das disciplinas de Literatura Inglesa e Norte-Americana, sendo a maior parte deles também participantes do projeto de extensão *Communication Café*. Estes discentes cursam Letras Modernas, na UESB, tiveram um ótimo desempenho em suas atividades, demonstraram bastante interessados em discutir o lugar que a literatura pode ocupar dentro da sala de aula. Tendo em vista a importância da integração entre as atividades de ensino e extensão, a fim de colaborar para a formação do futuro profissional universitário, este estudo abre esse espaço de reflexão, com vistas a também incentivar que outros futuros-professores e professores de inglês, já atuantes, pensem sobre suas práticas e sobre as potencialidades da literatura em suas aulas.

3. Experiências: estas, advém das reflexões sobre a importância e as formas de integrarmos literatura ao ensino de inglês. Estas reflexões foram escritas pelos quatro alunos/participantes do projeto de extensão e das disciplinas de Literatura Inglesa e Norte-Americana. E, por uma questão de organização e exposição das reflexões dos discentes, estas estão apresentadas no Quadro 1.

Os aspectos metodológicos deste estudo se interligam e formam uma rede complexa de fatores que permeiam a questão de pesquisa aqui descrita. Cada um destes aspectos, adicionam informações acerca das experiências vividas nas disciplinas e no projeto de extensão e nos informam sobre nossa experiência. A seguir, apresentamos e discutimos algumas reflexões tecidas pelos discentes.

Discussão: perspectivas para pensarmos o ensino de inglês por meio da Literatura

Neste trecho, abordamos as duas questões levantadas por este estudo, quais sejam: 1. Qual a importância da literatura na aprendizagem de inglês? 2. Quais são formas algumas de a integrarmos ao ensino de inglês? Novamente, importante dizermos que nossa curiosidade

epistemológica surge de nossas experiências no projeto de extensão *Communication Café* e nas disciplinas de Literatura Inglesa e Norte-Americana, nas quais discussões sobre a relevância e as potencialidades da literatura para o ensino de inglês eram constantes.

Ainda, gostaríamos de dizer que a leitura que apresentamos, acerca da importância da literatura e das formas de a integrarmos ao ensino de inglês, esta circunstanciada em nossas experiências, enquanto (futuros) professores de inglês. Conforme já mencionado anteriormente, nos interessa saber acerca das potencialidades que a literatura pode agregar ao ensino de inglês e sobre como essa integração é necessária, já que há uma relação intrínseca entre literatura e sociedade e, portanto, a oportunidade de entendermos melhor sobre nossa sociedade e sobre nós mesmos enquanto partes desta.

A seguir, apresentamos as reflexões dos discentes em um quadro, de modo a darmos vozes as suas formas de compreensão e exposição da questão central levantada por meio deste estudo – a importância e formas de se trabalhar a literatura nas aulas de inglês, apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Reflexões de discentes

	Sobre a importância da Literatura no ensino de inglês	Formas de integração: algumas ideias práticas
Alice	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A leitura do texto literário é um importante meio de aproximação com uma língua, pelo fato de proporcionar uma circunstância de grande imersão. ▪ O contato com histórias fictícias incentiva a criatividade, a interação e o pensamento crítico. ▪ A presença da literatura nas aulas de inglês as torna mais dinâmicas e interessantes e pode despertar o interesse pela leitura. ▪ A literatura carrega importantes aspectos linguísticos, sendo um meio favorável de aprendizagem de expressões idiomáticas, gírias e dialetos. ▪ A partir da literatura é possível compreender melhor sobre cada época, cada modelo de sociedade, sobre os aspectos culturais, políticos e ideológicos. ▪ A literatura é um meio de expressão artística que evoca a história e as características de um povo. ▪ A literatura empolga o leitor, provoca a 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Utilizar autores e textos mais famosos que já possam ser conhecidos pelos alunos, gerando, assim, mais curiosidade. ▪ Optar por obras literárias de menor extensão, como contos, fragmentos, poemas, crônicas, tirinhas etc., para evitar intimidação, preguiça ou desinteresse por parte dos alunos. ▪ Fazer uso de edições adaptadas de obras extensas e, quando possível, com ilustrações. ▪ Ter cuidado com o nível de dificuldade de leitura das obras escolhidas – é sempre necessário ter em destaque o nível de compreensão da língua, os interesses, dificuldades e facilidades da turma alvo. ▪ Contextualizar a obra antes de instruir a leitura para ser possível compreender o autor, o contexto histórico e social em que a obra foi escrita, o estilo literário composicional, a recepção crítica e

	<p>fala, a interlocução espontânea, gera prazer e pode proporcionar a criação de um hábito frequente de leitura literária.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A proximidade com obras clássicas em uma perspectiva mais dinâmica ajuda a combater os conceitos pré-construídos de que literatura clássica/“velha” é chata e desinteressante. ▪ Literatura é uma forma prazerosa de aprender e estudar uma língua. 	<p>popular da obra, entre outros aspectos.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Instigar a curiosidade do leitor com vídeos interessantes de críticas a respeito da leitura, trailer de filmes adaptados das obras etc. ▪ Ressaltar o quanto as obras literárias influenciam outros produtos midiáticos de grande popularidade. ▪ Compreender os gostos, interesses e preferências das turmas para que essas informações sejam aproveitadas na escolha das leituras. ▪ Ouvir sempre o feedback do público alvo. ▪ Acrescentar jogos interativos, rodas de conversa, atividades artísticas na discussão/atividade relacionada à leitura.
<p>Ana Ketilly</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desperta curiosidade. ▪ Contato com obras consideradas clássicas feito de uma forma que chame a atenção ajuda a desfazer a correlação entre clássico/chato. ▪ Incentiva a leitura de fruição. ▪ Incentiva a perspectiva sociocultural das condições de produção. ▪ Incentiva a compreensão da própria realidade, além da realidade da época em que a obra foi escrita, baseado na análise comparativa e crítica de aspectos socioculturais. ▪ Amplia o escopo dos aspectos lexicais, sintáticos, semânticos e pragmáticos, além de exercitar a compreensão interpretativa tendo em vista os aspectos sociais, culturais, etc., que reverberam na narrativa ou no verso. ▪ A variedade de gêneros literários, além de ampliar o entendimento dos alunos sobre os gêneros em si, também possibilita que eles tenham contato/ descubram quais gêneros os atrai mais (foi na disciplina, por exemplo, que eu tive mais contato com poema e por isso adquiri uma admiração por eles que eu não tinha antes (apesar de ainda preferir prosa). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Adaptações de obras literárias: versões mais curtas e/ou versões audiovisuais para traçar um comparativo de uso das linguagens, impulsionar discussões sócio-históricas, culturais e políticas que se afastam ou se aproximam das realidades dos alunos. ▪ Transmutação de gênero textual: transformar uma crônica em peça teatral, por exemplo, o que trabalharia não só a questão da estrutura de gênero, mas também a multimodalidade da oralidade (porque o texto teatral pode vir acompanhado de descrições de gestos, expressões faciais, etc.). ▪ (Re)criação de gêneros digitais: há, na internet, uma variedade de textos verbo-visuais, como memes, que fazem referência a obras literárias. Trazer esses textos, além de trabalhar a recontextualização temática presente na obra original e, com isso, aspectos linguísticos e extralinguísticos da produção e recepção de textos, os próprios alunos podem ser incentivados a realizar uma (re)criação de memes, por exemplo. ▪ Trabalhar a linguagem reescrevendo cenas/trechos recontextualizados

		<p>para a realidade atual e/ou global. Assim, a língua pode ser trabalhada em vários níveis (lexical, gramatical, sintático, semântico) e habilidades, incluindo o exercício de tradução. Pode ser interessante, na atividade de (re)escrita, os alunos manterem as palavras em português que eles não conhecem em inglês, e vice-versa, possibilitando também um jogo de palavras bilíngue e o translingualismo.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Intertextualidade e recriação: obras literárias que inspiraram produções de: outros textos literários, <i>fanfiction</i>, ilustração, pintura, book trailer, etc., e encorajar o aluno a produzir livremente baseado em uma obra que ele goste/que esteja sendo ou já foi trabalhada em sala.
Fernando	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Literatura como um suporte para que o aluno adquira o hábito de ler e, ao mesmo tempo, desenvolva certas competências, como a análise crítica de um texto. ▪ Possibilita a exposição a diferentes culturas dos países de língua inglesa e a evolução lexical ocorrida nas obras de diferentes épocas. ▪ Instiga o aluno a sempre buscar o desenvolvimento do seu Inglês para conseguir compreender plenamente aquilo que se lê. ▪ A partir de obras literárias pertencentes ao universo da cultura pop (ambiente muito comum entre os jovens), o aluno pode identificar questões gramaticais e lexicais em materiais ordinários a sua vida, ou seja, há um processo de ressignificação na visão do aluno; ele passa a observar aquilo que ele gosta de uma forma diferente a partir do que ele estuda/estudou. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentar diferentes obras literárias que instiguem a fruição dos alunos, independente de qual gênero seja: romances reduzidos, contos e, até quadrinhos. ▪ Trabalhar obras históricas, como: O Retrato de Dorian Gray e Frankenstein, apresentando aos alunos as questões/críticas sociais apresentadas em obras de Literatura Fantástica. ▪ Instigar o aluno a ler uma obra literária e assistir/jogar algo que seja baseado na obra, como forma de auxiliar o aluno a visualizar o enredo visto no livro (os contos de Lovecraft e o jogo <i>Call Of Cthulhu</i>, por exemplo). ▪ Desenvolver atividades voltadas para a observação de estruturas gramaticais encontradas nas passagens da obra literária como forma de oportunizar ao aluno a identificação de tempos verbais, por exemplo.
Mateus	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Inglês enquanto língua franca (permite comunicação com pessoas de diferentes partes do mundo). ▪ A língua inglesa é um ponto a mais no currículo e uma abertura para novas 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura de obras literárias (<i>novels</i>) que tenham um vocabulário e extensão adequados para o tipo da turma (<i>elementary or major</i>). De preferência, que contenham imagens.

	<p>oportunidades de emprego (brasileiro ou não). Além disso, inglês é a língua mais requisitada em processos seletivos que envolvem especialização (stricto e lato sensu).</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Acesso a fontes de informação diferenciadas e que podem não ter sido traduzidos para a língua nativa. A leitura muda totalmente a partir do momento em que temos acesso a algumas obras literárias ou científicas na língua de origem, fora outros conteúdos como músicas, filmes, quadrinhos, etc.; ▪ Entendimento maior acerca do mundo e possibilidade de uma vivência mais plena, visto que muitas expressões do inglês fazem parte do nosso cotidiano. Saber inglês é importante para exercer a nossa cidadania. ▪ Compreensão maior sobre o funcionamento da língua nativa (expressões idiomáticas, questões gramaticais, etc.). ▪ Acesso a um universo cultural totalmente diferenciado que se manifesta na língua e que amplia a nossa visão acerca do mundo, permitindo-nos ter mais empatia para com o diferente. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Abordagem inicial com outros gêneros textuais (filmes, músicas, séries, comics, memes...) que fazem alusão a alguma obra literária. Isso pode levar os alunos a desejar ler a obra original em sala. ▪ Leitura de algumas estrofes ou de poemas completos da Literatura Americana ou Inglesa que incentivem os alunos a gostar do modo como os poetas se utilizam da língua para representar suas emoções. Pode-se trabalhar questões gramaticais como as figuras de linguagem. ▪ Incentivar os alunos a lerem textos pequenos (short stories) para encenar algumas partes em sala de aula e/ou para discussões em grupo. A leitura em voz alta pode ser incentivada aqui e o texto literário serve como matéria para que os alunos desenvolvam seus próprios textos e se coloquem enquanto leitores, trazendo o texto para a sua vida. ▪ É possível, ainda, discutir com os alunos questões culturais e algumas expressões e vocabulários próprios do inglês que podem ser encontrados durante a leitura de alguns textos de caráter literário em sala de aula. ▪ De maneira geral, a Literatura pode permitir um trabalho com as quatro competências necessárias para se aprender uma língua estrangeira: <i>reading, writing, speaking and listening</i>.
--	---	---

A partir desta exposição, acerca da importância e das formas de incorporarmos literatura ao ensino de inglês, podemos dizer que há potencialidades imensas se trazemos os textos literários para as nossas aulas – melhor compreensão da língua alvo, mais oportunidades de aprendizagem, entendimento maior acerca do mundo, estimulação da curiosidade dos alunos – conforme as palavras grifadas nos textos reflexivos dos discentes. Ainda, que as possibilidades de fazermos essa integração entre as disciplinas são múltiplas – expor os alunos aos vários gêneros textuais, utilizar recursos diversos nas aulas, incentivar a participação na leitura, na discussão e (re)criação destes textos, etc.

Conforme podemos observar a partir das reflexões dos discentes, há uma interconexão entre a importância da língua e as formas que podemos trabalhá-la em nossas aulas. Por exemplo, quando falamos sobre a importância de expormos o estudante a “variados gêneros literários” e propomos que isso seja feito a partir da utilização de “versões de obras adaptadas” ou por meio de “(re)criação de gêneros digitais”, estamos traduzindo aspectos relacionados ao complexo universo que constitui uma língua, e também os quais nos constitui. Quando falamos sobre a intrínseca relação entre literatura e sociedade, estamos falando da relação entre língua e sociedade. Segundo Fiorin (2001), a complexidade de uma língua ou das línguas está também atrelada à complexidade dos seres e da sociedade que os cerca. Portanto, pensar sobre a importância da literatura, automaticamente nos remete ao exercício de pensarmos sobre nós mesmos, nossas criações, nossos percursos e possibilidades.

Além dos aspectos listados, apontamos ainda algumas outras questões relacionadas às indagações deste estudo, mas que não necessariamente listamos em nossas reflexões (tendo em vista as delimitações do contexto de produção deste estudo), mas que também merecem espaço aqui, quais sejam: 1. a literatura, produzida por outras nações que tem o inglês como língua oficial – além dos Estados Unidos e Inglaterra – devem também ter espaço em nossas salas de aula; 2. a literatura produzida por grupos minoritários ou minorias étnicas – afrodescendentes, indígenas, mulheres – também merece este espaço, a fim de expor os alunos verdadeiramente às riquezas das literaturas produzidas originalmente em língua inglesa nos vários cantos do mundo em que este idioma é a língua oficial.

Conclusão

A manifestação artística da literatura está intrinsecamente ligada à necessidade humana de criar histórias que abordam nossas misérias, nossas maravilhas e aquilo que vai além das nossas capacidades, mas que o aspecto ficcional em si pode tornar real e possível de ser contado. Sendo assim, utilizar o infindável campo da literatura para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem de inglês apresenta-se como uma maneira interessante e convidativa de estabelecermos conexões – entre pessoas e suas histórias.

De acordo com o que apresentamos e discutimos por meio deste estudo, temos uma série de fatores – linguísticos, político-sociais e culturais, emocionais – que identificamos como elementos que justificam a importância de buscarmos integrar a literatura nas aulas de inglês.

Além disso, vimos que as possibilidades de realizarmos essa integração entre as disciplinas são inúmeras, como já discutimos por meio de nossas reflexões.

Ainda, vimos que, apesar de ser possível pensar e pôr em prática a perspectiva interdisciplinar que aqui propomos – a partir de um estudo sistemático do nosso contexto de ensino e de atitudes didáticas apropriadas para este contexto – temos ainda alguns desafios a serem vencidos. Dentre os quais, a necessidade de que os cursos de formação docente abram mais espaços em seus currículos para uma discussão crítica acerca da possibilidade do trabalho interdisciplinar e, assim, os (futuros) professores tenham acesso aos conhecimentos necessários para direcionar suas práticas pedagógicas. Além desse aspecto da formação docente, podemos também apontar para a necessidade de investimento em recursos – livros, aparelhos audiovisuais de qualidade, laboratórios de línguas estrangeiras – que possibilitem que um trabalho informativo e de excelência seja feito.

Ademais, frisamos que a literatura pode ser uma aliada importante no processo de ensino-aprendizagem de inglês. A literatura pode motivar os leitores a conhecerem algo diferente, debaterem sobre um assunto, expressarem suas opiniões, pensamentos críticos e emoções, compartilharem histórias e sonhos. Portanto, pensar em seu lugar nas aulas de inglês significa abrir espaços para que nossas histórias sejam contadas e recontadas.

Referências

BENTLY, Sally. English. *In*: CANNING, John. *Disciplines in dialogue: disciplinary perspectives on interdisciplinary teaching and learning*. **Southampton**: The Interdisciplinary Teaching and Learning Group, Subject Centre for Languages, Linguistics and Area Studies, School of Humanities, University of Southampton, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2006.

CONNELLY, Michael; CLANDININ, Jean. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. Sao Francisco: Wiley, 2000.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FIORIN, Jose Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Anderson Soares. **Literatura Norte-Americana**. Curitiba: IESDE, 2009.

HIŞMANOĞLU, Murat. Teaching English through literature. **Journal of Language and Linguistic studies**, v.1, n.1, abr. 2005.

KUMARAVADIVELU, B. Individual identity, cultural globalization, and teaching English as an international language: the case for an epistemic break. *In*: ALSAGOFF, Lubna; MCKAY, Sandra Lee; HU, Guangwei; RENANDYA, Willy A. (eds.). **Principles and practices for teaching English as an international language**. Nova York: Routledge, 2012.

Recebido: 13.05.2021

Aceito: 27.09.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**O PROJETO “PEDAGOGIA NA QUARENTENA”:
CONTEXTOS E CONTRASTES
EDUCATIVOS EM MEIO À PANDEMIA**

***“PEDAGOGIA NA QUARENTENA” PROJECT:
EDUCATIONAL CONTEXTS AND
CONTRAST IN PANDEMIC TIME***

***EL PROYECTO “PEDAGOGÍA EN LA CUARENTENA”:
CONTEXTOS Y
CONTRASTES EDUCATIVOS EN MEDIO DE LA PANDEMIA***

Adriana Patrício Delgado¹

Emília Carolina B. S. Augusto²

Felipe de Carvalho Ferreira³

Isadora L. M. de Lucena⁴

Janilce de Oliveira Castello⁵

Julia dos Santos Vieira⁶

Resumo: O presente artigo tem por objetivo trazer o relato da construção, execução e vivências do projeto de extensão Pedagogia na Quarentena, advindo da urgência do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro resistir mediante a um momento delicado, sensível e complexo que é a necessidade de isolamento social. Com a divulgação e organização de dois ciclos de atividades ao longo do ano de 2020, o projeto buscou trazer ao debate os desafios impostos à educação, aos professores e alunos com o fechamento de todas as instituições de ensino a partir da crise ocasionada pelo novo coronavírus. Sendo assim, pretendemos nessa reflexão apresentar especificamente as atividades desempenhadas ao longo do segundo ciclo, momento em que o evento passou a estar atrelado a extensão universitária, como Evento de Extensão. Na segunda parte, tratamos da execução do evento *on-line*, seus marcos e desafios. Encerramos o artigo trazendo relatos de experiências dos extensionistas e como essa vivência,

¹ Pedagoga, Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9152-2888> E-mail: adrypatry@hotmail.com

² Graduanda em Pedagogia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2994-5396> E-mail: emiliacarolina@gmail.com

³ Graduando em Pedagogia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9337-5404> E-mail: felipec.ferreira47@gmail.com

⁴ Graduanda em Pedagogia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2209-7902> E-mail: loyolaisadora@gmail.com

⁵ Graduanda em Pedagogia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5172-9737> E-mail: janilcecastello@gmail.com

⁶ Graduanda em Pedagogia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9305-1795> E-mail: juliavieira_13@hotmail.com

mesmo distanciada, foi relevante na formação e reformulação de nossas práticas como futuros docentes.

Palavras-chave: Pandemia. Extensão-Universitária. Racismo. Precarização. Educação.

Abstract: *This article aims to bring an account of the construction, execution and experiences of the Pedagogy extension project in Quarantine, arising from the urgency of the Pedagogy course at the Federal University of Rio de Janeiro to resist through a delicate, sensitive and complex moment that is the need of social isolation. With the dissemination, and organization of two cycles of activity throughout the year 2020, the project sought to bring to the debate posed challenges to education, teachers and students with the closure of all educational institutions due to the crisis caused by the new coronavirus. Therefore, in this reflection, we intend to present specifically the activities performed during the second cycle, when this program became an extension project. In the second part, we will deal with the execution of the online event, its milestones and challenges. We will close the article with reports of the extensionists' experiences and how this experience, even at a distance, was relevant in the formation and reformulation of our practices as future teachers.*

Keywords: *Pandemic. University Extension. Racism. Precariousness. Education.*

Resumen: *El presente artículo tiene como objetivo traer el relato de la construcción, ejecución y vivencias del proyecto de extensión Pedagogía en la Cuarentena, oriundo de la urgencia de la carrera de Pedagogía de la Universidad Federal de Río de Janeiro en función de resistir a un momento delicado, sensible y complejo que implica la necesidad de aislamiento social. Con la divulgación y organización de dos ciclos de actividades a lo largo del año de 2020, el proyecto buscó traer el debate sobre los desafíos impuestos a la educación, a los profesores y alumnos con el cerramiento de todas las instituciones educativas a partir de la crisis ocasionada por el nuevo coronavirus. Así, en esta reflexión pretendemos presentar específicamente las actividades desempeñadas a lo largo del segundo ciclo, momento en que el evento pasó a estar relacionado a la extensión universitaria, como Evento de Extensión. En la segunda parte, trataremos de la ejecución del evento on-line, sus marcos y desafíos. Finalizamos el artículo trayendo relatos de experiencias de los estudiantes extensionistas y cómo esta vivencia, aunque a distancia, fue relevante en la formación y reformulación de nuestras prácticas como futuros docentes.*

Palabras-clave: *Pandemia. Extensión Universitaria. Racismo. Precarización. Educación.*

Introdução

O ano de 2020 protagonizou a interrupção das atividades presenciais em todas as instituições de ensino do Brasil a fim de conter o avanço da epidemia desencadeada pelo novo coronavírus. Cada estado e municípios adotaram medidas restritivas de isolamento, no caso do Rio de Janeiro, isso ocorreu a partir do dia 13 de março de 2020. O que a princípio seria uma paralisação de 15 dias, já permanece há mais de um ano e com um conjunto de incertezas sobre

a retomada das vivências presenciais nas escolas e universidades. Ao longo desse período, todas as práticas com as quais o corpo social acadêmico estava acostumado precisaram ser revistas para que as universidades mantivessem a posteriori não apenas sua atuação de excelência em ensino, pesquisa e extensão, como também de certa forma os laços com sua comunidade acadêmica, as experiências transformadoras da vida universitária e a produção científica. É imerso nesse contexto que emerge o Projeto de Extensão Pedagogia na Quarentena, vinculado ao Núcleo de Planejamento Pedagógico das Licenciaturas (NPPL), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que, no ano de 2020, desenvolveu dois ciclos de atividades.

A iniciativa contou com a participação de membros do NPPL, somado ao coletivo de estudantes, a partir do segundo ciclo, oriundos do curso de Pedagogia da mesma universidade para pensarem juntos estratégias de conectar esses novos desafios frente a uma crise de saúde mundial, com a permanência das atividades e aproximação dos discentes ao universo acadêmico. Nesse sentido, promover um encontro, mesmo que de forma virtual, condiz também aos esforços de permanecer viva a união entre os discentes, docentes, técnicos e terceirizados, em um momento de tanta insegurança e imprevisibilidade sobre o futuro.

Além disso, é importante destacar que em meio às diversas críticas, suspeitas e denúncias contra a esse espaço público de ensino, promover atividades extracurriculares condiz com os desdobramentos e funções universitárias. De forma, para elucidar o processo de criação e desenvolvimento do Projeto de Extensão, o presente artigo trata especificamente da organização, atuação e dinamização do segundo ciclo e como essa prática foi relevante diante um momento tão adverso para a universidade pública. Ademais, é por meio das contradições, complexidades e desafios enfrentados que vamos nos construindo e fortalecendo os laços e aprendizagens.

Articulando saberes: o que se pensou na composição das *lives*

Na construção deste segundo ciclo foi colocado o desafio de conduzir uma extensão que atendesse à comunidade interna e externa da UFRJ, cumprindo seu papel dialógico com as múltiplas vozes que compõem nossa sociedade. Para isso, os extensionistas, junto à coordenação do projeto, propuseram um ciclo de palestras que fosse o mais diverso possível e que sublinhasse as falas, as lutas e as disputas tão viscerais no Brasil. Ao longo das reuniões virtuais e através de uma escuta ativa de estudantes e professores, questões como “O que é ser

produtivo?”, “Reflexões dos papéis sobre o que é ser professor(a) e aluno(a) em meio às aulas remotas”, “Noções de contextos e contrastes”, “Como pensar as modalidades previstas em plena quarentena?” e “Atividades conjuntas ao Coletivo Negro de Pedagogia – Nilma Lino Gomes” surgiram como ideias que direcionaram as ações conjuntas, compondo a práxis e o corpo do evento. Pautados nos ensinamentos freirianos de que toda prática pedagógica é também um exercício político (FREIRE, 2018, 1974), todos os envolvidos se preocuparam em atender anseios advindos dos laços com a própria universidade e com escolas parceiras que atravessaram, e atravessam, um momento de muita imprecisão em relação à educação, à vida e às políticas públicas.

Articulados na pulsão de recriar nossas vivências de formação e impulsionar os diálogos no campo da formação do pedagogo, foram organizadas duas semanas de intensos debates pautados na conjuntura política, econômica e social brasileira a fim de não apenas pautar o debate, mas manter o espírito de luta pela defesa da educação pública, laica e gratuita. Nesse sentido, as *lives* aqui analisadas receberam os seguintes títulos: “O racismo estrutural e a necropolítica para além da pandemia”; “A conjuntura política e a dominação de classe em tempos de pandemia”, “Análise das políticas educacionais no contexto da pandemia”, “Reflexões sobre a relação ensino-aprendizagem e a função social da Universidade em tempos pandêmicos”, “Campos de atuação do(a) pedagogo(a): quando o público e o privado se misturam” e “A escola fechou? Reflexões sobre a Educação Básica na conjuntura atual”. Ademais, vale salientar que as dinâmicas e experiências vivenciadas durante a pandemia podem e devem ser atravessadas pelos debates sobre classe, gênero, raça e sexualidade. Sendo assim, devido às construções culturais, patriarcais e machistas (SCHWARCZ, 2020), sobretudo para mulheres negras, derivam dos “processos históricos e contemporâneos de opressões interseccionais” (RIOS, 2020). Tais ocasiões tangenciam, de acordo com Scott (1990), para uma construção social de gênero que vai moldando os papéis exercidos por homens e mulheres na sociedade. Portanto, destaca-se o inevitável movimento de tensionar as dinâmicas, realidades e vivências múltiplas que estão intimamente interrelacionadas ao momento complexo que todos(as) estamos presenciando. Assim, analisamos a seguir as temáticas das *lives* ocorridas no II Ciclo Pedagogia na Quarentena realizadas em formato virtual entre os dias 21 de setembro e 1 de outubro de 2020.

Racismo e necropolítica

Na era da pós-verdade, em que liberdade de expressão tornou-se licença para discursos de ódio, exclusão, racismo, violência e preconceito, a *live* “O racismo estrutural e a necropolítica para além da pandemia foi pensada para refletirmos sobre o perigoso período em que vivemos. Realizada em parceria com o Coletivo Negro de Pedagogia da UFRJ intitulado Nilma Lino Gomes, atingimos a importante marca de 1,9 mil visualizações (dados recolhidos em outubro de 2020).

Diante do avanço exponencial do vírus, infelizmente, foram presenciadas situações alarmantes de casos e infecções que, por assim dizer, necessitam de alguns olhares atentos para essa situação. Nesse sentido, a maneira como somos afetados pelas consequências do isolamento e mortes derivam de uma desigualdade social e racial, historicamente construída, atravessada por um conjunto de políticas públicas que ampliaram as desvantagens entre alguns grupos. Sendo assim, foi imprescindível nesse exercício da composição das mesas, abdicarmos de uma narrativa que tentasse representar uma suposta democracia racial, no qual retira do campo do debate os conflitos emergentes, colocando os indivíduos em uma mesma escala de risco com a infecção do vírus. Além disso, inspirado no pensamento de Paulo Freire, entende-se como fundamental que a universidade e todos os sujeitos envolvidos neste espaço assumam o compromisso político de rejeição absoluta a qualquer forma de discriminação, afinal a “prática preconceituosa de raça, classe, e gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia’ (FREIRE, 2018, p. 37).

Nessa perspectiva, o conceito de *necropolítica* trazido pelo filósofo camaronês Achille Mbembe sublinha as estratégias ligadas ao biopoder que, dentre outras questões, situa a utilização do poder enquanto ferramenta que determina quais pessoas devem viver e como outras podem morrer (MBEMBE, 2016). Posto isto, tomando como base as orientações promovidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de prevenção contra a contaminação do vírus, detectamos disparidades entre a população que se disponibiliza, ou não, de condições mínimas de higiene e proteção. De acordo com dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018 a porcentagem de cidadãos residindo em domicílios sem abastecimento de água por rede geral é de 11,5% para pessoas brancas, ao lado de 17,9% para pretas ou pardas (IBGE, 2019). Além disso, se comparados a questão da distribuição de

renda e condição de moradia, o abismo se amplia na medida que 15,4% das pessoas brancas vivem com menos de US\$ 5,50 por dia, aos alarmantes 32,9% da população preta ou parda.

Dessa forma, percebe-se que os corpos negros são vistos como estranhos, objetos e, portanto, negado seus direitos e não reconhecidos como sujeitos. O racismo está presente, cotidianamente, em uma sociedade em que muitos se recusam a enxergá-lo. Sendo assim, a partir, por exemplo, da discrepância de professoras(es) negras(os) nas universidades, refletimos sobre as seguintes questões: Em que lugar esses corpos se fazem presentes? Qual o espaço que nos é permitido viver, ou morrer? Qual é o corpo mais “matável”?

Portanto, sob influência desse cenário conturbado que mobilizamos esforços em convidar especialistas, professores e estudantes para dialogarem sobre esses tensionamentos, ampliados pela pandemia. Nesse momento, pensamos a composição de uma mesa que partisse de um protagonismo histórico-cultural, ou seja, que fosse composta por pessoas que compartilhassem além de uma perspectiva teórica comum, mas também tivessem em suas práticas e vivências essas similaridades. Foi então que, baseado nesses princípios, desenvolvemos a *live* intitulada “O racismo estrutural e a necropolítica para além da pandemia”.

Como característica desse encontro, desfrutamos de uma mesa composta inteiramente por pessoas pretas, caracterizada pelo protagonismo feminino das palestrantes. Ademais, para a mediação do encontro foi sugerido que fosse administrado por um estudante preto, extensionista do projeto, uma vez que somaria na questão do protagonismo de histórias e vivências desencadeadas pela temática. Como resultado, obtivemos um retorno gratificante de 1.090 visualizações, além de aproximadamente 100 curtidas e quase 250 comentários. Esses números demonstram, especialmente, a preocupação e recorrência de interesse público pelo tema, sendo esse alvo de dúvidas, questões, perguntas e aprofundamentos.

Conjuntura política e sua influência na educação

Um outro conjunto de *lives* que ocuparam três dias de nosso evento se detiveram em discutir a conjuntura política e a dominação de classe ao longo da pandemia, a análise de políticas educacionais e reflexões sobre a relação ensino-aprendizagem na Universidade ao longo do cancelamento das aulas presenciais. Estas três apresentações juntas somaram cerca de 3,3 mil visualizações, segundo dados coletados em outubro de 2020, logo após o encerramento do evento.

Distanciados pelo tempo podemos hoje refletir sobre quantas vidas teriam sido poupadas, sobre possibilidades mais concretas de vacinação em massa e um retorno mais seguro das atividades presenciais em escolas e universidades se houvesse compromisso do Estado com seus cidadãos, se a necropolítica não fosse uma realidade para o atual governo e se as políticas públicas de saúde e educação ganhassem corpo ao longo desse processo doloroso que ainda nos assola.

Sendo assim, no decorrer das *lives* foi discutida a militarização das escolas e como este processo tem por intuito criar uma nova geração de adultos conservadores, que mantenham os discursos de ódio e os ataques às minorias. Enquanto escolas privadas se proliferam e vendem o acesso à educação com discurso progressista pautada nas palavras de ordem - inovação, empreendedorismo e tecnologia - às escolas públicas, por sua vez, são reservadas projetos de sucateamento, adestramento e conservadorismo a fim de manter massas de trabalhadores inconscientes de seu próprio poder de organização e sobre os meios de produção. Cabe ressaltar que tal distinção se dá sob o prisma de interesses políticos e econômicos materializados em políticas públicas, em especial, a partir de 2016.

Nesse sentido, as *lives* despertaram para o dito de Darcy Ribeiro que nos lembra que “a crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”, cuja manutenção de um quantitativo da população com baixa escolaridade e sem acesso a uma educação de qualidade é fundamental para a manutenção do *status quo* de uma elite pouco afeita ao estado de bem estar social amplo. Dentro desse projeto também se encontra a filtragem dos livros didáticos, promovida pelo próprio Ministério da Educação, pautada numa escalada de discursos baseados em crenças pessoais e emoções tão típicas da era da pós-verdade.

Durante as análises das *lives* desse bloco foram discutidos o cenário de desmonte e retrocesso no campo educacional desde 2016 como a intervenção no Fórum Nacional de Educação e das retiradas dos representantes e conselheiros das organizações de gestão democrática para a inclusão de membros diretamente ligados ao governo. O aparelhamento dos espaços de discussão democrática configura parte significativa dessa escalada do conservadorismo e ao passo que se sucateia, abre-se o discurso da privatização.

Nesse compasso, é espantoso olhar sobre os dados apresentados e a movimentação de trilhões de dólares no mercado educacional internacional ao longo da pandemia. As Tecnologias da Informação e Comunicação, antes apresentadas como meio de melhorar as relações entre pessoas no mundo, foram criadas a priori como instrumentos de extermínio, de

direcionamento de bombas e observação do inimigo. A pandemia forneceu às ferramentas tecnológicas um novo significado e área de atuação dentro da educação. No Brasil, especialmente, grupos como a Fundação Roberto Marinho e a Fundação Lemann abriram inúmeras frentes de atuação educacional desde o fechamento das escolas. A velocidade com a qual esses grupos se articularam e enviaram questionários a professores, diretores e responsáveis a fim de recolher dados e alavancar suas ações foi impressionante. São esses dados que pautam a nova atuação docente, que subordina professores às exigências dessas plataformas (GUIMARÃES, 2020). Diferentes acadêmicos chamam a atenção para essa perspectiva de uma privatização por dentro, em que empresários se ocupam de programas, pacotes, plataformas e estratégias pedagógicas na promessa de otimizar e manter a escola funcionando de forma remota numa falsa ilusão de equidade e qualidade mesmo que às custas da precarização do trabalho docente e da falta de interação entre os atores da escola. Nos discursos desses empresários, era evidente a ideia de que a pandemia “abria uma janela de oportunidades”, mas para quem?

A escola em tempos de pandemia

Reflexivos pelos debates realizados, chegamos ao terceiro bloco das *lives* que girou em torno da escola e sua atuação neste período. As *lives* que destacaram a escola básica alcançaram mais de 3 mil visualizações e reuniram professores e alunos que, de diferentes formas, estão atuando com as crianças ao longo do isolamento.

Reinventar tornou-se uma palavra frequentemente utilizada para as diversas iniciativas e estratégias utilizadas pelos profissionais de educação em tempos de crise de saúde pública. Em meio a diversas *lives*, reuniões, aulas remotas, responsabilidades domésticas e profissionais, fomos atravessados por um conjunto de atividades que colocaram as dimensões privadas e públicas em conflito. Sendo assim, as noções de tempo e espaço sofreram profundas mudanças nesse novo cenário, demandando mais responsabilidade e estabilidade socioemocional dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Nesse momento de (in)certezas, a escola é imersa, novamente, em discursos perigosos, irresponsáveis e intencionais que desconsideram os iminentes riscos que um retorno aligeirado possa causar. A função da escola nesse período de crise recai sob argumentos que a define enquanto um espaço produtivo, retirando os jovens de casa mesmo com políticas públicas e

sanitárias mundiais de isolamento social, especialmente devido ao caso particular do Brasil. Aos defensores de seu retorno imediato, apesar de um contexto onde morrem, diariamente, cerca de 4 mil pessoas no Brasil, mistura-se ao descaso com argumentos superficiais e danosos dirigidos pelos simpatizantes dessa ideia.

Nesse sentido, a luz de falácias que supostamente estariam em “segurança” professores e alunos, confundem-se aos estudos científicos que apresentam resultados de mudança da variante do covid-19, atingindo mais jovens do que idosos. Ou seja, partindo do princípio de precarização e *déficits* dos financiamentos dedicados à educação ao longo dos anos, teto de gastos com a Emenda Constitucional 95, somados às demandas já existentes com serviços básicos de limpeza, estrutura e insumos, como englobar a esses fatores uma volta que não fosse desastrosa.

Os entraves relativos ao contraditório uso de uma tecnologização escolar, por meio de alegações que ressaltam a tecnologia enquanto “[...] algo que deve ser mantido fora da escola ou, pelo menos, algo que deve ser cuidadosamente abordado [...]” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 45), deram espaço a uma imprescindível utilização desses instrumentos para continuidade do funcionamento escolar. Ou seja, pensar hoje em escola sem que haja acesso a um pacote de dados de *internet*, computador, celular, *tablet*, *notebook* é, de algum modo, ser controverso às medidas implementadas em meio às demandas urgentes.

Podemos evidenciar em pesquisas mais recentes que as escolas privadas adotaram um sistema de atendimento remoto dando prioridade ao uso do computador e de forma bastante veloz, em boa parte do país, enquanto a adoção de qualquer medida de contato com os alunos na rede pública brasileira sofreu atraso significativo. Além deste atraso relatado, os programas da maioria das capitais demonstraram atenção insuficiente para políticas de garantia do acesso às tecnologias de seus alunos que permitissem algum aprendizado e acompanhamento. Enquanto na maior parte das capitais o computador pareceu ser uma saída, existe uma parte significativa do país que adotou programas de tv local e sobretudo rádios comunitárias como forma de atingir os alunos matriculados em suas redes de ensino (BARBERIA; CANTARELLI; SCHMALZ, 2020). A entrega de material impresso também configura uma tentativa de atingir os alunos, mas, para além do material pedagógico, não podemos nos esquecer que este período se configurou, sobretudo, como uma época de insegurança alimentar para um grupo enorme de crianças. Apostilas e cestas básicas se confundem entre o que é necessário para que as crianças

de diferentes redes públicas não sofram ainda mais com as persistentes desigualdades escolares no Brasil.

Diante desses fatos, muito tem se pensado sobre os próximos passos, ainda que nebulosos, que a escola irá se aventurar. Sendo assim, passados mais de um ano desde o início da pandemia, em que muitas vivências puderam ser compartilhadas, as *lives* voltadas para a educação básica trouxeram os relatos e as experiências de profissionais que se encontram em isolamento, mas trabalhando de forma avolumada para tentar manter seus empregos e alguma vivência escolar aos alunos.

Num contexto em que as relações sociais e de trabalho são atravessadas por questões particulares e de caráter público, somada às tensões existentes quanto à função da escola, pedagogos e professores passaram por enormes reflexões sobre sua formação e sobre sua atuação nesse período pandêmico. Com as escolas fechadas e o trabalho remoto sendo a única possibilidade no momento, solidão e incertezas foram palavras presentes nas mesas destinadas a pensar este contexto e seus impactos no processo de aprendizagem, na organização do trabalho remoto e na própria atuação destes profissionais.

Neste eixo de escolas no tempo de pandemia, a *live* “Campos de atuação do(a) pedagogo(a): quando o público e o privado se misturam” contou com a participação de profissionais da educação em diversas instâncias, sendo composta por uma orientadora educacional do município de Nova Iguaçu, um professor de química da rede privada do Rio de Janeiro, uma educadora popular e uma pedagoga. A composição foi pensada na proposta já intitulada, buscando conversar e articular os diversos espaços onde a formação em pedagogia nos propicia, conjuntamente com a troca de experiências e aprendizado nos últimos meses. A apreciação foi tamanha que, assim como as outras *lives*, foram alcançadas mais de 1.200 pessoas, além de dezenas de curtidas e aproximadamente 300 comentários, evidenciando a curiosidade e relevância daqueles que tenham interesse nas outras modalidades como possibilidades de atuação.

Dado que a pandemia impôs uma nova dinâmica, dotada de incertezas, anseios pelo futuro e medo pelo presente, a escola em seu caráter institucional se vê confrontada com novas adequações necessárias diante desse cenário epidemiológico. Ao olharmos para o corpo docente, temos um cenário em que os professores passam a reinventar ainda mais suas práticas pedagógicas, o que gera uma sobrecarga desse trabalho, pois além disso precisam aprender a utilizar ferramentas tecnológicas e construir diferentes materiais didáticos. Essa é apenas mais

uma consequência do ensino remoto. Por outro lado, surgem alguns debates que questionam o papel da escola em nossa sociedade. Como tornamos a escola um ambiente mais acessível considerando o panorama de desigualdade do nosso país? A Educação Básica, obrigatória a partir dos 4 anos de idade, passa então por um novo desafio dotado de perdas significativas.

Sendo assim, a interação, o processo de ensino-aprendizagem e o próprio processo de humanização das relações sociais ficam fragilizados neste momento, já que a perda não se refere à aquisição de conteúdos, mas sim pelo convívio que foi impossibilitado. Então, torna-se imprescindível que as trocas afetivas sejam ainda mais incentivadas a partir da escuta às famílias, a partir daqueles indivíduos que também fazem parte da comunidade escolar. Não se trata apenas de cumprir atividades. Precisamos refletir que é necessário estabelecer um clima de confiança entre todos, para que não haja culpabilização de um sobre o outro. Afinal, todos estão juntos pelo mesmo direito: à uma educação de qualidade.

Portanto, a *live* intitulada “A escola fechou? Reflexões sobre a Educação Básica na conjuntura atual” teve como objetivo discutir e refletir sobre essas limitações do ensino remoto e seus efeitos na escola. Isto é, a conversa realizada pelas integrantes da *live* contou com falas a respeito da importância do diálogo da universidade neste contexto, e mais, sobre a posição de pensar a escola para além da espacialidade física. Nesse sentido, pensamos em trazer representantes de cada nível de ensino (Educação Infantil, Anos Iniciais, EJA e Ensino Superior) para que a discussão pudesse ser mais completa e envolvesse diferentes vivências. A composição da *live* contou com a presença de duas professoras da Faculdade de Educação da UFRJ, uma orientadora educacional do Colégio de Aplicação da UFRJ e uma estudante de Pedagogia da UFRJ.

Atravessamentos, tensões e aproximações com o projeto

Como retrato do nosso empenho, dedicação e compromisso para com o projeto, constatamos um resultado satisfatório e recompensador das nossas mobilizações. Sendo assim, a partir dos dados colhidos logo após o período da realização do segundo ciclo de atividades, tivemos em média 11 mil visualizações, somados aos mais de mil comentários e 780 curtidas (informações coletadas em outubro de 2020, podendo haver algumas alterações, devido a permanência do evento nas redes). Além dos números sublinhamos aqui, as pessoas por trás desses dados que estiveram conosco ao longo desse processo, interagindo e compartilhando

nosso conteúdo. Tal fato reverbera, inclusive, no alvo de uma extensão que corresponde à extrapolação dos muros universitários, atingindo a comunidade como um todo.

No caso específico dos estudantes do curso de Pedagogia, o distanciamento coloca em risco um sentimento que já é muito delicado: a afiliação acadêmica, como apresentado por Alain Coulon (2008). A entrada na universidade já é por si só um ato de transformação no jovem recém-saído da educação básica. Envolver-se, apaixonar-se ou afetar-se por todas as possibilidades que a vida universitária oferece requer um ato de constante troca, escuta, ação e envolvimento que pode por vezes ser assustador demais. As tentativas de manutenção dos laços, mesmo que de forma virtual, como em projetos e atividades apresentados anteriormente, tem o intuito da continuidade desse sentido e no envolvimento das gerações de estudantes que se viram aliados de suas rotinas acadêmicas para manterem-se vivos. Entrar na universidade é um desafio, manter-se nela configura-se enquanto um ato político. Todos os sujeitos envolvidos na comunidade acadêmica da UFRJ: professores, técnicos e estudantes possuem algum tipo de responsabilidade sobre os novos discentes que ingressam, ainda mais em momento tão adverso. Para além da afiliação acadêmica trazida por Coulon (2008), a transformação do educando oriundo da escola, acostumado a apenas cumprir burocracias relacionadas às notas e à presença em aula, para o estudante envolvido com a construção do saber, transformação e com a pesquisa científica como apontam Larrosa e Rechia (2019), nasce das relações e nas vivências no *campus* que agora, por força do destino, se encontra virtual.

Do mesmo modo, pensar uma vivência mais existencial e estética em tempos de isolamento torna-se um ato de resistência contra o conservadorismo e o negacionismo que tanto nos afligem. Nesse sentido, Larrosa e Rechia (2019), nos chamam a atenção para a força das palavras e como estas determinam nosso pensamento, a forma como pensamos. Pensar, segundo os autores, não é somente raciocinar ou calcular, mas sim dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, a forma como nos expressamos diante de nós mesmos e dos outros e do mundo. Com as palavras nomeamos o que sentimos, pelo o que lutamos e aquilo que acreditamos. Por isso existem formas de silenciar ou evidenciar certas palavras, são lutas e não apenas designações vazias. Entendemos que elaborar, executar e refletir sobre um evento como este também se insere no campo da luta.

Hoje, distanciados pelo tempo da produção e execução virtual do projeto Pedagogia da Quarentena, podemos refletir de forma mais tranquila sobre como esta prática transformou nossa vivência acadêmica e como ela foi fundamental para mantermos laços em momento tão

adverso. A experiência para que nos toque e para que nos transforme aponta que precisamos estar preparados para parar, olhar, sentir, escutar, realizar atividades de forma mais lenta e proporcionar a nós mesmos mais tempo e espaço. Seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. A experiência é justamente aquilo que nos passa ou nos toca ou ainda o que nos acontece e, ao passar, nos forma e transforma (BONDÍA, 2002).

As demandas e as necessidades do distanciamento tornaram algumas ações acadêmicas muito complicadas, assim como a manutenção de laços, pesquisas e encontros proporcionados pela universidade. Ameaças não apenas da saúde física e mental como também na manutenção de verbas traz incertezas e angústia a toda comunidade acadêmica, mas são projetos como esse que nos anima a perseverar e seguir acreditando naquilo que Ailton Krenak (2020) no diz que “o amanhã não está à venda”.

Referências

BARBERIA, Lorena G.; CANTARELLI, Luiz G. R.; SCHMALZ, Pedro Henrique de Santana. **Uma avaliação dos programas de educação pública remota dos estados e capitais brasileiras durante a pandemia do COVID-19**. 2020. Disponível em: [remote-learning-in-the-covid-19-pandemic-v-1-0-portuguese-diagramado-1.pdf](https://fgvclear.org/remote-learning-in-the-covid-19-pandemic-v-1-0-portuguese-diagramado-1.pdf) (fgvclear.org) Acesso em: 10 abr. 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: Edufba, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GUIMARÃES, Cátia. **Janela de oportunidades?** Entidades filantrópicas de origem empresarial oferecem cardápios de soluções para o ensino remoto e o planejamento da volta às aulas. Rio de Janeiro: Fiocruz/ Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2020. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/janela-de-oportunidade>. Acesso em: 10 abr. 2021.

IBGE – instituto brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Schwarcz, 2020.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, dez. 2016.

RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: Lélia Gonzalez. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Quando acaba o século XX - ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. E-book. Disponível em: [https://pdf.zlibcdn.com/dtoken/f8e5901663d6999d272457745f3a962f/Quando_acaba_o_s%C3%A9culo_XX_\(Breve_Companhia\)_by_Lili_5778218_\(z-lib.org\).pdf](https://pdf.zlibcdn.com/dtoken/f8e5901663d6999d272457745f3a962f/Quando_acaba_o_s%C3%A9culo_XX_(Breve_Companhia)_by_Lili_5778218_(z-lib.org).pdf). Acesso em: 10 abr. 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 15, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1990.

Recebido: 19.05.2021

Aceito: 04.08.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**USO DE METODOLOGIA ATIVA E TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA
FABRICAÇÃO DE INSTRUMENTOS MÚSICAIS COM RESÍDUOS SÓLIDOS**

***USE OF ACTIVE METHODOLOGY AND DIGITAL TECHNOLOGIES FOR
MANUFACTURING MUSICAL INSTRUMENTS WITH SOLID WASTE***

***USO DE METODOLOGÍA ACTIVA Y TECNOLOGÍAS DIGITALES PARA LA
FABRICACIÓN DE INSTRUMENTOS MUSICALES CON RESIDUOS SÓLIDOS***

Juliano da Cunha Gomes¹

Resumo: O modelo social e econômico linear atual baseado na extração, consumo e descarte contribuiu em nível global para que a geração e consequente disposição de resíduos em aterros aumentasse ao longo dos anos. No Brasil, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) orienta que seja observada a seguinte ordem de prioridade na gestão de Resíduos Sólidos Urbanos (RSU): não geração, redução, reutilização, reciclagem, tratamento dos resíduos sólidos e disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos. Em 2019, foram geradas no país 79 milhões de toneladas de RSU e a maior parte desse montante foi aterrado, indicando, entre as diversas demandas, a necessidade de campanhas de educação ambiental para a reutilização de resíduos de forma a atender às orientações da PNRS. Por isso, esse projeto abordou o uso de tecnologias digitais e metodologia baseada em projeto com estudantes do curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental do IFSC de Garopaba/SC durante a fase de atividades não presenciais em decorrência da pandemia causada pelo Sars-Covid-19, através da realização de um projeto de extensão com o objetivo de qualificar na comunidade fabricantes de instrumentos musicais a partir da reutilização de RSU. Ao todo foram produzidos 8 vídeos, as *lives* tiveram um pico simultâneo médio de 30 pessoas e até o momento da conclusão deste trabalho os 8 vídeos somavam 486 visualizações. Os resultados obtidos foram altamente positivos e demonstraram que é imprescindível o olhar institucional para o melhoramento de sua infraestrutura e capacitação contínua da comunidade acadêmica no uso de metodologias ativas e tecnologias digitais.

Palavras-chave: Resíduos Sólidos Urbanos. Tecnologias digitais. Metodologia ativa.

Abstract: *The current linear social and economic model based on extraction, consumption and disposal has contributed at a global level so that the generation and consequent disposal of waste in landfills has increased over the years. In Brazil, the National Solid Waste Policy (PNRS) advises that the following priority order be observed in the management of Urban Solid Waste (RSU): non-generation, reduction, reuse, recycling, treatment of solid waste and environmentally adequate final disposal of waste. In 2019, 79 million tons of MSW were*

¹ Engenheiro Ambiental. Doutor em Engenharia Ambiental, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do Instituto Federal de Santa Catarina, *Campus* Garopaba, Santa Catarina, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0312-4933> E-mail: juliano.gomes@ifsc.edu.br

generated in the country and most of this amount was filled, indicating, among the various demands, the need for environmental education campaigns for the reuse of waste in order to meet the guidelines of the PNRS. Therefore, this project addressed the use of digital technologies and project-based methodology with students from the Environmental Management Technology course at IFSC in Garopaba/SC during the off-site activities phase due to the pandemic caused by Sars-Covid-19, through the realization of a project extension program with the objective of qualifying musical instrument manufacturers from the reuse of RSU in the community. In all, eight videos were produced. Lives had an average simultaneous peak of 30 people and by the time this work was completed, the eight videos totaled 486 views. The results obtained were highly positive and demonstrated that an institutional perspective is essential for the improvement of its infrastructure and continuous training of the academic community in the use of active methodologies and digital technologies.

Keywords: Municipal solid waste. Digital technologies. Active methodology.

Resumen: El actual modelo lineal social y económico basado en la extracción, consumo y disposición ha contribuido a nivel global a que la generación y consecuente disposición de residuos en vertederos se haya incrementado a lo largo de los años. En Brasil, la Política Nacional de Residuos Sólidos (PNRS) aconseja que se observe el siguiente orden de prioridad en la gestión de Residuos Sólidos Urbanos (RSU): no generación, reducción, reutilización, reciclaje, tratamiento de residuos sólidos y disposición final ambientalmente adecuada de residuos. En 2019 se generaron 79 millones de toneladas de RSU en el país y la mayor parte de esta cantidad se cubrió, lo que indica, entre las diversas demandas, la necesidad de campañas de educación ambiental para la reutilización de residuos para cumplir con los lineamientos del PNRS. Por lo tanto, este proyecto abordó el uso de tecnologías digitales y metodología basada en proyecto con estudiantes del curso de Tecnología de Gestión Ambiental en IFSC en Garopaba / SC durante la fase de actividades fuera del sitio debido a la pandemia causada por Sars-Covid-19, mediante la realización de un programa de extensión del proyecto con el objetivo de calificar a los fabricantes de instrumentos musicales de la reutilización de RSU en la comunidad. En total, se produjeron 8 videos. Las vidas tuvieron un pico simultáneo promedio de 30 personas y cuando se completó este trabajo, los 8 videos totalizaron 486 visitas. Los resultados obtenidos fueron altamente positivos y demostraron que una perspectiva institucional es fundamental para el mejoramiento de su infraestructura y la formación continua de la comunidad académica en el uso de metodologías activas y tecnologías digitales.

Palabras clave: Residuos Sólidos Urbanos. Tecnologías digitales. Metodología activa.

Introdução

A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) orienta que seja observada a seguinte ordem de prioridade na gestão dos Resíduos Sólidos Urbanos (RSU): não geração, redução, reutilização, reciclagem, tratamento dos resíduos sólidos e disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos, ou seja, existe a necessidade de implementação de campanhas de educação ambiental com a população para não geração, redução, reutilização e reciclagem dos

RSU, sendo a destinação final em aterros a última opção adotada e apenas para os rejeitos (aquilo que não há tratamento em face das tecnologias disponíveis), entretanto na prática observa-se justamente o contrário (BRASIL, 2010).

Em 2019, foram geradas no Brasil 79 milhões de toneladas de RSU, deste montante, 59,5% foram destinados aos aterros sanitários e 40,5% foram para locais inadequados, como os aterros controlados e lixões. A composição gravimétrica dos RSU no país foi de 3% para o vidro; 3% para metal; 9% para papel/papelão; 13% para o plástico; 22% para outros e 50% para os resíduos orgânicos (ABRELPE, 2020; BRASIL, 2011).

Garopaba, por exemplo, é um município turístico no Centro do Estado de Santa Catarina, com 115,405 km² de extensão, população estimada em 23.579 habitantes, inserido na Área de Proteção Ambiental (APA) da baleia-franca e com proximidade com outras Unidades de Conservação federais. Além disso, não possui sistema público de coleta e tratamento de esgotos, na área urbana, na maioria dos casos, o esgoto sanitário é disposto em fossas sépticas, em alguns casos é realizada a ligação direta nos corpos hídricos existentes e no sistema de drenagem do município. Na alta temporada do ano de 2017, a geração de RSU do município foi de 1.500 ton/mês e, na baixa temporada, a geração foi de 800 ton/mês, representando uma geração média per capita de 1,18 kg/hab.dia na baixa temporada, ou seja, maior do que a média nacional de 1 kg/hab.dia. O município não dispõe de coleta seletiva, sistema de compostagem ou programas de educação ambiental, enviando todo o seu RSU para aterros e possui um lixão não remediado (GAROPABA, 2012, 2018, 2021; IBGE, 2020; SALVADOR, 2012).

Devido à cidade de Garopaba ser um lugar com praias, há ainda o agravante dos RSU que acabam no mar, gerando impactos adversos à fauna e à flora marinha. Entre os principais resíduos provenientes de fontes terrestres encontrados no mar, pode-se citar grande quantidade de garrafas e embalagens de alimento recentemente descartadas, canudos para bebidas e “bitucas de cigarro”. Os dez tipos de resíduos mais encontrados nas praias em 2018, por ordem de grandeza foram: “bitucas de cigarros”; embalagens de alimentos; garrafas plásticas; tampas de garrafas plásticas; sacolas plásticas; outros sacos plásticos; canudos e agitadores de bebidas; embalagens plásticas de alimentos; outras tampas plásticas e embalagens de EPS (TURRA *et al.*, 2020).

Esse panorama de geração e disposição de resíduos em aterros, que vem aumentando ao longo dos anos, foi consequência do modelo social e econômico linear atual baseado na extração, consumo e descarte. Por isso, percebe-se a necessidade de adotar medidas favoráveis

ao uso mais eficiente dos bens, incluindo a incorporação dos resíduos sólidos no ciclo de vida dos produtos. Neste contexto, a economia circular é um modelo econômico não linear baseado na prevenção, redução, reutilização, recuperação e reciclagem de materiais e energia, que substitui o conceito de “fim de vida” da economia linear por fluxos circulares de reutilização, restauração e renovação, num processo integrado, sendo elemento fundamental na promoção da dissociação entre a ideia de que o crescimento econômico está atrelada ao aumento no consumo de recursos naturais (COSENZA; ANDRADE; ASSUNÇÃO, 2020; PORTUGAL, 2017).

A reutilização e reciclagem de resíduos como peça da economia circular pode começar na escola e expandir-se para a comunidade externa através de projetos de extensão, reciclando resíduos orgânicos, produzindo artesanatos e instrumentos musicais a partir de RSU por exemplo, de forma presencial ou *online*. Ambos os formatos possuem vantagens e desvantagens, mas o formato *online* passou a ser uma realidade diante da fase de distanciamento social da pandemia causada pelo Sars-Covid-19 que, além de possibilitar a troca de saberes e experiências, permite as pessoas se qualificarem a qualquer momento, uma vez que o percurso formativo esteja disponível na Internet (GALLO; GUENTHER, 2015; GOMES, 2021; OLIVEIRA *et al.*, 2007).

Por isso, a participação efetiva dos estudantes em projetos no formato *online* pressupõe o uso de metodologias ativas e tecnologias digitais. Neste sentido, o estudante passa a ser o centro do processo educativo, ouvindo, vendo, perguntando, discutindo, fazendo e ensinando, ou seja, um agente autônomo capaz de construir conhecimento, examinar situações, refletir, resolver problemas de maneira a fomentar o seu próprio desenvolvimento. Entre as metodologias ativas pode-se citar a instrução por pares, aprendizagem baseada em problemas, aula invertida, aprendizagem baseada em projeto, aprendizagem baseada em equipe, escrita por meio das disciplinas e o estudo de caso (CASTAMAN; BORTOLI, 2021; MORAN, 2015).

Já as tecnologias digitais são um conjunto de recursos disponíveis nos dispositivos eletrônicos baseados em linguagem com códigos binários, que permitem informar, comunicar, interagir e aprender. Conseqüentemente, possibilitam o registro, visualização e a percepção do processo de aprendizagem de cada um e de todos os envolvidos, potencializando o uso das metodologias, sejam elas ativas ou não. Pode-se exemplificar como recursos das tecnologias digitais o uso de dispositivos *desktop* ou móveis como computadores, *tablets* e telefones celulares, uso de processadores de texto, planilhas eletrônicas, apresentação de *slides*,

formulários *online*, produção e uso de imagens e vídeos, o uso de redes sociais, uso aplicativos para videochamadas com ou sem transmissão de *lives* para o *YouTube* entre outros (FERRARINI; SAHEB; TORRES, 2019; MORAN, 2015).

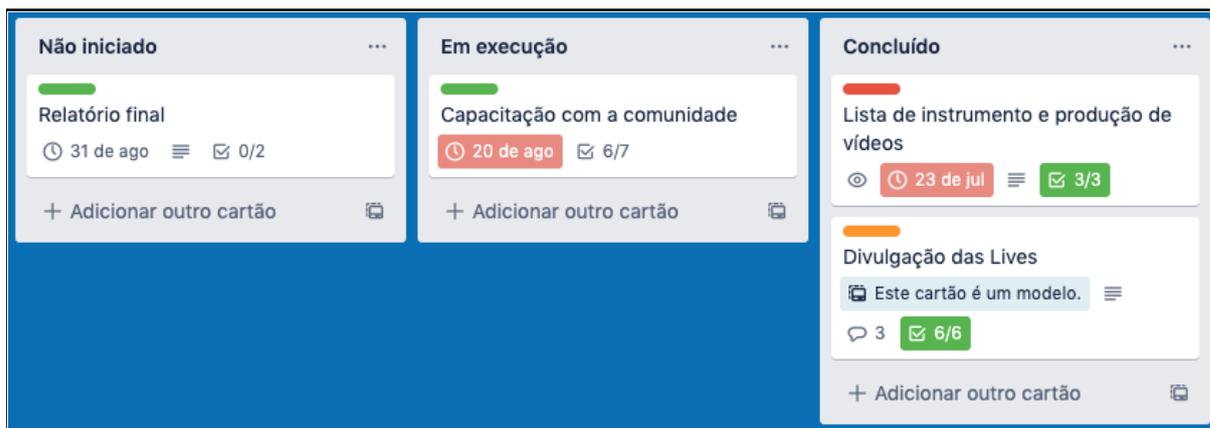
Dessa forma, esse trabalho abordou o uso de tecnologias digitais e metodologia baseada em projeto com os estudantes do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental, do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), *Campus* Garopaba, Santa Catarina, com o objetivo de qualificar fabricantes de instrumentos musicais a partir da reutilização de RSU na comunidade de Garopaba/SC, durante a fase de distanciamento social da pandemia causada pelo Sars-Covid-19, através de um projeto de extensão. Para tanto foi necessário: 1) Realizar pesquisa na Internet para definir quais instrumentos musicais eram possíveis de construir em casa; 2) Produzir vídeos usando um padrão de filmagem pré-estabelecido; 3) Divulgar o projeto na comunidade através das redes sociais do IFSC e 4) Realizar a formação da comunidade externa através de três *lives*.

Metodologia

Esta ação de extensão foi submetida e aprovada no formato projeto, através de edital interno, acontecendo de forma não presencial entre dezembro de 2020 e agosto de 2021 no Laboratório de Tecnologias Ambientais (LATA), do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental, do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), *Campus* Garopaba, e contou com um professor coordenador, duas estudantes do curso e um membro da Coordenadoria de Relações Externas (CERE) do *Campus*.

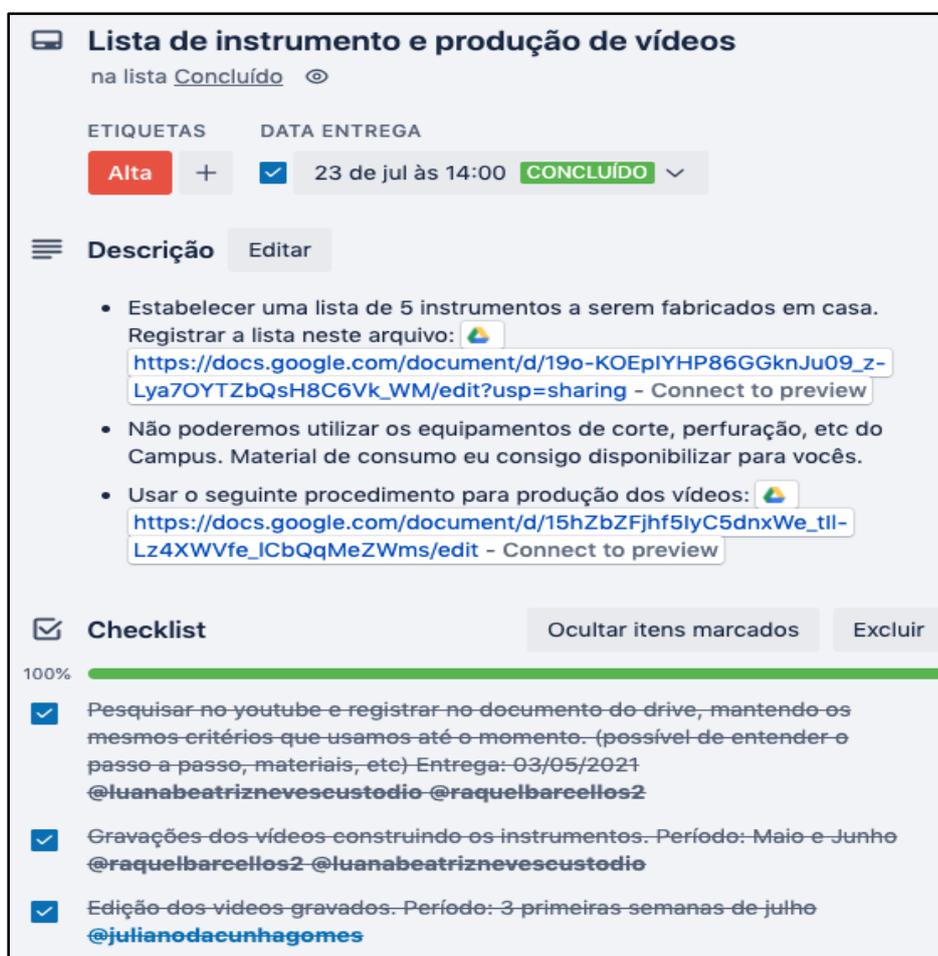
Utilizou-se a metodologia baseada projeto com as estudantes para a produção de vídeos e *lives*, como ferramenta de planejamento, o *Trello*, organizando os fluxos das atividades realizadas através do sistema *Kanban* (Figura 2). Ou seja, dividiu-se as atividades em três quadros (não iniciado, em execução e concluído) e em cada quadro adicionou-se cartões com a descrição das tarefas, *checklist* de atividades prazo de entrega e prioridade de entrega com cores (Figura 1). A medida em que as atividades foram concluídas, os cartões eram movidos para o quadro seguinte.

Figura 2 – Fluxo das atividades do projeto no *Trello* usando o sistema Kanban



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 1 - Exemplo de cartão com atividades



Fonte: Elaborada pelo autor.

Utilizou-se, também, videochamadas e troca de mensagens por grupo de *WhatsApp* realizadas periodicamente para atualizar as atividades no *Trello* e manter todos informados. As estudantes estavam responsáveis pela maior parte das atividades, sob a coordenação do docente. Todas as atividades foram registradas.

A primeira etapa da execução do projeto foi a realização de pesquisa pela Internet para definir os instrumentos musicais a serem construídos a partir de resíduos sólidos. Para tanto, as estudantes realizaram pesquisa no *YouTube* durante três meses, com a finalidade de encontrar vídeos de instrumentos possíveis de serem adaptados e construídos em casa com os resíduos disponíveis e ferramentas simples. Os resultados da pesquisa foram registrados em um documento no *Google Drive*.

Na segunda etapa, elaborou-se os vídeos da construção dos instrumentos, esta etapa teve duração de três meses e os vídeos foram produzidos pelas estudantes em suas casas. Usaram resíduos como matéria prima, telefone celular para a gravação dos vídeos, computador e aplicativo de edição de vídeo para realizar recortes de cenas, inserção de textos, legendas e música de fundo, de modo a manter uma duração média de 10 minutos cada vídeo. Com a intenção de orientar as estudantes na padronização do método de construção dos instrumentos em casa, gravações dos vídeos e qualidade da captura do áudio e vídeo, foi proposto o procedimento do Quadro 1.

Quadro 1 - Procedimentos para a gravação dos vídeos em casa

Procedimentos para a gravação dos vídeos em casa

1. Posicionar a câmera em local com bastante iluminação e fundo claro (mesa ou toalha clara), ou com fundo que contraste com os materiais de forma a ficar bem visível no vídeo.
2. A Câmera precisa estar fixa (parada), sem possibilidade de vibração, posicionada de frente para a atividade, igual a esse vídeo. Se não tiver um suporte específico para a câmera, inventar um que possa ser utilizado da mesma forma em todos os vídeos para mantermos uma padronização.
3. Durante as gravações, usar um fone de ouvido com microfone para o áudio ficar melhor.
4. Primeira cena do vídeo (materiais e equipamentos utilizados):
 - a) posicionar os materiais e equipamentos sobre a mesa, em uma metade da tela (lado direito ou esquerdo). Ao editar o vídeo, colocaremos a lista de materiais por escrito na outra metade da tela. Alternar a posição em cada vídeo para não ficar sempre igual. Deve constar também os resíduos que serão a matéria prima. Esses materiais devem

ser os mesmos que estão na nossa do *Google Drive*;

- b) iniciar a gravação com a seguinte fala: Olá, nesse vídeo construiremos um(a) (nome do instrumento), utilizando como matéria prima resíduos de (resíduos utilizados). Para isso, utilizaremos os seguintes materiais: falar os materiais e equipamentos utilizados.

5. Segunda cena (metodologia):

- a) Assistir e memorizar o vídeo original que pesquisamos no *YouTube* para fazer este instrumento, de forma que você consiga reproduzir a construção do instrumento e gravar tudo de forma organizada, seguindo as mesmas etapas do vídeo original.
- b) Neste momento, a mesa da filmagem deve estar vazia para dar a sensação de início de construção. Você estará com os materiais ao seu alcance, ao lado da mesa onde a filmagem está sendo feita e vai pegando os materiais à medida que for necessário.
- c) Iniciar a gravação com uma fala do tipo: A primeira etapa da construção desse instrumento consiste em.... (vai gravando o vídeo e narrando o que está fazendo).

6. Terceira cena (resultados e considerações):

- a) ao final da gravação, mostrar o instrumento de todos os ângulos, falar quais a sua impressão na construção deste instrumento utilizando resíduos como matéria prima, pontos positivos, negativos ou qualquer outra coisa que ache necessário;
- b) testar o instrumento. Poderá ser feito na sequência da fala anterior, mas se for preciso aprender um pouco a usá-lo, pode fazer outro vídeo pequeno depois de aprender o básico de uso do instrumento, testando o mesmo;
- c) encerrar o vídeo com uma mensagem de agradecimento e despedida a quem assiste ao vídeo.

7. Na edição do vídeo, fazer o recorte das cenas de forma que o vídeo tenha em média 10 minutos. No início do vídeo, colocar o *slide* de capa do projeto durante aproximadamente 5 segundos. Quando a fala sobre os materiais utilizados iniciar, inserir também a lista de materiais na forma de texto no vídeo. Nos trechos em que não houver fala, acelerar a cena. Ao final do vídeo, colocar o *slide* de agradecimentos e créditos durante aproximadamente 5 segundos.

8. Exportar e salvar o vídeo na pasta do projeto no *Google Drive*. Cada vídeo deve ter o seguinte nome: “Nome_do_instrumento_fabricado.mp4”.

Fonte: Elaborado pelo autor.

As artes utilizadas na divulgação do projeto foram elaboradas no *Canva* (*site* para criação de *design*) pelas estudantes em conjunto com o professor, no período de um mês. Todas as imagens geradas no projeto possuíam um padrão de cores e simplicidade de *layout* de forma

passarem todas as informações com o mínimo de poluição visual. A divulgação foi feita nas redes sociais do *Campus* e dos membros do projeto.

Na última etapa do projeto, realizou-se três *lives* de qualificação com a comunidade externa, com o uso da ferramenta de conferência *web* da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), pois o IFSC possui licença para uso e, também, pelo fato da RNP permitir o gerenciamento dos participantes de forma mais segura, se comparada com o *Google Meet* por exemplo. Para cada *live*, elaborou-se um roteiro, utilizando o modelo do Quadro 2, que foi seguido pelas estudantes, as quais foram as apresentadoras e mediadoras, com exceção da primeira *live*, que o professor fez a mediação.

Quadro 2 - Modelo de roteiro para *live*

Modelo de Roteiro para *live*

1) Iniciar com o vídeo institucional: https://www.youtube.com/watch?v=7nWX6DL_x10.

2) Introdução:

- inserir na tela da RNP a arte de divulgação da *live* do dia;
- abrir a câmera e o áudio e fazer a seguinte fala:
 - Boa tarde a todos e a todas que estão aqui conosco. Sejam muito bem-vindos a nossa (primeira, segunda ou terceira) *live* do projeto de extensão “Qualificação de fabricantes de instrumentos musicais a partir de resíduos sólidos urbanos”;
 - Meu nome é _____, sou estudante do IFSC, *Campus* Garopaba e extensionista desse projeto com minha colega _____, sob a coordenação do professor _____;
 - na *live* de hoje abordaremos sobre _____;
 - lembrando que as *lives* são gratuitas e quem se inscrever, vai receber por *e-mail* um certificado de participação de 5 horas. O *link* para as inscrições está no *chat* (Operador da videochamada, colar no *chat* a seguinte mensagem: Olá pessoal, aqui está o *link* para a inscrição e obtenção do certificado de participação: <https://forms.gle/c3WbNQNwEo59P4cL6>);
 - as *lives* acontecerão sempre nesse mesmo *link* que está na tela e, também, ao vivo pelo *YouTube* do *Campus* Garopaba;
 - para as pessoas que queiram interagir conosco por meio de áudio e vídeo, recomendamos entrar na *live* pelo *link* que está na tela, já que pelo *YouTube* a interação se limita ao *chat*;
 - após o vídeo vamos abrir um espaço para perguntas troca de saberes e experiências com vocês.

3) Apresentação dos vídeos e interação com o público.

- Passar os vídeos.
- No final de cada vídeo, convidar o público para interagir, seja com perguntas no *chat* ou por áudio/vídeo. (Operador da videochamada: ficar verificando o *chat* da RNP e do *YouTube* e trazer as perguntas para os mediadores).

4) Finalização

- Colocar a arte de divulgação da próxima *live* na tela da RNP.
- Fazer a fala de encerramento e agradecimentos: Então por hoje é isso, pessoal, gostaríamos de agradecer a todos que estiveram conosco e convidá-los a participar da próxima *live*, na próxima _____, dia _____ às ____ horas para assistirem, em que abordaremos o processo de fabricação do _____. Grande abraço e até a próxima *live*;
- Encerrar a transmissão na RNP e *YouTube*.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ofereceu-se também certificado de participação para todos que se inscrevessem e participassem das *lives*. Para a inscrição dos participantes, utilizou-se a ferramenta formulários do *Google* e para a geração e envio automatizado dos certificados por *e-mail*, utilizou-se as planilhas do *Google* com o complemento *Autocrat*.

Resultados e discussão

Para executar o projeto conforme planejado, as estudantes precisaram trabalhar em equipe, ter uma boa comunicação, aprender sobre ferramentas de gerenciamento de projetos como o *Trello*, ferramentas de edição de imagem como o *Canva*, ferramentas de edição de vídeo, ferramentas do *Google* (*Drive*, *Meet*, *Gmail*, Agenda, Planilhas, Documentos, Apresentações, Formulários), RNP, além do processo de construção dos instrumentos, portanto há de se destacar, inicialmente, que toda a aprendizagem sobre o uso dessas ferramentas foi construída pelas próprias estudantes ao longo do projeto, com a mediação do professor.

Como resultado da primeira etapa chegou-se a cinco instrumentos possíveis de serem fabricados em casa com algumas adaptações: 1) pandeiro com tampa de balde e lacres de latinhas de alumínio; 2) flauta com cano de PVC e rolha de garrafa; 3) chocalho com garrafa PET e bitucas de cigarro; 4) tambor chinês com lata de sardinha e 5) tambor com balde, fita adesiva e bitucas de cigarro.

Na segunda etapa do projeto, produziu-se os 5 vídeos que estão hospedados no canal do *YouTube* do IFSC, Campus Garopaba: pandeiro (<https://youtu.be/HEgnzYeOfXQ>); flauta (<https://youtu.be/HLSw0MzMv7g>); chocalho (<https://youtu.be/ac1v14eHTsE>); tambor chinês (https://youtu.be/Q4EUpcS-_Us) e tambor de balde (<https://youtu.be/2S1L1hvMvzU>). A medida em que iam construindo os instrumentos e gravando os vídeos, as estudantes aprendiam sobre o processo, o que permitiu que elas constatassem em algumas situações outras formas de construir ou melhorar aqueles instrumentos. Esses conhecimentos foram compartilhados com a comunidade durante as *lives*.

A divulgação do projeto na comunidade externa foi realizada através das redes sociais do IFSC de Garopaba (*Facebook* e *Instagram*), perfil do *Instagram* do curso de Gestão Ambiental (<https://www.instagram.com/gestaoambiental.ifsc/>), redes sociais e grupos *WhatsApp* dos membros do projeto e dos próprios alunos do curso. Os cartazes criados foram compartilhados diariamente nas semanas que antecederam as *lives*, iniciando pelo cartaz contendo a programação completa da Figura 3a, seguido pelo da Figura 3b, Figura 3c e, finalmente, o da Figura 3d.

Figura 3 - Cartazes de divulgação utilizados na ação de extensão





Fonte: Elaborada pelo autor.

Os cartazes eram acompanhados do texto modelo do Quadro 3 para contextualizar o projeto e, ao mesmo tempo, atribuir uma característica mais humanizada ao convite.

Quadro 3 - Texto modelo de divulgação das *lives* do projeto

Convidamos toda a comunidade para participar das *lives* do Projeto de Extensão Fabricação de instrumentos musicais a partir de resíduos sólidos urbanos, promovido no IFSC, Campus Garopaba. As *lives* podem contribuir para jovens e adultos terem ideias de como trabalhar a reutilização do lixo urbano e, ao mesmo tempo, como uma campanha antitabagismo e de conscientização da importância da preservação das nossas praias.

O espaço também servirá para a troca de saberes e experiências, podendo qualquer participante interagir por *chat*/vídeo seja com perguntas seja com relato de suas experiências. O evento terá certificado de participação de 5 horas. O *link* para a inscrição será compartilhado durante as *lives*.

Link para as *lives*: www.bit.ly/jcgomes

Tutorial rápido de como acessar a plataforma das *lives*: www.bit.ly/tutorial-RNP

Venha participar, contamos com a sua presença.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A realização das *lives* para a qualificação da comunidade externa foi a última etapa do projeto. Realizou-se 3 *lives*, uma por semana para permitir que os participantes se organizassem e não tivessem outras atividades do dia-dia comprometidas.

Esse projeto de extensão foi concebido a partir de uma iniciativa da comunidade na região central de Garopaba, chamada “Mais amor menos bitucas por favor”, que tinha como

objetivo promover a coleta seletiva das “bitucas de cigarro” para lhes dar destino final adequado e, ao mesmo tempo, realizar campanha antitabagismo e de preservação das praias com os jovens do município. Por isso, utilizou-se no projeto parte das bitucas coletadas pela iniciativa comunitária.

A primeira *live* (<https://youtu.be/YawPrShCcsU>) foi inteiramente dedicada a apresentar o projeto e a iniciativa “Mais amor menos bitucas por favor”, através de um bate-papo descontraído, mas carregado de mensagens de amor e respeito com todos os seres vivos e com o ambiente abiótico. Nessa *live*, o professor foi o mediador para que as estudantes pudessem aprender por observação o papel que exerceriam nas *lives* seguintes.

Na segunda *live* (<https://youtu.be/iceXmuyBpqA>), as estudantes apresentaram os vídeos da fabricação do pandeiro e da flauta e, por último, a terceira *live* (https://youtu.be/J_Rb-sV9Bo4), os vídeos do chocalho, tambor chinês e tambor de baldes. As estudantes se revezaram nas apresentações dos vídeos produzidos, de forma que logo após a apresentação de cada vídeo, era aberto o espaço para a troca de saberes, experiências e interação com o público que estava fazendo perguntas nos *chats* do *YouTube* e RNP. Nesse momento, as estudantes participavam juntas, faziam o compartilhamento daquilo que haviam aprendido durante a construção dos instrumentos e davam dicas de modo a permitir a otimização da construção dos instrumentos. Nessas *lives*, o professor e a CERE do *Campus* deram suporte às estudantes como operadores das videochamadas, transmitindo-as ao vivo para o *YouTube* do *Campus* de Garopaba, controlando os *chats* e realizando intervenções quando necessário.

De forma geral, houve boa interação com o público que assistia as *lives* através do *chat YouTube* e RNP. Ao todo, foram produzidos 8 vídeos que podem ser visualizados na *playlist* (https://youtube.com/playlist?list=PLEgUtnEeCfYEDNzjC_i_GGWlh8lkPW7tU) do projeto. Durante as *lives*, o pico simultâneo médio foi de 30 pessoas (levando em consideração os participantes da RNP e *YouTube*) e o número de reprodução das transmissões variou de 30 a 60, estando de acordo com a expectativa que se tinha. Até o momento da conclusão deste trabalho os 8 vídeos somavam 486 visualizações, porém o fato de os vídeos estarem disponíveis *online* significa que mais pessoas poderão se qualificar ao passar do tempo.

Levando-se em consideração que os assuntos abordados no projeto de extensão (gestão de resíduos sólidos) também são conteúdos trabalhados em sala de aula, esse tipo de ação de extensão *online* é considerado de grande relevância para os cursos da área ambiental do *Campus*, já que os projetos ficam registrados em *playlists* como uma verdadeira base de dados

possível de voltar à sala de aula para enriquecer ainda mais o processo de construção do conhecimento.

Em outras palavras, as estudantes utilizaram os conhecimentos produzidos em aula, realizaram pesquisas utilizando alguns princípios do método científico e elaboraram produtos de extensão que foram compartilhados com a sociedade buscando a articulação entre os saberes e a interação dialógica, perfazendo assim a tríade ensino, pesquisa extensão vista na Figura 4 a seguir.

Figura 4 - Tríade ensino, pesquisa e extensão



Fonte: Elaborada pelo autor.

Entretanto essa tríade não se limita a um ciclo com um único sentido direcional, a tríade é dinâmica, podendo um elemento interagir com o outro em prol da comunidade acadêmica e da comunidade externa. Ou seja, o ensino pode identificar problemas a serem respondidos por meio da pesquisa ou conhecimentos a serem compartilhados com a sociedade através da extensão, a pesquisa pode gerar conhecimentos para a sala de aula e/ou a serem compartilhados com o público externo e a extensão pode detectar a necessidade de realizar pesquisa e/ou

apresentar seus resultados em sala de aula para estudo de seus produtos. Por isso, afirma-se que a relação entre o ensino, a pesquisa e a extensão são indissociáveis e imprescindíveis para se manter o padrão de qualidade no âmbito da educação profissional e tecnológica.

Considerações finais

Esse projeto de extensão foi submetido e aprovado meses antes das atividades presenciais serem suspensas, no início de 2020, portanto ele havia sido planejado para ser executado de forma presencial. O maior desafio enfrentado foi adaptá-lo para o contexto não presencial e manter a motivação das estudantes bolsistas durante o período, pois a pandemia trouxe situações adversas que não favoreceram a execução do projeto.

O planejamento, a organização e o diálogo constante entre a equipe foram fundamentais para que o projeto conseguisse atingir seus objetivos e no contexto atual das atividades não presenciais o uso de tecnologias digitais para o gerenciamento do projeto foi essencial.

Durante a execução do projeto, o professor realizou a mediação necessária para que as estudantes aprendessem sobre cada tecnologia digital que utilizavam e na medida em que utilizavam essas tecnologias de forma integrada no cumprimento das metas estabelecidas, sentiam-se mais confiantes. Isso pode ser constatado durante um encontro virtual ao final do projeto em que uma das estudantes relatou que, no início do projeto quando o professor propôs a forma de trabalho, ela pensava que ia ser mais difícil do que foi e concluiu dizendo que foi muito tranquilo executar o projeto. Portanto não basta apenas dispor de tecnologias digitais, deve-se saber utilizá-las e aplicá-las ao contexto, sobretudo, mantendo o planejamento, a organização e o diálogo constante para que se tenha sucesso.

O amadurecimento das estudantes ao longo do projeto foi muito perceptível, pois onde tinha-se inicialmente duas pessoas tímidas em relação à certeza de conseguirem atingir os objetivos, no momento das *lives* passou-se a ter duas pessoas empoderadas de conhecimentos e se sentindo aptas a compartilhar e dialogar com a sociedade, ao vivo na Internet. O retorno foi instantâneo através dos comentários, elogios e mensagens de carinho que as estudantes receberam no *chat* do *YouTube* e RNP durante as *lives*.

Ao todo foram produzidos 8 vídeos, sendo 3 *lives* e 5 cinco vídeos de construção de instrumentos musicais reutilizando resíduos sólidos. As *lives* tiveram um pico simultâneo

médio de 30 pessoas e até o momento da conclusão deste trabalho os 8 vídeos somavam 486 visualizações, indicando que, com o passar do tempo, mais pessoas se qualificarão no assunto.

Nesse sentido, os resultados obtidos foram altamente positivos e demonstraram que é imprescindível o olhar institucional para o melhoramento de sua infraestrutura e capacitação contínua da comunidade acadêmica no uso de metodologias ativas e tecnologias digitais.

Referências

ABRELPE. **Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil**: 2020. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://abrelpe.org.br/panorama/>. Acesso em: 31 jul. 2021.

BRASIL. **Lei no 12.305, de 2 de agosto de 2010**. Institui A Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm. Acesso em: 25 ago. 2021.

BRASIL. **Plano Nacional de Resíduos Sólidos**. Brasília, 2011. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/253/_publicacao/253_publicacao02022012041757.pdf. Acesso em: 25 mar. 2019.

CASTAMAN, A. S.; BORTOLI, L. A. DE. Metodologias ativas na educação profissional e tecnológica. **Educação**, v. 10, n. 3, p. 145-156, jun. 2021.

COSENZA, J. P.; ANDRADE, E. M.; ASSUNÇÃO, G. M. Economia circular como alternativa para o crescimento sustentável brasileiro: análise da Política Nacional de Resíduos Sólidos. **Revista Gestão Ambiental e Sustentabilidade – GeAS**, v. 9, n. 1, p. 1-30, 2020, e16147. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/geas.v9i1.16147>. Acesso em: 25 mar. 2019.

FERRARINI, R.; SAHEB, D.; TORRES, P. L. Metodologias ativas e tecnologias digitais: **Revista Educação em Questão**, v. 57, n. 52, p. 1-30, mar. 2019.

GALLO, A. C. P.; GUENTHER, M. Reciclagem e reutilização de resíduos: um projeto socioambiental desenvolvido na educação de jovens e adultos (EJA) do SESC Santo Amaro, Recife (PE). **Revista Brasileira de Educação Ambiental – RevBEA**, v. 10, n. 4, p. 11–23, dez. 2015.

GAROPABA. **Coleta de lixo**. Município de Garopaba, 2021. Disponível em: <https://www.garopaba.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/108072>. Acesso em: 31 jul. 2021.

GAROPABA. **Plano Municipal de Saneamento Básico de Garopaba**: volume 1: versão final do Plano Municipal de Saneamento Básico de Garopaba. 2012. Disponível em:

https://static.fecam.net.br/uploads/344/arquivos/639774_121_anexo_volume_i_versao_final_pmsb.pdf. Acesso em: 31 jul. 2021.

GOMES, J. da C. Formação de multiplicadores para reciclagem de resíduos orgânicos por meio da compostagem em tempos de pandemia. **Revista ELO – Diálogos em Extensão**, v. 10, abr. 2021.

IBGE. **Cidades**: Garopaba SC. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/garopaba/panorama>. Acesso em: 31 jul. 2021.

MORAN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas** – Educação Transformadora. 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.

OLIVEIRA, A. C. *et al.* **Educação ambiental através da música**: a experiência da reutilização do lixo na construção de instrumentos musicais. 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/31930780/educa%C3%A7%C3%A3o_ambiental_atr%C3%A1ves_da_m%C3%BAsica_a_experi%C3%AAncia_da_reutiliza%C3%A7%C3%A3o_do_lixo_na_constru%C3%A7%C3%A3o_de_instrumentos_musicais?bulkDownload=thisPaper-topRelated-sameAuthor-citingThis-citedByThis-secondOrderCitations&from=cover_page. Acesso em: 25 ago. 2021.

PORTUGAL. **Resolução do Conselho de Ministros 190-A/2017, 2017-12-11 - DRE**. 2017. Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/114337039/details/normal?l=1>. Acesso em: 25 ago. 2021.

SALVADOR, F. L. R. **Análise das etapas de um plano de recuperação de área degradada (PRAD) aplicada para um antigo lixão no município de Garopaba**. Florianópolis: Ed. da Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/126177/TCC_Fabio_Ramos_Formatado.pdf?sequence=1 Acesso em: 31 jul. 2021.

TURRA, A. *et al.* **Lixo nos mares**: do entendimento à solução. São Paulo: Ed. do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <http://catedraoceano.iea.usp.br/lixonosmares/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

Recebido: 15.09.2021

Aceito: 29.10.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

**APRENDER ESPANHOL COM CANÇÕES: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM
CURSO DE ESPANHOL ONLINE**

***LEARNING SPANISH WITH SONGS: EXPERIENCE REPORT OF AN ONLINE
SPANISH COURSE***

***APRENDER ESPAÑOL CON CANCIONES: RELATO DE EXPERIENCIA DE UN
CURSO DE ESPAÑOL EN LÍNEA***

Fabiana Brandão Silva Amorim¹

Resumo: Este relato de experiência refere-se às atividades desenvolvidas dentro do projeto de extensão intitulado “*Canta Conmigo - aprender espanhol com canções*”, realizado por meio das ações extensivas da PROEX-UESB. A utilização de canções para a aprendizagem do espanhol revelou-se uma ferramenta eficaz, a qual também oportuniza o contato com aspectos socioculturais dos países hispanófonos, de forma lúdica e agradável. Aprender a língua através das canções propicia, ademais, um contato prazeroso entre o estudante e a língua que está aprendendo, e esse prazer é fundamental para uma aprendizagem rica e efetiva. Partindo de uma perspectiva comunicativa do ensino de línguas, os componentes sociocultural e sociolinguístico tiveram especial atenção durante a realização dos encontros. Com um total de dez canções – uma a cada encontro – os/as estudantes entraram em contato com a língua espanhola seguindo uma sequência didática que foi do nível A1 ao A2, níveis iniciais, segundo o Marco Comum Europeu de Referência (MCER). Dessa forma, tanto os conteúdos linguísticos quanto os comunicativos foram explorados, dando à aprendizagem um entorno significativo e afetivo, o qual vincula aquilo que se aprende a experiências duradouras e positivas.

Palavras-chave: Espanhol. Ensino de línguas. Canções. Espanhol comunicativo.

Abstract: *This article aims to report the experience of the extension course "Sing with me – learning Spanish with songs", offered by PROEX-UESB. The songs are a good tool for Spanish learning, which also opportunizes the contact with sociocultural aspects of the hispanophone countries, in a ludic and delectable way. Learning a language with songs offers a pleasant contact for the student with that language, and this pleasure is fundamental for a rich and effective learning. From a communicative perspective of language teaching, the sociocultural and the sociolinguistic components had special attention during the course meetings. With ten songs – one for each session – the students had the contact with the Spanish, following the didactical sequence from the level A1 to the A2 – basic users, according to the Common*

¹ Graduada em Letras/Espanhol e Mestra em Estudos Literários, ambos pela Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG). Coordenadora do Projeto de extensão “Canta Conmigo: aprender espanhol com canções”. Professora de Língua e Literatura Latinas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus* de Jequié, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9389-766X> E-mail: fabiana.amorim@uesb.edu.br

European Framework of Reference for Languages (CEFRL). This way, linguistic and also communicative contents were exploited, which gave to learning process a significant and affective environment and what students learn is linked to positive and lasting experiences.

Keywords: Spanish. Language teaching. Songs. Communicative Spanish.

Resumen: *Este relato de experiencia se refiere a las actividades desarrolladas dentro del proyecto de extensión intitulado “Canta Conmigo – aprender español con canciones”, llevado a cabo por medio de las acciones extensivas de la PROEX-UESB. La utilización de canciones para el aprendizaje del español se ha revelado una herramienta eficaz, la cual también permite el contacto con aspectos socioculturales de los países hispanohablantes, de manera lúdica y agradable. Aprender la lengua a través de las canciones propicia, además, un contacto placentero entre el/la estudiante y la lengua que está aprendiendo, y dicho placer es fundamental para un aprendizaje rico y efectivo. Partiendo de una perspectiva comunicativa de la enseñanza de lenguas, los componentes sociocultural y sociolingüístico tuvieron especial atención durante la realización de los encuentros. Con un total de diez canciones – una en cada encuentro – los/las estudiantes entraron en contacto con la lengua española siguiendo una secuencia didáctica que fue del nivel A1 al A2, niveles iniciales según el Marco Común Europeo de Referencia (MCER). De esa manera, tanto los contenidos lingüísticos como los comunicativos han sido explotados, dándole al aprendizaje un entorno significativo y afectivo, lo cual vincula aquello que se aprende a experiencias duraderas y positivas.*

Palabras clave: Español. Enseñanza de lenguas. Canciones. Español comunicativo.

Introdução

Quando idealizamos o Projeto de Extensão “*Canta Conmigo – aprender espanhol com canções*”, partimos da constatação de que aprender uma língua estrangeira é parte das necessidades laborais e acadêmicas de muitas pessoas em nosso entorno. Muitas vezes, esse desejo não é alcançado, porque trata-se de um investimento oneroso e, ao ofertar um curso de espanhol através de canções, estávamos conscientes de que havia uma demanda dentro e fora da comunidade da universidade e de que poderíamos colaborar para sanar essa necessidade.

O *campus* da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), na cidade de Jequié, possui apenas o curso de Letras Vernáculas e, em alguns cursos, é oferecida a disciplina Inglês Instrumental. O conhecimento de outros idiomas, como o espanhol, revela-se como um desejo, já que permite ao público da universidade – especialmente docentes e discentes – e ao da comunidade externa o contato com uma língua adicional e as suas culturas. Ademais, em geral, os cursos oferecidos em escolas de idiomas são pouco acessíveis à comunidade, sobretudo na atualidade, quando o ensino da língua espanhola se viu limitado pela revogação, em 2017, da chamada Lei do Espanhol, Lei nº 11.161 (BRASIL, 2005), segunda a qual o ensino da língua

espanhola era de oferta obrigatória pela escola nos currículos plenos dos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, o que diminuiu a oferta de aulas de espanhol.

A língua espanhola é falada em todos os países com os quais o Brasil faz fronteiras, e essa proximidade geopolítica se traduz em interesse e necessidade de conhecer a língua falada pelos nossos vizinhos. O ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira nos colocam diante da necessidade de, além do conhecimento linguístico e pragmático, também oferecer/ter acesso à(s) cultura(s) que acolhe(m) essa língua e são, ao mesmo tempo, influenciadas por ela.

Uma das formas mais usuais de acesso a esses elementos é a utilização de canções para a sua aprendizagem, pois, além de ser uma eficaz ferramenta no conhecimento da língua espanhola, essa prática oportuniza o contato com aspectos culturais dos países hispanófonos, de forma lúdica, agradável e perene. Por essas razões, o projeto se chama “*Canta Conmigo – aprender espanhol com canções*”. Este projeto teve como motivação inicial ampliar este espaço de aprendizagem da língua espanhola, e incluir alunos dos cursos mais diversos, servidores da própria Instituição, bem como profissionais e estudantes da educação básica da rede pública, integrantes de movimentos sociais e de grupos comunitários.

O curso foi idealizado para acontecer dentro do semestre letivo 2019.2, mas, devido à suspensão das atividades acadêmicas da UESB em decorrência da pandemia da Covid-19, foi necessário ofertá-lo totalmente à distância. Esse ajuste possibilitou a sua realização mesmo antes do início do Ensino Remoto Emergencial (ERE) da UESB, e, além disso, propiciou a participação de pessoas de diferentes localidades: a princípio, o curso havia sido idealizado para pessoas da comunidade de Jequié, no entanto, ele ultrapassou os limites do município.

O uso de canções e, conseqüentemente, da música para a aprendizagem de uma língua estrangeira é um recurso que está amplamente documentado, e seus benefícios na aprendizagem são incontestáveis, como nos faz notar García:

Nos detendremos en las ventajas que comporta esta práctica deteniéndonos en los beneficios de llevar canciones al aula para el desarrollo de la comprensión auditiva y de la lectora. Se verá la importancia que tienen la emoción y el sentimiento en los procesos cognitivos y cómo a través de la música se puede favorecer y provocar el sentimiento de identificación tanto con su mundo interior como con su propia cultura. (GARCÍA, 2013, p. 1)

Num curso regular de língua espanhola, as canções são um recurso utilizado de modo recorrente, seja como apoio a algum conteúdo sociolinguístico, seja como forma de agregar conhecimento sociocultural. Aprender a língua através das canções propicia, também, um

contato prazeroso entre o/a estudante e a língua que está aprendendo, e esse prazer é fundamental para uma aprendizagem significativa e efetiva. A aprendizagem através de canções pode levar o indivíduo a produzir o hormônio responsável pelo prazer, como nos mostra Warner *apud* Moleiro:

Está empiricamente demonstrado que ouvir determinadas composições musicais liberta no cérebro um neurotransmissor, a dopamina, que envia sinais de prazer para o resto do corpo. A dopamina é uma substância que interfere no sistema cerebral e, frequentemente, está associada a prazeres concretos, como a comida, as drogas e o dinheiro. Assim, quanto mais agradável for a música para o ouvinte, melhor será a experiência fisiológica. Experiências levadas a cabo no campo da Medicina constataram que, quando submetidos a composições que suscitavam emoções, os pacientes revelavam alterações na respiração e na frequência de batimentos cardíacos. Essas experiências mostraram também que o mero anúncio, aos participantes, de que iam ouvir música do seu agrado, era suficiente para libertar elevados níveis de dopamina. (WARNER *apud* MOLEIRO, 2011, p. 25)

Sem sombra de dúvidas, o componente “prazer em aprender” faz parte das aulas de um curso de idiomas projetado com canções. Os encontros são cheios de alegria e de vitalidade, os/as estudantes participam ativamente de tudo que lhes é proposto. Conhecem ritmos e cantores novos, e a língua lhes é oferecida através de um material real e vivo, criado cultural e historicamente: a música. A música é parte do patrimônio cultural dos seus países, algumas são parte do cancionário tradicional e, mesmo pertencendo a países estrangeiros, conseguem nos tocar e deixar seu legado, seja ele linguístico ou cultural. Segundo Nina Kraus *apud* Moleiro:

[...] o efeito da música no cérebro, à semelhança da influência do exercício físico no corpo humano, “tones the brain for auditory fitness”. Neste estudo, a autora reflete sobre efeitos da música no sistema nervoso e as suas implicações no campo da educação. Kraus chega à conclusão de que as crianças habituadas a escutar música são mais fluentes no seu discurso, no vocabulário que usam e na sua capacidade para interpretar textos de variados tipos. Considerando a influência da música no processo de aprendizagem, muitos teóricos acreditam que devia prestar-se mais atenção, tanto na investigação como nas suas aplicações, à interferência da música nos alunos e aos seus efeitos na compreensão, memória, atenção e níveis de literacia. (KRAUS, 2010 *apud* MOLEIRO, 2011, p. 27)

De posse da compreensão sobre a relação entre a música e a aprendizagem humana, passamos a conhecer um pouco como funcionou o curso *Canta Conmigo*. O curso tinha os seguintes objetivos: a) despertar o interesse do aluno pela língua espanhola, desenvolvendo, principalmente, as habilidades de compreensão auditiva e de leitura; b) fazer com que o aluno fosse capaz de reconhecer estruturas gramaticais do espanhol e de utilizá-las em situações de

comunicação; c) despertar no aluno uma maior consciência sobre a(s) cultura(s) ligada(s) à língua espanhola, em suas diversas variantes regionais, bem como o papel das línguas na sociedade.

O interesse dos/das estudantes pela disciplina espanhol havia sido o que os/as havia levado a inscrever-se no curso, portanto, não cremos que fosse necessário ter que despertá-lo. E fazê-lo com o uso das canções criou, naturalmente, a habilidade da compreensão auditiva, que foi aplicada através de diferentes exercícios de identificação de sons e de palavras. Conhecer e reconhecer estruturas gramaticais é um processo que leva mais tempo de maturação, mas que foi bem sucedido de acordo com o que foi solicitado aos/às estudantes. E, finalmente, cremos que a consciência acerca da relação entre a língua espanhola e as diversas culturas que a compõem se realizou. Podemos afirmar que todos os objetivos foram alcançados e que a proposta inicial, que era ensinar certos conceitos da língua espanhola, foi desenvolvida.

A inscrição dos candidatos se deu por meio de formulário do *Google* e a seleção obedeceu a dois critérios isonômicos e complementares: a) a ordem de inscrição; e b) a proporcionalidade no número de vagas – 50% das vagas destinadas à comunidade interna da UESB, 50% das vagas destinadas à comunidade externa. Na ausência de candidatos que atendessem aos números da proporcionalidade “comunidade interna/comunidade externa da UESB”, a ordem de inscrição foi o que validou o preenchimento das vagas ociosas.

O público-alvo do curso foi composto por pessoas de diferentes grupos: estudantes da educação básica, de graduação e pós-graduação; professores da educação básica, da graduação e da pós-graduação; técnicos-administrativos da UESB e, finalmente, pessoas de associações comunitárias e de sindicatos. Essa diversidade enriqueceu a experiência docente e discente, pois cada um compartilhava sua visão de mundo diante das letras, dos ritmos, das discussões transversais que cada música trazia. A seguir, discutimos sobre a metodologia utilizada, a avaliação proposta e nas considerações finais, se os objetivos do curso se consolidaram conforme havíamos planejado.

Metodologia

O curso foi organizado em dez encontros, com duas horas de duração cada. Foram empregadas vinte horas na preparação do curso e das aulas, e outras vinte horas foram dedicadas à divulgação e inscrição dos candidatos interessados. Tudo foi feito *online*, por meio de formulários *Google* e com divulgação no site institucional da universidade e nas redes sociais.

Figura 1 – Banner do Google Sala de Aula



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

As aulas aconteceram na plataforma *Google Meet*, todas eram gravadas e, posteriormente, postadas na sala do *Google Sala de Aula* (Figura 1), à qual os alunos tinham acesso para possíveis consultas. Os materiais relacionados ao curso foram postados no *Google Sala de Aula*, onde criamos uma midiateca com diferentes materiais relacionados com as canções trabalhadas: videoclipes, artigos, documentários, exercícios etc., como é possível observar na imagem da Figura 2, com os materiais acerca da canção “Clandestino”, de Manu Chao:

Figura 2 – Sessão 2 do curso (midiateca)



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Cada encontro do curso contava com a apresentação de uma nova canção, o que nos deu um total de dez sessões. As canções foram escolhidas segundo a sequência dos conteúdos a serem explorados, os quais evoluíram do nível A1 ao nível A2 do Marco Comum Europeu de Referência (MCER). Assim, era natural que a escolha se desse pelo crivo da docente, e não segundo os gostos e desejos dos/das estudantes inscritos. A complexidade dos temas gramaticais e do vocabulário cresceu paulatinamente, à medida que as canções eram apresentadas. A seguir, apresentamos a lista das canções trabalhadas, segundo sua ordem cronológica, bem como os cantores/grupos e seus respectivos países de origem:

1. *Con los años que me quedan*, Gloria Estefan (Cuba)
2. *Clandestino*, Manu Chao (Espanha)
3. *La Llorona*, Natalia Lafourcade (México)
4. *Bonito*, Jarabe de Palo (Espanha)
5. *Corazón espinado*, Maná e Santana (México)
6. *La cumbia del mole*, Lila Downs (México)
7. *La Lola*, Café Quijano (Espanha)
8. *Brillante sobre el mic*, Fabiana Cantilo (Argentina)
9. *Dos gardenias*, Ibrahim Ferrer (Cuba)
10. *Despacito*, Luis Fonsi (Porto Rico)

Diversos exercícios foram preparados para explorar variados conteúdos presentes nas letras, tais como: fonética, léxico, tempos verbais, expressões idiomáticas, conteúdos culturais acerca do cantor ou grupo e de seu país de origem, informação sobre o estilo musical etc. Normalmente, o material começava com a letra da canção, seguida pela fonética, depois o vocabulário, a gramática e, por fim, tínhamos informação sobre o cantor/a cantora e o ritmo. Às vezes, tínhamos uma sessão de interpretação de leitura, pois algumas canções têm letras mais poéticas, ou ofereciam expressões idiomáticas que valia a pena conhecer mais detidamente. Além disso, discutíamos temas transversais propostos nas letras – tais como: a imigração ilegal na Espanha, os alimentos autóctones de alguns países americanos, o dia dos Mortos no México, a importância da música em Cuba, entre outros.

Nos exercícios da sessão 9, por exemplo, depois de ouvir o bolero cubano “*Dos gardenias*”, trabalhamos a formação do singular e do plural, bem como o uso dos artigos definidos em espanhol; em seguida, vimos os números; depois, em um terceiro exercício, aprendemos o *futuro imperfecto*, cujas formas nos haviam sido oferecidas pela canção. Por fim,

outro exercício trabalhava os *adjetivos posesivos*; a atividade finalizava com perguntas de compreensão de leitura e com a biografia do cantor cubano Ibrahim Ferrer.

Em cada encontro, ouvir a canção preparada e realizar as atividades proporcionava aos/às estudantes o contato com elementos linguísticos, culturais e comunicacionais que seguramente lhes aproximou da língua de Miguel de Cervantes e de Eduardo Galeano. Todos eram convidados a participar, em todas as aulas, e essa prática gerou uma atitude de confiança e envolvimento. Depois de alguns encontros, a participação tornou-se espontânea e os/as estudantes se mostravam muito motivados.

Apesar de as canções serem escolhidas previamente e essa escolha não passar pela intervenção dos/das estudantes, eles/elas se sentiram identificados pessoal e culturalmente com as canções, o que também facilitou a sua aquisição linguística. A relação entre os conteúdos do curso e a aquisição de uma língua são discutidas por Krashen (1987), quem nos diz que ela não requer um uso exaustivo de exposição às regras da gramática de forma consciente ou a repetição descontextualizada. Ao contrário, a aquisição de uma língua passa pelo contexto significativo e o *input* se dá de maneira compreensível. Ao entrar em contato com as letras das canções e seu contexto, ao experimentar as emoções proporcionadas por elas, seguramente os/as estudantes puderam realizar a aquisição linguística, mesmo que parcialmente.

À medida que o curso avançava e os temas gramaticais, culturais e comunicativos eram trabalhados, os/as estudantes se tornavam naturalmente mais participativos/as. O ambiente relaxado das aulas com canções oferece a possibilidade de criar as condições ideais para aprender com prazer e alegria, num contexto significativo e de confiança mútua entre professora e estudantes, como nos relata Jiménez *et al.*:

Varios psicólogos y lingüistas han tratado de demostrar la enorme influencia de la música en la formación del individuo: como precedente y ayuda al desarrollo del habla (Livingston, 1973), como posible manifestación o activador del teórico mecanismo de adquisición de las lenguas (Krashen, 1983), como agente de relajación y agitación, como factor de integración de los individuos en alguna parte de la sociedad, de armonía con uno mismo y con el grupo, cultura, patria, religión, revolución, etcétera, tanto como por su similitud con el lenguaje egocéntrico de que habla Piaget (1923) en referencia al placer de escucharse. (JIMÉNEZ; MARTÍN; PUIGDEVALLI, 1999, p. 132 *apud* GARCÍA, 2013, p.1-2)

Infelizmente, por estarmos *online*, não era possível cantarmos juntos, mas cada um/uma de nós cantava ao seu modo, durante ou depois de cada encontro e, seguramente, a sonoridade do espanhol, seus muitos ritmos, palavras e sotaques passaram a integrar o cotidiano de quem integrou o curso *Canta Conmigo*.

Avaliação

No final do curso, foi proposta uma avaliação realizada por meio de um formulário *Google*, a qual foi enviada aos/às estudantes frequentes ao curso, por e-mail. A finalidade era observar, junto aos/às estudantes, se os objetivos do curso se haviam cumprido, bem como a percepção que eles/elas haviam tido do curso realizado cem por cento online e da metodologia utilizada. Além disso, queríamos obter opiniões e sugestões a fim de poder aperfeiçoar os aspectos tratados na avaliação, para uma futura edição do *Canta Conmigo*.

Conforme Cervi (2017 *apud* SANTOS *et al.* 2020), as questões fechadas consistem em perguntas com respostas pré-definidas; já às questões abertas, a partir da pergunta formulada, o entrevistado pode dar sua própria resposta de forma espontânea. As questões foram elaboradas através de parâmetros de avaliação do curso estabelecidas pela coordenação. As questões propostas têm suas respostas elencadas a seguir, o questionário de avaliação começa com os dados pessoais dos estudantes.

- Quase 53% dos estudantes estão na faixa etária de 31 a 40 anos de idade.
- A maioria da turma (76,5%) é composta por pessoas do sexo feminino.
- Sobre ter vínculo com a UESB, quase 60% dos estudantes pertenciam à comunidade acadêmica da UESB, seja como estudante ou servidor. O restante da turma pertence à comunidade externa.
- Sobre a escolaridade, havia uma estudante da educação básica; alguns estudantes de graduação; alguns estudantes de pós-graduação (mestrado e doutorado); professores da UESB; professores da educação básica; técnicos-administrativos da UESB; e membros da comunidade externa à universidade. Foram 40 pessoas selecionadas para o curso, mas somente 26 frequentaram até o final.
- Aproximadamente 70% da turma já havia tido algum contato com a língua espanhola. Pouco mais de 23% nunca havia tido contato algum.
- A totalidade dos/das estudantes declarou que as suas expectativas acerca do curso foram atendidas.
- A totalidade dos/das estudantes declarou que a metodologia utilizada pela docente nas aulas é excelente.
- A totalidade dos/das estudantes declarou que os materiais e exercícios utilizados durante as aulas foram excelentes.

- A totalidade dos/das estudantes declarou que a abordagem e o domínio dos conteúdos pela docente são excelentes.

- A totalidade dos/das estudantes declarou que avaliam a docente como excelente.

- A totalidade dos/das estudantes declarou que o curso ofereceu conhecimentos significativos para a sua formação pessoal, acadêmica e/ou profissional.

- 70% dos/das estudantes consideraram satisfatória a duração do curso. Aproximadamente 18%, não.

- A totalidade dos/das estudantes declarou que teria interesse em fazer outro curso ligado à língua espanhola.

- Uma das últimas perguntas tratava sobre os sentimentos dos estudantes antes e após a realização do curso, e todas foram positivas.

-Também escreveram sobre os aspectos positivos do curso, e comentaram sobre a metodologia empregada, o dinamismo das aulas, a cultura etc.

-Também foi perguntado em que poderíamos melhorar, ao que responderam que um curso de maior duração ou uma versão presencial seriam interessantes.

A avaliação foi um instrumento que serviu de observação do que foi aprendido, de como avançamos mesmo em meio às condições adversas da pandemia, da capacidade que temos para construir laços afetivos com os/as estudantes mesmo à distância e, também, daquilo em que podemos melhorar e nos aperfeiçoar. Ela será tomada como referência para uma futura edição do *Canta Conmigo*.

Considerações finais

Durante o curso, o interesse pela língua e pela(s) cultura(s) ligadas ao espanhol foi alcançado, bem como a aproximação e o reconhecimento de diversas estruturas gramaticais. Os alunos desenvolveram uma maior consciência sobre a diversidade intrínseca à língua espanhola e aos diversos países hispanófonos, para além daquela que já traziam e que os havia atraído para as aulas.

O conhecimento de uma língua estrangeira propicia ao aprendiz uma nova gama de habilidades que poderão auxiliá-lo em suas práticas acadêmicas e laborais, bem como em sua qualidade de vida, ampliando seu olhar sobre as culturas e as relações humanas. Isso se dá notadamente com a língua espanhola, que é falada por mais de 400 milhões de pessoas em todo o mundo e em cinco continentes.

A realização desse curso de extensão reforça a necessidade de discutir sobre a importância da língua espanhola para os brasileiros. Num país cercado por vizinhos hispanófonos, falar e compreender espanhol torna-se um instrumento de integração cultural e sociopolítica.

No meio acadêmico, a leitura de diversos textos escritos em espanhol é de grande valia para a formação inicial e continuada de discentes e docentes, bem como de acesso a discursos, teorias, autores de diversas épocas e escolas. Promover uma aproximação com a língua espanhola de forma lúdica torna a aprendizagem mais prazerosa e fluida, o que facilita o trabalho do professor e estimula aquele/aquela que a aprende. Gostaríamos de continuar oferecendo o curso em semestres futuros, pois reconhecemos a importância de espaços de aprendizado e partilha cultural da língua espanhola.

Referências

BRASIL. **Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005.** Dispõe sobre o ensino da língua espanhola. Brasília, DF, 2005.

GARCÍA, Juan Robisco. **La explotación didáctica de las canciones en la clase de español.** Nova Déli: Instituto Cervantes de Nova Déli, 2013.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and practice in second language acquisition.** New York: Prentice-Hall International, 1987.

MOLEIRO, Marta Sofia Rodrigues dos Santos. **A exploração da canção na aula de espanhol como língua estrangeira.** 2011. 223 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade de Lisboa, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

SANTOS, Viviane V. dos; BEGA, Maria Tarcisa S.; COSTA, Eder Augusto R.; MACIEL, Barbara R.; LOSS, Valentina F.; BRANTES, Mariane; GOMES, Ariely T.; PALMARES, Jonas. Introdução às políticas públicas: relatos de experiência sobre um curso de extensão. **Revista Extensão em Foco**, Curitiba, n. 20, p. 54-70, jan./jul. 2020.

Recebido: 10.05.2021

Aceito: 04.08.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**CICLO DE SEMINÁRIOS EM QUÍMICA DOS DIVERSOS SABERES – UESB: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA DURANTE A PANDEMIA**

***CYCLE OF SEMINARS IN DIVERSE KNOWLEDGE CHEMISTRY - UESB: A REPORT
OF EXPERIENCE DURING THE PANDEMIC***

***CICLO DE SEMINARIOS DE QUÍMICA DEL CONOCIMIENTO DIVERSO - UESB:
INFORME DE EXPERIENCIA DURANTE LA PANDEMIA***

Robson Almeida Silva¹

Mariele Moraes Brito²

Geisa Sales Oliveira³

Neiane Oliveira Sampaio⁴

Amanda Pereira Santos⁵

Fabiany Cruz Gonzaga⁶

Resumo: A pandemia da Covid-19, declarada em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde, fez com que o mundo inteiro voltasse sua atenção ao contágio do novo coronavírus. Universidades e demais meios educativos tiveram de buscar por alternativas digitais para o prosseguimento de suas atividades no intuito de evitar a propagação da Covid-19. Nessa condição se impossibilitou a realização do projeto “I Ciclo de Seminários de Química dos Diversos Saberes” de forma presencial, então optou-se pelo caminho remoto. Objetivos: Divulgar diversas palestras sob diferentes áreas da química e sua contribuição na ciência e no desenvolvimento social. Metodologia: Trata-se de um relato de experiência de ações

¹ Bolsista de Iniciação Científica, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Graduando em Química com Atribuições Tecnológicas, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9808-1691> E-mail: 201810186@uesb.edu.br

² Licencianda em Química, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1568-8755> E-mail: 201411073@uesb.edu.br

³ Licencianda em Química, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6941-3458> E-mail: 201710972@uesb.edu.br

⁴ Licencianda em Química, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1951-5285> E-mail: 201610396@uesb.edu.br

⁵ Licencianda em Química, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5927-5613> E-mail: 201410540@uesb.edu.br

⁶ Docente do Departamento de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5801-6038> E-mail: fabianycruz@uesb.edu.br

desenvolvidas na modalidade de extensão durante a pandemia da SARS-CoV-2 realizada em plataforma virtual (*Streamyard, Youtube*). Resultados: A participação da comunidade externa foi significativa na execução do projeto de extensão. O projeto ocorreu com uma intensiva participação de discentes de ensino médio e de ensino superior. O projeto se deu de forma interdisciplinar agregando participantes de diversas áreas do conhecimento tendo como majoritariedade as grandes áreas das Ciências Exatas e da Terra. Conclusão: O projeto de extensão proporcionou uma integração, além dos muros da universidade, promovendo a inserção da comunidade interna e externa e ajudando-as compreender e promover possibilidades de colaborações científicas.

Palavras-chave: Educação Científica. Extensão. Seminários. Pandemia.

Abstract: *The Covid-19 pandemic declared in March 2020 by the World Health Organization made the whole world turn its attention to the contagion of the new coronavirus. Universities and other educational means had to seek digital alternatives for the continuation of their activities to prevent the spread of Covid-19, and given the impossibility of the project "I Cycle of Chemistry Seminars of Diverse Knowledge" to occur in person, the remote path was chosen. Objectives: Disseminate several lectures in different areas of chemistry and their contribution to science and social development. Methodology: This is an experience report of actions developed in an extensionist manner during the SARS-CoV-2 pandemic carried out on a virtual platform (Streamyard, Youtube), following guidelines from health authorities. Results: The participation of the external community was significant in the execution of the extension project. The project took place with the intensive participation of high school and higher education students. The project took place in an interdisciplinary way, bringing together participants from different areas of knowledge, with the majority of the major areas of Exact and Earth Sciences. Conclusion: Therefore, the extension project provided an integration beyond the university walls, promoting the integration of the internal and external community and helping them to understand and promote scientific collaborations.*

Keywords: *Scientific Education. Extension. Seminars. Pandemic.*

Resumen: *La pandemia Covid-19 declarada en marzo de 2020 por la Organización Mundial de la Salud hizo que el mundo entero volviera su atención hacia las situaciones de contagio del nuevo coronavirus. Las universidades y otros entornos educativos tuvieron que buscar alternativas digitales para continuar con sus actividades. En esta condición, se llevó a cabo de manera no presencial el proyecto de extensión "I Ciclo de Seminarios sobre Química de los Conocimientos Diversos". Este artículo tiene como objetivo reportar la experiencia de realizar este evento de forma remota, evaluando el alcance de la actividad en términos de público objetivo en una plataforma virtual (Streamyard®, Youtube®). Se pudo identificar que la participación de la comunidad externa fue significativa. El proyecto se llevó a cabo con una participación intensiva de estudiantes de bachillerato, educación superior y de manera interdisciplinaria, reuniendo participantes de diferentes áreas del conocimiento, con la participación mayoritaria de personas de amplias áreas de las Ciencias Exactas y de la Tierra. El proyecto de extensión brindó una integración más allá de los muros universitarios, promoviendo la interacción de la comunidad interna y externa y ayudándoles a comprender y promover las posibilidades de colaboración científica. Por lo tanto, a pesar de la distancia social que impuso la pandemia, la realización de eventos remotos resultó ser una herramienta positiva para mantener las actividades de extensión de la Universidad.*

Keywords: *Educación científica. Extensión. Seminarios Pandemia.*

Introdução

Há algum tempo pesquisadores de doenças de infectocontagiosas indicam a possibilidade de novas pandemias. Segundo eles, não é uma questão de “se” e sim de “quando” irá acontecer (WOLFE, 2011). Esse cenário se apresenta hoje, onde o mundo vive a maior crise sanitária já registrada, o mês era dezembro e o ano 2019, quando na China, em uma cidade da província de Hubei, chamada Wuhan, desencadeou-se um surto de pneumonia, cujo agente foi classificado como SARS-CoV-2 e a nova infecção nomeada por Covid-19.

Por volta de 5 de março de 2020, já havia cerca de 80.000 casos de Covid-19 na China e 16.000 outros distribuídos entre outros 87 países. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara a Covid-19 uma pandemia (OMS, 2020), cerca de três meses após o relato do primeiro caso na China, o vírus chegou ao Brasil. O primeiro caso da Covid-19 foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020 e o primeiro óbito em 17 de março do mesmo ano (BRASIL, 2020a).

A magnitude da pandemia da Covid-19 trouxe inúmeros problemas, incluindo os de ordem social e educacional. O isolamento social foi a medida adotada e aconselhada pela OMS, comunidade científica e diversos governos ao redor do mundo como principal recomendação em defesa e combate à disseminação do SARS-CoV-2 (OMS, 2020; BRASIL, 2020a).

Nesse contexto, a pandemia da Covid-19 trouxe um grande desafio para às universidades no que diz respeito a darem respostas à sociedade, e um caminho eficaz é por intermédio ações de extensão universitária. De acordo com Ciríaco *et al.* (2020), Nunes e Da Cruz Silva (2011), a extensão universitária é um processo educativo, cultural e científico que articula, de forma indissociável, o ensino e a pesquisa, e viabiliza uma relação mútua e transformadora entre a universidade e a sociedade. Assim sendo, extensão universitária desenvolve um papel fundamental na sociedade, visto que é uma forma de construir, disseminar e discutir o conhecimento produzido dentro das universidades mediante realidades e necessidades sociais do país.

O termo “extensão”, no âmbito das Instituições de Ensino Superior (IES), teve origem na Legislação Educacional Nacional, em 1931, por intermédio do primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras, que fazia referência ao oferecimento de cursos e conferências de caráter educacional como “organismo da vida social da Universidade” (SOUSA, 1995). Logo

depois ressurgiu, no então texto da Lei nº 5.540/68 tornando-o atividade de extensão obrigatória em todas as IES do Brasil (ARROYO; ROCHA, 2010).

A extensão universitária pode entender conjunturas sociais da comunidade, especialmente em seu entorno, e assim instaurar programas e projetos que possam contribuir para mudanças sociais de curto, médio e longo prazo. Dessa maneira, a extensão universitária tem como objetivo a produção de novos conhecimentos para desenvolver soluções diante de problemas atuais visando à transformação social, bem como uma diminuição da desigualdade nos setores mais vulneráveis da sociedade (DA SILVA *et al.*, 2020).

Para além disso, ações extensionistas auxiliam na construção profissional e social dos estudantes de diversas áreas, contribuindo para que se tornem cidadãos e acima de tudo profissionais integrados com a conjuntura da comunidade ao seu redor na busca por novas alternativas para garantir uma melhor assistência e, conseqüentemente, indivíduos mais conscientes do seu papel transformador. Nesta perspectiva, a formação de um profissional cidadão é baseada nesta efetiva relação de reciprocidade do acadêmico com a comunidade, seja para se situar historicamente, para se identificar culturalmente ou para servir de referência para sua formação com os problemas que um dia terá que enfrentar (DA SILVA *et al.*, 2020).

A localização e espaço favorável são elementos que corroboram para a execução das ações de extensão. De fato, as ações de extensão são realizadas em sua maioria em praças, parques, escolas/colégios, creches, associação de moradores, asilos, empresas, Unidades Básicas de Saúde; pontos estratégicos para o sucesso das ações e alcance amplo do público-alvo (DA SILVA *et al.*, 2020). Porém, com o advento da pandemia se questionou como fazer para realizar extensão universitária diante do isolamento social imposto pelo Covid-19. Essa indagação é importante e também preocupante, uma vez que, em 18 de março de 2020, em decorrência da Covid-19, o Ministério da Educação suspendeu as aulas presenciais em todo o Brasil, através da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 (BRASIL, 2020b). Logo, articular e realizar novos mecanismos de atuação na extensão se fez imperativo.

As universidades do país precisaram suspender as atividades presenciais de ensino e algumas implementaram atividades remotas. Assim sendo, diante da necessidade do isolamento social e atividades presenciais nas universidades suspensas, muitos, senão todos os estudantes entraram em confinamento em suas casas, outros retornaram ao seu estado, cidade ou município.

Diante disso, o Diretório Acadêmico dos cursos de Química, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), do *campus* de Itapetinga, realizou um webinar totalmente *online* utilizando ferramentas digitais. Neste, foram agregados saberes ligados à saúde, à engenharia, à alimentação, à agroecologia, à indústria, etc. Este artigo traz como objetivo fazer um relato de experiência de realização do “I Ciclo de Seminários de Química dos Diversos Saberes” de modo remoto, avaliando o alcance da atividade em função do público-alvo.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, que visa relatar ações do projeto “I Ciclo de Seminários de Química dos Diversos Saberes”. O projeto inicialmente foi aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEX), da UESB, como um evento de caráter local, idealizado em 2020, pelo Diretório Acadêmico dos Cursos de Química (DAQUIM), da UESB, *campus* de Itapetinga. Ademais, o projeto foi composto por oito discentes de graduação em Química, além de uma docente orientadora.

Em decorrência da pandemia da Covid-19 e da necessidade de distanciamento social, foi feito um planejamento para a realização do evento de modo *online*. A elaboração do seminário se iniciou em julho de 2020, com reuniões semanais feitas através de dispositivos de videochamadas pela plataforma do *Google Meet*.

Os membros do DAQUIM foram responsáveis por procurar cada palestrante e mediadores de acordo com a temática proposta, além de promoverem uma intensa divulgação utilizando as tecnologias digitais. Nas reuniões foi decidido que o “I Ciclo de Seminários de Química dos Diversos Saberes” se iniciaria no dia 16 de agosto de 2020 e seu término em 16 de outubro de 2020, ocorrendo no período noturno duas vezes por semana nas quartas-feiras e aos sábados.

As inscrições foram abertas no final de agosto de 2020 e foram realizadas as inscrições dos participantes através da plataforma digital *Even3*®. Os meios de divulgação do seminário foram: Portal institucional; Página específica da ação no site da UESB; Redes sociais da UESB e do DAQUIM (*Facebook, Instagram, Twitter, Whatsapp*)®; E-mail institucional. Todas as postagens possuíram uma linguagem objetiva levando ao espectador uma oportunidade de receber informações precisas e acadêmicas sobre os diversos saberes da química.

O evento foi realizado pela plataforma do *Streamyard*®, sendo as palestras transmitidas ao vivo pelo canal do evento no *YouTube*®. Antes de cada palestra, o mediador e o palestrante eram submetidos a um treinamento promovido pela comissão organizadora sobre como funcionava a plataforma digital.

Resultados e discussão

No decorrer de quatro meses da organização do Projeto de Extensão (julho, agosto, setembro e outubro de 2020), a comissão formada pelos membros do DAQUIM da UESB, *campus* Itapetinga, fomentou utilizar as ferramentas digitais que serviram como primordiais no processo de divulgação da agenda do evento, tendo-se difundindo em todo o país e também com ouvintes internacionais.

O “I Ciclo de Seminários de Química dos Diversos Saberes” foi realizado com diversas palestras de caráter interdisciplinar, apresentando também palestras relacionadas à temática da pandemia de Covid-19. O projeto procedeu-se de forma gratuita, ao todo, foram 14 seminários, com duração de duas horas, sendo realizado duas vezes por semana entre 14 de setembro a 16 de outubro de 2020.

Os temas foram apresentados por docentes de diversas universidades do país e exterior, profissionais e empresários do setor químico, além de serem mediados por mestrandos, doutorandos e docentes do Departamento de Ciências Exatas e Naturais e do Departamento de Tecnologia Rural e Animal, da UESB. Os principais assuntos tratados são descritos na Tabela 1, que está organizada na ordem de realização do evento:

Tabela 1 – Seminários abordados durante o Projeto de Extensão

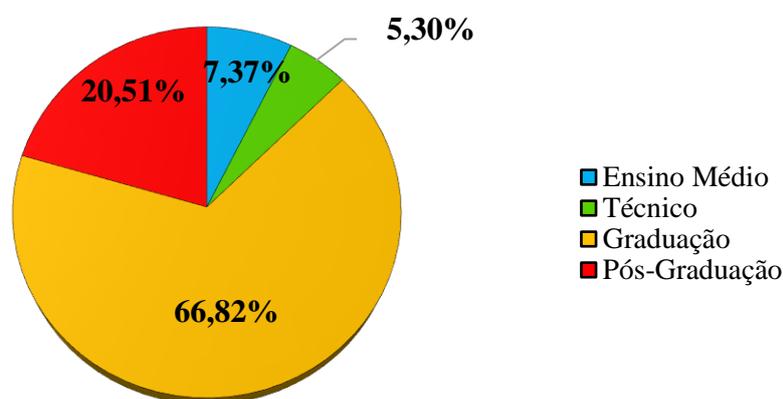
I Ciclo de Seminários de Química dos Diversos Saberes	
1	Saúde emocional – a química das emoções
2	Os compostos de coordenação na química inorgânica e suas aplicações
3	Fungos e seus potenciais comestíveis e biotecnológicos
4	Fármacos utilizados na Covid-19: mecanismos e ações
5	Pesquisas do tipo estado da arte: foco no ensino de Química
6	A ecologia química na agroecologia
7	A legislação ambiental aplicada às indústrias
8	Química computacional: a dinâmica molecular clássica e a arte de construir campos de força
9	O emprego de técnicas analíticas na Química Forense
10	As mulheres na ciência
11	Produtos obtidos a partir da utilização biotecnológica da biomassa vegetal
12	Maconha medicinal: uma contribuição da utilização do óleo da <i>cannabis</i> pelo Coletivo Mães Independentes do estado de Pernambuco
13	A importância dos analisadores <i>online</i> para o monitoramento de processos industriais
14	Empreendedorismo dos cheiros

Fonte: Elaborado pelos Autores (2021).

Dentre as redes sociais que mais impulsionaram o Projeto de Extensão foi o *Instagram*® e a comunicação pelo *Whatsapp*®. As palestras foram promovidas em tempo real através de *Lives* no *YouTube*® e disponibilizadas pelo canal do evento – Ciclo de Seminários em Química dos Diversos Saberes - YouTube. Dentre as palestras de maior alcance e visualização pelos participantes inscritos e ouvintes foram as denominadas “Maconha medicinal: uma contribuição da utilização do óleo da *cannabis* pelo Coletivo Mães Independentes do estado de Pernambuco” e “Fármacos utilizados na Covid-19: mecanismos e ações”. Estas palestras tiveram em torno de 505 visualizações e 403, respectivamente, durante o momento da apresentação. Esses dados indicam o engajamento pela comunidade, sobretudo, pela relevância desses temas no contexto social, ademais as apresentações obtiveram grande sucesso em suas mensagens e diversificada interação.

Dessa forma, a utilização de recursos tecnológicos digitais possibilitou expandir o alcance do evento, criando-se métodos oportunos de divulgar e levar o conhecimento e os diversos saberes, incluindo a química, em todo o território nacional. O perfil do público alcançado foi de acordo com o apresentado na Figura 1.

Figura 1 – Relação do perfil do grau de formação dos participantes inscritos no Projeto

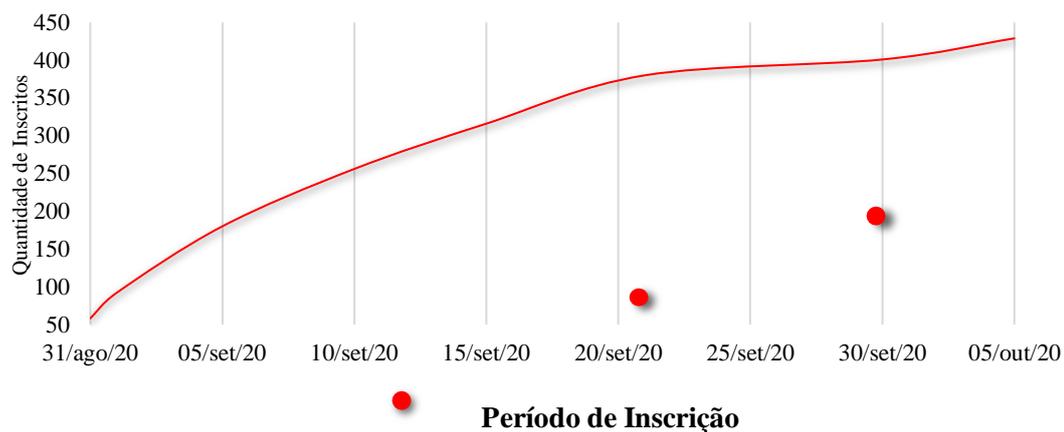


Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

O projeto obteve 429 inscritos no *site* e mais 25 ouvintes cadastrados, logo, pode-se observar que 66,82% dos inscritos são discentes de graduação e/ou já possuem uma graduação, seguido com a participação de 20,51% de participantes que possuem ou estão em pós-graduação. Ademais, é importante avaliar a presença de participantes que estão no ensino médio e os que possuem ensino técnico, ambos somam 12,67% dos inscritos.

O acompanhamento da presença nas atividades tornou possível avaliar a frequência dos participantes cadastrados conforme demonstrado na Figura 2. É perceptível um engajamento exponencial do público em meados de setembro e obtendo-se seu auge de inscritos no início de outubro.

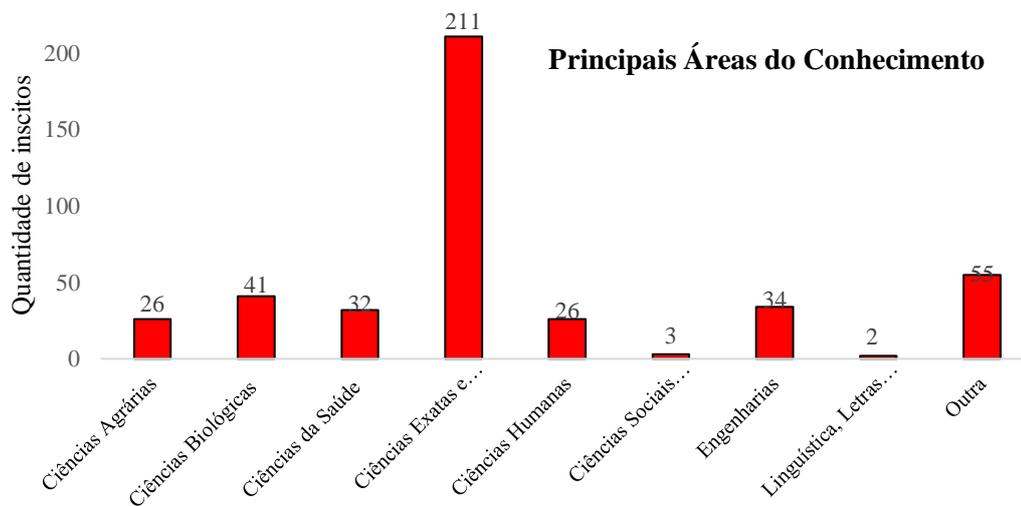
Figura 2 – Progressão de participantes inscritos no decorrer do período de inscrição



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Assim, fazendo-se uma análise comparativa com os perfis dos ouvintes, na Figura 3 pode-se analisar as principais áreas do conhecimento do público-alvo inscrito.

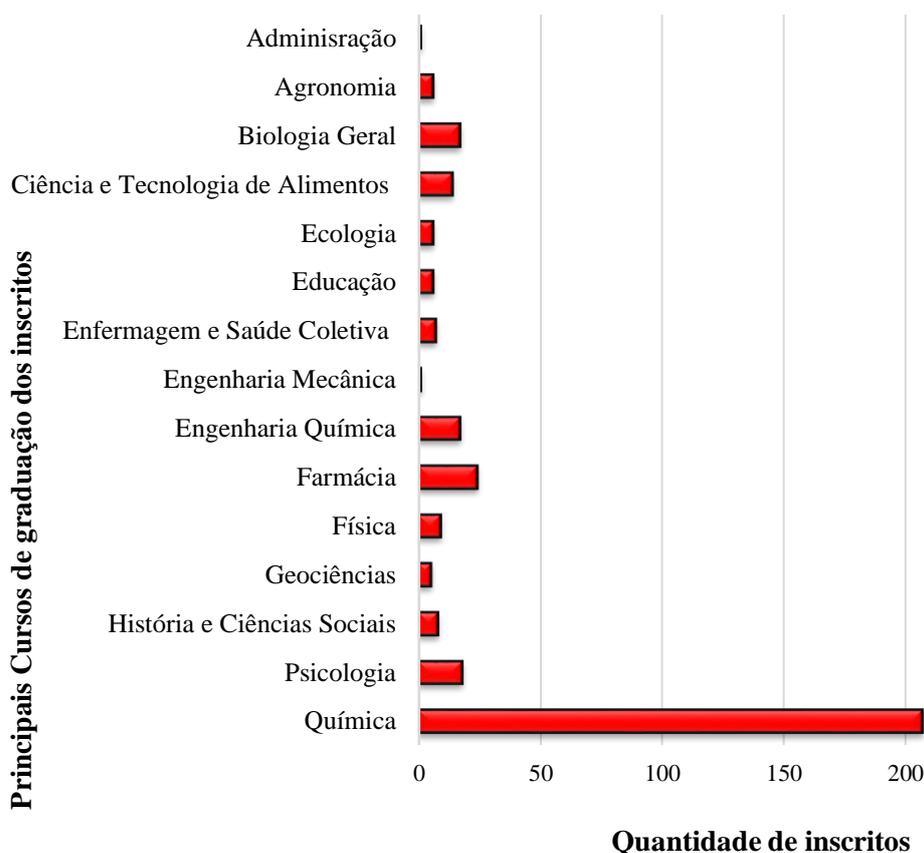
Figura 3 – Principais áreas do conhecimento dos participantes inscritos



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Nota-se que 46,65% dos participantes são da área das Ciências Exatas e da Terra. Contudo, os inscritos abrangeram diversas áreas do conhecimento, o que demonstra o alcance do caráter interdisciplinar que o Ciclo de Seminários visou promover. A lista do curso com a formação dos participantes em diferentes segmentos é demonstrada na Figura 4.

Figura 4 – Subáreas dos participantes de acordo com as inscrições

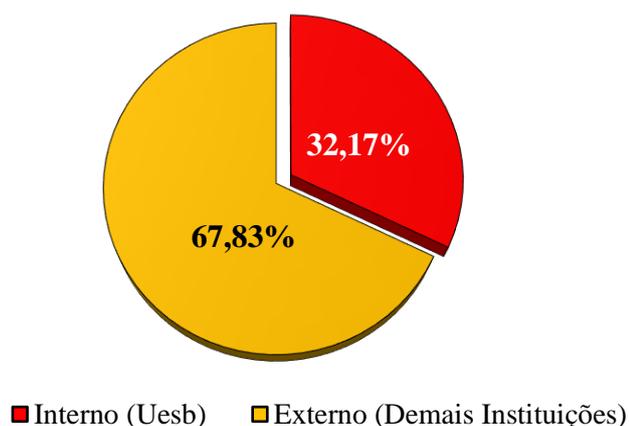


Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Discentes de graduação em Química correspondem a 45,59% dos participantes no Ciclo de Seminários, avaliando-se o engajamento no decorrer do projeto, pode-se evidenciar uma ampla participação externa à universidade. Em torno de 98,23% dos inscritos foram participantes em território brasileiro e 1,77% corresponderam a participantes oriundos de outras nações, sendo elas, Suíça, Estados Unidos, Colômbia e Argentina.

Durante a realização dos seminários, os participantes puderam interagir com os palestrantes e mediadores no intuito de tirar dúvidas e emitir sugestões. A Figura 5 apresenta a discriminação do público em função de ser externo e interno à UESB.

Figura 5 – Discriminação de público-alvo interno e inscritos externos



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Em cada palestra, foi enviado aos participantes um questionário para avaliação do Projeto no intuito de identificar perspectivas para os próximos projetos de extensão que se darão de forma remota e/ou presencial. Entre as questões, perguntava-se uma nota para cada noite de palestras, obtendo-se uma média geral de 9,77 numa escala de 0 a 10, além de sugestões para uma maior duração do período do Projeto de Extensão.

De acordo com Oliveira *et al.*, (2008), um projeto de extensão é um caminho de ação de uma universidade junto à comunidade, disponibilizando ao público o conhecimento adquirido com o ensino e a pesquisa desenvolvidos, e é um dos pilares de sustentação de instituições educativas. Dessa forma, o I Ciclo de Seminários Química dos Diversos Saberes contribuiu pelos resultados alcançados com o tripé que fundamenta construção dos variados saberes no âmbito científico e evidenciou o papel da química nas diversas áreas do conhecimento, inclusive, sua função no combate ao coronavírus (SARS-CoV-2).

A extensão universitária funciona como uma via de duas mãos, possibilita a formação do profissional a se capacitar junto à comunidade como um recinto privilegiado de produção de conhecimento, que contribui para superar as diversidades e desigualdades sociais (CUNHA; LOPES, 2017).

Sendo assim, o Projeto de Extensão como alternativa remota da universidade em tempos de pandemia promoveu maior visibilidade do trabalho acadêmico e apresentou-se como oportunidade viável de se realizar palestras com profissionais de diferentes lugares do Brasil e de outros países. Nesse sentido, podendo-se transmitir informações e o despertar do interesse dos participantes ao visualizar os diversos saberes da química e suas contribuições para a sociedade civil e acadêmica. A experiência adquirida pelos membros da comissão organizadora servirá como base para a realização de novos projetos extensionistas.

Conclusão

O Projeto de Extensão “I Ciclo de Seminários de Química dos Diversos Saberes” demonstrou que, apesar da suspensão das atividades presenciais, foi possível realizar o contato da Universidade com a comunidade externa. O uso de ferramentas digitais permitiu alcançar pessoas do país e exterior, tendo alcance de estudantes e profissionais do ensino básico à pós-graduação e de diversas áreas de conhecimento. Logo, o Projeto demonstrou-se relevante no contexto social, sendo viável e interessante a sua realização em outras vezes de modo remoto. Como perspectivas, há possibilidade de tornar o evento de carácter anual, com subeventos sazonais, capaz de integrar a Química com outros segmentos da área de Ciências Exatas.

Referências

ARROYO, Daniela Munerato Piccolo; ROCHA, Maria Silva Pinto de Moura Librandi. Meta-avaliação de uma extensão universitária: estudo de caso. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 15, n. 2, p. 131-157, jul. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ministério da Saúde declara transmissão comunitária nacional**. [S. l.], 2020a. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-saude-declara-transmissao-comunitaria-nacional>. Acesso em: 5 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. [S. l.], 2020b. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria_n-376-de-3-de-abril-de-2020-251289119. Acesso em: 10 maio 2021.

CIRÍACO, Klinger Teodoro *et al.* Ações de ensino, pesquisa e extensão e suas potencialidades à promoção de práticas para a educação das relações étnico-raciais. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 43178-43200, 2020.

CUNHA, Joaci de S.; LOPES, Catarina. CEAS 50 anos: em tempos sombrios, tecemos esperança. **Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades**, n. 241, p. 258-267, 2017.

DA SILVA, Márcia Regina Farias *et al.* Reflexões sobre as ações extensionistas e de pesquisa no combate à COVID-19 na universidade do estado do Rio Grande do Norte. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 2, p. 3622-3646, 2020.

NUNES, Ana Lucia de Paula Ferreira; DA CRUZ SILVA, Maria Batista. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, v. 4, n. 7, p. 119-133, 2011.

OLIVEIRA, Ana Cristina *et al.* Uso de serviços odontológicos por pacientes com síndrome de Down. **Revista de Saúde Pública**, v. 42, p. 693-699, 2008.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Timeline of WHO's response to COVID-19**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline>. Acesso em: 10 maio 2021.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária a partir de seus interlocutores**. 1995. 365 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1995.

WOLFE, Nathan. **The viral storm: the dawn of a new pandemic age**. New York: Times Book, Henry Holt and Company, 2011.

Recebido: 10.05.2021

Aceito: 11.08.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELATO DE UMA
EXPERIÊNCIA NUM CURSO DE ENGENHARIA DE TRANSPORTES**

***CURRICULARIZATION OF UNIVERSITY EXTENSION: REPORT OF AN
EXPERIENCE IN A TRANSPORT ENGINEERING COURSE OF UFG***

***CURRICULARIZACIÓN DE AMPLIACIÓN UNIVERSITARIA: INFORME DE UNA
EXPERIENCIA EN UN CURSO DE INGENIERÍA DE TRANSPORTE***

Alex Mota dos Santos¹

Resumo: O objetivo deste relato é apresentar uma experiência da curricularização da extensão universitária num curso de Engenharia de Transportes sob a perspectiva da educação para o trânsito. A metodologia contemplou a realização de atividades de reflexões teóricas e práticas em escolas em conjunto com a comunidade do entorno da Universidade Federal de Goiás, *campus* da cidade de Aparecida de Goiânia, estado de Goiás. Os resultados revelaram uma experiência de curricularização da extensão num curso de engenharia. Ademais, as atividades de vivência das questões relacionadas ao trânsito foram bem avaliadas pelos estudantes, além disso, contribuiu, na visão dos mesmos, para que pensassem de forma autônoma, a partir do conhecimento construído as várias mãos, por meio das ações de extensão e pesquisas empíricas.

Palavras-chave: Educação para o trânsito. Ensino. Educação continuada.

Abstract: *The objective of the report is to present an experience of the curricularization of university extension in a transport engineering course from the perspective of traffic education. The methodology included carrying out activities of theoretical reflections and practical activities in schools and with the community of the Federal University of Goiás, campus of the city of Aparecida de Goiânia, State of Goiás. The results revealed an experience of curriculum extension in a course of engineering. Moreover, as activities related to traffic-related issues have been well evaluated by the students. In addition, it contributed, in their view, to think automatically from the knowledge built in several hands, through extension actions and empirical research.*

Keywords: *Traffic education. Teaching. Continuing education.*

Resumen: *El objetivo del informe es presentar una experiencia de la curricularización de la extensión universitaria en un curso de ingeniería del transporte desde la perspectiva de la educación vial. La metodología incluyó la realización de actividades de reflexión teórica y prácticas en las escuelas y con la comunidad alrededor de la Universidad Federal de Goiás, campus de la ciudad de Aparecida de Goiânia, estado de Goiás. Los resultados revelaron una*

¹ Doutor em Geografia. Docente da Universidade Federal de Goiás, *campus* de Aparecida de Goiânia, Goiás, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5156-3968> E-mail: alex.geotecnologias@gmail.com

experiencia de extensión curricular en un curso de Ingeniería. Además, las actividades de experimentar problemas relacionados con el tráfico fueron bien evaluadas por los estudiantes. Además, contribuyó, en su opinión, a pensar de forma autónoma a partir del conocimiento construido en diferentes manos, a través de acciones de extensión e investigación empírica.
Palavras-chaves: *Educación en Tránsito. Enseñando. Educación continua.*

Introdução

As recomendações para a implementação da extensão na educação superior brasileira não são recentes, datam da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 4.024/1961 (BRASIL, 1961). Além disso, por meio do Plano Nacional de Educação – PNE 2001-2010 (Lei Federal nº 10.172/2001) (BRASIL, 2001), em sua Meta 23, ficou estabelecida a reserva mínima de dez por cento do total de créditos exigidos para integralização da graduação, cumpridos pelos estudantes em atividades de extensão. Apesar disso, tais recomendações foram ignoradas nos cursos superiores, mesmo àqueles criados pelo Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

A partir do PNE, Lei 13.005, de 25 de junho de 2014 (BRASIL, 2014) foi retomada a exigência da curricularização da extensão nos cursos superiores no Brasil. Contudo, somente no ano de 2018, que se estipulou um prazo para que, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular dos estudantes das graduações fossem realizadas na forma de ação de extensão. Assim, o Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2018) estabeleceu o prazo de 3 (três) anos, a contar da data de sua homologação, em 18 de dezembro de 2018, para que as instituições de ensino superior incorporem a extensão na matriz curricular dos cursos.

Como resultado dessas recomendações, observou-se, mesmo que, de forma isolada, algumas ações concretas de curricularização da extensão nos cursos de graduação. Nesse sentido, Coelho (2017) apresenta a experiência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Além disso, a partir do conhecimento da experiência de outras instituições, observou-se a efetivação da curricularização das atividades de extensão em alguns cursos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Essa realidade, inclusive nos cursos de Engenharia, motivou a realização de uma experiência de curricularização da extensão no curso de Engenharia de Transportes, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como parte das discussões para curricularização da extensão, a partir da

reestruturação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC)² que está em discussão para reformulação.

A discussão no curso de Engenharia de Transportes se iniciou na reunião do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do mês de junho do ano de 2019. Nesse mesmo período, o curso propôs o projeto de extensão “Ações na escola para educação e segurança no trânsito” que teve início em agosto de 2019, com duração de 12 meses e foi financiado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC-UFG).

A partir do projeto aprovado e da observação da disciplina Trânsito e Educação, concluiu-se que estavam criadas todas as condições para a realização da experiência que é apresentada neste artigo. Ou seja, a curricularização por meio da integração do ensino, da extensão e da pesquisa num curso de Engenharia de Transportes.

Metodologia

A experiência da curricularização das atividades de extensão no curso de Engenharia de Transportes, da UFG, foi pensada a partir da disciplina Trânsito e Educação. Contudo, a reflexão e até proposta para outras disciplinas foi apresentada ao NDE do referido curso, após participação no I Seminário sobre Curricularização da Extensão Universitária, realizado no mês de junho de 2019, pela UFG.

A experiência ocorreu por meio do projeto de extensão “Ações na Escola para Educação e Segurança no Trânsito”, que concorreu ao edital da PROEC-UFG no ano 2019/2020. O projeto foi contemplado com bolsa atribuída a um estudante do curso de Engenharia de Transportes. Além disso, 16 dos 18 professores que atuam no curso participaram das ações do projeto.

A disciplina Trânsito e Educação é optativa no PPC do curso Engenharia de Transportes, da UFG, nunca foi ofertada desde a implantação do mesmo no ano de 2015. Assim, para o segundo semestre de 2019, foi elaborado o primeiro plano de aula conforme ementa que consta na matriz curricular do curso e 29 estudantes se matricularam para cursar a disciplina, divididos em seis grupos.

² Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia de Transportes, da Universidade Federal de Goiás. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/767/o/PPC-ET_1a-Rev_Aprovado_Camaras.pdf. Acesso em: 26 mar. 2020.

A realização da disciplina foi organizada em etapas, conforme a matriz curricular, sendo a primeira, composta por cinco aulas em que se discutiu os aspectos teóricos para pensar a educação para o trânsito (quadro institucional; legislação; atribuições e gestão) e os fundamentos da educação de trânsito (matrizes conceituais e ideias correlacionadas). Na segunda etapa, foram apresentados os objetivos e públicos-alvo da educação de trânsito – particularidades, métodos e técnicas e educação de trânsito em diferentes contextos: órgão gestores de transporte/trânsito; escolas; setor saúde; centros de formação de condutores e empresas.

As ações de extensão foram alocadas na segunda etapa da disciplina em que se realizou atividades junto à comunidade. A recomendação era para que as atividades seguissem o que preconiza a Política Nacional de Extensão Universitária (2012, p. 15), em que “a Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração das práxis de um conhecimento acadêmico”. Além disso, que a universidade, no texto representada pelos estudantes, absorva os conhecimentos sobre e da sociedade externa à instituição.

Na segunda etapa, os estudantes elaboraram e apresentaram planos de trabalho de atuação junto à comunidade. Os planos obrigatoriamente tinham que apresentar uma breve descrição, objetivo, seguindo a proposta apresentada por Lima (2009). De forma que esta autora classificou as atividades de educação para o trânsito, de acordo com o foco em: legislação/infrações; dados estatísticos; mortalidade e morbidade; socialização e acessibilidade e mobilidade sustentável. Na perspectiva do estilo, a pesquisadora revelou que as campanhas podem ser: chocante; poética positiva; cômico; emotivo; informativo; mobilizador e infantil (LIMA, 2009). No que se refere ao público, ela destaca: motoristas em geral; pedestres; motociclistas; taxistas (motoristas por aplicativos); motoristas de caminhões/ônibus; condutores do transporte escolar; crianças, jovens, idosos e passageiros em geral; e sobre o meio indica: televisão; rádio; imprensa; corpo-a-corpo; intervenção artística; palestra; internet e alternativos (LIMA, 2009).

Em síntese, os planos valeram de metodologias variadas, dentre as quais, jogos obtidos de materiais didáticos existentes; estudo da percepção a partir do uso dos mapas mentais e observações participantes; criação de mídias, e um diagnóstico das escolas públicas estaduais da cidade de Goiânia. Nessa última análise, empregou-se o uso de questionário, instrumentos amplamente aplicados em extensão e pesquisa. Segundo Chaer *et al.* (2011, p. 251), “o

questionário é uma técnica bastante viável e pertinente para ser empregada quando se trata de problemas cujos objetos de pesquisa correspondem a questões de cunho empírico, envolvendo opinião, percepção, posicionamento e preferências dos pesquisados”.

O estudo de percepção envolveu também a produção de mapas mentais, que têm sido utilizados para aquisição de dados e informações para a extensão e pesquisa (SANTOS *et al.*, 2018; SANTOS, 2019; SANTOS *et al.*, 2020).

Após apresentação e aprovação dos planos de ação, os estudantes partiram para etapas práticas. A recomendação foi para que as atividades ocorressem no horário da disciplina, de modo a não comprometer a participação dos estudantes nas outras disciplinas do curso de Engenharia de Transportes, que é integral.

Os trabalhos realizados pelos estudantes foram apresentados e avaliados em duas aulas, realizadas na forma de seminários. Após a conclusão da disciplina, foi apresentado aos estudantes, matriculados na disciplina, um instrumento de coleta de dados para investigar suas percepções sobre o modo como a disciplina foi conduzida. Além disso, observou-se a avaliação institucional realizada em todos os semestres pela UFG para todas as disciplinas.

O instrumento de avaliação apresentado pelo professor da disciplina foi composto por 13 questões, sendo 10 fechadas e 3 abertas. As perguntas abertas versavam sobre a satisfação com a disciplina cursada. A estruturação do questionário seguiu a proposta apresentada no trabalho de Chaer *et al.* (2011).

A avaliação das atividades de extensão é etapa extremamente importante e recomendada pela Política Nacional de Extensão Universitária (2012), pois é necessário averiguar o impacto das ações. Segundo Santos *et al.* (2020), essa etapa deve ser contínua, processada no decorrer das atividades; ser qualitativa e quantitativa, realizada pela universidade e pelo grupo atingido pelas ações. Assim, a avaliação neste texto se restringe à prática da disciplina como um todo, ou seja, não serão apresentadas as avaliações de cada ação desenvolvida pelos estudantes. Por fim, na segunda etapa já foi possível a definição das escolas atendidas pelo projeto.

Resultados e discussões

As reflexões teóricas revelaram que a educação para o trânsito deve partir de um princípio básico, que há “um equívoco quando associamos o trânsito exclusivamente aos deslocamentos de veículos, pois as pessoas ‘vestem’ um modo de transporte para suprir a

necessidade de locomoção” (SANTOS, 2005, p. 19). Ou seja, foi necessário situar qual o conceito de trânsito que conduziria as atividades. Além disso, situou-se as atividades nas três perspectivas de análise do trânsito, a via, o veículo e o homem (ROZESTRATEN, 1998), acrescentou-se, assim, a preocupação com os animais, principalmente os domésticos.

Avançou-se, a partir dos fundamentos da sociologia, para pensar que os conflitos no trânsito, em certa medida, são consequências das relações que estão estabelecidas na sociedade brasileira (MAOSKI, 2015), especialmente no que se refere à confusão entre público e privado, que leva a embates quanto ao uso de espaços públicos, como as ruas.

Assim, a discussão sobre trânsito envolve, ainda, a engenharia, o esforço legal e a educação, o equilíbrio entre essas três vertentes é importante, pois são interdependentes. A engenharia, que envolve um conjunto de conhecimento já iniciado pelos estudantes do curso de graduação em Engenharia de Transportes, é a área responsável pelo projeto, construção, sinalização e manutenção das vias urbanas e rurais; o esforço legal é a área responsável pelo policiamento, fiscalização, autuação de infratores e aplicação de penalidades de trânsito e, por último, a educação é a área para formação e conscientização de todos os usuários do trânsito, pedestres e condutores de veículos.

Neste sentido, estabeleceu-se algumas questões geradoras dos debates em sala de aula, dentre os quais tem-se: podemos educar a via? Podemos educar a Lei? Podemos educar o veículo? Podemos educar as pessoas? Com efeito, qual a “melhor” faixa etária para apresentar a educação para o trânsito?

Sobre as três primeiras questões ficou evidente que a educação só seria possível quando oferecida às pessoas. Sobre a idade, e comparando o desempenho de tarefas de adolescentes com idades entre 15 e 16, 18 e 20 anos, a pesquisa de Glendon (2011) revelou maior amplitude na atividade do córtex cingulado anterior entre o grupo mais velho. Segundo o autor, a região do córtex, associada a erros de desempenho e automonitoramento, mostrou-se mais madura nos jovens com mais idade (GLENDON, 2011). Segundo o autor, condutores mais novos têm características comportamentais diferentes dos motoristas com mais idade, pois os adolescentes tendem a pensar pouco sobre as consequências de suas ações e menos a longo prazo, focando nos efeitos imediatos. Podem responder, também, de forma mais emocional que o adulto, sendo suscetível às provocações e a agressões e são propensos a agir de forma mais lenta ao medo que o adulto, o que faz terem mais dificuldade em identificar situações de risco (GLENDON, 2011).

Portanto, concorda-se que a educação nas primeiras fases da vida escolar pode ser mais eficiente, e foi nessa faixa etária que decidiu-se atuar com mais afinco. A partir de tais considerações da faixa etária mais adequada na perspectiva de Glendon (2011), reforçou-se as atividades para crianças e adolescentes em três escolas públicas localizadas nas proximidades da UFG. Além disso, Martins (2004) defende que crianças e jovens estão mais abertos ao aprendizado de novas condutas.

Os temas definidos pelos grupos foram: elaboração de material informativo – i: cartilha para uso em escolas; difusão do conhecimento sobre o trânsito para crianças do ensino fundamental – ii: oficinas e jogos interativos; iii: análise da percepção de crianças sobre mobilidade em espaços urbanos; produção audiovisual sobre itens de segurança em veículos para uso das crianças e cuidados com animais domésticos nas ruas; iv: criação de uma mídia social para divulgação dos cuidados do uso da bicicleta em cidades; v: diagnósticos de escolas públicas estaduais da cidade de Goiânia sobre os conhecimentos da escola a respeito do trânsito no entorno das escolas; vi: criação de um vídeo para tratar dos cuidados necessários com animais em situação de rua e o transporte de criança.

De forma geral, as atividades proporcionaram a autonomia na construção do conhecimento e relação com a comunidade envolvida. Da primeira possibilidade, observou-se que os estudantes mergulharam nos temas estudados com entusiasmo, pois a realização era da responsabilidade deles. Essa avaliação, que é subjetiva e não estruturada, foi importante e realizada ao longo do semestre, os alunos superaram os estudos pela reprodução, e passaram para uma fase de produção inédita de seus materiais.

Um dos grupos realizou a estruturação de uma cartilha, o documento explora o papel de todos os envolvidos no trânsito (condutores de veículos, de motocicletas, os passageiros, ciclistas, pedestres) e apresenta um panorama geral dos acidentes no país e os aspectos gerais da sinalização. Este documento está disponível para *downloads* pelas escolas no *site* do curso de Engenharia de Transportes. A avaliação do material foi realizada pelos professores do referido curso, que também participaram do projeto. A variedade de cores e a linguagem acessível foram observados no material que tem como usuários, crianças e adolescentes.

As oficinas e jogos foram realizadas semanalmente em duas escolas: Escola Jesus Conceição Leal (Figura 1) e Escola Municipal Espansul. Uma das oficinas ministradas tratou sobre a tomada de decisão no trânsito, a observação dos obstáculos e todos os cuidados necessários para os deslocamentos seguros. Para auxílio nessa atividade, a professora do curso

de Engenharia de Transportes, responsável pela disciplina Logística, levou jogos analógicos, ou seja, impressos em papel.

Figura 1 – Circuito de trânsito para o ensino fundamental na Escola Jesus Conceição Leal



Fonte: Elaborado pelo autor.

Esses jogos ofereciam possibilidade de diversos caminhos, mas as crianças foram incentivadas a escolher o caminho mais adequado, conforme proposta das atividades, num esforço pela tomada de decisão a partir da “roteirização analógica” e àquela ‘impressa’ no pátio da Escola Jesus Conceição Leal. Utilizou-se a estrutura da escola de trânsito adquirida pelo curso de Engenharia de Transportes, esses equipamentos permitem simular situações reais no trânsito.

As atividades na Escola Municipal Espansul revelaram ainda o conhecimento sobre sinalização, o uso adequado da bicicleta e comportamentos de risco no trânsito. Os resultados dessas atividades foram apresentados em forma de artigo no texto intitulado “Trânsito e educação: relato de uma experiência no ensino fundamental, no município de Aparecida de Goiânia, Goiás”, de autoria de parte dos estudantes matriculados na disciplina (SOUSA *et al.*, 2020).

Um outro grupo realizou atividades na Escola Municipal Professora Vinovita, trabalho intitulado “A criança e o espaço urbano”. Essa escola é de regime integral e, no segundo semestre de 2019, estavam matriculados 427 alunos e alunas, distribuídos entre o 1º ao 5º ano. A partir dessa prática, os estudantes da disciplina Trânsito e Educação elaboraram a análise da

percepção do caminho e do trânsito da casa até a escola. A compreensão do caminho de casa até a escola foi complementada a partir da elaboração de mapas mentais por parte das crianças. Segundo Santos *et al.* (2020), os mapas mentais proporcionam a produção de conhecimento de forma autônoma pelas crianças. Por ser uma atividade lúdica, a prática revelou que é uma atividade bem aceita pelos mais jovens e valoriza sua autonomia no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, foi observado que os estudantes menores se deslocam predominantemente no transporte individual, carro. As maiores, do terceiro, quarto e quinto ano, deslocam em vans. Esse resultado se deve ao fato de que a escola se encontra isolada na paisagem da cidade de Aparecida de Goiânia. Além disso, com base nos resultados obtidos, foi possível concluir: as crianças que vão de carro, têm uma visão de espaço e de localização limitadas, numa comparação com as que vão a pé ou de bicicleta. As crianças mais velhas tendem a não desenhar sobre o espaço ou sobre o trânsito, pois observam prédios públicos e comerciais.

Foi observado em campo que a Escola Municipal Professora Vinovita, apesar de pública, oferece ensino de qualidade, estrutura completa e, por isso, é ‘disputada’ por pais e mães todos os anos. Todo o quadro docente incentiva e aceita projetos de extensão nas dependências da escola e isso já foi relatado em Santos *et al.* (2018). Por ser afastada dos bairros mais periféricos, a escola é acessada, na maioria, por pessoas que possuem veículos individuais.

A criação da mídia social (Figura 2) objetivou a divulgação dos cuidados do uso da bicicleta em grandes cidades, como Goiânia, exemplo do caso de estudo. Os estudantes criaram um roteiro destinado a quem usa a bicicleta para o lazer, visitaram parques da cidade num trabalho próximo aos usuários.

Figura 2 – Aspecto da página @compartilhemobilidade no Instagram



Fonte: @compartilhemobilidade.

Outras mídias foram criadas e publicadas no Instagram do curso de Engenharia de Transportes, @divulgaengtransporteufg no. Destaque aos vídeos que tratam sobre os prejuízos causados pelo uso do celular no trânsito, na Figura 3, e os 10 cuidados para se ter em viagens de carro com crianças, conforme Figura 4.

Figura 3 – Aspecto do vídeo “Os 4 principais prejuízos causados pelo uso de celular no trânsito”



Fonte: @divulgaengtransporteufg.

Figura 4 – Aspecto do vídeo “Os 4 principais prejuízos causados pelo uso de celular no trânsito”



Fonte: @divulgaengtransporteufg.

Outra análise desenvolvida foi uma pesquisa básica sobre o conhecimento que as escolas possuem a respeito do trânsito no seu entorno. Os estudantes desse grupo se valeram de um questionário que foi encaminhado via *e-mail* para as escolas estaduais localizadas na cidade de Goiânia. O instrumento de coleta de dados, com 12 perguntas, foi enviado para os *e-mails* de 119 instituições de ensino, dentre as quais, 23 responderam ao questionário.

Do relatório dos estudantes destaca-se que, apropriados para avaliação da ação de extensão, “As discussões a respeito do trânsito, principalmente nos grandes centros urbanos, têm ganhado um cenário de destaque, já que este vem interferindo de forma relevante na vida dos indivíduos, seja na perda de tempo ou no que se refere a segurança de locomoção”. Assim, 52,2% das escolas ofereciam o ensino fundamental e médio e 56,5% consideraram “muito importante” o ensino da educação para o trânsito, contudo também 56,5% relataram não ministrar educação para o trânsito nas disciplinas do currículo. Das escolas que responderam realizar a educação para o trânsito, metade delas informou que esse ensino era ministrado na forma de eventos (palestras, *workshop*, passeios ciclísticos, caminhadas), ou seja, não é de forma contínua.

Das escolas que informaram não ministrar Educação para o Trânsito, 46,2% revelou que faltam profissionais qualificados para esse fim. De acordo com os resultados, em 18 escolas (78,3%), há a presença das faixas de pedestres, um dispositivo de sinalização muito importante nesse local, visto que grande parte dos alunos são pedestres na maior parte do tempo.

Outro aspecto observado foi sobre a acessibilidade para cadeirantes. Esse dado foi revelador, pois como se sabe há legislação específica que obriga essas obras em escolas, contudo, apenas 52,2% possuíam rampas, por exemplo.

Os estudantes perguntaram ainda de quem é a responsabilidade pelo ensino de trânsito na escola, a maioria das escolas, 56,5%, respondeu que a responsabilidade é dos órgãos públicos, 30,4% indicaram que esse é um de todos. Os estudantes observaram que ainda há uma visão muito restrita sobre o tema, sendo que as escolas deveriam ser as principais disseminadoras desses conhecimentos.

A partir dos dados, os estudantes concluíram que é necessária a conscientização dos profissionais da educação sobre o Ensino de Trânsito nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Assim, é conveniente, diante do cenário observado pelos estudantes, a regulação de um material exclusivo para este assunto. É necessário, ainda, o treinamento continuado de profissionais da área da educação para o ensino do trânsito na escola, apesar da fiscalização existente, são necessárias ações de melhoria da sinalização e, por fim, assegurar a acessibilidade daqueles com dificuldade motora.

O último grupo estruturou dois vídeos para tratar dos cuidados necessários com animais em situação de rua e o transporte de crianças. O primeiro vídeo traz informações sobre cuidados com cães em situação de rua, e também atenção aos passeios, mostra, por exemplo, os tipos de coleiras mais adequadas. O vídeo para transporte das crianças focou no uso da cadeirinha e do cinto de segurança, os principais tipos disponíveis no mercado.

Esses materiais também estão disponíveis no *site* do curso de Engenharia de Transportes, e seu uso será incentivado nas escolas através de visitas da equipe do projeto de extensão “Ações na escola para educação e segurança no trânsito”. Nesse sentido, destaca-se a estruturação do *e-book* (Figura 5) intitulado também por “Ações na escola para educação e segurança no trânsito”, composto por 10 capítulos, assinados por estudantes e professores do curso de Engenharia de Transportes da UFG. O *link* para acesso ao e-book: <<https://transportes.fct.ufg.br/p/32107-publicacoes>>.

Figura 5 – Aspecto do e-book (capa e contracapa) “Ações na escola para Educação e Segurança no Trânsito”



Fonte: Santos (2021).

Sobre segurança viária para crianças, explorou-se dados de uma Organização Não Governamental (ONG) – ONG Criança Segura³. Segundo estas informações, a redução do número de acidentes que resultaram em óbitos foi constante desde o ano de 2001. Conforme Campos e Raia Junior (2013, p. 3), “está ocorrendo uma queda consistente em números absolutos e taxas de acidentalidade de trânsito de crianças de 0 a 14 anos. O uso da cadeira de assento, sem dúvida, contribuiu para esse cenário”.

Além dos temas apresentados, foram realizadas ações em parceria com a Secretaria Executiva de Mobilidade e Trânsito (SMTA) e com o Departamento Estadual de Trânsito de Goiás (DETRAN-GO), no âmbito da Semana Nacional de Trânsito, ocorrida em de 18 a 25 de setembro de 2019. Na ocasião, foi lançada a campanha proposta por um dos estudantes matriculados no curso de Engenharia de transportes (Figura 6). A campanha foi divulgada nas escolas e nas redes sociais do curso de Engenharia de Transportes, da UFG.

³ ONG CRIANÇA SEGURA. Disponível em: <https://criancasegura.org.br/dados-de-acidentes/>. Acesso em: 12 mar. 2020.

Figura 6 – Logo da campanha “Trânsito com educação, transporte essa ideia”



Fonte: Elaborado pelo autor.

Desse modo, no dia 18 de setembro de 2019, os estudantes acompanharam a Marcha pela Vida proposta pela Prefeitura do Município de Aparecida de Goiânia (Figura 6), o evento percorreu ruas da cidade e concentrou as ações na praça central. Na oportunidade, os participantes conheceram o curso de Engenharia de Transportes, pois mesmo os servidores da prefeitura informaram desconhecer a existência desse curso no município.

No dia 25 de setembro de 2019, os estudantes mais uma vez foram para as ruas, dessa vez, realizou-se uma *blitz* educativa com distribuição de panfletos. No dia 18 de fevereiro de 2020, o bolsista do projeto de extensão acompanhou outra *blitz* com fins educacionais.

Figura 6 – Blitz educativa com distribuição de panfletos no Bairro Garavelo, Aparecida de Goiânia



Fonte: Elaborado pelo autor.

Além do exposto, todas as ações foram mediadas por uma discussão sobre a importância dessas atividades, e ao mesmo tempo, a dificuldade de se mensurar sua eficiência, pois os participantes passam e não se pode avaliar as suas percepções.

Ao final das atividades de ensino, realizou-se uma avaliação da disciplina, utilizou-se da avaliação institucional disponibilizada pela UFG, como referido. O componente curricular foi qualificado por 7 estudantes com nota 9,71, os discentes costumam examinar 10 critérios. Da avaliação elaborada pelo responsável pela disciplina, 17 acadêmicos responderam ao questionário proposto.

Assim, quando inquiridos sobre o aprendizado mais significativo da disciplina, a resposta mais recorrente foi “ampliação da visão sobre educação para o trânsito”, com 20% das respostas, 94,1% avaliaram o modo de condução das aulas como totalmente adequado. As respostas foram motivadas pelo fato de que o componente curricular foi orientado para atividades práticas (88,2% dos inquiridos).

As ações que mais agradaram aos estudantes foram aquelas realizadas em escolas, revelaram que a disciplina contribuiu para ampliar o conhecimento de profissionais fora da universidade. Portanto, cumprindo o papel de divulgar as ações universitárias e, ao mesmo tempo, compreender o que os órgãos externos estão propondo para pensar ações de educação para o trânsito.

Considerações finais

A partir dos resultados, ficou evidente que a extensão universitária, por meio de atividades práticas junto à sociedade, contribui para sua curricularização, um benefício para o curso de Engenharia de Transportes, da UFG. Além da ação de extensão trazer benefícios aos estudantes e professores da graduação, os estudantes tiveram a oportunidade para a realização de trabalhos de inserção social e apresentaram entusiasmo, revelando produtos valiosos que podem ser exaustivamente analisados numa perspectiva científica, pois gerou conhecimento. Inclusive, quatro estudantes publicaram um artigo numa revista de extensão, disponível em Sousa *et al.* (2020). Os professores do curso de Engenharia de Transportes foram beneficiados, pois a maioria não tinha experiência com extensão universitária.

Destaca-se ainda os benefícios para estudantes e docentes das escolas públicas participantes. Os docentes receberam dados e informações valiosos que podem ser utilizadas

nas suas práticas de ensino, os estudantes foram incentivados a pensar o trânsito, intervir de forma ativa, tomando consciência dos perigos à vida. Observou-se ainda que as crianças reportaram aos comportamentos inadequados dos pais/mães e responsáveis no trânsito, portanto, foi possível estabelecer um diálogo interativo por meio das ações do projeto de extensão, especialmente pela escuta. Assim, a partir do projeto, esperamos que as crianças e jovens atuem como “fiscais” para boas práticas no trânsito.

Por fim, as atividades práticas, por imersão no objeto de estudo, é outro benefício, por contribuir para que os estudantes do curso de Engenharia de Transportes julgassem que a disciplina favoreceu a produção autônoma. Isso é importante, visto que uma das atribuições da engenharia é atuar na educação para o trânsito.

Referências

BRASIL. Resolução nº. 7, de 18 de dezembro de 2018. **Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira**. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. Lei nº. 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências**. Brasília, DF, 2014.

BRASIL. Lei nº. 10.172, de 9 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências**. Brasília, DF, 2001.

BRASIL. Lei nº. 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 1961.

CHAER, G.; DINIZ, R. R. P.; RIBEIRO, E. A. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

CAMPOS, C. I.; RAIA JUNIOR, A. A. Mortalidade de crianças de 0 a 14 anos em decorrência de acidentes de trânsito no Brasil. XXVII Associação Nacional de Pesquisa e Ensino em Transportes – ANPET. **Anais [...]**. Belém, 2013, p. 1-14.

COELHO, G. C. A extensão universitária e sua inserção curricular. **Interfaces – Revista de Extensão da UFMG**, v. 5, n. 2, p. 5-20, 2017.

GLENDON, A. I. Neuroscience and Young Drivers. **Handbook of Traffic Psychology**, v. 1, p. 109-125, 2011.

LIMA, R. T. **Classificação de Campanhas Educativas de Trânsito**. 79 f. (Pós-graduação em Gestão, Educação e Segurança no trânsito) – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2009.

MAOSKI, F. Trânsito e Educação. *In*: BIANCHI, A. **Projetos de Educação para o Trânsito**. Curitiba: CRV, 2015.

MARTINS, J. P. **A educação de trânsito: campanhas educativas nas escolas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. Manaus, 2012.

ROZESTRATEN, R. J. A. **Psicologia do trânsito: conceitos e processos básicos**. São Paulo: E.P.U., 1988.

SANTOS, W. B. **ABC da Municipalização do Trânsito**. Pernambuco: Livro Rápido, 2005.

SANTOS, A.; MATINELI, G.; VILARINHO, M.; BARROS, J. "A Universidade vai à escola": Relatos de uma Experiência de Extensão Universitária em Cartografia. **Revista de Cultura e Extensão**, v. 19, p. 91-105, 2018.

SANTOS, A. M. Educação para o Trânsito na escola: relato de uma experiência pedagógica a partir da extensão universitária. **Revista Diálogos**, v. 22, n. 1, p. 19-34, 2019.

SANTOS, A. M.; FRANCO, T. F.; FARIAS, T. S. S.; SOUZA, D. L. L. "Aprender fazendo" cartografias: relato de experiência através da extensão universitária. **Revista Conexão UEPG**, v. 16, p. 1-13, 2020.

SANTOS, A. M. (org.). **Ações na escola para educação e segurança no trânsito** [E-book]. Goiânia: [s.n.], 2021.

SOUZA, J. P. B. *et al.* Trânsito e educação: Relato de uma experiência no ensino fundamental, no município de Aparecida de Goiânia, Goiás. **Cataventos – Revista de Extensão da Universidade de Cruz Alta**, v. 12, n. 1, p. 37-53, 2020.

Recebido: 28.06.2021

Aceito: 05.09.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**DESVENDANDO A ANATOMIA CARDÍACA POR MEIO DA DISSECAÇÃO:
RELATO DE EXPERIÊNCIA DA LADHAS UNIFAL-MG**

***UNVEILING THE CARDIAC ANATOMY THROUGH DISSECTION: AN
EXPERIENCE REPORT FROM LADHAS UNIFAL-MG***

***DEVELANDO LA ANATOMÍA CARDIACA A TRAVÉS DE LA DISECCIÓN: RELATO
DE EXPERIENCIA DE LADHAS UNIFAL-MG***

Gabriel dos Reis Pinto¹

Paula Camelo de Almeida Santos²

Barbara Bianca Melo Toledo³

Gabriel Ferro Baccaro⁴

Isadora Furlan Ribeiro⁵

Evelise Aline Soares⁶

Resumo: O estudo da anatomia do sistema cardiovascular colabora para o entendimento da fisiopatologia da hipertensão arterial sistêmica, doença de elevada prevalência mundial, sendo ela um dos focos das atividades de extensão da Liga Acadêmica de Diabetes e Hipertensão Arterial Sistêmica do curso de Medicina da Universidade Federal de Alfenas. Buscando uma integração básico-clínica, por meio de metodologias ativas, e estimulando as habilidades de comunicação dos extensionistas da liga, foi criado um evento com o intuito de promover uma revisão do sistema cardiovascular. Tendo a dissecação do coração como principal elemento atrativo, o evento proporcionou aos ingressantes do curso de Medicina o primeiro contato com os instrumentais cirúrgicos, as normas de biossegurança e a dissecação de vísceras frescas. O presente artigo tem por objetivo relatar a experiência sob a perspectiva dos extensionistas e dos participantes do evento “Anatomia cardíaca: dissecação do coração”, analisando o impacto

¹ Graduando em Medicina, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4794-1110> E-mail: gabriel.dosreis@sou.unifal-mg.edu.br

² Graduanda em Medicina, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4881-9026> E-mail: paula.santos@sou.unifal-mg.edu.br

³ Graduanda em Medicina, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1986-8072> E-mail: barbara.toledo@sou.unifal-mg.edu.br

⁴ Graduando em Medicina, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7467-1657> E-mail: gabriel.baccaro@sou.unifal-mg.edu.br

⁵ Graduanda em Medicina, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9421-0505> E-mail: isadora.ribeiro@sou.unifal-mg.edu.br

⁶ Fonoaudióloga; Doutora na área de Anatomia, pelo programa de Biologia Celular e Estrutural da Universidade Estadual de Campinas. Professora da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7838-687X> E-mail: evelise.anatomia@gmail.com

deste na formação dos estudantes envolvidos. Participaram da atividade 120 estudantes do curso de Medicina da UNIFAL-MG. Foram utilizados kits de instrumentais cirúrgicos, luvas, coração suíno, jaleco e o roteiro que continha as etapas da dissecação. Dessa maneira, a experiência do evento para os extensionistas foi de extrema importância para o desenvolvimento de habilidades comunicativas, da aprendizagem a partir do ensinamento e do trabalho em equipe. Já para os participantes, a atividade permitiu um melhor conhecimento da anatomia cardíaca e o primeiro contato com os instrumentais cirúrgicos.

Palavras-chave: Coração. Dissecação. Hipertensão arterial.

Abstract: *The cardiovascular system anatomy study contributes to understanding the pathophysiology of systemic arterial hypertension, a high worldwide prevalence disease and one of the extension activities focuses of the Academic League of Diabetes and Systemic Arterial Hypertension of the Federal University of Alfenas. Searching a basic-clinical integration through the active methodologies and stimulating the league extensionists' communication skills, it was created an event in order to promote a cardiovascular system review. Being the heart dissection the main attraction, the event provided to the medical students a first contact with surgical instruments, biosafety standards and fresh viscera dissection. This article aims to report the experience of the event "Cardiac anatomy: dissection of the heart" from the perspective of its league extensionists and participants, analyzing the impact on their education. 120 students from the medical course at UNIFAL-MG participated in the activity. Dissection kits, gloves, swine hearts, lab coats and the dissection script containing step-by-step dissection were used. In this way, the event experience for the league extensionists was extremely important for developing communication skills, learning by teaching and teamwork. For the participants, the activity improved their knowledge about cardiac anatomy and allowed the first contact with surgical instruments.*

Keywords: *Heart. Dissection. Hypertension.*

Resumen: *El estudio de la anatomía del sistema cardiovascular contribuye al conocimiento de la fisiopatología de la hipertensión arterial sistémica, enfermedad de alta prevalencia mundial, siendo ella uno de los focos de las actividades de divulgación de la Liga Académica de Diabetes e Hipertensión Arterial Sistémica de la Facultad de Medicina de la Universidad Federal de Alfenas. Buscando una integración básica-clínica, a través de metodologías activas y estimulando las habilidades comunicativas de los extensionistas de la liga, se creó un evento con el fin de promover una revisión del sistema cardiovascular. Con la disección del corazón como principal elemento atractivo, el evento brindó a los integrantes de la carrera de Medicina el primer contacto con el instrumental quirúrgico, los estándares de bioseguridad y la disección de vísceras frescas. Este artículo tiene como objetivo relatar la experiencia desde la perspectiva de los extensionistas y participantes del evento "Anatomía cardíaca: disección del corazón", analizando su impacto en la formación de los estudiantes involucrados. En la actividad participaron 120 estudiantes de la carrera de Medicina de UNIFAL-MG. Se utilizaron kits con instrumentales quirúrgicos, guantes, corazón de cerdo, bata de laboratorio y el guión que contenía los pasos de la disección. Así, la experiencia del evento para los extensionistas fue de suma importancia para el desarrollo de las habilidades comunicativas, del aprendizaje a partir de la enseñanza y el trabajo en equipo. En cuanto a los participantes, la actividad permitió un mejor conocimiento de la anatomía cardíaca y el primer contacto con los instrumentales quirúrgicos.*

Palabras clave: *Corazón. Disección. Hipertensión.*

Introdução

A dissecação é um método pedagógico utilizado no estudo da anatomia que permite a observação dos detalhes das estruturas e da presença de variações morfológicas, contribuindo de forma significativa para a construção do aprendizado (PONTINHA; SOEIRO, 2014). Entretanto, devido à dificuldade de acesso a peças cadavéricas humanas (COLARES *et al.*, 2019), a utilização de órgãos de mamíferos, como suínos e equinos, torna-se uma opção para o ensino-aprendizado por meio da anatomia comparada, já que algumas estruturas desses animais, como o coração, possuem semelhanças com os órgãos humanos (LEMOS, 2017).

O conhecimento da anatomia humana é fundamental para a formação médica, o estudo da anatomia do sistema cardiovascular colabora para o entendimento da fisiopatologia da Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS). A HAS é uma condição clínica definida como o aumento sustentado da pressão arterial sistólica a valores acima de 140 mmHg e/ou da pressão arterial diastólica a valores acima de 90 mmHg (BARROSO *et al.*, 2021), sendo que 32,3% dos brasileiros possuem uma pressão arterial compatível com o diagnóstico de HAS e/ou utilizam algum medicamento anti-hipertensivo (MALTA *et al.*, 2016).

Frente a isso, buscando integrar ações de ensino, pesquisa e extensão sobre a HAS, assim como sobre o diabetes, em 12 de dezembro de 2017, foi criada a Liga Acadêmica de Diabetes e Hipertensão Arterial Sistêmica (LADHAS), do curso de Medicina, da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).

A LADHAS é supervisionada pela coordenadoria de extensão e ligas médicas do centro acadêmico e pela Pró-Reitoria de Extensão da universidade. Além disso, a liga é coordenada por duas professoras da Faculdade de Medicina da UNIFAL-MG, sendo uma delas anatomista e a outra médica de família e comunidade. A proposta da LADHAS é, junto aos extensionistas, desenvolver ações relacionadas ao diabetes e à HAS, priorizando a interdisciplinaridade e promovendo a saúde de modo democrático à população geral e à comunidade acadêmica.

Buscando uma integração básico-clínica, com o foco na HAS, utilizando-se de metodologias ativas e estimulando as habilidades de comunicação dos extensionistas da Liga, foi criado um evento com o intuito de promover uma revisão do sistema cardiovascular. Tendo a dissecação do coração como principal elemento atrativo, o evento proporcionou aos

ingressantes do curso de Medicina o primeiro contato com os instrumentais cirúrgicos, as normas de biossegurança e a dissecação de vísceras frescas.

Diante do exposto, o presente artigo tem por objetivo relatar a experiência sob a perspectiva dos extensionistas e dos participantes do evento “Anatomia cardíaca: dissecação do coração”, analisando seu impacto na formação dos estudantes envolvidos.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência a respeito de uma ação de extensão realizada no âmbito da LADHAS, do curso de Medicina, da UNIFAL-MG. A atividade da Liga foi realizada no Laboratório 01, do Departamento de Anatomia. A ação foi registrada no Controle de Ações de Extensão da Universidade com o nome “Anatomia cardíaca: dissecação do coração”, na qual os estudantes do primeiro ano do curso de Medicina da UNIFAL-MG puderam realizar a inscrição, assim como estudantes de outra instituição de ensino superior de Alfenas.

A atividade ocorreu duas vezes até então, sendo a primeira em 2018 e a segunda em 2019. Participaram da atividade 60 estudantes ingressantes no ano de 2018 e outros 60 ingressantes no ano de 2019, totalizando, nas duas edições do evento, 120 participantes matriculados no primeiro ano do curso médico. Na realização de cada evento, a turma (n = 60) foi dividida em três subturmas (n = 20), facilitando o monitoramento dos estudantes durante a parte prática de dissecação, repetindo o evento por três dias consecutivos.

Etapas do desenvolvimento da atividade

Na primeira etapa, após a inscrição dos participantes, os extensionistas da LADHAS encaminharam um *e-mail* aos inscritos contendo as instruções gerais sobre materiais para uso durante o evento, conforme descrito no Quadro 1.

Quadro 1 – Instruções enviadas aos inscritos

Instruções Gerais	<ol style="list-style-type: none">1. Cada estudante terá que levar um coração suíno para dissecar (que pode ser adquirido em um açougue). Destacamos que anatomicamente o coração humano e suíno são extremamente semelhantes.2. O material cirúrgico para dissecação estará disponível no dia.3. Estaremos lidando com peças naturais, portanto, o respeito e a ética devem sempre nortear nossas atividades.
Materiais e normas	<ol style="list-style-type: none">1. Jaleco de manga comprida.2. Luvas de procedimento.3. Coração suíno.4. Kit de dissecação: bisturi, pinça anatômica, pinça dente de rato, tesoura, cabo de bisturi nº 4 e lâmina (fornecidos no dia).5. Roteiro da atividade (fornecido no dia).

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na segunda etapa, os extensionistas da LADHAS elaboraram uma revisão teórica sobre a anatomia do coração e dos grandes vasos da base, norteadas pela bibliografia recomendada no plano de ensino da disciplina de Anatomia Aplicada à Medicina. O material teórico foi criado em apresentação de *slide*, sendo supervisionado pela docente responsável pela disciplina, que também é uma das coordenadoras da Liga Acadêmica. Para viabilizar a apresentação, os extensionistas utilizaram um projetor multimídia e a apresentação teórica durou aproximadamente 40 minutos, sendo aberto, posteriormente, um espaço para as perguntas dos participantes do evento.

Na terceira etapa, os extensionistas distribuíram os estudantes no laboratório de modo que, em cada bancada, ficassem cinco participantes e um extensionista, sendo este responsável pela supervisão da atividade prática de sua bancada. Após a distribuição dos estudantes, foi realizada uma apresentação dos materiais cirúrgicos pertencentes aos kits de dissecação (tesoura, pinça anatômica, pinça dente de rato, cabo de bisturi n.º 4 e lâminas de bisturi), além dos cuidados relacionados à biossegurança e ao uso correto dos instrumentais durante a atividade de dissecação (MIZERES; GARDNER, 1988; WEBER, 2001; RODRIGUES, 2010). Em seguida, os estudantes foram orientados sobre a sequência de dissecação.

Na quarta etapa, o roteiro de dissecação foi elaborado pelos membros da LADHAS, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Roteiro para dissecação do coração

Dissecação	<ol style="list-style-type: none">1. Coloque o coração na bancada para a dissecação. Identifique a posição anatômica cardíaca se baseando nas estruturas: base, ápice, ventrículos e átrios direito e esquerdo.2. Retire o excesso de tecido adiposo em torno da peça com auxílio da tesoura, realizando movimentos de divulsão. Libere todo tecido adiposo em torno dos grandes vasos da base e identifique-os. Tenha cuidado com as tesouras e bisturis!3. Observe o aspecto das aurículas direita e esquerda. Lembre-se de que a aurícula direita no ser humano é maior que a esquerda, pois apresenta maior quantidade de músculo pectíneo. Compare com o coração do suíno, pois nele ocorre o inverso, ou seja, a aurícula esquerda é maior que a direita. Sendo essa uma das poucas diferenças anatômicas entre os corações das duas espécies.4. Com o bisturi, cuidadosamente separe o tronco pulmonar da aorta.5. Caso em alguma das próximas etapas surjam coágulos ou excesso de sangue, lave o coração em água corrente na pia acoplada à bancada.6. Partindo do átrio direito, faça um corte pela face pulmonar direita do coração, passando pela valva atrioventricular direita e chegando até o ventrículo direito.7. Observe a espessura da parede ventricular direita, as trabéculas cárneas, as válvulas, os músculos papilares, as cordas tendíneas e a trabécula septomarginal.8. Com o coração voltado para a face esternocostal, faça um corte partindo do ápice do coração, até a região da aorta, permitindo a abertura do ventrículo esquerdo.9. Observe a valva atrioventricular esquerda, suas válvulas, as cordas tendíneas, os músculos papilares e as entradas das veias pulmonares (superior direita, superior esquerda, inferior direita e inferior esquerda).10. Observe como o ventrículo esquerdo é mais espesso quando comparado ao ventrículo direito. Atenção à anatomia do septo interventricular, que se apresenta como uma continuação da parede ventricular esquerda.11. Faça um corte seguindo o caminho do tronco pulmonar e aorta observando as valvas arteriais e sua formação por válvulas semilunares (três em cada).12. Observe o septo interatrial, após incisão dos átrios e identifique a fossa oval, o limbo da fossa oval e os óstios do seio coronário, da veia cava superior e da veia cava inferior no átrio direito.
-------------------	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na quinta etapa, após a realização das dissecações, os estudantes organizaram o laboratório e descartaram os materiais residuais, as lâminas de bisturi foram corretamente descartadas no lixo reservado para materiais perfurocortantes. Os corações suínos utilizados na atividade foram recolhidos e entregues ao técnico do laboratório para que realizasse o descarte correto do material. Por fim, os membros da LADHAS apresentaram um resumo sobre as atividades desenvolvidas pela Liga, a importância da anatomia cardíaca para a compreensão da fisiopatologia da HAS e o cronograma de seleção para novos membros da Liga.

Resultados e discussão

A inscrição para o evento de dissecação de coração foi aberta aos estudantes do primeiro ano do curso de Medicina da UNIFAL-MG ou de outra instituição de ensino superior da cidade. Entretanto, concretizaram a inscrição e compareceram para a realização do evento apenas estudantes da UNIFAL-MG, totalizando 120 estudantes participantes nas duas edições do evento.

Para a realização do evento, cinco extensionistas estavam presentes em cada um dos dias, acompanhando e orientando os participantes. Estes foram distribuídos no laboratório em grupos de cinco pessoas, ocupando um total de quatro bancadas. Em cada uma das bancadas havia um extensionista da Liga para acompanhar os participantes e sanar as dúvidas que pudessem surgir durante a dissecação do coração (Figura 1).

Figura 1 – Laboratório de Anatomia e participantes durante evento promovido pela LADHAS em 2019



Fonte: Acervo da LADHAS (2019).

Durante a formação acadêmica, nota-se a predominância de metodologias tradicionais no processo de ensino-aprendizagem, nas quais o docente tem a função de transmitir o conteúdo e o discente assume o simples papel de espectador (COSTA *et al.*, 2015). Visando mudar esse modelo de aprendizagem, o evento proporcionou tanto aos extensionistas quanto aos participantes a possibilidade de ocuparem um papel ativo durante a realização da dissecação.

Segundo relatos dos extensionistas, o evento ministrado foi de suma importância para o engajamento e enriquecimento da trajetória acadêmica. Nessa perspectiva, foi observado que os integrantes da Liga puderam executar e aperfeiçoar suas habilidades de comunicação, visto que, além de se comunicarem entre si no momento da elaboração do material, tiveram que apresentar o conteúdo a outros estudantes. Dessa forma, no período que antecedeu a realização do evento, os extensionistas se prepararam a fim de aperfeiçoarem suas didáticas e exercerem uma comunicação eficiente na atividade, o que constituiu uma prática bem útil, visto que, no futuro exercício profissional, far-se-á necessária uma interlocução eficaz (RIOS, 2012).

Ademais, outro ponto que pode ser destacado é que essa atividade contribuiu para que os extensionistas aprimorassem a aptidão de liderança e de trabalho em equipe. Esses dois aspectos são fundamentais no contexto dos serviços de saúde, tendo em vista a importância do trabalho em equipe na qualidade do serviço prestado (PEDUZZI; AGRELI, 2018), com destaque para o fato de que o médico pode atuar como líder de equipes nos três níveis de atenção à saúde (primária, secundária e terciária). É válido destacar ainda que, ao proporcionar o trabalho em equipe, baseado na interação e no diálogo, a atividade colabora para que os extensionistas desenvolvam habilidades de comunicação e construam um trabalho colaborativo (BOLLELA *et al.*, 2014).

Outrossim, o evento contribuiu significativamente para a disseminação do saber, uma vez que os extensionistas revisaram um conteúdo já visto anteriormente e tiveram que buscar referências na literatura científica para que pudessem compreender melhor o tema proposto e, dessa forma, ter embasamento técnico para formularem o conteúdo e transmitirem adequadamente o aprendizado para os participantes do evento.

Em relação ao ensino, as atividades desenvolvidas no evento proporcionaram aos participantes o contato com um rico material de estudo anatômico, possibilitando tanto a familiarização com técnicas de dissecação quanto a associação da teoria com a prática. Por permitir a visualização tridimensional das estruturas e o desenvolvimento do raciocínio espacial, a dissecação tem um posto de ferramenta eficiente no aprendizado prático da anatomia. Assim, torna-se evidente que a dissecação contribui para a formação acadêmica dos estudantes – a observação detalhada das peças propicia melhor compreensão da morfologia, enquanto a aplicação de habilidades práticas, a partir da dissecação, leva ao aperfeiçoamento técnico (POCHAT *et al.*, 2011).

Cabe destacar ainda que, muitas vezes, o treinamento por meio de peças anatômicas nas universidades é insuficiente para o aprendizado, devido ao mau estado de conservação do acervo, à sua disponibilidade limitada diante do contingente de estudantes e à redução da carga horária de disciplinas básicas do curso de Medicina, entre outros fatores. Portanto, pode existir um déficit a ser suprido no que se refere ao estudo prático da anatomia no meio universitário (NOBESCHI; LOMBARDI; RAIMUNDO, 2018). Nesse contexto, a estratégia adotada no evento promovido pela Liga foi bem-sucedida em seu objetivo de oferecer aos estudantes uma oportunidade de vivenciar a experiência da dissecação a fim de ampliar os conhecimentos acerca da anatomia cardíaca (Figuras 2 e 3).

Figura 2 – Extensionistas da LADHAS apresentando o conteúdo teórico sobre a anatomia do coração aos participantes do evento



Fonte: Acervo da LADHAS (2019).

Figura 3 – Acadêmica do curso de Medicina realizando a dissecação do coração suíno com supervisão dos extensionistas da LADHAS



Fonte: Acervo da LADHAS (2019).

Além disso, é válido ressaltar que o conhecimento da anatomia do coração colabora para o entendimento de fisiopatologias cardíacas, como a HAS, promovendo dessa forma a integração básico-clínica. March *et al.* (2006) destacam que essa integração curricular apresenta vantagens, pois contribui tanto para o aperfeiçoamento do trabalho em equipe quanto para o desenvolvimento e aprimoramento do aprendizado, na medida em que as correlações entre os conteúdos estudados são apresentadas aos estudantes de um modo mais ativo. No caso do curso médico, essa prática faz com que seja favorecido o raciocínio clínico por meio das correlações anatomopatológicas, que preparam os estudantes para as etapas futuras do curso. Além disso, essa integração, atrelada ao compromisso e à ética, estimula o amadurecimento da responsabilidade profissional desde os semestres iniciais do curso.

Considerando ainda que a atividade requer uso de instrumental cirúrgico e cuidados de biossegurança, o evento da liga ofertou aos participantes uma experiência proveitosa por adiantar o contato deles com técnicas e materiais que eles só viriam a conhecer em um momento posterior do curso. Durante a realização do evento, foram ensinados, por exemplo, os nomes das peças do instrumental cirúrgico que foram utilizadas, suas corretas técnicas de manuseio e os cuidados necessários.

Ademais, a atividade foi bastante relevante para mostrar aos estudantes quais as atribuições e atividades realizadas por uma Liga Acadêmica, visto que os participantes eram estudantes dos anos iniciais do curso de Medicina da UNIFAL-MG e haviam ingressado em poucas ou nenhuma das atividades extracurriculares. Desse modo, os participantes puderam conhecer mais sobre a LADHAS, sua atuação perante a comunidade e os trabalhos científicos desenvolvidos por ela, futuramente, podem participar do processo seletivo e vir a ser membros efetivos da Liga.

Os extensionistas e a docente responsável receberam inúmeros elogios sobre a dissecação, os participantes relataram verbalmente e por meio das redes sociais o impacto positivo que a experiência trouxe para eles. Além disso, houve pedidos para que fossem elaborados eventos de dissecação de outros órgãos.

Figura 4 – Alguns dos extensionistas da LADHAS no final do evento de dissecação



Fonte: Acervo da LADHAS (2019).

Esse *feedback* positivo incentivou os extensionistas (Figura 4) a investirem nos planos de repetir a atividade todo ano, transformando-a assim em algo tradicional para os acadêmicos do primeiro ano do curso de Medicina. Entretanto, desde o ano de 2020, foi necessária a suspensão das atividades acadêmicas presenciais por conta do cenário da pandemia da Covid-19, impossibilitando assim a realização do evento de dissecação.

Considerações finais

O uso do método ativo nos eventos de dissecação de coração da LADHAS se demonstrou bem atrativo, interessante e facilitador para as futuras associações básico-clínicas que serão apresentadas na formação do curso de Medicina sobre a HAS e sua fisiopatologia. Além disso, por meio do ato de ensinar aos participantes, os extensionistas tiveram a oportunidade de estimular suas habilidades de comunicação. Futuramente, isso poderá auxiliá-los em outras ações de educação em saúde, além de facilitar suas inserções no âmbito acadêmico, por meio de monitorias e docência, caso desejem trilhar algum desses caminhos.

Ademais, considerando a essencialidade da anatomia não só para a Medicina, mas também para todos os cursos que envolvem a saúde, a Liga vem estudando planos para aumentar o público-alvo do evento, englobando assim os estudantes das demais áreas da saúde da UNIFAL-MG e de outra instituição de ensino superior de Alfenas. Nesse contexto, a Liga pode contribuir para a democratização do acesso a diversas formas de aprendizado da anatomia no cenário do ensino superior da área da saúde do município.

Por fim, tendo em vista os benefícios de aprendizado que o evento trouxe para os participantes em suas edições anteriores, a LADHAS planeja dar continuidade a ele assim que o contexto epidemiológico permitir. Dessa forma, pode-se dar seguimento à intenção de consolidar o evento como atividade tradicional da Faculdade de Medicina da UNIFAL-MG.

Referências

BARROSO, Weimar Kunz Sebba *et al.* Diretrizes Brasileiras de Hipertensão Arterial – 2020. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 116, n. 3, p. 516-658, mar. 2021.

BOLLELA, Valdes Roberto *et al.* Aprendizagem baseada em equipes: da teoria à prática. **Medicina**, online, Ribeirão Preto, v. 47, n. 3, p. 293, nov. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/86618/89548>. Acesso em: 5 jul. 2021.

COLARES, Maria Alice Mendes *et al.* Metodologias de ensino de anatomia humana: estratégias para diminuir as dificuldades e proporcionar um melhor processo de ensino-aprendizagem. **Arquivos do Museu Dinâmico Interdisciplinar**, v. 23, n. 3, p. 140-160, dez. 2019.

COSTA, Raphael Raniere de Oliveira *et al.* O uso da simulação no contexto da educação e formação em saúde e enfermagem: uma reflexão acadêmica. **Espaço para Saúde**, Londrina, v. 16, n. 1, p. 59-65, jan./mar. 2015.

LE MOS, Viviane Wosniak. **Anatomia comparada do coração de mamíferos domésticos aplicada ao ensino**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Dois Vizinhos, 2017.

MALTA, Deborah Carvalho *et al.* Prevalence of high blood pressure measured in the Brazilian population, National Health Survey, 2013. **São Paulo Medical Journal**, v. 134, n. 2, p. 163-170, abr. 2016.

MARCH, Cláudia *et al.* O currículo de Medicina da Universidade Federal Fluminense: revisitando uma experiência. *In*: PINHEIRO, Roseni Pinheiro; CECCIM, Ricardo Burg; MATTOS, Rubem Araújo (org.). **Ensinar Saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área de saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: IMS/UERJ: CEPESC: ABRASCO, 2006. p. 295-309.

MIZERES, Nicholas; GARDNER, Ernest. **Métodos de dissecação**. Filadélfia: Guanabara Koogan, 1988.

NOBESCHI, Leandro; LOMBARDI, Leonardo Augusto; RAIMUNDO, Rodrigo Dominello. Avaliação Sistemática da Dissecção como método de ensino e aprendizagem em Anatomia Humana. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, v. 10, n. 21, p. 420-432, mai./ago. 2018.

PEDUZZI, Marina; AGRELI, Heloíse Fernandes. Trabalho em equipe e prática colaborativa na Atenção Primária à Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 22, n. 2, p. 1525-1534, 2018.

POCHAT, Victor Diniz de *et al.* Atividades de dissecção de cadáveres e residência médica: relato da experiência do Serviço de Cirurgia Plástica do Hospital Universitário Professor Edgard Santos da Universidade Federal da Bahia. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v. 26, n. 4, p. 561-565, dez. 2011.

PONTINHA, Carlos Marques; SOEIRO, Cristina. A dissecção como ferramenta pedagógica no ensino da Anatomia em Portugal. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 18, n. 48, p. 165-176, 2014.

RIOS, Izabel Cristina. Comunicação em Medicina. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 91, n. 3, p. 159-162, jul./set. 2012.

RODRIGUES, Hidelgrado. **Técnicas anatômicas**. 4. ed. Vitória: GM, 2010.

WEBER, John C. **Manual de dissecção humana de Shearer**. 8. ed. São Paulo: Manole, 2001.

Recebido: 16.07.2021

Aceito: 23.08.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

FISICÁ & ACOLÁ: DISCORRENDO SOBRE A PALAVRA DA CIÊNCIA

FISICÁ & ACOLÁ: DISCOURSING THE WORD OF SCIENCE

FISICÁ & ACOLÁ: DISERTANDO SOBRE LA PALABRA DE LA CIENCIA

Danilo Ribeiro de Sá Teles¹

Resumo: Este documento relata os caminhos, resultados e conclusões de um trabalho desenvolvido em uma escola municipal da cidade de Dourados-MS, decorrente de um projeto de extensão que envolveu estudantes do ensino básico, fundamental e médio, na discussão de temáticas relacionadas a alguns fenômenos físicos e sociais. Lançando mão de uma pesquisa exploratória, com análises das observações realizadas durante a sua execução, o projeto foi desenvolvido por meio de encontros semanais, planejados e executados mediante oficinas pedagógicas, na tentativa de articular teoria e prática, à guisa de alicerçar o protagonismo dos educandos. Fundamentado na apresentação de material ilustrativo lúdico, experimentos de Física e leituras de artigos científicos, foi possível estimular o livre pensar, refletir sobre a desigualdade de gênero na Física e fomentar discussões com jovens estudantes, complementando a sua alfabetização científica e contribuindo para a desmistificação das atividades relativas à Física. Acredita-se que a relevância deste relato é a de contribuir, minimamente que seja, para o aperfeiçoamento da educação de ciências de uma pequena cidade do interior do Brasil, sendo um vetor de divulgação científica e de estímulo ao engajamento de crianças e adolescentes na ciência.

Palavras-chave: Educação Científica. Cidadania. Ensino de Física. Feminização.

Abstract: *This document reports the paths, results and conclusions of a work developed in a municipal school in the city of Dourados-MS, resulting from an extension project that involved students of basic, elementary and high school, in the discussion of themes related to some physical phenomena and social. The project was developed through weekly meetings, planned and executed from pedagogical workshops, in an attempt to articulate theory and practice, by way of supporting the protagonism of the students. From the presentation of playful illustrative material, physics experiments and reading of scientific articles, it was possible to stimulate free thinking, reflect on gender inequality in physics and encourage discussions with young students, complementing their scientific literacy and contributing to the demystification of activities related to physics. From the presentation of playful illustrative material, physics*

¹ Doutor em Geofísica Aplicada, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor EBTT de Física, do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9725-2762> E-mail: danilo.teles@ifms.edu.br.

experiments and reading of scientific articles, it was possible to stimulate free thinking and encourage discussions with young students, complementing their scientific literacy and contributing to the demystification of activities related to physics. It is believed that the relevance of this report is to contribute to the improvement of science education in a small city in the interior of Brazil, being a vector for scientific dissemination and stimulating the engagement of children and adolescents in science.

Keywords: Scientific Education. Citizenship. Physics teaching. Feminization

Resumen: *En este trabajo se describe los caminos, resultados y conclusiones de un trabajo desarrollado en una escuela pública la ciudad de Dourados, Mato Grosso del Sul, resultado de un proyecto de extensión que involucró a estudiantes de la escuela primaria y secundaria, en la discusión de temas relacionados con algunos fenómenos físicos y sociales. El proyecto se desarrolló a través de reuniones semanales, planificadas y ejecutadas a partir de talleres pedagógicos, en un intento de articular teoría y práctica, a modo de apoyar el protagonismo de los estudiantes. A partir de la presentación ilustrativa de material lúdico, experimentos de física y lectura de artículos científicos, fue posible promover el libre pensamiento, reflexionar sobre la desigualdad de género en la física y fomentar las discusiones con jóvenes estudiantes, complementando su alfabetización científica y contribuyendo a la desmitificación de las actividades relacionadas con física. A partir de la presentación de material ilustrativo lúdico, experimentos de física y lectura de artículos científicos, fue posible estimular el libre pensamiento y la discusión con los jóvenes estudiantes, complementando su alfabetización científica y contribuyendo a la desmitificación de las actividades relacionadas con la física. Se cree que la relevancia de este informe es contribuir al mejoramiento de la educación científica en una pequeña ciudad del interior de Brasil, siendo un vector de divulgación científica y estimulando la participación de niños y adolescentes en la ciencia.*

Palabras clave: *Educación científica. Ciudadanía. Enseñanza de la física. Feminización*

Introdução

As atividades de pesquisa e extensão são compromissos assumidos pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e realizadas a partir da interlocução com as comunidades acadêmica e local, “[...] com ênfase na produção, desenvolvimento e propagação de conhecimentos científicos e tecnológicos” (BRASIL, 2008, p. 4). Quando bem executadas, exercitam competentemente a tríade ensino, pesquisa e extensão que, juntamente com uma gestão eficiente, a equilibra, tornando-a uma eficaz ferramenta de difusão da ciência, permitindo um processo dialógico com a sociedade (OLIVEIRA; COSTA, 2018).

Posta em prática, torna-se, então, instrumento na direção de uma educação pública e democrática, corroborando com uma ruptura do dualismo estrutural e que, efetivamente,

construa uma autonomia, privilegiando uma formação omnilateral, ou seja, uma educação para a plena cidadania (ARRUDA; ZANOTELLO, 2020).

Sendo coerente a uma das seções deste artigo, que trata da feminização da ciência, resisto à linguagem neutra, optando por escrever no feminino. Por conseguinte, considerando dados da Pnad, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2019), que revela ser superior o número de mulheres em relação aos homens no Brasil, escrevo para a maioria da população brasileira, sem querer abrir mão, contudo, dos eventuais leitores que possam prestigiar o texto com sua leitura, "[...] exatamente porque o lugar dos homens está tão bem assegurado na pesquisa acadêmica é que arrisquei a transgressão de escrever (...) no feminino universal" (DINIZ, 2012, p. 9).

A contemporaneidade mergulha a cidadã em uma complexa e constante rede de entendimentos (e desentendimentos), tornando necessária a compreensão dos diferentes códigos e linguagens relacionados às novas e antigas tecnologias para a completa inclusão. Na concepção de Oliveira e Costa (2020, p. 243): “[...] à escola compete a formação para atender às demandas do capitalismo, ao mesmo tempo que deve potencializar a educanda para lidar, compreender e contribuir com a resolução dos problemas sociais.”

Hoje, ser alfabetizada científica e tecnicamente é uma necessidade da cidadã que, curiosa pela invasão do mundo externo na escola, vive rodeada por equipamentos eletrônicos cujos princípios de funcionamento se relacionam com conhecimentos físicos, dotando a estudante de condições para compreender, não só a ciência e a tecnologia por trás de um produto ou de um empreendimento, mas também, todos os seus desdobramentos sociais e seus impactos econômicos (PIETROCOLA, 2001; CHASSOT, 2003).

Por outro lado, é muito pequena a quantidade de pessoas capazes de empregar os conhecimentos escolares em suas vivências diárias e no planejamento do futuro, não conseguindo aplicar, razoavelmente, o que viu, mas não aprendeu (nem apreendeu) na escola, em situações cotidianas. Constata-se, portanto, urgente e imprescindível, reconsiderar o ensino de ciências no Brasil, estabelecendo-o como prioridade nas escolas desde o ensino fundamental. Da mesma forma, é premente o envolvimento de meninas e mulheres nessa discussão, tornando o ambiente menos hostil e preconceituoso para elas, contribuindo para o seu entendimento, controle e previsões das transformações que ocorrem na natureza, auxiliando na construção do seu empoderamento na leitura do universo (CHASSOT, 2003; MELO; RODRIGUES, 2018).

Nessa perspectiva, o relato ora apresentado traz a experiência vivenciada com um grupo de estudantes da Educação Básica de Dourados, Mato Grosso do Sul, fundado na realização, em 2018, do projeto de extensão intitulado Fazendo Ciência. Seu desenvolvimento teve como pretensão complementar a formação básica de cidadã, colaborando para o aditamento da capacidade de aprender, e elevar a compreensão do ambiente natural e social, estimulando o interesse das jovens estudantes sul-mato-grossenses pela ciência, incentivando o raciocínio lógico e investigativo a respeito de teorias e hipóteses que expliquem determinados fenômenos físicos, auxiliando na empregabilidade dos conhecimentos construídos na escola, no seu dia-a-dia e no planejamento futuro.

Curiosidade, método e ação

Como uma obra referenciada em outras, esta se inspira nas reflexões sobre cidadania conduzidas por Milton Santos, Paulo Freire, entre outros intelectuais brasileiros. Parafraseando o primeiro, tenta delimitar “a diferença entre a retórica e o fato. O respeito ao indivíduo é a consagração da cidadania, pela qual uma lista de princípios gerais e abstratos se impõe como um corpo de direitos concretos individualizados” (SANTOS, 2012, p. 19).

Foram realizados experimentos e discutidos textos técnico-científicos, com diferentes graus de complexidade, que contribuiriam para despertar o fascínio das estudantes pelos fenômenos naturais, estimulá-las a se interessar e entender as tecnologias que já fazem parte do seu cotidiano, e despertar o gosto por ciências.

De forma ativa e reflexiva, com o intuito de possibilitar a apropriação e construção de conhecimentos, os encontros foram planejados e realizados como oficinas pedagógicas, articulando teoria e prática, procurando edificar o protagonismo das educandas envolvidas. Para proporcionar a compreensão e análise dos acontecimentos observados, este relato de experiência foi construído alicerçado em uma pesquisa exploratória com análises das observações realizadas durante a execução do projeto, procurando compreendê-la e averiguar sua inter-relação com outros fatos (PAVIANI; FONTANTA, 2009).

As repercussões do projeto foram discutidas em dois tópicos, a saber, “Física, palavra feminina” e “Cientista, eu?”. Enquanto este reflete sobre as atividades desenvolvidas com adolescentes, estudantes do ensino fundamental, que ainda não tiveram um contato mais formal com a Física, aquele aborda o desenvolvimento de uma atividade extensionista com meninas,

por meio das ações e reflexões das três bolsistas que participaram do projeto, e do estímulo que deram à integração das estudantes do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), em atividades científicas. Em acordo com Bolzani:

Ações que ampliam a participação feminina na atividade científica devem gerar ganhos substantivos nos próximos anos. Mas os números totalizados não revelam a desigualdade da proporção entre os gêneros quando se olha para as áreas de conhecimento separadamente. Áreas tradicionalmente tidas como masculinas continuam com perfil de distribuição fortemente desigual. Por exemplo, em ciências agrícolas essa proporção é de 74% de homens e 36% de mulheres; em ciências exatas e da terra, que engloba física, química e matemática, a participação feminina é de 32% e nas engenharias, 39%. (BOLZANI, 2017, p. 58)

A pretensão do proponente em compor uma equipe predominantemente feminina vai ao encontro de uma tentativa de desconstruir, já entre estudantes do ensino fundamental, a ideia da inaptidão das mulheres para Física e outras ditas searas masculinas.

A partir das oficinas, habilitam-se as jovens pesquisadoras a reconhecer o problema em seu dia-a-dia, investigá-lo e modificá-lo, possibilitando “vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos” (PAVIANI; FONTANTA, 2009, p. 78).

Com as oficinas, estimula-se o trabalho em equipe, fomentando a emancipação da estudante como protagonista no processo de aprendizagem e construção de conhecimentos que “[...] precisam ser questionados, avaliados e modificados sob a luz dos estudos de gênero, ciência e tecnologia, para que as mulheres tenham uma participação efetiva em condições de igualdade com os homens” (YANNOULAS, 2013, p. 103).

Espaços como os laboratórios científicos são de fundamental importância para descortinar um fenômeno físico e desprendê-lo. Disponibilizar às estudantes do ensino básico o contato com experimentos e demonstrações de Física poderá estimular nesse público o pensamento científico, e possibilita o entendimento do que acontece e o que provoca os fenômenos físicos naturais.

Física, palavra feminina

O título dessa seção, “Física, palavra feminina”, surgiu logo nos primeiros encontros, na fase de elaboração das atividades com as bolsistas. Ao idealizar uma das primeiras atividades

às estudantes, as bolsistas compuseram uma palavra-cruzada, abordando alguns fenômenos e conceitos científicos. Para completar uma proposição com seis letras, a referência sugerida foi “palavra feminina que trata de fenômenos como movimento, temperatura e calor”.

Considerando a complexidade dos fatores que tradicionalmente impedem as mulheres de exercerem atividades científicas, como os preconceitos sociais que reproduzidos, conscientemente ou não, acabam afastando as meninas de algumas áreas, optou-se por uma maioria de garotas na composição da equipe do projeto.

Como a proposta foi contemplada com apoio financeiro, garantindo o pagamento de bolsas para estudantes do ensino médio, o projeto contou com três alunas que auxiliaram na execução das oficinas, e facilitaram uma maior inclusão das meninas. Na seleção das bolsistas, deu-se preferência às jovens discentes do ensino médio, primando muito mais pelo entusiasmo das adolescentes em participar da atividade, que por seus respectivos históricos escolares.

No ensino médio, este projeto teve como objetivo tratar de temas científicos e sociais com estudantes do sexo feminino, de forma a atuar no constrangedor quadro sul-americano de escassa participação das meninas e mulheres na ciência. Com a participação das bolsistas, foi possível obter mais sucesso na interação com as discentes, tanto do ensino fundamental quanto do médio, desestruturando preconceitos sobre a inacessibilidade da Física.

Pretensiosamente, fez-se questão de evidenciar a participação de meninas em um projeto de Física, apresentando, com propriedade, conceitos científicos, além de propor discussões com as estudantes do ensino básico sobre as diferenças nas trajetórias de homens e mulheres na ciência, potencializando o seu engajamento, mais do que, simplesmente, incluir mais mulheres nos espaços ocupados pelos homens (YANNOULAS, 2013).

Márcia Barbosa e Betina Lima (2013) discutindo sobre as mulheres na Física do Brasil, apontam a institucionalização da ciência com processo de exclusão do feminino, não resultando as disparidades de gênero de diferenças inatas a ambos os sexos. Segundo as autoras:

[...] assim, a própria concepção de ciência é elaborada conforme a lógica binária, oposta e assimétrica de gênero, ou seja, os valores considerados para ciência estão alocados no polo masculino (razão, objetividade, competitividade...) do qual o feminino é construído como oposto. (BARBOSA; LIMA, 2013, p. 73)

Iniciaram-se os trabalhos com a apresentação de mulheres cientistas brasileiras e estrangeiras e a leitura e debate de textos sobre a reduzida presença das meninas em projetos de

pesquisa e feiras de ciências sul-mato-grossenses. Esta discussão foi continuada por três encontros que contaram com a curadoria das jovens pesquisadoras do IFMS.

Cientista, eu?

O subtítulo acima foi inspirado no questionamento incrédulo de muitos jovens estudantes frente às “inalcançáveis” ciências exatas. Sobretudo frente à Física, é comum notar o autoboicote diante de tão famigerada disciplina. A propósito, o ensino exige a reflexão crítica sobre a prática, sendo “[...] a tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado” (FREIRE, 2004, p. 38).

Diante disso, o projeto de extensão intitulado Fazendo Ciência, fonte deste relato de experiência, desprovido do propósito de ministrar a disciplina de Física, teve como pretensão desmistificar esta ciência entre jovens estudantes, possibilitando uma maior aceitação e interação em estudos futuros.

As atividades foram desenvolvidas em uma escola da região, vizinha à instituição proponente, atendendo discentes do 8º e 9º anos do ensino fundamental, e contando com a participação de jovens cursistas do ensino médio integrado.

Foram executadas oficinas de Física, com a construção de experimentos feitos de materiais reciclados e com objetos de baixo custo, possibilitando a elaboração de artefatos com diferentes níveis de complexidade. Kits experimentais profissionais também foram utilizados. As reuniões ocorreram na escola e no *campus* Dourados, do IFMS.

Inicialmente, lançou-se mão da apresentação de histórias em quadrinhos e séries televisivas com o intuito de entusiasmar as educandas, contextualizando a ciência de forma lúdica. As reflexões orbitaram em torno das tirinhas obtidas do Material do Estudante do Gref, acrônimo de Grupo de Reelaboração do Ensino de Física, e de alguns episódios do vídeo educacional “De Onde Vem”, da TV Escola – nessa série, a protagonista “Kika”, menina esperta e curiosa, questiona a origem das coisas. São vinte episódios curtos que explicam sobre o arco-íris, dia e a noite, o vidro, a eletricidade, etc.

Os mediadores proporcionaram um momento de discussão coletiva, fomentando uma chuva de ideias sobre o conceito de Física das estudantes: o que já ouviram falar sobre esta área

do conhecimento, os fenômenos envolvidos com o dia e a noite, as estações do ano, o arco-íris, os objetos elétricos, a música e os fenômenos atmosféricos.

Embora o projeto tenha enfatizado a ação, primou também pela reflexão, não abrindo mão da base teórica. Sendo assim, após a discussão, as alunas foram conduzidas à biblioteca da escola para uma consulta ao dicionário, em busca de conceitos formais sobre Física. Fez-se questão de levá-las à biblioteca e não em trazer os dicionários à sala, com a intenção de agregar este importante espaço também para o estudo da ciência, e estimular o protagonismo das discentes na coleta de informações, dando-lhes condições para a construção do conhecimento.

Após a tempestade lúdico-científica proporcionada pelas jovens pesquisadoras, elas foram convidadas a conhecer os laboratórios do campus do IFMS. Contando com cursos nas áreas de Ciências Exatas, os laboratórios do Instituto possuem equipamentos que permitem contextualizar a Física com outras atividades e fenômenos, possibilitando uma interessante interlocução com/entre as estudantes.

No laboratório, foi viabilizada a interação das estudantes com experimentos que reproduziam grandezas Físicas e alguns fenômenos térmicos, acústicos e elétricos. Entre eles, destaca-se a oficina de medidas Físicas, onde se apresentou objetos, representando as grandezas mais corriqueiras, como massa, comprimento, área e volume. As oficinas consistiram em provocar as estudantes a associar os objetos às suas respectivas unidades de medida, correspondendo, por exemplo, objetos de diferentes comprimentos ao metro, e volumes diversos à unidade de metro cúbico. Para a obtenção da unidade de massa, utilizaram-se garrafas pet e bolinhas de gude; as esferas eram adicionadas, ou retiradas, à/da garrafa, até a estudante obter 1,0 kg, mensurado com uma balança ordinária.

As atividades elencadas, exibidas antes de uma apresentação protocolar da disciplina de Física, dispensando algumas de suas formalidades, cálculos e leis, foram muito salutar. Não que se tenha aberto mão da lisura científica, mas, potencializar o fenômeno em detrimento à burocracia científica contribuiu para um maior entusiasmo das jovens discentes. Citando Vianna:

[...] podemos encontrar profundas inquietações na área de Alfabetização e Letramento científicos e tecnológicos. Sabemos que nem todos os estudantes da educação básica seguirão estudos na área científica. Mas é preciso fazê-los entender o mundo que os rodeia. [...] independentemente da profissão que vão seguir, todos atuarão na sociedade em que vivem, como cidadãos. (VIANNA, 2009, p.136)

Acredita-se que o desenvolvimento de novas estratégias de ensino de Física, baseadas em experimentos e novas tecnologias, podem contribuir para despertar o interesse de crianças e adolescentes. Trata-se de construir uma visão da Física que esteja voltada para a formação de uma cidadã contemporânea, atuante e solidária, com instrumentos para compreender, intervir e participar ativamente na sua realidade (BRASIL, 2002).

Resultados e discussão

Refletindo sobre a interação das estudantes durante o desenvolvimento deste Projeto, é possível afirmar que as oficinas auxiliaram no entendimento dos fenômenos físicos a partir de recursos lúdicos que estimularam a curiosidade, a criatividade e habilidade das estudantes do ensino fundamental e médio, despertando o interesse pelo campo científico.

Um evento que merece destaque foi a oficina de medidas padrão, apesar da maioria das estudantes demonstrarem familiaridade com algumas grandezas Físicas fundamentais, como massa, comprimento e tempo, suas respectivas unidades no sistema internacional - quilograma, metro e segundo - e as grandezas derivadas, cujas unidades são metro quadrado e metro cúbico, apenas uma minoria conseguia associar essas unidades à sua medida correspondente.

Atento ao alerta de Paulo Freire, de que “[...] transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador” (FREIRE, 2004, p. 33), procurou-se desenvolver as atividades vinculadas à experiência cotidiana dos alunos, de forma a instrumentalizá-los de uma melhor compreensão e atuação na realidade.

Um exemplo curioso foi obtido no estudo da unidade área: questionadas sobre a unidade correspondente a esta grandeza, a maioria das alunas apontou o metro-quadrado (m^2). Entretanto, diante de diversos objetos de diferentes áreas, menos da metade conseguiu corresponder uma unidade de área, $1m^2$, com um objeto com esta medida. Diante desta dificuldade, fez-se uma oficina extra, erigindo essa percepção pela construção dos próprios experimentos, aproximando o saber escolar do saber cotidiano.

Retratando a realidade que apresenta uma iniquidade de gênero em relação ao número de pesquisadoras comparado ao número de homens na mesma posição, e associando com a realidade brasileira, articulou-se com as estudantes quais as soluções poderiam ser tomadas para garantir, pelo menos localmente, uma equidade de gênero. Apesar da timidez verificada nas

primeiras reuniões, boas ideias surgiram no decorrer do projeto, a exemplo da proposição de eventos e editais de iniciação científica que garantissem uma participação mais destacada das meninas.

Considerações finais

Desconstruindo os preconceitos edificados ao longo da vida escolar, e, muitas vezes, ratificados pela família, o projeto auxiliou dezenas de estudantes a compreender mais adequadamente alguns fenômenos físicos, complementar o seu letramento científico e, espera-se, aumentará o sucesso desses estudantes frente à disciplina de Física nos ensinos médio e superior.

Com as meninas do ensino médio, futuras, pesquisadoras ou ocupantes de qualquer profissão de sua livre escolha, foi benfeitoria a discussão da equidade de gênero a partir da ótica de um problema brasileiro, com reflexos expressivos no Mato Grosso do Sul. E ainda mais interessante foi apresentar diagnósticos e soluções para maior inclusão feminina na ciência douradense.

Apesar de estar ciente de que problemas complexos exigem soluções complexas, e que uma assimetria dessa magnitude não desaparecerá da noite para o dia, acredita-se que uma fagulha foi acesa, com grande potencial de aquecer e iluminar mentes e corações de jovens pesquisadoras e pesquisadores.

O projeto foi ao encontro, e logrou êxito, de complementar a formação básica cidadã, que é objetivo do ensino fundamental, colaborando para o desenvolvimento da capacidade de aprender e melhorar a compreensão do ambiente natural, social e cultural. De encontro ao androcentrismo, seu mérito foi o de rechaçar a naturalidade com que temos, como sociedade, encarado situações indecentes, como a desigualdade entre mulheres e homens nos cargos de chefia, nas carreiras científicas, e o analfabetismo científico das nossas cidadãs. Trata-se, nesse caso, de um pequeno gesto docente que se espera reverberar nas jovens estudantes sul-mato-grossenses.

Agradecimentos

O autor agradece ao IFMS pelo aporte financeiro para auxílio do projeto e pagamento de bolsas de extensão às estudantes, assim como os servidores das escolas municipais Cyriaco Félix de Toledo e Clarice Bastos Rosa.

Referências

ARRUDA, Fábio Pinto de; ZANOTELLO, Marcelo. Educação Profissional e Tecnológica. **Revista Labor**, v. 2, n. 24, p. 24-45, jul./dez. 2020.

BARBOSA, Marcia C.; LIMA, Betina S. Mulheres na Física do Brasil: Por que tão poucas? E por que tão devagar? *In*: YANNOULAS, Silvia Cristina (Coord.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília: Editorial Abaré, 2013.

BOLZANI, Vanderlan da Silva. Mulheres na Ciência: por que ainda somos tão poucas? **Ciência e Cultura**, v. 69, n. 4, p. 56-59, out./dez. 2017.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm. Acesso em: 2 dez. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec/MEC). **PCN + Ensino Médio**: orientações complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais - ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. Brasília, DF: MEC/Semtec, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasNatureza.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2021.

CHASSOT, Aticco. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**, v. 8, n. 22, p. 89-100, 2003.

DINIZ, Debora. **Carta de uma orientadora**: o primeiro projeto de pesquisa Brasília: Letras Livres, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270-pnad-continua.html?edicao=24437&t=resultados>. Acesso em: 12 ago. 2021.

MELO, Hildete Pereira; RODRIGUES, Ligia. Pioneiras da ciência no Brasil: uma história contada doze anos depois. **Ciência e Cultura**, v. 70, n. 3, p. 41-47, jul./set. 2018.

OLIVEIRA, João Paulo de; COSTA, Conceição Leal. Desenvolvimento de projetos e(m) educação para a cidadania – o caso do Programa de Apoio à Extensão do IFRN. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, n. 14, p.1-15, jan./jun. 2018.

OLIVEIRA, João Paulo de; COSTA, Conceição Leal. O papel da extensão na formação de estudantes do IFRN Campus Mossoró: reflexões em torno de educação para a cidadania a partir de um estudo de caso. *In*: SANTOS, S. C. A dos; CAVALCANTE, I. F.; LEMOS, E. C.; FERREIRA, M. C.; COSTA, M. L. **Educação & Sociedade**: formação profissional, educação a distância e tecnologias. São Luís: IFMA, 2020. p. 225-262. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1810/4.Educacao-e-Sociedade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 1 jan. 2021.

PAVIANI, Neires M. Soldatelli; FONTANTA, Niura M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio/ago. 2009.

PIETROCOLA, Maurício. Construção e realidade: modelizando o mundo através da Física. *In*: PIETROCOLA, Maurício (Org.). **Ensino de Física**: conteúdo, metodologia e epistemologia numa concepção integradora. Florianópolis/Brasília: Editora da UFSC/INEP, v. 1, 2001. p. 9-32.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Editora da USP, 2012.

VIANNA, Deise Miranda. Formação cidadã para nossos alunos – um contexto cultural para o ensino de Física. *In*: MARTINS, André Ferrer P. (Org.). **Física ainda é cultura?** São Paulo: Livraria da Física, 2009. p. 131-149.

YANNOULAS, Silvia Cristina (Coord.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília: Editorial Abaré, 2013.

Recebido: 10.05.2021

Aceito: 04.08.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**OFICINAS CULINÁRIAS COMO ESTRATÉGIA PARA FORTALECIMENTO DA
ECONOMIA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

***KITCHEN WORKSHOPS AS A STRATEGY FOR STRENGTHENING THE ECONOMY
DURING THE COVID-19 PANDEMIC***

***TALLERES CULINARIOS COMO ESTRATEGIA PARA FORTALECER LA
ECONOMÍA DURANTE LA PANDEMIA DEL COVID-19***

Edson Douglas Silva Pontes¹

Mayany Carolynny Germano de Araújo²

Cleita Keliane do Nascimento Silva³

Ana Carolina dos Santos Costa⁴

Vanessa Bordin Viera⁵

Raphaela Veloso Rodrigues Dantas⁶

Resumo: A pandemia da Covid-19 impactou negativamente a economia de milhares de famílias, além das consequências na saúde humana. Diante desse contexto, foi desenvolvido o projeto de extensão COMprender, pela Universidade Federal de Campina Grande, que uniu conhecimentos de nutrição, gastronomia, tecnologia de alimentos, marketing digital e pessoal para o fomento de renda na pandemia e fortalecimento do comércio de bebidas e alimentos por meio de receitas e informações. Dentre as ações elaboradas, destaca-se a elaboração de três oficinas culinárias realizadas de forma remota com conhecimentos práticos e teóricos sobre panificação e alimentos funcionais, com receitas previamente selecionadas e testadas. As oficinas tiveram cerca de 498 inscritos e apresentaram alta aceitação, bem como engajamento pelos participantes que tiveram a liberdade para trocar suas experiências, dúvidas e anseios diante do cenário pandêmico e como isso impactou suas vendas e rendimento familiar. Os

¹ Bacharel em Nutrição, pela Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, Paraíba, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7642-9466> E-mail: edsonspontes@gmail.com

² Graduanda em Nutrição, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, Paraíba, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1730-4524> E-mail: mayanycarolynny@gmail.com

³ Graduanda em Nutrição, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, Paraíba, Brasil. Orcid: <https://org/0000-0002-0571-2811> E-mail: cleitanascimento10@gmail.com

⁴ Doutora em Ciência e Tecnologia de Alimentos. Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Brasil. Orcid: <https://org/0000-0001-5466-6463> E-mail: acarolinasc90@gmail.com

⁵ Doutora em Ciência e Tecnologia de Alimentos. Professora da Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, Paraíba, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4979-4510> E-mail: vanessa.bordinviera@gmail.com

⁶ Doutora em Ciências da Nutrição. Professora da Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, Paraíba, Brasil. Orcid: <https://org/0000-0002-4350-7237> E-mail: raphaelavrodrigues@yahoo.com.br

relatos obtidos ao fim do projeto demonstraram grande satisfação e uma boa avaliação da metodologia adotada. Diante do que foi observado, destaca-se a importância dessas ações e da necessidade de sua continuidade para que haja um fortalecimento da economia local. Ademais, acreditamos que o projeto tem um alto valor social e que as ações desenvolvidas foram bem-vistas pela população atendida.

Palavras-chave: Gastronomia. Nutrição. Segurança Alimentar e Nutricional.

***Abstract:** The Covid-19 pandemic negatively impacted the economy of thousands of families, in addition to the consequences for human health. In this context, The COMpreender extension project was developed by the Federal University of Campina Grande, which brought together knowledge of nutrition, gastronomy, food technology, digital and personnel marketing to boost income in the pandemic and strengthen the food and beverage trade through recipes and information. Among the actions developed, there is the development of three culinary workshops held remotely with practical and theoretical knowledge about baking and functional foods, with previously selected and tested recipes. The workshops had around 498 subscribers and showed high acceptance, as well as engagement by the participants who had the freedom to exchange their experiences, doubts and anxieties in view of the pandemic scenario and how this impacted their sales and family income. The reports obtained at the end of the project showed great satisfaction and a good evaluation of the adopted methodology. Based on what was observed, the importance of these actions and the need for their continuity are highlighted so that the local economy can be strengthened. Furthermore, we believe that the project has a high social value and that the actions developed were well regarded by the population served.*

***Keywords:** Gastronomy. Nutrition. Food and nutrition security.*

***Resumen:** La pandemia de Covid-19 afectó negativamente la economía de miles de familias, además de las consecuencias para la salud humana. En este contexto, el proyecto de extensión COMpreender fue desarrollado por la Universidad Federal de Campina Grande, que reunió conocimientos de nutrición, gastronomía, tecnología alimentaria, marketing digital y personal para impulsar los ingresos en la pandemia y fortalecer el comercio de alimentos y bebidas a través de recetas y información. Entre las acciones desarrolladas, se encuentra el desarrollo de tres talleres culinarios realizados de forma remota con conocimientos prácticos y teóricos sobre panadería y alimentos funcionales, con recetas previamente seleccionadas y probadas. Los talleres contaron con alrededor de 498 suscriptores y mostraron una alta aceptación, así como el compromiso de los participantes que tuvieron la libertad de intercambiar sus experiencias, dudas y ansiedades ante el escenario de la pandemia y cómo esto impactó sus ventas e ingresos familiares. Los informes obtenidos al final del proyecto mostraron una gran satisfacción y una buena evaluación de la metodología adoptada. A la luz de lo observado, se resalta la importancia de estas acciones y la necesidad de su continuidad para que se fortalezca la economía local. Además, creemos que el proyecto tiene un alto valor social y que las acciones desarrolladas fueron bien vistas por la población atendida.*

***Palabras clave:** Gastronomía. Nutrición. Seguridad alimentaria y nutricional.*

Introdução

Ao fim do ano de 2019, a cidade de Wuhan, na China, notificou uma série de casos atípicos de uma doença respiratória que possuía uma rápida disseminação. Esse vírus foi identificado como uma nova espécie de coronavírus, que ocasiona a síndrome aguda grave coronavírus-2 (SARS-CoV-2) (YUKI; FUJIOGI; KOUTSOGIANNAKI, 2020). Devido a sua rápida transmissão e a alta taxa de letalidade, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou estado de emergência global ao fim do mês de janeiro de 2020, posteriormente, sob controvérsias, adotou a nomenclatura da Covid-19 para a doença ocasionada pelo novo coronavírus e, por fim, anunciando o estado de pandemia no dia 11 de março de 2020 (VELAVAN; MEYER, 2020; OPAS, 2020).

Diversas medidas de controle da doença estão sendo praticadas por vários líderes mundiais, como o distanciamento social que consiste na paralisação das atividades que proporcionem aglomerações. Dentre estas medidas, o comércio sofreu grande impacto econômico, pois trata-se de uma atividade não essencial que precisou fechar as portas durante esse período, associado ao esvaziamento dos centros urbanos houve um prejuízo na renda familiar de muitas famílias (SIPONI *et al.*, 2020). A pandemia da Covid-19 está estritamente relacionada ao agravamento da fome no Brasil e a junção desses fenômenos configura uma enorme tragédia humanitária (FREITAS; PENA, 2020).

O empreendedorismo está associado ao inovar e apresenta alta complexidade, entretanto, empreender pode favorecer oportunidades de sucesso em negócios, desde que sejam executados da forma adequada, dentro de um contexto específico e contribuir positivamente para o desenvolvimento da economia (HATADA; MELO; CÁRNIO, 2021).

O COMpreender é um projeto de extensão da Universidade Federal de Campina Grande *campus* Cuité, na Paraíba, realizado por professores, estudantes e colaboradores, que visa discutir e construir junto à comunidade possibilidades para obtenção de renda com o objetivo de minimizar os impactos econômicos negativos que a Covid-19 causou em diversas famílias brasileiras.

Dessa forma, o projeto de extensão se propôs a construir, junto à comunidade, estratégias para o fortalecimento da economia local, por meio de ações voltadas ao empreendedorismo no setor de alimentos e bebidas. Dentre as ações, o presente estudo objetiva-

se a descrever um relato de experiência sobre o desenvolvimento de oficinas culinárias como ferramenta para o incentivo ao empreendedorismo e como alternativa para o fomento de renda.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência de um projeto de extensão, intitulado COMpreender, que foi executado por discentes do curso de bacharelado em Nutrição, pelo Centro de Educação e Saúde, da Universidade Federal de Campina Grande (CES/UFCG), na cidade de Cuité, Paraíba. Foram desenvolvidas três oficinas culinárias de alimentos, as quais continham quatro receitas, previamente testadas, desenvolvidas no Laboratório de Técnica Dietética do CES/UFCG, em que foram gravadas e, por fim, editadas para exibição aos participantes. As receitas foram ofertadas remotamente, no ano de 2020, durante a pandemia da Covid-19, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Receitas abordadas nas oficinas do COMpreender

OFICINA OFERTADA	RECEITAS REALIZADAS
Técnicas de Panificação	Pão tradicional, pão integral, esfirra aberta e trouxinha
Técnicas de Panificação 2.0	Pão sem glúten, empadinha, sonho, grissini de fibras
Alimentos Funcionais	Bolo de maçã com abacaxi e nozes, bolo de banana com cacau, <i>muffin</i> de legumes e torta salgada <i>low carb</i> .

Fonte: Os autores (2021).

Participaram das oficinas os alunos de vários cursos de graduação, servidores terceirizados do CES/UFCG, comerciantes em alimentos e bebidas de diversos estados brasileiros, pessoas assistidas pelo Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), mulheres vinculadas às comunidades carentes dos municípios de Cuité, na Paraíba, e São José do Egito, do estado de Pernambuco.

A captação das pessoas se deu por meio do *Instagram*, em que para se inscrever, os participantes deveriam compartilhar e marcar amigos na postagem como meio de divulgação orgânica e, posteriormente, era enviado um *link* para inscrição, em que continha todas as informações necessárias. O público também foi captado por grupos de *Telegram* e *WhatsApp*, os participantes que apresentaram dificuldade para realizar a inscrição, bem como não tinham acesso ao *Instagram*, tiveram sua inscrição facilitada pelos extensionistas para auxiliar na democratização das atividades.

Ademais, criou-se um canal no *Telegram* para comunicação entre os participantes e os extensionistas para tirar dúvidas remanescentes, além de fomentar um espaço para troca de experiências entre os participantes. Após a primeira oficina, foi solicitado de forma expressiva outras oficinas e, junto a isso, sugestões que foram analisadas e abordadas nas ações posteriores. Cada oficina teve duração média de 1 hora, em que 20 minutos eram destinados a parte teórica sobre técnicas de panificação e alimentos funcionais e prática consistia em 40 minutos com vídeos com o passo-a-passo das receitas elaboradas com narração e explicação simultânea do extensionista responsável.

Também, foram desenvolvidas cartilhas educativas, contendo um resumo da parte teórica, a descrição das receitas, rendimento, ingredientes e suas quantidades, modo de preparo e sugestões para venda e consumo dos produtos elaborados.

Resultados e discussão

A iniciativa contou com a participação de 498 inscritos, na faixa etária de 18 a 50 anos de idade, por meio de uma plataforma de *Streaming*. Foi utilizado recursos midiáticos como *slides* com imagens, textos informativos e vídeos para proporcionar uma compreensão dos assuntos propostos de forma simplificada. Desse modo, os indivíduos tinham a liberdade de assistir as gravações durante as primeiras 120 horas.

O uso de atividades digitais é uma das principais estratégias utilizadas por microempreendedores para reverter a crise financeira ocasionada pela pandemia, objetivando atrair e engajar os clientes com ações voltadas às divulgações em redes sociais e o *marketing* digital se consolidou como um dos únicos meios para manter a proximidade com as pessoas (SILVA, 2021). Desse modo, o empreendedorismo compreende uma deliberação consciente, baseada na análise de oportunidades e do reconhecimento da necessidade de encontrar lacunas

no mercado de trabalho, em que se torna imprescindível a criação de um novo negócio ou produto (RATTEN, 2020).

Para manter esse vínculo com os participantes, foram criados alguns grupos nas mídias sociais, tais como o *Telegram* e o *WhatsApp*, com o intuito de melhorar a comunicação entre eles, por meio da liberação de informações sobre as oficinas, *links* destinados aos *posts* informativos no *Instagram*. Também, foi empregado para sanar as possíveis dúvidas que viessem a surgir e disponibilizar os materiais didáticos referentes a cada oficina, que eram apresentadas nas gravações, a fim de facultar o ensino-aprendizado.

Inicialmente, ocorreu a apresentação da equipe, a difusão do projeto e a sua devida finalidade. Foi abordado os seguintes tópicos: “Introdução à tecnologia de panificação” com a explanação dos dados referentes à produção e ao faturamento da indústria alimentícia, no Brasil, além de exibir os diferentes tipos de pães e os seus conceitos e “Etapas no processo de panificação”, que tratou dos princípios sobre o glúten, gliadina, glutenina, fermentação e forneamento. Ressaltou-se, também, as técnicas de pesagem, mistura, descanso e temperatura ideal para a produção da massa, assim como o método para o boleamento, seguida da fermentação e o forneamento.

Em suma, vale destacar que existem diversos métodos utilizados para melhorar a qualidade dos produtos, entre eles estão as técnicas citadas, que são caracterizadas por proporcionar a padronização, a fim de conferir o controle da produção, evitar desperdícios e prejuízo à empresa. Na Oficina “Técnicas de Panificação”, explanou-se sobre o modo de preparo de algumas receitas (pão tradicional, pão integral, esfirra aberta e trouxinha), as quais foram desenvolvidas almejando propiciar à comunidade estratégias de geração de renda financeira para o enfrentamento da crise econômica, através de preparações palatáveis e de baixo custo.

A Oficina “Técnicas de Panificação 2.0” retratou as preparações (pão sem glúten, empadinha, sonho, grissini de fibras) e os procedimentos para a confecção em que incluíam os ingredientes, temperatura ideal e o passo a passo para a elaboração de cada produto, objetivando viabilizar aos ouvintes a aptidão e a sua uniformização.

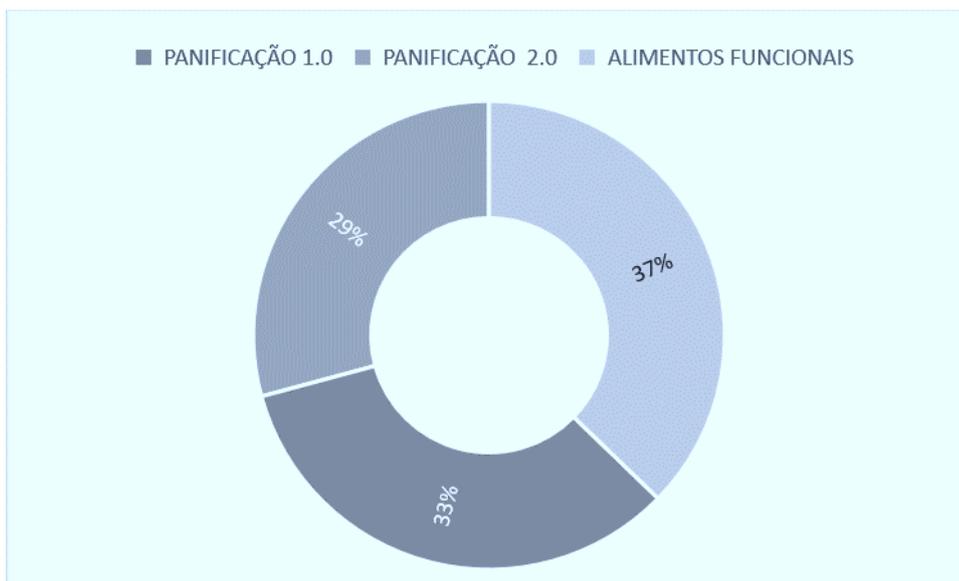
Por último, apresentou-se a Oficina “Alimentos Funcionais”, a qual foi explanada o conceito e os benefícios da ingestão desses alimentos na saúde do consumidor (Bolo de maçã com abacaxi e nozes, bolo de banana com cacau, *muffin* de legumes e torta salgada *low carb*). Além do mais, abordou-se acerca dos compostos fenólicos, carotenoides, ômega 3, fibras e probióticos,

os quais elencou-se as suas definições, funções e classes, de maneira descomplicada e objetiva, com o intuito de facilitar o entendimento dos ouvintes, dado que a maior parte não detinha acesso ao ensino superior.

Torna-se relevante elucidar sobre estes tópicos para que o consumidor possa entender como cada nutriente irá atuar na sua saúde e, também, como algumas técnicas de cocção são capazes de ativar ou não os biodisponíveis para que se possa traçar o perfil da comida e da clientela que almeja trabalhar. Também, é importante conhecer estes conceitos para ter maior embasamento teórico ao vender o que foi produzido e convencer o cliente a comprar o alimento, ressaltando que este pode ser tanto saboroso quanto nutritivo.

Ao término do curso de formação, realizou-se uma pesquisa entre os ouvintes para detectar os pontos positivos e negativos dessa atividade. Com base nisso, foi possível observar a existência de uma boa satisfação quanto aos conteúdos ministrados, sobretudo, a temática de alimentos funcionais, conforme Figura 1.

Figura 1 – Posicionamento dos participantes em relação à preferência da oficina digital



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Para aprofundar esta avaliação, foi necessária uma análise da percepção dos participantes em relação às oficinas virtuais. Para tal, primordialmente, deve-se considerar a primazia e percepção do aluno quanto à idealização do curso para obtenção de um ensinamento

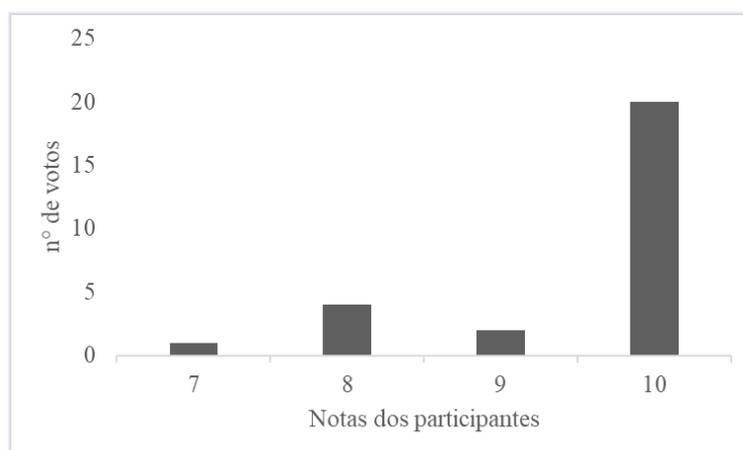
de maior eficácia. Por conseguinte, para expandir essa concepção, a análise da temática a ser ministrada pelo participante é designada como um instrumento útil para o sucesso desta ação (MUTHUPRASAD; AISWARYA; ADITYA; GIRISH, 2021).

Os participantes entrevistados, em sua maioria, preferiram a Oficina de Alimentos Funcionais, de acordo com Silva (2019), existe uma preocupação com uma alimentação saudável que nutra e promova a saúde, resultando no aumento pela preferência dos consumidores por alimentos ricos em nutrientes que possam fortalecer o organismo, além de prevenir e combater doenças.

Posto isto, as escolhas das temáticas aludidas foram desenvolvidas como estratégias de empreendedorismo, visando proporcionar a população um melhor enfrentamento econômico, através do compartilhamento de saberes durante o momento da capacitação, com o objetivo de ofertar uma ampliação do conhecimento, autonomia e criatividade aos internautas para que adiquissem novas oportunidades no mercado de trabalho.

Outrossim, foi possível observar que as oficinas obtiveram uma aceitação satisfatória quanto a sua didática, contribuindo, assim, ao processo de aprendizagem dos inscitos, conforme Figura 2.

Figura 2 – Avaliação dos participantes quanto da oficina digital ofertada remotamente



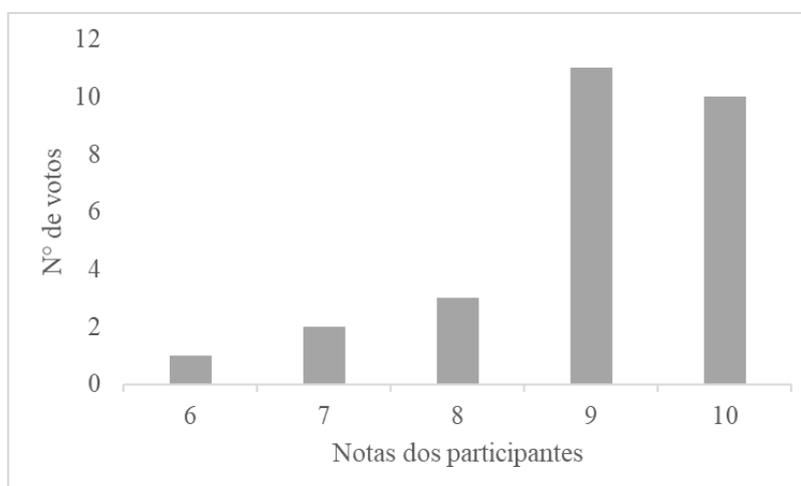
Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

A interação do aluno com o palestrante, de acordo com Martin, Wang e Sadaf (2018), é caracterizada como uma ferramenta essencial para a facilitação do aprendizado em cursos virtuais, a exemplo disso, são os vídeos narrados em arquivos de *powerpoint*, o qual é

considerado o método de ensino preferido pelos estudantes (HAMPTON; PEARCE; MOSER, 2017).

Esses achados se equivalem com a metodologia deste estudo, em que os conteúdos abordados foram disponibilizados nas gravações supracitadas, além de haver o contato direto com os inscritos no canal do *Telegram*, com o intuito de sanar as possíveis dúvidas, e o acesso às cartilhas. Os materiais complementares, baseados em textos, são classificados como uma tática menos eficaz de aprendizagem, conforme Hampton *et al.* (2020), dado que os alunos têm preferência por conteúdos objetivos. Com relação à qualidade do material didático, referente à oficina digital, observou-se um grau de aprovação acentuada, como pode ser observado na Figura 3.

Figura 3 – Avaliação dos participantes quanto à qualidade dos materiais didáticos



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

As contrariedades decorrentes da criação do conteúdo didático via tecnologia digital de informação e comunicação não são experiências novas ou inéditas, considerando-se que a modalidade de ensino à distância está presente há vários anos (DOURADO *et al.*, 2021). Nessa perspectiva, para a criação dos materiais houve, inicialmente, um planejamento dos conteúdos, a fim de garantir um recurso interativo com características marcantes, dinâmicas e de hipertextualidade, além de serem gratuitas e de fácil acessibilidade.

A informatização do meio escolar remoto é identificada por ser algo oportuno ao aprendizado do aluno, conforme Lopes e Fürkotter (2016), devido a vasta disponibilidade de

softwares e conteúdos digitais educacionais que promovem a flexibilidade ao acesso concedido pela dinâmica da internet e, também, os benefícios que as tecnologias e materiais didáticos, quando introduzidas de maneira ordenada, podem oferecer.

Conclusão

Os resultados deste estudo indicaram que a maioria dos participantes evidenciou uma atitude positiva em relação às oficinas, principalmente, nas temáticas dos alimentos funcionais e panificação. Posto isto, o aprendizado remoto mostrou-se vantajoso, pois proporcionou flexibilidade, fortalecimento da autonomia, criatividade e estímulo para geração do incremento da renda familiar a partir dos conhecimentos construídos nas oficinas.

Referências

- DOURADO, A. C.; SOUSA, Cícero J. M.; SOUTO, T. V. S. **Relato de experiência de uma intervenção didática sobre a origem do universo em um contexto de ensino remoto**. Instituto Federal de Pernambuco Campus Pesqueira, Curso de Licenciatura em Física. Pesqueira, 2021.
- FREITAS, M. C. S.; PENA, P. G. L. Fome e pandemia da Covid-19 no Brasil. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 8, n. 1, p. 34-40, 2020.
- HAMPTON, D.; CULP-ROCHE, A.; HENSLEY, A.; WILSON, J.; OTTS, J. A.; THAXTON-WIGGINS, A.; MOSER, D. K. Self-efficacy and satisfaction with teaching in online courses. **Nurse educator**, v. 45, n. 6, p. 302-306, 2020.
- HAMPTON, D.; PEARCE, P. F.; MOSER, D. K. Preferred methods of learning for nursing students in an on-line degree program. **Journal of Professional Nursing**, v. 33, n. 1, p. 27-37, 2017.
- HATADA, F.; MELO, C. G. L.; CÁRNIO, T. C. Empreendedorismo e intervenção estatal em tempos de pandemia. **MISES: Interdisciplinary Journal of Philosophy, Law and Economics**, v. 9, 2021.
- LOPES, R. P.; FÜRKOTTER, M. Formação inicial de professores em tempos de TDIC: uma questão em aberto. **Educação em Revista**, v. 32, p. 269-296, 2016.
- MARTIN, F.; WANG, C.; SADAF, A. Student perception of helpfulness of facilitation strategies that enhance instructor presence, connectedness, engagement and learning in online courses. **The Internet and Higher Education**, v. 37, p. 52-65, 2018.

MUTHUPRASAD, T.; AISWARYA, S.; ADITYA, K. S.; GIRISH K. Students' perception and preference for online education in India during Covid-9 pandemic. **Social Sciences & Humanities Open**, v. 3, n. 1, p. 100-101, 2021.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. **Histórico da pandemia da Covid-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 7 jun. 2021.

RATTEN, V. Coronavírus (Covid-19) e empreendedorismo: mudando a paisagem de vida e trabalho. **Journal of Small Business & Entrepreneurship**. v. 32, ed. 5, p. 503-516, 2020.

SILVA, A. R. C. **Estratégias empreendedoras implantadas pelos microempreendedores campinenses na pandemia da Covid-19**. 2021. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021.

SILVA, V. S.; ORLANDELLI, R. C. Desenvolvimento de alimentos funcionais nos últimos anos: uma revisão. **Revista Uningá**, v. 56, n. 2, p. 182-194, 2019.

SIPIONI, M. E.; RIQUIERI, M. R. L.; BARBOSA, J. P. M.; BISCOTTO, D. B.; SARTI, T. D.; ANDRADE, M. A. C. **Máscaras cobrem o rosto, a fome desmascara o resto: Covid-19 e o enfrentamento à fome no Brasil**. 2020. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/jeaninepacheco,+Fome+e+COVID_ScieloPreprint.pdf. Acesso em: 31 maio 2020.

VELAVAN, T. P.; MEYER, C. G. The Covid-19 epidemic. **Tropical Medicine & International Health**, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 278-280, 16 fev. 2020.

YUKI, K.; FUJIOGI, M.; KOUTSOGIANNAKI, S. COVID-19 pathophysiology: a review. **Clinical Immunology**, [S.L.], v. 215, p. 108427, jun. 2020.

Recebido: 11.08.2021

Aceito: 30.10.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

NÚMERO TEMÁTICO

**AS AÇÕES EXTENSIONISTAS NOS ESPAÇOS
SOCIOEDUCATIVOS E PRISIONAIS**

NÚMERO TEMÁTICO

AS AÇÕES EXTENSIONISTAS NOS ESPAÇOS SOCIOEDUCATIVOS E PRISIONAIS

Não é segredo para ninguém a importância das universidades públicas numa sociedade complexa como a brasileira, principalmente em tempos de desencanto, tempos difíceis e doloridos como os que estamos vivendo, em meio a uma pandemia do vírus SARS CoV 19, que desvelou ainda mais as mazelas sociais já tão conhecidas, como a doença, a miséria, a fome, a violência, a educação que não chega a todos de forma justa.

Tendo em vista o tripé ensino, pesquisa e extensão que sustenta as instituições superiores, as ações extensionistas, nesse momento, se mostram ainda mais como alternativas de luta e resistência num cenário de sequestro e perdas de direitos, onde o total de pessoas pobres aumentou de forma significativa e, com elas, o desemprego e toda a sorte de mazelas que dele fazem parte. Além disso, a escolarização das crianças e jovens das periferias desse imenso país, em tempos de ensino remoto, tem se apresentado de forma caótica, injusta e, na maior parte das vezes, excludente. São as antigas questões sendo aprofundadas. Ninguém ignora também que as injustiças, que geram a pobreza, a fome e o racismo, têm levado nossos jovens, principalmente os negros, ao cárcere e à socioeducação, de forma injusta e desumana.

Trata-se de uma equação perversa essa, em que o produto final, de uma sociedade excludente e racista, é o encarceramento em massa da juventude pobre e negra, em países colonizados como o nosso. Sendo o Brasil o terceiro país que mais encarcera no mundo, as universidades públicas precisam tomar para si a tarefa de se co-responsabilizarem por tantos desmandos e fazerem o seu papel de atuarem nesses fronts de luta e de resistência. É nesse

cenário de “pós pandemia” que surge esse número temático da **Revista Extensão & Cidadania** sobre as ações extensionistas nos espaços prisionais e socioeducativos, que levam as universidades a cumprirem o seu papel de dialogar e de estarem presentes tanto nos espaços de restrição e de privação de liberdade como na socioeducação. É a universidade pública se reconhecendo enquanto instituição social que precisa ultrapassar os seus muros e mergulhar nas mazelas de uma sociedade injusta, desigual, racista e violenta, para que possa, em seguida, voltar o seu olhar para as pesquisas e o ensino, retroalimentada pelas questões que devem orientar suas ações, nesse processo de ir e vir cumprir o seu papel de estar de olhos abertos às demandas da sociedade.

Com essas questões em mente e na certeza de que os desafios são grandes, mas a nossa esperança em dias melhores também não é pequena, apresentamos com satisfação, neste Número Temático, 8 artigos, sobre a socioeducação e o ambiente de privação de liberdade, tratando da literatura, da escrita, da poesia, das artes e da saúde, produzidos no âmbito das ações de extensão das seguintes IES: Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade de Michigan (UM), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), Universidade Estadual da Bahia (UESB), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Universidade Estadual de Goiás (UEG), que são descritas a seguir.

O artigo **Análise da recepção em Teixeira de Freitas de mensagens escritas por pessoas presas**, de Alcides Gomes Oliveira, analisa as reações às mensagens escritas pelas pessoas privadas de liberdade do Conjunto Penal de Teixeira de Freitas-BA, a fim de investigar a recepção da população teixeirense ao sujeito encarcerado. O texto é resultado do Projeto de Extensão *Narrativas dos Invisíveis*, da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), *campus* de Teixeira de Freitas, Bahia.

O artigo **Direito à poesia – uma oficina literária epistolar durante a pandemia da Covid-19**, de Cristiane Checchia; Mario René Rodríguez Torres; Layra Fabian Borba Rodrigues; Jhenifer Rodrigues de Almeida; Angélica Moreno Usaquin e Anderson Alves dos Santos, apresenta ações que foram reconfiguradas, após o contexto da pandemia da Covid-19, e desenvolvidas em oficinas na modalidade epistolar com pessoas em privação de liberdade em duas unidades penitenciárias (masculina e feminina). É um resultado do Projeto de Extensão

Direito à Poesia, desenvolvido pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), na cidade de Foz do Iguaçu, Paraná.

O texto **Inicianças, cheganças e esperanças: extensão, socioeducação e pandemia**, de Ana Nobre Pereira de Melo; Bruna Moraes da Conceição; Larissa de Oliveira Rios Pereira Santos e Sophia Wolff Castro, trata-se do resultado do Projeto de Extensão *Escrevivendo a Liberdade*, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sobre os percalços enfrentados pela Socioeducação diante do momento sanitário vivido pelo país, como também as maneiras que o projeto encontrou para manter e fortalecer o elo entre a universidade e suas discussões e a sociedade a partir de uma perspectiva de educação não formal.

O texto **O teatro em privação de liberdade: relato sobre a formação de uma rede**, de Laís Jacques Marques e Vicente Concilio, apresenta um relato de experiência que evidencia os avanços, os desafios e as descobertas a partir da união das ações extensionistas de três universidades: Universidade de Michigan (UM), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), que realizam atividades teatrais em contextos prisionais e socioeducativos.

O artigo **Papo Lírico entre celas: oficinas de literatura e cinema no Conjunto Penal de Jequié**, Valeria Lessa Mota; Anísio Assis Filho; Ana Letícia de Jesus Silva; Elenita Brito Aragão Assis; Emanuel Jorge Leal Braga e Domingos Calixto dos Santos, discorre sobre as ações realizadas em 2018, pelo *Papo Lírico* do Programa de Extensão, da Universidade Estadual da Bahia (UESB), no Conjunto Penal de Jequié. As atividades consistiam em Oficinas de Literatura e Cinema que objetivavam ler e discutir obras cinematográficas e literárias prioritariamente baianas.

O artigo **Psicologia, saúde e trabalho: atuação junto a trabalhadores da Socioeducação**, Elaine Cristina Schmitt Ragnini e Camila Brüning, apresenta um trabalho desenvolvido a partir de um Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa em Psicologia, na temática da Psicologia, Saúde e Trabalho, voltado para a prevenção e promoção de saúde de trabalhadoras e trabalhadores que atuam no Sistema Socioeducativo de um estado do Sul do Brasil.

O texto **Relato de experiência: direitos humanos e justiça “enredando saberes: impasses da prática”**: o trabalho em rede na socioeducação, Lucia Maria de Freitas Perez, Andréa Martello; Samia Jraige; Marlise Eugenie D'Icarahy; Laura de Sousa Ferreira Brito e Yasmim Cristina dos Santos Nascimento, apresenta as ações do Projeto de Extensão *Em nome*

do Sujeito: encontros de psicanálise, educação, literatura e artes, do Programa de Extensão “Enredando Saberes: impasses da prática”, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em parceria com o Serviço de Psicologia da Vara de Execução de Medidas Socioeducativas do Rio de Janeiro, enlaçando a universidade, o judiciário e setores educativos de três diferentes museus: Museu da ALERJ, Museu da Justiça e Museu Histórico Nacional, fomentando novas estratégias de atendimento e acolhimento aos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas.

O texto **Uma brinquedoteca no presídio: experiências formativas de extensão universitária em tempos de pandemia**, Andréa Kochhann; Ana Paula Fernandes Soares e Wlisses Cavalcante Santos, discorre sobre as ações do Projeto de Extensão *A pedagogia e a brinquedoteca: rompendo fronteiras*, vinculado ao Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade (GEFOPI), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), que se efetiva pelo atendimento às crianças, filhos e filhas das pessoas privadas de liberdade da Unidade Prisional de São Luís de Montes Belos, Goiás.

Organizamos, com contentamento e esperanças renovadas, essa coletânea, contendo as ações que estão acontecendo, nesse momento complexo, no âmbito de ações extensionistas de universidades públicas, nos ambientes prisionais. Há tempos, uma parcela da sociedade, incluindo nossas universidades públicas, busca saídas para as questões da restrição e da privação de liberdade e da adoção de teses abolicionistas; essa coletânea é uma prova disso. Com o intuito de alimentarmos a esperança, em dias melhores, desejamos a todas e todos, que tiverem acesso a esse Número Temático “As ações extensionistas nos espaços socioeducativos e prisionais” da nossa **Revista Extensão & Cidadania**, uma excelente leitura.

Vitória da Conquista, 15 de dezembro de 2021.

Fontenele

Luziê Maria Fontenele-Gomes
Mestre em Letras: Educação e Cultura, pela UESB
Doutoranda em Memória: Linguagem e Sociedade, pela UESB
Professora Assistente do Departamento de Ciências Humanas e Letras, da UESB
E-mail: luzietfontenele@uesb.edu.br





Socorro Calhau

Doutora em Educação, pela UERJ

Professora do Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino da Faculdade de Educação, da UERJ

Coordenadora do Projeto de Extensão “Do cárcere à universidade”, da UERJ

Coordenadora do Projeto de Extensão “Ninguém solta a mão de ninguém”, laureado, em 2019, com o Prêmio Paulo Freire, da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa do Estado Rio de Janeiro (ALERJ)

E-mail: socalhau@gmail.com



Rowayne Soares Ramos

Mestre em educação, pela UFMT

Doutorando em Ciências da Educação, pela UNADES, em Asunción/PY

Professor da FLATED e Faculdade São Judas Tadeu

Coordenador do Fórum Nacional de Educação Prisional e Inserção Social /MT

E-mail: rowayne.doutoradoeducacao@gmail.com

Coordenadores do Número Temático



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



**ANÁLISE DA RECEPÇÃO EM TEIXEIRA DE FREITAS DE MENSAGENS
ESCRITAS POR PESSOAS PRESAS**

***ANALYSIS OF MESSAGES WRITTEN BY PRISON PEOPLE IN TEIXEIRA DE
FREITAS***

***ANÁLISIS DE MENSAJES ESCRITOS POR PERSONAS PRISIONERAS EM
TEIXEIRA DE FREITAS***

Alcides Gomes Oliveira¹

Resumo: O presente artigo analisa as reações às mensagens escritas no Conjunto Penal de Teixeira de Freitas-BA, a fim de investigar a recepção da população teixeirense ao sujeito encarcerado. Tais mensagens foram produzidas no interior do projeto de extensão *Narrativas dos Invisíveis* (UFSB), que buscou fazer com que as vozes de pessoas em situação de privação da liberdade extrapolassem os muros do sistema prisional. A pesquisa apresentada neste artigo surge como uma aposta na promoção do contato entre a população "livre" e o sistema prisional, além de contribuir para que essas vozes ecoem cada vez mais longe. Realizou-se coleta de dados mediante a aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas como também uma revisão bibliográfica concernente ao tema. Os dados obtidos evidenciam que por mais que haja estudos, matérias e informações disponíveis a quase toda a sociedade brasileira, ainda imperam no imaginário social estigmas sobre o indivíduo privado de liberdade ou egresso do sistema penal, em contrapartida, existe uma convicção e uma receptividade por parte da sociedade.

Palavras chave: Narrativas. Apenado. Ressocialização. Sistema carcerário. Sociedade.

Abstract: *This article analyzes reactions to messages written in the Penal Complex of Teixeira de Freitas-BA, in order to investigate the reception of the teixeira population to the incarcerated subject. Such messages were produced through the extension project Narrativas do Invisíveis (UFSB), which sought to make the voices of people in situations of deprivation of liberty go beyond the walls of the prison system. The research presented in this article emerges as a bet on promoting contact between the "free" population and the prison system, in addition to contributing to these voices echoing ever further. Data collection was carried out through the application of a questionnaire with open and closed questions as well as a literature review concerning the topic. The captured data show that even though there are studies, materials and*

¹ Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Teixeira de Freitas, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3267-415X> E-mail: alcidesoliveira140@gmail.com

information available to almost the entire Brazilian society, stigmas about the individual deprived of liberty or ex-prisoners still prevail in the social imagination, on the other hand, there is a conviction and receptivity for part of society.

Keywords: *Narratives. Jailed. Resocialization. Prison system. Society.*

Resumen: *Este artículo analiza las reacciones a los mensajes escritos en el Complejo Penal de Teixeira de Freitas-BA, con el fin de investigar la recepción de la población teixeira al sujeto preso. Dichos mensajes fueron producidos dentro del proyecto de extensión Narrativas dos Invisíveis (UFSB), que buscaba hacer que las voces de las personas en situaciones de privación de libertad traspasaran los muros del sistema penitenciario. La investigación que se presenta en este artículo surge como una apuesta por promover el contacto entre la población "libre" y el sistema penitenciario, además de contribuir a que estas voces resuenen cada vez más lejos. La recolección de datos se llevó a cabo mediante la aplicación de un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas, así como una revisión de la literatura sobre el tema. Los datos obtenidos muestran que, a pesar de que existen estudios, materiales e información a disposición de casi toda la sociedad brasileña, los estigmas sobre el individuo privado de libertad o ex-presos aún prevalecen en el imaginario social de la sociedad.*

Palabras clave: *Narrativas. Convicto. Resocialización. Sistema penitenciario. Sociedad.*

Introdução

O Brasil ocupa o terceiro lugar no ranking de maiores populações carcerárias do mundo, conforme o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN) (BRASIL, 2020) disponível e realizado no período de janeiro a junho de 2020, o número de pessoas privadas de liberdade no Brasil é de 759.518 presos, dispondo apenas de 446.738 vagas, tendo assim um excedente de 321.780 presos, quase o dobro do número de vagas nas prisões. O primeiro lugar é ocupado pelos Estados Unidos com um total de 2,09 milhões de pessoas presas e a China ocupa o segundo lugar com população carcerária de 1,7 milhão, segundo o levantamento mundial de informações penitenciárias feito pelo *World Prison Brief* (WORLD PRISON BRIEF, 2018).

Dentre o conjunto de pessoas privadas de liberdade no país, 21,22% são jovens entre 18 e 24 anos, seguido de 20,69% na faixa etária de 25 a 29 anos, 95,09% são homens, 50,28% são pardos e 16,03% são pretos (pardos e pretos somados representam 66,31% do total). Ressaltamos que o Levantamento do Infopen (BRASIL, 2020) concernente a raça, apenas foram categorizados 599.932 indivíduos privados de liberdade de um total de 759.518 internos do sistema prisional, representando assim, 79.6% da população carcerária.

195

Trazendo esta análise para a realidade da cidade de Teixeira de Freitas, na Bahia, delimitação escolhida para a pesquisa, a cidade teixeirense por sua vez conta com uma população estimada de mais de 160 mil habitantes, 114.644 pessoas com idade ativa e apenas com 69.043 da População Economicamente Ativa (PEA), tendo assim quase metade da população ativa sem atividade laboral formal, segundo o último censo feito pelo IBGE (2010).

Atualmente, a cidade dispõe de uma unidade prisional que é o Conjunto Penal de Teixeira de Freitas (CPTF), com 316 vagas prisionais, sendo 56 na ala feminina e as outras 260 distribuídas em duas alas masculinas. O número de internos no CPTF chegou em setembro de 2020 (um dos meses de aplicação do questionário) à cifra de 587 presos(as), sendo assim, um excedente de 271 presos. Em relação à ocupação em setembro de 2020 eram 182 presos em regime fechado, 3 em regime semiaberto e 399 presos provisórios (sem sentença condenatória) (BAHIA, 2020), mesmo diante de uma pandemia que tirou a vida de milhares de pessoas por todo mundo e causou diversos colapsos na saúde, na economia, no emprego, dentre outros setores. O isolamento e o distanciamento social são algumas das medidas de combate à proliferação da Covid-19, distanciamento que não existe na prisão, apenas, quando é para segregá-los do restante da sociedade que se divide entre cidadãos do "bem" e os do "mal".

Observa-se que a maior parte do expressivo número de pessoas privadas de liberdade no Brasil é composta por jovens negros, sendo os crimes mais comuns os relacionados ao tráfico de drogas. Isso acarreta diversos problemas para os familiares, para a ordem social e para o próprio indivíduo preso, como relações sociais, profissionais e pessoais, prejudicando competências fundamentais à vida em sociedade, como a capacidade comunicacional (SILVA, 2018).

A partir do "Mensagem na Garrafa", uma atividade do projeto Narrativas dos Invisíveis² com presas e presos do CPTF de escrita de mensagens voltadas à sociedade, surgiu este estudo, que tem por objetivo principal, analisar a receptibilidade da população teixeirense a essas mensagens. Buscamos sondar as reações, identificando vetores sociais como faixa etária,

² Projeto de extensão vinculado à Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), coordenado pelo professor Rodrigo Oliveira Fonseca e tendo como bolsista a estudante do curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades Maria Santos Silva da Cruz. Esse projeto desenvolvido em 2019 dentro do Conjunto Penal de Teixeira de Freitas (CPTF) tem por objetivo estimular presos(as) condenados e provisórios a exercitar a memória, da reflexão crítica e das linguagens e à escrita e reescrita de si, a fim de que seja resgatado o significado de ressocialização para eles mesmos e para sociedade em geral.

escolaridade e ocupação profissional dos respondentes, assim como verificar as imagens feitas sobre as pessoas presas e sobre as suas possibilidades de reintegração social.

O Sistema Penal e as mensagens que dele nos chegam

O atual cenário do sistema prisional brasileiro demonstra diversos problemas e dificuldades que impossibilitam o cumprimento da pena e a ressocialização dos apenados. Problemas estes que perseguem a população carcerária há anos, necessitando de mudanças que dificilmente podem ser feitas ou solucionadas a curto prazo. A Lei de Execução Penal (LEP) Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 (BRASIL, 1984), apresenta em seu Art. 1º que “A execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado.” (BRASIL, 1984).

Por um lado, a lei assegura o cumprimento da sentença e por outro tenta garantir as condições humanas para a reintegração social dos presos e internos, no entanto, o que se tem no Brasil é um descaso das prisões tanto pelo Estado quanto pela sociedade. A superlotação, falta de profissionais especializados e qualificados, estruturas precárias e péssimas condições alimentares, por vezes contribuem para uma segregação social do apenado, inviabilizando o processo de sua reinserção à sociedade. No Art. 4º da LEP afirma-se que “O Estado deverá recorrer à cooperação da comunidade nas atividades de execução da pena e da medida de segurança.” (BRASIL, 1984)

Quando analisada a situação dos presídios, pouco se faz presente a comunidade, e, dessa pouca presença da sociedade destacam-se as igrejas que têm em seu papel levar a religiosidade para esses detentos e os poucos acadêmicos que buscam pesquisar esse “universo” da criminalidade. A participação da sociedade na ressocialização do apenado além de contribuir para a desconstrução de estereótipos, colabora para inclusão do egresso, na medida em que, fazer parte ou ser acolhido por um grupo social contribui para que esse indivíduo se afaste de atividades criminosas, que têm por consequência a submersão no mundo do crime. Segundo Ribeiro, Brito e Oliveira:

Importante destacar novas concepções do Direito Penal que idealizam a execução penal como obrigação do Estado e da sociedade, estendendo a responsabilidade pela regeneração da comunidade carcerária para os demais cidadãos. Nesse sentir [sentido], todos os membros da sociedade são chamados a interagir no processo de reciclagem dos entes desviados pelo

crime, geralmente abandonados e esquecidos nos presídios, como forma de repúdio da comunidade. (RIBEIRO; BRITO; OLIVEIRA, 2018, p. 205)

A sociedade desempenha um importante papel não só na ressocialização do apenado, mas também na construção desse indivíduo delinquente. Considerando que a maioria dos ex-presidiários(as) são pessoas que não tiveram seus direitos assegurados, dentre eles: a educação como fator preponderante não formação de profissionais para o mercado de trabalho, a saúde que pouco se faz presente nas camadas mais pobres, a alimentação adequada e a segurança pública que quando presente, desempenha um papel violento na repressão da comunidade. E quando dentro do sistema prisional, não há qualquer condição mínima que garanta o cumprimento da sentença e a ressocialização do indivíduo na sociedade.

Nesse sentido, antes de tudo, é preciso reparar as desigualdades sociais, o que Baratta (1990) aponta como um processo primário no qual esses indivíduos já são segregados antes mesmo de serem aprisionados e, posteriormente, processo secundário, quando o indivíduo passa pelo processo de readaptação ao convívio social e é marcado por estereótipos sociais e a sociedade que novamente os segrega.

No que se trata dos direitos básicos assegurados aos egressos, a LEP (BRASIL, 1984) reitera que os indivíduos presos devem receber ajuda assistencial para que assim estejam aptos para o retorno à sociedade. Dessa assistência cabe ao Estado, segundo Art. 11, a assistência material; de saúde; jurídica; educacional; social e religiosa. Sendo que no processo de cumprimento da pena o delinquente “perde sua identidade” e as referências do mundo exterior, passa a conviver em um outro lugar onde o medo e a lei do mais forte prevalece. O apenado sai de cena como sujeito ativo na sociedade e torna-se sujeito passivo, submisso a um sistema (LEANDRO; CÓRDOVA; CASTRO; KERN, 2018). As constantes humilhações, agressões tanto por policiais quanto por outros indivíduos delinquentes, modificam a identidade do sujeito. Sendo assim, o sistema prisional não cumpre seu dever que é assegurar o cumprimento da pena e ressocialização do indivíduo para o convívio em sociedade. Tornando assim, as penitenciárias, verdadeiras escolas do crime (RIBEIRO; BRITO; OLIVEIRA, 2018; ASSIS, 2007).

Ainda em se tratando dos direitos assegurados aos internos nas prisões, a LEP (BRASIL, 1984), em seu Art. 41, inciso XV, assegura o “contato com o mundo exterior por meio de correspondência escrita, da leitura e de outros meios de informação que não comprometam a

moral e os bons costumes”. Desse modo, extingue-se o direito às mensagens escritas ou qualquer outro meio de comunicação reconhecido ao apenado, quando submetidos a moral e os bons costumes da sociedade, sendo passível da sua violação ou suspensão da autoridade pública. Embora na sociedade vigente essas mensagens manuscritas foram perdendo seu “valor” e sendo o papel, a caneta e o envelope cada vez mais substituídos por meios de comunicação eletrônicos que, por vez, transmitem a mensagem do emissor de forma instantânea a diversas pessoas e lugares ao mesmo tempo. Assim sendo, um meio de comunicação pouco usual no dia a dia da população brasileira “livre”, ela ainda se faz muito presente no sistema prisional brasileiro. No entanto, há uma exposição do interlocutor e do receptor dessas mensagens, que é feita através de um ato de censura que objetiva identificar nessas mensagens informações que podem vir prejudicar e ameaçar o funcionamento da prisão e a segurança daqueles que nela estão presentes (FLAUZINA; PIRES, 2019; SILVA, 2014).

As narrativas contidas nessas mensagens recebem não só estímulo subjetivo da necessidade de comunicação, mas também de outros atores que estão presentes no cárcere, como os integrantes do projeto de extensão *Narrativas dos Invisíveis*, da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), que com um papel, caneta e uma escuta sensível conseguiram resgatar as memórias esquecidas desses indivíduos segregados. Este projeto tem por objetivo incentivar a escrita de si mesmo e, a partir dessa escrita, buscar juntamente com esses indivíduos presos os significados da ressocialização para si mesmo e para a sociedade.

Ao longo dos diálogos promovidos pelo grupo de extensão, foram introduzidas nas rodas de conversas temas como ressocialização, perguntas de como eles se veriam depois do cumprimento da pena e como as pessoas aqui fora receberiam as mensagens escritas por eles. A partir dessa provocação de escrever essas mensagens que, posteriormente, foram transformadas em vídeos narrados pelos estudantes integrantes do projeto e seu coordenador, esses indivíduos privados de liberdade direcionaram suas mensagens para a sociedade de indivíduos “livres”, como os familiares junto aos quais buscam apoio moral e demonstração de arrependimento, as instituições nas quais buscam apoio político, jurídico e religioso, grupos de pesquisadores que trabalham com esses sujeitos em suas pesquisas e dentre outros diversos grupos sociais e à sociedade em geral. Silva, ao considerar o pensamento de Dias (2008), afirma que:

[...] ao pensar a escrita através de um gesto denominado corpografia, ou seja, uma escrita determinada por um corpo em estado afetivo e emocional que dela

se utiliza para manter, ou construir, laços de pertencimento com sua comunidade, sua nação, seu gueto, abre possibilidades para pensar na produção dessas cartas, enquanto instrumento de pertencimento entre esse eu que está dentro e o outro que está fora e com condições para aliviar sua pena. (SILVA, 2014, p. 79)

Nessa perspectiva, por meio dessas mensagens escritas o sujeito consegue encontrar a si mesmo e ao outro, “porque o ato de escrever é a tentativa de suturar uma perda, e é movido por esse impossível que o sujeito escreve” (DIAS, 2008, p. 27). Através desse ato de escrever, podemos entender essas mensagens e nos conectar com a realidade dessas pessoas encarceradas, além de compreender a performance de poder que o Estado opera sobre essas pessoas que as desumanizam e deterioram ainda mais suas condições de partilha e integração social.

Em sua pesquisa desenvolvida por meio da Análise do Discurso³, Silva (2014) fez uma sondagem de um conjunto de cartas produzidas por pessoas presas no sistema penal do Estado do Paraná que, por meio delas, esses indivíduos tinham como objetivo usufruir desse direito assegurado a eles como um meio de manter o contato com a sociedade fora dos muros das prisões. Desse modo, esses indivíduos são levados a escreverem sobre eles mesmos, e a partir disso, a autora buscou os significados que essas cartas produzem para os presos e para os outros. Para que essas cartas ultrapassem os muros das prisões e cheguem até seus receptores finais, essas mensagens passam por três processos: autoanálise, censura e convencimento (PIRES; FREITAS, 2018).

O primeiro processo corresponde à análise de si e do outro que receberá essa carta, ainda nesse processo apresenta-se um outro sujeito a ser analisado, que é o agente penitenciário responsável por decidir sobre o envio ou não dessas cartas. Assim, a carta não é algo privado mediante a intervenção do Estado por meio dos agentes responsáveis por lerem e decidirem sobre o destino final dela (SILVA, 2014; PIRES; FREITAS, 2018).

A censura é um ato de proteger aqueles que ali estão à serviço do Estado e os internos do sistema prisional. Este ato de censura também ocorre ainda na produção dessas mensagens, quando o sujeito é levado a pensar sobre o que é permitido ou não estar contido nessas

³ Análise do Discurso (AD), uma disciplina que surge na França, no final da década de 1960, e tem como o seu principal expoente e fundador Michel Pêcheux e, posteriormente, é desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi e seguidores. Na AD procura-se estabelecer a relação entre um discurso e as condições de produção que permite que ele gera determinados efeitos de sentido em detrimento de outros (BRASIL, 2011).

mensagens. Também quando há uma perda da subjetivação fechada sobre si mesmo que ocorre mediante o aprisionamento de indivíduo, que é depois reterritorializado, agora com a cultura do cárcere (ONOFRE, 2014). Sendo que por meio desse ato de ler esses manuscritos buscando informações que possam vir a prejudicar o funcionamento do sistema prisional, o agente penitenciário ou indivíduo designado para esta função viola a privacidade e a intimidade que ali estava contida na mensagem.

Por fim, depois de ter superado todos esses dois processos anteriores, a mensagem é liberada e encaminhada para seus destinatários. Essa mensagem escrita tem em sua obrigação de convencer quem a ler, no sentido de trazer esse leitor para seu “universo” por meio das suas inquietudes, angústias, solidão e arrependimentos como mencionado outrora. Ou seja, essa mensagem tem por objetivo conectar pessoas por meio da comunicação escrita e por elas criarem diversos significados que cabe ao receptor dessas mensagens compreendê-los.

Procedimentos metodológicos

Para execução da presente pesquisa definiu-se a realização de uma sondagem e um mapeamento da recepção de diferentes segmentos sociais de Teixeira de Freitas a mensagens escritas por pessoas presas no Conjunto Penal de Teixeira de Freitas. Tais mensagens foram produzidas no âmbito do projeto de extensão *Narrativas dos Invisíveis*, coordenado por Rodrigo Oliveira Fonseca, professor da UFSB, e depois transformadas em pequenos vídeos editados pela equipe do referido projeto de extensão. Trata-se de uma pesquisa de base qualitativa e quantitativa.

A proposta inicial deste estudo era de uma pesquisa em campo com uma abordagem direta dos possíveis entrevistados em espaços públicos e privados, com a finalidade de ter uma proximidade com o público. Tal proposta não pode ser realizada, devido ao advento do vírus SARS-CoV-2, que se alastrou por todo o mundo fazendo com que o isolamento social fosse adotado como medida preventiva de combate à proliferação. Assim, optou-se pela aplicação do questionário de forma *online*, que ficou disponível entre os meses de julho a dezembro de 2020.

A partir da substituição da abordagem direta pela aplicação de questionário *online*, buscou-se evitar os riscos de uma sondagem desterritorializada ou indiferente ao território, selecionando apenas os respondentes que dissessem residir em Teixeira de Freitas. Mesmo

assim, obtivemos a participação de grupos das mais variadas faixas etárias, comerciantes locais prioritariamente que estão a mais tempo no comércio, residentes dos mais variados bairros e escolaridade, de modo que mesmo havendo maior participação de universitários, obteve-se uma amostra socialmente diversificada. Os dados foram coletados por meio da aplicação do formulário hospedado em ambiente virtual da UFSB, com perguntas idênticas para todos os entrevistados, o que possibilitou estabelecer uniformidade e a comparação entre as respostas.

Para a divulgação do instrumento de coleta de dados, foram postados *links* do questionário em diversos ambientes virtuais como *Whatsapp*, *Facebook*, *Instagram*, sendo enviados diretamente aos respondentes por meio dos seus perfis pessoais ou postados em grupos dessas redes sociais e para que tivesse uma maior alcance possível de respondentes, contamos com a ajuda do compartilhamento de diversas pessoas, dentre elas, conhecidos, amigos, colegas, etc. Ressaltamos que, durante a aplicação do questionário, ele era respondido de forma anônima, sem identificação do indivíduo respondente.

No que tange ao instrumento aplicado, o questionário foi dividido em três blocos. No primeiro bloco, buscou-se identificar o perfil social dos respondentes: faixa etária, gênero, raça, escolaridade e profissionalização. No segundo bloco, buscou-se aferir o nível de proximidade com o tema e o sistema prisional, a partir das seguintes perguntas:

- Já esteve preso?
- Conhece alguém que está ou já esteve preso?
- Na sua opinião, qual o motivo principal que leva as pessoas a cometerem crimes?
- Quem passa pelo sistema penitenciário brasileiro, mesmo após ter cumprido sua pena, muitas vezes fica marcado como ex-presidiário ou até mesmo bandido, o que torna mais difícil conseguir um emprego. Se pudesse, você contrataria um ex-presidiário?

Por fim, o terceiro bloco buscou testar a sensibilidade frente a mensagens escritas por presidiários(as). Nesta parte, foi inserido um *link* do canal no *Youtube* onde os respondentes pudessem escolher um dos vários vídeos do Projeto de Extensão *Narrativas dos Invisíveis* da UFSB com mensagens narradas de presos(as) do CPTF para assistir e logo após retornar ao questionário respondendo às seguintes perguntas:

- Qual o vídeo você assistiu?
- Você se importaria de trabalhar com essa pessoa?

- Se pudesse, você contrataria essa pessoa?
- Gostaria de deixar um recado para essa pessoa?

A análise dos dados coletados foi realizada entre dezembro e janeiro de 2020. Os dados foram tratados no *Microsoft Excel* que possibilitou a análise estatística descritiva juntamente com o amparo da literatura. Além disso, o processo de tratamento dos dados em planilha, também possibilitou agrupar as perguntas e respostas em primárias e secundárias para que posteriormente pudessem ser melhor analisadas.

Para o processo de análise dos dados obtidos recorreu-se à revisão bibliográfica sobre a história das compreensões teóricas da relação entre o indivíduo delinquente, a sociedade e à Análise de Conteúdo (AC), que segundo Bardin (1988) trata-se de um conjunto de técnicas ou procedimento sistemático da comunicação que tem por objetivo fazer inferência, ou seja, retirar conclusões de uma proposição precedente para outra.

Resultados

Em relação ao perfil sociodemográfico, quando analisada a variável gênero, observou-se que da amostra analisada, 46,06% dos respondentes eram do gênero masculino, 44,24% do gênero feminino e 9,70% dos dados coletados não apresentou tal informação, ou seja, constatou-se uma predominância do gênero masculino. Quanto à faixa etária, as faixas entre 15 a 19 e entre 20 a 24 anos apresentaram os maiores percentuais, ambos com 18,18%. A cor parda obteve a maior parte das respostas desse quesito, 50,30%, quase que o dobro comparado à raça preta, com 27,88% das respostas. No item escolaridade, 29,09% dos respondentes disseram ter o ensino superior incompleto. No que se refere à profissionalização, 43,03% estavam desempregados. Os resultados podem ser melhor visualizados na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico dos respondentes

Variáveis	Respondentes: 165	
	N	%
Gênero		
Masculino	76	46,06%
Feminino	73	44,24%
Não Respondeu / Não Sabe	16	9,70%
Faixa etária		
15 a 19	30	18,18%
20 a 24	30	18,18%

25 a 29	11	6,67%
30 a 34	11	6,67%
35 a 39	10	6,06%
40 a 44	7	4,24%
45 a 49	3	1,82%
50 a 54	2	1,21%
55 a 59	3	1,82%
60 a 64	2	1,21%
Raça		
Parda	83	50,30%
Preta	46	27,88%
Branca	26	15,76%
Indígena	2	1,21%
Amarela	1	0,61%
Não Declarado	5	3,03%
Não Respondeu / Não Sabe	2	1,21%
Escolaridade		
Ensino Superior Completo	47	28,48%
Ensino Superior Incompleto	48	29,09%
Ensino Médio Completo	45	27,27%
Ensino Médio Incompleto	13	7,88%
Ensino Fundamental Completo	5	3,03%
Ensino Fundamental Incompleto	5	3,03%
Não Respondeu / Não Sabe	2	1,21%
Profissionalização		
Empregado Formal	60	36,36%
Desempregado	71	43,03%
Empregado Informal	23	13,94%
Proprietário de Negócio	10	6,06%
Não Respondeu / Não Sabe	1	0,61%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Tabela 2, quando questionados se já estiveram presos, houve uma predominância de 90,91% de que não, seguido de 7,88% que não responderam e apenas 1,21% já estiveram presos(as).

Tabela 2 – Já esteve preso?

Já esteve preso	N	%
Sim	2	1,21%
Não	150	90,91%
Não informado	13	7,88%
Total	165	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Depreende-se dos dados apresentados na Tabela 3, quando questionados sobre conhecer alguém que está ou que em algum momento esteve preso, 67,88% responderam que conhecem alguém que está ou que já passou pelo sistema prisional, 24,24% não conhece, seguido de 7,88% que não sabe ou não respondeu à pergunta.

Tabela 3 – Conhece alguém que está ou já esteve preso?

Conhece alguém que está ou já esteve preso?	N	%
Sim	112	67,88%
Não	40	24,24%
Não respondeu /Não sabe	13	7,88%
Total	165	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Segundo as informações constantes na Tabela 4, 38,79% da amostra não sabem ou não responderam à pergunta, seguido de 29,09% correspondente a conhecidos distantes. Seguidos de 29,09% conhecidos distantes e 16,975% de pessoas próximas.

Tabela 4 – Qual sua proximidade com essa pessoa?

Variável	N	%
Conhecido distante	48	29,09%
Parente	25	15,15%
Pessoa próxima	28	16,97%
Não respondeu / Não sabe	64	38,79%
Total	165	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme a Tabela 5, na pergunta: Quem passa pelo sistema penitenciário brasileiro, mesmo após ter cumprido sua pena, muitas vezes fica marcado como ex-presidiário ou até

mesmo bandido, o que torna mais difícil conseguir um emprego. Se pudesse, você contrataria uma pessoa ex-presidiária? 38,16% dos respondentes talvez contratasse um egresso do sistema penal, seguido de 28,29% que afirmaram não ter essa disposição, pois ficariam com receio dos(as) ex-presidiários(as) e 25,66% dos respondentes disseram que sim, que com certeza, se pudessem, contratariam uma pessoa ex-presidiária.

Tabela 5 – Você contrataria uma pessoa ex-presidiária?

Contrataria uma pessoa ex-presidiária?	N	%
Não	12	7,89%
Talvez	58	38,16%
Sim, mas ficaria com receio	43	28,29%
Sim, com certeza	39	25,66%
Total	152	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

A sociedade, de um modo geral, passa a excluir pessoas privadas de liberdade ou que tenham passado algum momento da sua vida pelo sistema prisional. Muitos desses delinquentes encontraram enormes dificuldades em se inserir novamente na sociedade, pois aquele que comete um ato criminoso sempre será lido como ex-criminoso.

O trabalho é um dos instrumentos fundamentais para a reinserção social do ex-apanado, no entanto, o trabalho encontra-se para o ex-apanado diante de enormes barreiras criadas pela sociedade que se justifica pelo medo, receio, e o preconceito enraizado (LEANDRO, CÓDOVA; CASTRO; KERN, 2018). Os 38,16% e os 28,29% que representam a maioria dos respondentes que talvez ou sim, mas ficaria com receio de contratar um egresso do sistema penal mais adiante na Tabela 7 criam estratégias discursivas no sentido de estarem protegendo a si mesmo e aos outros do o “grau de periculosidade dessa pessoa”.

Na Tabela 6, os dados analisados evidenciam que quando questionados se teriam algum receio em trabalhar com um ex-presidiário, 70,91% da amostra disseram que não, seguidos de 15,15% da amostra que sim, teriam receio de trabalhar com essa pessoa.

Tabela 6 – Você teria algum receio de trabalhar com essa pessoa?

Teria algum receio de trabalhar com essa pessoa	N	%
Sim	25	15,15%
Não	117	70,91%
Não respondeu / Não sabe	23	13,94%
Total	165	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando os respondentes afirmam que não, não teriam medo de trabalhar com indivíduo que, por uma série de fatores dos mais distintos, ingressou no caminho do crime, há uma contradição nas suas afirmações, como na Tabela 5 a maioria das resposta foi que talvez ou que sim, mas ficaria com receio de contratar uma pessoa ex-presidiária e na Tabela 7 afirmar que o medo, a falta de confiança ou por uma questão de segurança, podemos perceber que esse caminho de reintegrar ou de fazer com que o indivíduo retorne à sociedade ainda não se apresenta consolidado por parte da sociedade “livre”.

Na Tabela 7, optou-se em extrair as principais falas dos sujeitos que quando questionados quais seriam os receios de trabalharem com os indivíduos privados de liberdade as respostas mais representativas foram:

Tabela 7 – Qual receio teria em trabalhar com essa pessoa?

Respondente 2	Medo da pessoa voltar a fazer algum crime.
Respondente 26	Não confiaria nela.
Respondente 107	O dela está mentindo sobre suas intenções.
Respondente 115	Não sei o grau de periculosidade dessa pessoa.
Respondente 121	Teria que conversar, saber o perfil e avaliar seu histórico de comportamento.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Denota-se que os estigmas imputados, ao longo dos anos àqueles que em algum momento transgrediram a lei, marcarão para sempre esses indivíduos, como apontado por Cabral (2014, p. 48) “É a partir dessa mudança de identidade (de preso para ex-presos) que há a inclusão do rótulo aos indivíduos, conferindo-lhes uma identidade social negativa que fragiliza e dificulta os vínculos sociais.” Ou seja, basta um desvio da conduta imposta pela sociedade para que esses indivíduos percam ou sejam retiradas suas identidades individuais “boas” e passem a receber uma nova identidade negativa que é socialmente construída.

Segundo as informações constantes na Tabela 8, podemos verificar que, ao considerar os motivos que levam os indivíduos às práticas delituosas, observou-se que os problemas estruturais, tais como político, econômico, cultural, social e dentre outros, representam 41,92% dos motivos atinentes às práticas delituosas, seguido de 22,73% de problemas individuais, como transtornos mentais, biológicos e de caráter ético.

A Tabela 8 está baseada no modelo elaborado por Cerqueira e Lobão (2004, p. 255) que asseveram “[...] o número de crimes da localidade é determinado pelas variáveis: desigualdade de renda; renda esperada no mercado de trabalho legal (que depende da taxa de ocupação); densidade demográfica; poder de polícia; e valor da punição”, ou seja, a principal motivação para práticas delituosas é variável a depender da localidade, mas tem como principal motivação os fatores econômicos. Embora, ao considerar esses fatores econômicos como principal motivação, eles não são suficientes para justificar a completude das práticas criminosas.

Tabela 8 – Na sua opinião, qual o motivo principal que leva as pessoas a cometerem crimes?

Motivo	N	%
Estrutural	83	41,92%
Institucional	16	8,08%
Interpessoal	19	9,60%
Individual	45	22,73%
Não respondeu / Não sabe	35	17,68%
Total	198	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerações finais

Nesta pesquisa, buscou-se analisar a receptibilidade da sociedade “livre” as mensagens escritas por presos(as) no âmbito do projeto de extensão *Narrativas dos Invisíveis* mediante a coleta de dados e o amparo na literatura. Fazendo assim uma análise de uma possível reintegração social do(a) preso(a). Embora se reconheça que os dados obtidos na pesquisa não refletem a totalidade dos problemas enfrentados por pessoas presas numa possível reintegração social, observou-se que, de acordo com os resultados obtidos neste estudo que muitos dos

respondentes ainda reproduzem e produzem estereótipos e estigmas que colocam esses indivíduos como incorrigíveis.

Como podemos constatar na Tabela 5, quando questionados se após o cumprimento da pena você empregaria um ex-presidiário e na Tabela 7, quando questionados qual receio teria em trabalhar com essa pessoa, ficou explícito que um dos motivos impeditivos para uma possível reintegração da pessoa presa é a falta de oportunidades no mercado de trabalho. O trabalho é uma peça fundamental no processo de reintegração do indivíduo delinquente, pois por meio dele, o indivíduo garante os recursos necessários para sua sobrevivência e também para seus dependentes. Além das vantagens obtidas através do trabalho, o indivíduo se vê integrante e participativo na sociedade.

Assim, vê-se que indivíduos delinquentes encontram enormes dificuldades para se reintegrarem novamente na sociedade, pois esse processo não só envolve o apenado ou ex-apanado, mas também a construção de relações interpessoais que apenas se tornam possíveis com a quebra desses paradigmas socialmente construídos do delinquente. Dessa forma, se faz necessário cultivar esforços no sentido de promover essas mensagens escritas, com intuito de desconstruir o imaginário social sobre o sujeito preso. E também que haja investimento na educação e um ensino que envolva todas as pessoas da sociedade. Sem acabar com esses estereótipos e a falta de oportunidades no mercado de trabalho para estes indivíduos, não obteremos mudanças efetivas na ressocialização do apenado.

Agradecimentos

A presente pesquisa foi financiada através do Edital nº 04/2020, da Pró-Reitoria de Sustentabilidade e Integração Social, por meio da concessão de 01 (uma) Bolsa de Apoio à Permanência (BAP).

Referências

ASSIS, Rafael Damaceno de. A realidade atual do sistema penitenciário brasileiro. **Revista CEJ**, v. 11, n. 39, p. 74-78, out./dez. 2007.

BAHIA. Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização (SEAP). **Mapa da População Carcerária**. Salvador, 2020. Disponível em: <http://www.seap.ba.gov.br/pt-br/dados/17>. Acesso em: 2 out. 2020.

BARATTA, Alessandro. Resocialización o control social: por un concepto crítico de “reintegración social” del condenado. Conferência apresentada no seminário criminología crítica y sistema penal, organizado pela Comisión Andina Juristas e pela Comisión Episcopal de Acción Social. Lima, de 17 a 21 de setembro de 1990. Tradução para o espanhol de Mauricio Martínez. Disponível em: http://perso.unifr.ch/derechopenal/assets/files/articulos/a_20120608_01.pdf. Acesso em: 30 set. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem: estudos e pesquisas**, v. 15, n. 1, p. 171-182, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/32465/17293>. Acesso em: 16 set. 2020.

BRASIL. **Lei de Execução Penal (LEP)**. Lei nº 7210 de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210.htm. Acesso em: 16 set. 2020.

BRASIL. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN)**. Atualização – junho de 2020. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/depen/pt-br/sisdepen>. Acesso em: 24 set. 2020.

CABRAL, Ruth do Prado. **Reintegração social em Goiás**: o perfil do apenado e a atuação do patronato em prol do egresso. 2014. 109 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

CERQUEIRA, Daniel; LOBÃO, Waldir. Determinantes da criminalidade: arcabouços teóricos e resultados empíricos. **Dados**, v. 47, n. 2, p. 233-269, 2004.

DIAS, Cristiane Pereira. **Da corpografia**: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

FLAUZINA, Ana; PIRES, Thula. Cartas do cárcere: horizontes de resistência política. **Revista Direito e Práxis**, [S.l.], v. 10, n. 3, p. 2117-2136, set. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/43885>. Acesso em: 22 mar. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**. Brasil. Bahia. Teixeira de Freitas. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/teixeira-de-freitas/panorama>. Acesso em: 24 set. 2020.

LEANDRO, Maiara; CÓRDOVA, Zolnei Vargas de; CASTRO, Amanda; KERN, Cristina Adriana Rodrigues. Retorno à sociedade: percepções e experiências de ex-detentas. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 10, n. 1, p. 125-139, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6548882>. Acesso em: 5 out. 2020.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. A leitura e a escrita como possibilidade de resgate da cidadania de jovens e adultos em privação de liberdade. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 1, n. 1, ago./dez. 2014. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/view/609>. Acesso em: 5 out. 2020.

PIRES, Thula; FREITAS, Felipe (org.). **Vozes do cárcere: ecos da resistência política**. Rio de Janeiro: Kitabu, 2018.

RIBEIRO, José Roberto Ferreira; BRITO, Rafael Giordano Gonçalves; OLIVEIRA, Tarsis Barreto. A ressocialização do apenado por meio da participação da sociedade: o trabalho como instrumento no processo de reintegração, **Vertentes do Direito**, v. 5, n. 1, p. 190-212, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/direito/article/view/5004/13255>. Acesso em: 10 set. 2020.

SILVA, Roberto da. **Didática no cárcere II: entender a natureza para entender o ser humano e o seu mundo**. São Paulo: Giostri, 2018.

SILVA, Vera Lucia da. **Sujeitos segregados: a língua e a história na produção epistolar de presidiários**. 2014. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2014.

WORLD PRISON BRIEF. **World Prison Population List**. 11th ed., London: University of London; Institute for Criminal Policy Research, 2018. Disponível em: https://www.prisonstudies.org/highest-to-lowest/prison-population-total?field_region_taxonomy_tid=All. Acesso em: 2 out. 2020.

Recebido: 14.05.2021

Aceito: 29.09.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**DIREITO À POESIA - UMA OFICINA LITERÁRIA EPISTOLAR DURANTE A
PANDEMIA DE COVID-19**

***RIGHT TO POETRY - AN EPISTOLARY LITERARY WORKSHOP DURING THE
COVID-19 PANDEMIC***

***DERECHO A LA POESÍA - UN TALLER LITERARIO EPISTOLAR DURANTE LA
PANDEMIA DEL COVID-19***

Cristiane Checchia¹

Mario René Rodríguez Torres²

Layra Fabian Borba Rodrigues³

Jhenifer Rodrigues de Almeida⁴

Angélica Moreno Usaquin⁵

Anderson Alves dos Santos⁶

Resumo: O *Direito à Poesia* é um projeto de extensão desenvolvido por docentes e estudantes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), na cidade de Foz do Iguaçu-PR, desde o ano de 2015. O projeto consiste na realização de rodas de leitura e de oficinas de escrita com pessoas em privação de liberdade em duas unidades penitenciárias da cidade, a PEF-II (masculina) e a PFF-UP (feminina). Devido ao contexto da pandemia da Covid-19, no ano de 2020, o projeto precisou ser reconfigurado para que pudesse continuar acontecendo mesmo sem a possibilidade de encontros presenciais entre as/os participantes, o que foi possível por meio da troca de cartas. O presente trabalho apresenta justamente essa

¹ Doutora em Letras/Literatura. Docente da área de Letras, na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3039-0463> E-mail: crishecchia@gmail.com

² Doutor em Ciência da Literatura. Docente da área de Letras, na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5733-9481> E-mail: mario.torres@unila.edu.br

³ Estudante de Ciência Política e Sociologia, pela Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5422-0197> E-mail: layrafab@gmail.com

⁴ Estudante de Ciência Política e Sociologia, pela Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0270-598X> E-mail: jheyrodrigues.a@gmail.com

⁵ Estudante de Letras, Artes e Mediação Cultural, pela Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2296-3804> E-mail: usaquin.angelica@gmail.com

⁶ Estudante de Filosofia, pela Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2574-3623> E-mail: aad.santos.2016@aluno.unila.edu.br

experiência e os desafios encontrados para o desenvolvimento destas oficinas na modalidade epistolar. As produções literárias resultantes desse processo formaram uma minibiblioteca de zines reunidos em caixinhas que podem circular pelo presídio. Para nós, essa produção é de suma importância por se relacionar diretamente com o objetivo principal do *Direito à poesia*: criar condições para que a palavra poética e as vozes singulares de distintos lugares possam romper seus respectivos muros e encontrar-se em espaços e meios diversos de circulação.

Palavras-chave: Mediação de Leitura. Oficinas literárias. Prisão. Extensão Universitária. Cartas.

Abstract: *The Direito à Poesia (Right to Poetry) is a university extension project developed by lecturers and students of the Federal University of Latin American Integration (UNILA), in the city of Foz do Iguaçu-PR, since 2015. The project is developed by implementing reading groups and writing workshops with people in prison in two penitentiaries in the city, the PEF-II (male) and PFF-UP (female). Due to the Covid-19 pandemic context, in 2020, the project had to be reconfigured to continue happening even without the possibility of face-to-face meetings between the participants, which was possible through the exchange of letters. The present work precisely presents this experience and the challenges encountered in developing these workshops in the epistolary modality. The literary productions resulting from this process formed a mini-library of zines collected in little boxes that can circulate around the prison. For us, this project is of utmost importance because it is directly related to the main objective of the Right to Poetry: to create conditions for the poetic word and the singular voices of different places to break through their respective walls and find themselves in different spaces and medium of circulation.*

Keywords: *Reading Mediation. Literary Workshops. Prison. University Extension. Letters.*

Resumen: Derecho a la Poesía es un proyecto de extensión desarrollado por profesores y estudiantes de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (UNILA), en la ciudad de Foz do Iguaçu-PR, desde 2015. El proyecto consiste en la realización de círculos de lectura y talleres de escritura con personas privadas de la libertad en dos unidades penitenciarias de la ciudad, la PEF-II (masculina) y la PFF-UP (femenina). Debido al contexto de la pandemia de Covid-19, en el año 2020 fue necesario reconfigurar el proyecto para que pudiera seguir realizándose incluso sin la posibilidad de encuentros presenciales entre los participantes, lo que fue posible a través del intercambio de cartas. Este trabajo presenta precisamente esa experiencia y los retos encontrados para desarrollar los talleres en la modalidad epistolar. Las producciones literarias resultantes del proceso formaron una minibiblioteca de fanzines recogidos en cajitas que pueden circular por la prisión. Para nosotros, esta producción es de suma importancia porque está directamente relacionada con el objetivo principal de Derecho a la Poesía: crear las condiciones para que la palabra poética y las voces singulares de diferentes lugares puedan romper sus respectivos muros y encontrarse en diferentes espacios y medios de circulación.

Palabras clave: Mediación de la lectura. Talleres literarios. Prisión. Extensión Universitaria. Cartas.

Introdução

Escrever cartas é coisa de outro tempo, como as antenas de televisão que Rômulo fabrica com tampas de panelas para as rádios e televisões de seus companheiros de cela, na ala de idosos de uma galeria da Penitenciária Estadual de Foz do Iguaçu (PEF-II). Estar privado de liberdade é, de certa forma, ser deixado para trás e, portanto, ser obrigado a fazer coisas que, se supõe, ninguém mais faz. Fabricar antenas e escrever cartas no presídio são atividades que se fazem devido às limitações, à exclusão e à precariedade que se enfrenta, mas também são formas criativas e vitais de habitar o contratempo, a carta impõe outro ritmo, um ritmo mais lento, obriga a pausas. Parar, se deter, pode gerar dificuldades, ansiedades e desconfortos, mas é também uma brecha no acelerado tempo atual e, por isso, a possibilidade de outro tempo. Nesse sentido, a carta pode ser intempestiva (NIETZSCHE 2003) ou contemporânea (AGAMBEN 2009).

Viver em outro ritmo, escrever cartas, quando em 2020 tudo parava, devido ao confinamento pela pandemia da Covid-19, foram as cartas as que permitiram que déssemos continuidade às nossas atividades na penitenciária masculina PEF-II. Nosso objetivo neste texto é justamente compartilhar como se deu esta experiência e algumas das reflexões que nos acompanharam ao longo do processo. O trabalho aqui exposto é fruto do projeto de extensão universitária *Direito à Poesia*, desenvolvido por docentes e estudantes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), localizada em Foz do Iguaçu, região da tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina.

O texto apresenta brevemente alguns dos pressupostos e o contexto do desenvolvimento do projeto em 2020 para, em seguida, expor tematicamente questões que emergiram dessa experiência epistolar: a velhice na condição de encarceramento; as questões de gênero, a literatura e as prisões; o choro masculino; a escrita e as artes enquanto exercício de liberdade no contexto prisional e de pandemia. Por fim, expomos o resultado editorial das oficinas deste ano: uma antologia de textos reunidos em uma minibiblioteca perambulante.

Para manter a diversidade das vozes que compõem o grupo, cujos/as componentes têm formações em áreas bastante variadas (literatura, sociologia, serviço social, filosofia, mediação cultural), decidimos que cada um dos/das autoras, docentes e discentes escrevesse uma parte do trabalho, sem pretender homogeneizar completamente o tom geral do texto. Lamentavelmente, as vozes das pessoas privadas de liberdade só estão presentes de forma indireta, a partir de

citações de suas cartas, que elas nos autorizaram expressamente a publicar, só mencionaremos seus primeiros nomes, a fim de preservarmos suas identidades.

Metodologia

O *Direito à poesia* começou a ser desenvolvido no ano de 2015 e, desde então, organiza-se fundamentalmente a partir de dois núcleos de trabalho articulados: um deles constitui-se da formação dos estudantes e docentes em um grupo de estudos, no qual discutimos textos de fundamentação teórica e crítica sobre a questão carcerária e sobre a mediação de leitura e escritura em contextos adversos; o outro núcleo configura-se da prática da mediação de leitura e escritura dentro de ambientes prisionais, ou seja, da realização de oficinas literárias nas prisões de Foz do Iguaçu, a Penitenciária Estadual II (PEF-II) e a Penitenciária Feminina de Foz do Iguaçu (PFF-UP).

Tais oficinas literárias são organizadas a partir de diversos momentos que vão sendo alternados na dinâmica dos encontros: a leitura em voz alta; a conversa livre mobilizada pelos textos; a proposição de exercícios de escritura a partir da leitura; o compartilhamento dos textos produzidos por cada participante e o diálogo a partir dessa produção.

A pandemia da Covid-19 e o isolamento obrigatório dela decorrente implicaram no cancelamento das oficinas literárias presenciais, levando-nos, na primeira metade de 2020, a fortalecer o grupo de estudos por meio de leituras e de encontros *on-line*. Com isso, buscamos aprofundar nossa compreensão sobre os processos históricos nos quais surgiu o modelo de prisão e o sistema penal contemporâneo, bem como as adaptações que esse sistema sofreu para chegar no momento atual.

Depois de junho, conseguimos formalizar outra forma de executar o projeto na PEF-II, mediante troca de cartas literárias. Em 2020, as cartas foram a ferramenta que nos permitiu sair de nosso confinamento e, em um sentido mais amplo, de nossos espaços restritos, incluindo o universitário, e acessar o espaço outro do cárcere. Por meio de reuniões *on-line* e de documentos organizados em um arquivo compartilhado, produzimos a primeira carta a ser enviada a um grupo de 23 participantes no interior da PEF-II, que se interessou pela proposta. Nesta primeira carta, nós nos apresentamos e expusemos o contexto institucional ao qual estamos vinculados (a universidade pública, o projeto de extensão universitária). Além disso, reunimos alguns textos que julgamos pertinentes para iniciar o diálogo, incorporando escritos que resultaram de

edições anteriores de nossas oficinas presenciais na própria PEF-II, ou de oficinas realizadas por grupos semelhantes ao nosso em outras penitenciárias. Procuramos mobilizar algumas perguntas bem abertas que os estimulassem a escrever: O que você achou dos textos? Ao seu ver, de que trata cada um deles? Algum dos textos fez você lembrar de algo que tenha lido, escutado, visto ou vivido? Achou difícil a leitura de algum dos textos? Há alguma palavra neles cujo significado você não conheça? Etc.

Nossa maior preocupação era recriar, na medida do possível, a mesma horizontalidade e um “espaço de escuta” similar ao que buscamos desenvolver nas oficinas presenciais. Os desafios eram grandes, porque, conforme Bajour (2012, p.17-19), na dinâmica de uma roda de leitura presencial, o lido se amalgama às vozes pronunciadas, às interações quase simultâneas entre as falas, aos olhares trocados, às posições de corpo, que produzem também significações juntamente com os textos. Nada disso estaria ao nosso alcance na oficina epistolar, mas desde o início apostamos na viabilidade de criar por meio das cartas um espaço de trocas em que nos mostraríamos verdadeiramente disponíveis para “ouvir” o que teriam a nos dizer, tendo os textos literários como um lugar de “encontro”.

Acreditamos ser importante uma descrição mais detalhada de todo o processo, tal como ocorreu na prática. Todo o material foi impresso e levado à PEF-II, onde a pedagoga Maria Luiza da Silva recebeu os textos e os distribuiu aos participantes em privação de liberdade, respeitando as medidas de segurança sanitária para a entrega dos materiais. As respostas foram trabalhadas pelos participantes em comentários diretamente no papel, que íamos buscar na semana seguinte. A partir do retorno, líamos e conversávamos para pensarmos as respostas e a seleção dos textos que comporiam a entrega seguinte. Este trabalho de troca de correspondências foi desenvolvido ao longo de todo o segundo semestre de 2020, e cabe ressaltar aqui, o papel fundamental da pedagoga e de alguns agentes que viabilizaram toda a logística desta troca de materiais.

A escolha dos temas para os exercícios de escrita tiveram como base não apenas nossa experiência acumulada a partir das oficinas presenciais, mas também as experiências de outros projetos muito inspiradores de oficinas literárias e artísticas em prisões, os quais tivemos a oportunidade de conhecer por meio de publicações, e também a partir de um evento realizado na UNILA, em 2019, o *1º Encontro Internacional sobre poesia e artes em prisões - da perspectiva do anti-aprisionamento*¹. Alguns dos temas trabalhados nas primeiras entregas, para darmos alguns exemplos, foram: o autorretrato poético; a descrição de seu dia tentando

fazer o uso da terceira pessoa no relato; a pergunta “por que escrever?”. A partir destes primeiros exercícios e das primeiras respostas que nos enviaram, outros temas foram mobilizados por eles.

Alguns temas surgiram de forma recorrente, como a questão da velhice, outros temas controversos explorados nas escritas provocaram diversas reflexões no grupo. Tentamos trazer nesse trabalho alguns desses temas, realizando discussões sobre seus possíveis significados e as contradições que revelam. Em vista disso, a seguir, discutimos algumas dessas questões, as quais foram agrupadas nos seguintes grupos temáticos: velhice na prisão; questões de gênero, literatura e prisões; o choro masculino; a escrita enquanto exercício de liberdade; e, por último, uma reflexão sobre o cárcere em tempos da pandemia.

Velhice na prisão

Quando pensamos em pessoas privadas de liberdade, a imagem que nos vem não costuma ser a de pessoas mais velhas. Segundo dados do Departamento Penitenciário Nacional, em 2019, havia 748.009 pessoas aprisionadas, das quais 95,06% eram homens e destes, 44,79% tinham idade entre 18 e 29 anos (BRASIL, 2019). Apesar disso, o grupo com o qual interagimos na PEF II durante a troca de cartas era composto por homens entre 30 e 73 anos de idade, sendo que a maioria estava acima dos 50 anos. Assim, desde o início, uma questão surgiu para o grupo: como é estar privado de liberdade sendo idoso? Cabe mencionar que foi na troca de cartas que ficamos sabendo que os participantes eram na sua maioria pessoas mais velhas, de modo que a galeria foi apelidada de “galeria da terceira idade”. A questão da idade apareceu tanto como um dado que eles agregaram junto de seus nomes, como também um tópico que tematizaram mais longamente em suas cartas.

Nessa troca de cartas, poderíamos chamar a atenção para quatro momentos que os participantes se relacionaram mais diretamente ao tema da idade. São eles: o texto *Velhice na prisão*, de Eliseu; dois relatos sobre o trabalho de cuidado de idosos, feitos por Telêmaco e Rômulo; e outros dois textos, um denominado *O que sinto na prisão* e outro sem título, escrito por Oldenon. No primeiro, lemos sobre a determinação em superar a autodepreciação, as angústias de cada dia e as memórias dolorosas do passado. Esse texto transmite uma sensação de apatia, que se mescla à luta pela sobrevivência de cada dia.

Telêmaco, por sua vez, conta em seu relato que ele cuida dos idosos com maiores dificuldades, de maneira que frequentemente precisa acolher novas pessoas a serem atendidas e, por conta disso, deve escolher quem deixará de receber esses cuidados para abrir espaços na cela. Esta é uma escolha que o aflige. No texto de Rômulo, há o relato sobre a felicidade que sentiu quando a administração da penitenciária transferiu os idosos cuidados por ele e os deficientes para uma galeria mais próxima da enfermaria e dos médicos, facilitando assim o atendimento das pessoas com problemas de saúde.

Quanto aos escritos de Oldenon, o autor fala sobre a velhice a partir de dois processos: o de voltar a ser criança e o de amar. No primeiro caso, explica que pelo trabalho continuado e intenso desde criança, não teve infância ou adolescência, além de que sempre precisou trabalhar para ter suas coisas. Isso só foi mudar no cárcere, onde ele passou a depender dos outros, não podendo trabalhar ou saber a origem das coisas que recebia, tampouco buscar o tratamento necessário para seus problemas de saúde. Tais situações lhe pareceram como o retorno a uma infância (não vivida), como se voltasse, ou melhor, aprendesse a ser criança. Em nossa resposta à sua carta, procuramos estabelecer com ele uma interlocução sobre o que havia nos dito e o texto *Manicômios, prisões e conventos*, de Erving Goffman (1974). Tal autor afirma que determinadas instituições, como a prisão, devolvem as pessoas à condição de infante, porque tiram delas a autonomia e as tornam completamente dependentes de outras. A palavra infante é de origem latina e, etimologicamente, significa “aquele que não fala”. Nesse sentido, fizemos a Oldenon a seguinte provocação: poderíamos pensar que escrever é um caminho para sair dessa condição de infante, isto é, de não falante, e, portanto, de recuperar algo da autonomia perdida? Como resposta a essa incitação, na entrega da carta seguinte, Oldenon nos escreveu um texto sobre o amor. Neste, afirma que apesar de lhe chamarem de velho, ele ainda é jovem, jovem no coração e capaz de amar e ser amado. Afirmado amar e ser amado, Oldenon se insurge contra os constrangimentos da prisão, ou seja, contra a perda da sua autonomia e das suas possibilidades de afeto e amor.

Existem diferentes realidades no cárcere e, sendo assim, distintas formas de se vivenciar a velhice na prisão. Para alguns, a velhice na prisão pode significar memórias dolorosas, apatia, luta por aceitação e sobrevivência. Para outros, ela é aproximada à infância, ao ser associada à dependência e à incapacidade de trabalhar e de se fazer escolhas, e que demandaria um reaprendizado da capacidade de dar e receber amor. Para outros ainda, a velhice na prisão implica em escolhas de Sofia todos os dias (de quem poderei cuidar, hoje?). De toda forma,

essas realidades não se circunscrevem aos estigmas que as permeiam, pois são muito mais ricas, cheias de nuances e cores do que podemos imaginar. Há lágrimas, apatia e raiva, contudo, existe também cuidado, amor e jovialidade, a velhice na prisão é multifacetada.

Questões de gênero, literatura e prisões

Um dos dilemas que muito frequentemente atravessa o desenvolvimento de nosso projeto é a atenção permanente que devemos ter para não cedermos a algumas armadilhas: uma delas seria a de nos colocarmos no lugar de quem julga; a outra seria a de nos colocarmos em uma atitude pastoral, tão presente em trabalhos de viés religioso, mas não apenas com a população prisional.

Quando tais questões emergem, somos convidados a pensar novamente sobre os pressupostos políticos que embasam nossa atuação, os quais expusemos em outro artigo (RODRÍGUEZ TORRES; CHECCHIA, 2020), mas que em poucas palavras poderíamos resumir como se posicionar contra toda forma de censura, fechamento ou clausura antidemocrática. Tal postura, inevitavelmente, nos coloca ante desafios éticos e isso aconteceu também ao longo de nossa troca de cartas.

Um de nossos pontos de partida no projeto é a ideia de que a literatura abre efetivamente uma liberdade para a expressão de temas, gestos, palavras que muitas vezes estão interditados em outros regimes discursivos, como no discurso religioso fundamentalista ou no discurso burocrático, ou jurídico ou acadêmico mais convencional etc. A criação de personagens, a exploração de distintos pontos de vista, a construção de situações apenas imaginárias, a descrição de lugares e paisagens inexistentes, o jogo de ritmos e sons são recursos que permitem que se diga tudo, justamente porque não se espera que o escrito tenha necessariamente um lastro em uma verdade referencial fora do texto. Daí que Jacques Derrida (1995, p. 47), autor fundamental para nossa compreensão da literatura, afirme que ela “liga [...] seu destino a uma determinada não-censura, ao espaço da liberdade democrática (liberdade de imprensa, liberdade de opinião etc.)”.

Por permitir, em princípio, dizer tudo (e nada), a literatura é um espaço privilegiado para os questionamentos, o abandono das certezas e abertura de horizontes. Contudo, é preciso reconhecer, como faz o próprio Derrida, que desde sempre existiram mecanismos para controlar, neutralizada e, inclusive, instrumentalizar com fins conservadores tal espaço (DERRIDA; ROUDINESCO 2004). Não é possível aqui nos aprofundarmos na longa discussão

sobre o tema, limitamo-nos a apontar que nada impede que a literatura possa servir como veículo, com ou sem má-fé, para os discursos mais antidemocráticos, excludentes e violentos. Como responder a esses discursos sem trair a promessa de liberdade de expressão atrelada à literatura? Seguramente não há uma única resposta, devendo ela ser diferente a depender de cada caso.

Nas nossas oficinas, deparamos com um texto que nos desafiou nesse sentido, um participante do projeto escreveu, em uma de suas cartas, um poema narrativo a partir da paródia de uma canção na qual o protagonista narrador sente-se vingado e justificado pelo assassinato violento da mulher que o traiu. Como lidar com um texto como esse? Trata-se de um texto ficcional, mas que gera uma zona de ambiguidades difícil de lidar. Como não ceder ao julgamento e, ao mesmo tempo, como não deixar passar algo que parece legitimar o ciclo de violência de gênero que buscamos combater socialmente? Como manter o diálogo para que este texto possa de fato abrir caminhos à reflexão?

Primeiramente, apesar de um desconcerto inicial que não conseguimos evitar, pareceu-nos significativo que o participante tenha sentido abertura para expor um texto que não seria assimilável quando quem escreve tenta apenas suprir a expectativa de um discurso de redenção já pré-acabado. Havia ali uma provocação, talvez, mas também a expectativa de um retorno, nos pareceu. Nossa ideia foi a de tentar manter a disposição ao diálogo, o que não aconteceria se devolvêssemos apenas uma condenação veemente do personagem criado. Procuramos discutir a partir da própria ficção: lembrando que muita literatura foi produzida a partir do tema da traição, conversando a partir de Madame Bovary e dessas personagens que não se encaixam às regras de seu tempo, pensando qual é o papel que é esperado socialmente das mulheres e lembrando que também há um fardo pesado de expectativas sociais em relação aos homens. Perguntamos ainda o quanto custa aos homens manter esse papel que restringe sua possibilidade de expressar sentimentos, fraquezas e frustrações. O diálogo continuou e efetivamente não temos como saber que efeito teve sobre nosso interlocutor. Sabemos apenas que apesar do provável desconforto que nossas questões colocavam, ele seguiu com a correspondência até o final do projeto.

Angela Davis (2018) nos lembra bem que imaginar uma sociedade sem prisões implica em refletir sobre múltiplos problemas, extremamente complexos, e que não há uma solução que dê conta de todos eles. Uma das tarefas seria enfrentar os efeitos decorrentes do machismo, que naturaliza a violência de gênero e que anualmente leva à morte de milhares de mulheres e à

continuidade de um ciclo de violências que não se extingue nas prisões, muito pelo contrário. Sabemos que as prisões, cujos códigos internos muitas vezes legitimam os chamados “crimes de honra”, são lugares que enrijecem ainda mais as estruturas patriarcais tão arraigadas socialmente. Pensar em um mundo sem prisões, menos violento, pressupõe também confiar na abertura de mais canais de diálogo para discutir o tema das masculinidades: a literatura pode ser um lugar bastante privilegiado de uma desorganização salutar das cristalizações dos papéis de gênero que tanto sofrimento causam.

O choro masculino

Na esteira das reflexões despertadas sobre gênero, masculinidades e machismos, seguimos agora para uma discussão que envolveu a maioria, senão todos, os participantes do projeto. Numa das entregas, João Carlos escreveu um relato em que o personagem narrador, um idoso, é interpelado com violência por um jovem colega de prisão que diz para ele: “veio, você sofre”. O idoso nega, mas o jovem não aceita contestação e repete a sentença. Na nostalgia que envolve o descanso pós-almoço, o narrador angustia-se em torno da afirmação incontestável. Nesse momento, vem-lhe à mente a voz de seu pai dizendo que “homem que é homem não chora”, sendo esse, segundo o narrador, também o mantra da prisão, “sujeito homem não chora”. No fim, o que resta para ele é se virar para o lado e se fazer “moleque”.

Assim, movidos pela intensidade desse texto e de todas as questões que o envolvem, na entrega que seguiu, decidimos abordar o tema do “choro masculino”. Para isso, colocamos três referências: a música *Jesus Chorou*, do grupo de RAP Racionais MC’s; o texto *Instruções para chorar*, de Júlio Cortázar; e o conto *Lágrimas de Crocodilo*, de Felisberto Hernández. A partir dessas leituras, fizemos duas perguntas: qual texto chamou mais sua atenção e por quê? Já presenciaram uma cena de um homem chorando? Esta última pergunta tinha a intenção de os estimular a (re)criar a cena com total liberdade literária. Era um convite para que os participantes compartilhassem seus pensamentos e reflexões em torno do assunto, mas não fazíamos ideia de como reagiriam.

O texto que mais reações provocou foi “Jesus chorou”, pois ela toca em um pilar muito presente no meio carcerário, que é a religião. Alguns participantes apontaram ainda o capítulo e versículo da bíblia onde o choro de Jesus pode ser encontrado, o que demonstra interesse e uma reflexão prévia sobre o assunto. Para José Valdir, ler sobre isso lhe traz uma sensação

inexplicável, pois entende que as lágrimas nos olhos do criador são por nossa causa, pela rebeldia das pessoas que não seguem seus ensinamentos. Assim, ele ressalta: “e creio que Jesus ainda chora ao ver tantos corações endurecidos praticando o mal e não se arrependendo”. Para Alinor, por outro lado, “o choro é de todas as mulheres e homens. São fatos reais. São de tristezas que vem de emoções que atingem o coração”.

Durante a troca de cartas, uma coisa que se fez bastante evidente foi a importância que a religião assume na conduta e vida dos privados de liberdade. Em grande parte dos textos, sejam os literários, os de memórias ou os de elogio ao projeto, os agradecimentos e louvores a Deus estão presentes. A religião parece assumir um papel de grande destaque em suas vidas, seja por trazer esperança de um futuro distinto como a reaproximação da família, seja pela possibilidade de redenção de um passado do qual não se orgulham ou mesmo pela mudança de crenças, valores e propósitos que traz para seu cotidiano. Falamos sobre isso, para que se entenda melhor a importância de encontrarem na bíblia uma passagem onde Jesus chora, pois, de certa forma, tal fato os autoriza a derramarem suas lágrimas sem serem julgados, por si mesmos ou pelos demais.

Nesse ponto, novamente refletimos sobre quão violenta é a sociedade em que vivemos, onde a divisão de gêneros e os papéis que lhe cabem deslegitimam o choro dos homens, que são levados a ocultar e a trancafiar essas emoções, até que se tornem “fortes”, em outras palavras, até que escondam tão bem seus sentimentos que não pareçam mais tê-los. Sobre isso, Abimael diz o seguinte: “penso que muitos homens fingem ser fortes, porém, algum dia, na calada da noite, eles choram bem baixinho e escondidinhos para que ninguém veja suas lágrimas rolarem”. Nesse sentido, Eliseu afirma “confesso que não sou chorão, mas choro sempre. E na maioria das vezes o meu choro é um choro embargado, choro pra dentro de mim mesmo. Não tenho vergonha de derramar minhas lágrimas. Chorar é humano. Junto com o choro a autenticidade de ser eu mesmo”. Dessa maneira, pensamos que essas são ações de uma força enorme, pois quando os homens reforçam sua capacidade de amar e de serem amados ou de chorarem e não se envergonharem disso, estremecem as grades que aprisionam e trancafiam suas capacidades de ser, sentir e existir.

A escrita literária traz a possibilidade de as pessoas (re)criarem suas histórias e experiências, atribuindo novos sentidos e significados. Em vista disso, tivemos histórias como a de “Marcos”, de autoria de Abimael. Nesse relato, o protagonista caía num choro sentido sempre que abraçava a mulher amada, era um choro sem explicação, que surgia estando ele

feliz ou triste. Segundo o narrador do relato escrito por Abimael, “uma vez ele [Marcos] me disse que o amor que sentia por ela era um tal de amor platônico; uma coisa de espírito para espírito”. Já no escrito de José Valdir, o narrador conta a história de um homem que desde criança era apaixonado por música, tanto que um dia venceu um concurso musical. O prêmio era um contrato com uma gravadora. Chegando lá, no entanto, o homem precisou ouvir que, apesar de ter uma voz boa, suas composições eram ruins, de forma que não iriam gravar música nenhuma. Saindo dali o homem chorou bastante, contudo, “foi aí que resolveu erguer a cabeça e encarar a vida como ela é, feita de momentos de alegrias, tristezas, conquistas e perdas, e de lágrimas geradas por tantas emoções, afinal nessa vida quem não chora?”.

Por último, num formato distinto dos outros, recebemos o poema *Lágrimas*, de João Carlos, que transcrevemos a continuação:

Lágrimas

A memória cria as lágrimas
Os olhos as expulsam
Escorrem pelo rosto
E vão pingar numa mesa,
num colo, numa folha de caderno.
Secam sem deixar marcas.
O que não secam são as memórias.
Nunca.
Sempre há o que chorar.
Sempre.

(... Noite. Palavras em fuga. Eu as recolho e monto um desabafo, antes que as esqueça e o travesseiro as absorva. Como faz com as minhas lágrimas, quase secas, de tão imaginárias). (José Carlos)

Tais textos, mobilizados pelo rap *Jesus Chorou*, que por sua vez se inspira em um texto bíblico, permite-nos explorar com bastante evidência as diferenças importantes que enxergamos entre o trabalho com literatura e o trabalho religioso em uma vertente fundamentalista, na medida em que a linguagem literária permite a ampliação de significações e a abertura de múltiplos sentidos, de um modo que não acontece quando se busca encontrar uma única verdade no texto. Isso não diz respeito apenas aos textos, mas aos modos de lê-los e de recriá-los livremente. Nesse sentido, é possível inclusive fazer uma leitura literária de um texto de matriz religiosa, uma vez que não se busque nele uma verdade definitiva, mas que se parta dele para seguir buscando, questionando e encontrando matrizes para novas histórias. A imagem de um Jesus que chora é muito preciosa para ficar reduzida a uma única leitura. Ela é especialmente

interessante para mobilizar outras histórias de homens que choram, muitas delas trancafiadas em diversas camadas de sofridas interdições.

A escrita enquanto exercício de liberdade

Em nossa primeira troca de cartas, perguntados sobre o que pensavam acerca da nossa proposta, recebemos a seguinte resposta de um deles: “Eu acho fascinante (...), pois me ajuda a “LIVRAR” o que está preso dentro de mim. (...) isso irá me libertar da prisão inconsciente.” (Clésio). Outro participante explicou que gostou de um poema “(...) porque fala[va] da escrita como importante forma de expressão, da fascinante forma que têm o poder de (...) expandir, transmitir, transformar sentimentos, pensamentos e comportamentos. Com efeitos na aprendizagem para a vida”. (Eliseu). O poema a que Eliseu se refere é de autoria de Donizeti dos Santos Junior, e é fruto de oficinas realizadas pelo projeto em 2018:

Por que escrever?
Uma vez me questionei.
Cheguei à resposta que para mim não era óbvia.
O primeiro foi o mais difícil,
os demais pareceu ofício,
de tão simples para expressar,
de tantos sentimentos que tinha no peito a guardar.
O que às vezes é difícil dizer,
por falta de coragem
ou de outra coisa qualquer,
no papel do coração,
com um simples movimento de mão.
Agradeço o dia que aprendi
a colocar minhas lágrimas
em forma de carvão.
(Donizeti dos Santos Junior)

Tendo em conta os comentários de Clésio e Eliseu, gostaríamos de expor uma breve reflexão sobre a escrita enquanto exercício de liberdade tanto para nós, organizadores das oficinas do *Direito à Poesia* quanto para os participantes privados de liberdade. Para ficar com um exemplo conhecido: naquele poema de Vinicius de Moraes, *Operário em construção*, há uma tomada de consciência por parte do sujeito a respeito do seu próprio poder criativo: “Naquela casa vazia / Que ele mesmo levantara / Um mundo novo nascia / De que sequer suspeitava”. Podemos dizer que ocorre algo semelhante quando exercitamos a escrita literária

já que vamos tomando consciência e reivindicando nosso poder de dizer e fazer. Partindo de exercícios vamos aprendendo a construir pequenas obras e a colocá-las em circulação numa comunidade de leitores críticos e abertos ao diálogo, sendo que a recepção dessas pequenas obras abre a possibilidade para que os participantes modifiquem a sua própria percepção da realidade.

Sem esgotar toda complexidade que envolve a escrita e a leitura de textos literários, sobretudo em condições adversas, gostaríamos de destacar a experiência de certo distanciamento da realidade cotidiana proporcionado pela escrita literária e que pode contribuir para pensarmos a seu respeito enquanto exercício de liberdade. Tal distanciamento apresenta ao menos um duplo aspecto: é um distanciar-se próprio na memória e na imaginação e que mobiliza paixões e pensamentos, sendo que é nesse mobilizar afetivo que parece se dar certa experiência de libertar-se de... Podemos dizer que a literatura está vinculada aqui a um processo de reflexão que ilumina aspectos da vida de cada um de nós e da nossa história (que não é nunca puramente individual), assim como à possibilidade de narrar e continuar essa história de outras formas. Conforme afirma a antropóloga Michèle Petit (2009, p.15), uma das referências teóricas que inspirou nosso projeto “(...) o que a leitura também torna possível é uma narrativa: ler permite iniciar uma atividade de narração e que se estabeleçam vínculos entre os fragmentos de uma história, entre os que participam de um grupo e, às vezes, entre universos culturais”.

A arte e a literatura modernas são indissociáveis do conceito de liberdade – liberdade de falar, criar, construir, estabelecer diálogo, alterar a ordem das coisas. Daí que ambas possam ser consideradas espaços privilegiados de *desassujeitamento*. Em termos do universo prisional, poderiam ser definidas como espécies de *alvarás ficcionais de soltura*. Contudo, é preciso reconhecer, como já foi observado anteriormente, que essa liberdade da literatura e da arte sempre teve mecanismo de regulação como, por exemplo, por meio de especialistas que determinam o que conta como artístico e quem pode ser reconhecido como escritor. Além disso, representações literárias e artísticas podem ter contribuído à expansão do sistema de controle e vigilância, como nos casos das obras que ajudaram a consolidar a figura do delinquente. Nesse sentido, se a literatura pode ajudar a processos de libertação no cárcere, trabalhos de literatura no cárcere como o que propomos também podem ser uma forma de libertar a literatura de suas amarras institucionais e recuperar o que têm de mais transgressor, tirando-a da mão dos especialistas e abrindo-a para outros usos.

Para o *Direito à poesia*, trabalhar com literatura em prisões se vincula com o desejo de tirar as coisas do lugar que ocupam dentro de uma ordem social que reconhecemos como extremamente desigual. Por isso, consideramos a reflexão artística e literária simultaneamente como estética, ética e política. Trabalhar com literatura em prisões significa tentar pensar e começar a produzir outras formas de distribuição dos espaços, assim como em outras formas de circulação, tal como sugerido por Jacques Rancière: uma re-divisão do sensível que se apresenta quando conseguimos transgredir, ainda que provisoriamente, os espaços reais ou simbólicos de exclusão, em que certos corpos e certas vozes eram invisíveis, inaudíveis, ou não autorizados a circular. Essa transgressão dos espaços de poder permite vislumbrar a potencial emergência de uma comunidade democrática, onde todos são reconhecidos em sua posição de sujeitos. A ordem policial cede lugar à política e a uma nova política da escrita (RANCIÈRE, 2009, 2017).

Trabalhar com literatura em prisões significa também desrespeitar os muros existentes, na procura de uma vida mais livre e segura, ou seja, daquilo que a existência da prisão promete resguardar, mas fracassando programaticamente desde sempre (FOUCAULT, 1987). Como disse Angela Davis (2018, p. 16-17), a prisão, na verdade, serve para nos livrar “da responsabilidade de nos envolver seriamente com os problemas de nossa sociedade, especialmente com aqueles produzidos pelo racismo e, cada vez mais, pelo capitalismo global”.

A pandemia de coronavírus escancarou uma vez mais a extrema vulnerabilidade enfrentada pelas pessoas privadas de liberdade, assim como a insegurança que isso implica não só para essas pessoas, mas também para o restante da população.

O cárcere em tempos de pandemia

A nova e intempestiva realidade surgida a partir da percepção de que a Covid-19 era uma pandemia mundial, gerou dinâmicas desconhecidas de ser e estar para muitas pessoas até então. O confinamento obrigatório mobilizou vários questionamentos, a partir dos quais tem sido possível evidenciar as diferenças tão absurdamente grandes que se vivem na sociedade, como, por exemplo, quem pode cumprir realmente o confinamento? É possível não passar necessidades perante tal confinamento? O que acontece com as pessoas que já se encontram numa situação de confinamento?

Para quem se encontra em privação de liberdade, como medida punitiva, a pandemia indiscutivelmente reforçou as outras privações de direitos que de maneira irregular embora

sistemática já aconteciam. Neste tempo, no qual aparecem com mais força as necessidades psicoafetivas, a proibição das visitas de familiares nos cárceres, limitou a troca de afetos e a entrada de produtos básicos de subsistência que as famílias acabam provendo, gerando uma precarização ainda maior das condições no interior das prisões. Como é conhecido, o Estado em quase nenhum caso se encarrega de fornecer adequadamente tudo o que as pessoas privadas de liberdade precisam para ter condições dignas de vida. Muito pelo contrário, a respeito é expressiva a seguinte declaração recolhida no Relatório da Pastoral Carcerária do ano de 2020: “Estão deixando os presos com suspeita junto com os outros, e já ouvi falar que é ‘pra deixar morrer’. Estão todos sem água pra beber, tomar banho ou lavar [as] mãos (...)” (PASTORAL CARCERÁRIA, 2021)².

O isolamento decorrente da pandemia provocou em muitos de nós sentimentos de desesperança, de solidão, de ansiedade, de tristeza, o que de alguma maneira nos dá uma ideia do que significa a privação de liberdade. Porém, de certa forma essa situação inédita nos fez parar para pensar um pouco mais sobre nossas práticas cotidianas ou em formas de nos (re)inventarmos em tempos pandêmicos. Todo o processo de troca de cartas e os exercícios de escrita propostos, acabou por nos fazer refletir sobre o que estamos criando em isolamento social, sobre a importância de trabalharmos mais a nossa imaginação, nossa interação entre nós, com os recursos possíveis, e nossa atenção em relação à lógica que nos empurra ao produtivismo, mesmo em tempos tão excepcionais como o que estamos vivendo.

Tais reflexões acabaram entrando em consonância com a leitura do artigo “O que aprendemos sobre isolamento com artistas da prisão” de Janie Paul (2020), professora de arte e design da Universidade de Michigan, Estados Unidos. Esse texto fala sobre o processo de criação dos artistas da prisão de Michigan e de como cada pessoa se encontra no campo da arte, descobrindo dentro do cárcere maneiras de se expressar pela pintura, pela escrita, por esculturas, a partir de um trabalho intenso de observação, de imaginação e de experimentação de diferentes materiais, a partir da relação peculiar com o tempo e com o espaço que se vive sob a condição de privação de liberdade. Anualmente, seus trabalhos são apresentados em exposições organizadas por Janie, as quais revertem em remuneração aos artistas, mediante a venda de suas obras.

Muitas pessoas ignoram o fato de que no cárcere também se produz arte, às vezes parece ser difícil de imaginá-lo, tanto pela dureza do lugar quanto pelos preconceitos que fazem pensar que na prisão as pessoas seriam incapazes de criar algo de bom. Logo, é muito importante dar

visibilidade às possibilidades e habilidades que pessoas em privação de liberdade tem de criar com os poucos materiais que lhe são dispostos.

O referido artigo sobre os artistas da prisão de Michigan foi compartilhado em uma de nossas cartas. Surgiram múltiplos comentários a partir da leitura e interpretação do texto, muitos deles mostrando a identificação que os participantes das oficinas sentiram ao se verem como artistas da prisão, a partir da arte do crochê. O crochê é uma das práticas amplamente difundidas entre os privados de liberdade, ensinada espontaneamente entre eles, que compartilham esse aprendizado entre si de galeria em galeria, de cela em cela, criando a partir dessa técnica tapetes, redes de dormir, bonés e afins.

Trata-se de um conhecimento que favorece a autonomia e a fraternidade entre as pessoas, ajudando-as a sentirem-se pertencentes a um lugar nesse fazer, tecendo sonhos e afetos nas descobertas do famoso crochê. São em atividades como essas que os artistas da prisão buscam neste processo formas de distrair a mente, praticando a paciência e a persistência em cada ponto. Com agulhas e barbantes descobrem um novo *hobby* ou até mesmo uma profissão para se levarem nos novos caminhos a serem traçados.

Conclusão

Desde o começo da troca de cartas, propusemos que, ao finalizar o ano, a experiência fosse recolhida em uma antologia dos textos trocados e escritos a partir da oficina epistolar. A ideia inicial era lançar no final do ano um livro feito de papelão, como fizemos em outras edições da oficina. Contudo, ao chegar no final do ano, decidimos optar por um modelo de edição em papelão como proposto pelo escritor e editor argentino Carlos Ríos, que tem uma longa experiência dando oficinas de literatura em presídios de seu país. Uma das propostas da *Oficina perambulante*, a editora de Rios, é a edição de antologias de fanzines em caixas recicladas de sucos, leites e achocolatados. O escritor transforma as caixas em pequenas bibliotecas de fanzines, além de caixas de ferramentas variadas. A ideia é que a pessoa que receba a caixinha, pensada para circular facilmente entre celas, pegue dela e acrescente nela o que quiser.

Seguindo o modelo proposto por Ríos, optamos por criar pequenas bibliotecas perambulantes, utilizando caixinhas de leite em que colocamos fanzines com alguns dos textos que consideramos mais significativos das nossas trocas de cartas (Figura 1).

Figura 1 – Caixa de fanzines



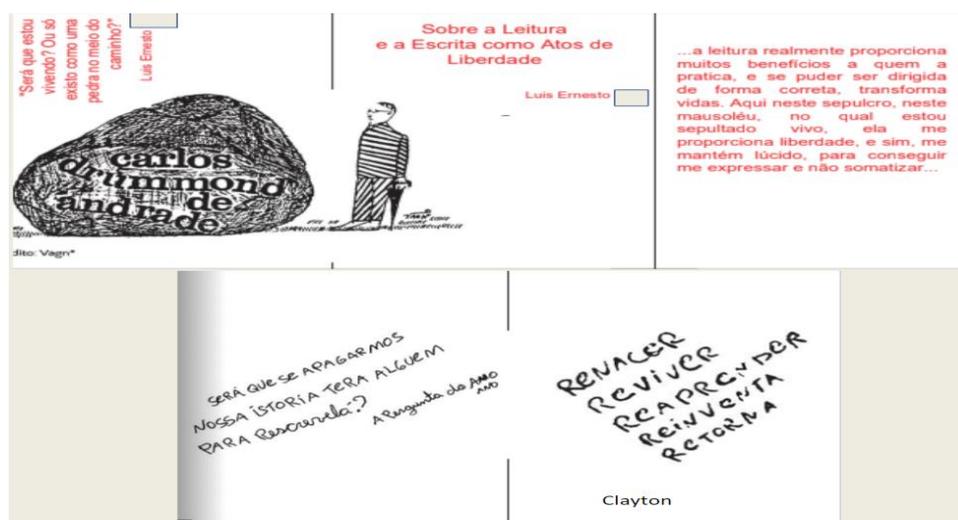
Fonte: Maria Luiza da Silva, 2020.

Nosso desejo era ter escolhido os textos e montar as caixinhas junto aos participantes das oficinas, mas isso não foi possível devido às dificuldades de acesso à penitenciária e ao pouco tempo com que contávamos para a atividade no final do ano. Com a expressa autorização dos participantes das oficinas para publicar seus textos, nós fizemos a seleção de matérias e elaboramos as pequenas bibliotecas, uma para cada um dos participantes. As caixinhas são um registro das trocas que mantivemos com as pessoas privadas de liberdade durante o período de confinamento. Textos de Gloria Anzaldúa, Ricardo Piglia, Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus aparecem do lado de escritos dos participantes privados de liberdade e nossos, os organizadores das oficinas. A caixinha convida o leitor a passar de um fanzine a outro, a pôr em diálogo e confronto as vozes diversas. Por isso, consideramos que a caixinha materializa de forma bastante adequada a proposta de nosso projeto.

O objetivo principal do *Direito à poesia* é esse: perfurar muros para liberar falas, criar as condições para que nós e as pessoas privadas de liberdade possamos falar da forma mais livre possível. Isto quer dizer também criar condições para que fale uma voz própria, entendida como uma voz que exprima a singularidade da própria vida. Trata-se de procurar uma voz singular, mas não individual nem individualista.

Por fim e para concluir, ainda que a realização da Oficina Epistolar tenha implicado em uma mudança bastante profunda em relação à dinâmica dos encontros presenciais, as cartas foram o veículo para fazer entrar e sair falas da prisão. De fato, o primeiro passo nessa procura é criar um espaço de escuta, uma comunidade de acolhimento de vozes diversas, que faça os e as participantes sentirem-se livres para falar. É preciso poder falar livremente, mas sem renunciar à responsabilidade de manter essa comunidade de acolhimento de vozes divergentes.

Figura 2 – Fragmentos de zines



Fonte: arquivo pessoal, 2020.

Notas

1. Alguns dos projetos podem ser conhecidos no canal de vídeos de apresentação das/os participantes do evento no link: <https://www.youtube.com/channel/UCfBR8AUVINi4ipVuAxpWC5w/videos>
2. Vale dizer que, cientes dos riscos que a pandemia trouxe para uma população já extremamente vulnerável como a privada de liberdade, além de para as pessoas que trabalham em presídios e, por extensão, para toda a população, Direito a poesia aderiu à Rede Feminista Anticarcelária Latinoamericana. Esta rede, composta por organizações e coletivas do Brasil, da Argentina, do Equador, do Chile e do México, está promovendo uma campanha pela libertação imediata de mulheres presas na região. Os materiais da campanha podem ser acessados no site: <https://feministasanticarcelarias.org/>

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó: Argos, 2009.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas:** o valor da escuta nas práticas de leitura. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias:** Período de julho a dezembro de 2019. 2019. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiYWY5NjFmZjctOTJmNi00MmY3LTlhMTEtNWYwOTlmODFjYWQ5IiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MmYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>. Acesso em: 1 set. 2021.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Trad. Marina Vargas. Rio de Janeiro: Difel, 2018.

DERRIDA, Jacques. **Paixões**. Trad. Loris Z. Machado. Campinas: Papyrus, 1995.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã... diálogo**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PASTORAL CARCERÁRIA. **Relatório 2020 - A Pandemia da Tortura no cárcere**.

Disponível em: https://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2021/01/Relatorio_2020_web.pdf. Acesso em: 28 jan. 2021.

PAUL, Janie. O que aprendemos sobre isolamento com artistas da prisão. **Nexo**, 12 jun. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/externo/2020/06/12/O-que-aprendemos-sobre-isolamento-com-artistas-da-prisao>. Acesso em: 22 set. 2021.

PÈTIT, Michele. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrin. São Paulo: Ed. 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. Da partilha do sensível e das relações que estabelece entre política e estética. In: RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível - estética e política**. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009. p. 15-26.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Trad. Raquel Ramallete, Laís Eleonora Vilanova, Lígia Vassalo e Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Ed. 34, 2017.

RODRÍGUEZ TORRES, Mario René; CHECCHIA, Cristiane. Direito à poesia: creando aberturas en la universidad, la cárcel y la literatura. **Athenea Digital**, v. 20, n. 3, 2020. e2674. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2674>. Acesso em: 39 set. 2021

Recebido: 13.10.2021

Aceito: 29.11.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



DOI: 10.22481/recuesb.v9i16.9592

INICIANÇAS, CHEGANÇAS E ESPERANÇAS: EXTENSÃO, SOCIOEDUCAÇÃO E PANDEMIA

BEGINNINGS, ARRIVALS AND HOPINGS: EXTENSION, SOCIO-EDUCATION AND PANDEMICS

PRINCIPIOS, LLEGADAS Y ESPERANZA: SOCIOEDUCACIÓN Y PANDEMIA

Ana Nobre Pereira de Melo¹

Bruna Moraes da Conceição²

Larissa de Oliveira Rios Pereira Santos³

Sophia Wolff Castro⁴

Resumo: O presente relato conta, a partir de quatro vozes, em diferentes momentos da formação acadêmica, o trabalho e a importância do projeto de extensão Escrevivendo a Liberdade (vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a coordenação de Vanusa Maria de Melo e Socorro Calháu), com foco na atuação durante o cenário de pandemia. Buscamos abordar não somente os percalços enfrentados pela socioeducação diante do momento sanitário vivido pelo país, como também as maneiras que o projeto encontrou para manter e fortalecer o elo entre a universidade e suas discussões e a sociedade a partir de uma perspectiva de educação não formal. Entendemos que os processos que atravessaram dentro e fora de contextos de privação de liberdade foram de intensa sobrecarga emocional que demandaram saídas e propostas de cuidado coletivo encontradas a partir da literatura. Por isso, relatamos esses contatos, leituras, trocas e inquietações trabalhadas internamente pelos integrantes do projeto em ampliação e o afeto elaborado nas nossas novas formas de interação com os adolescentes.

Palavras-chave: Extensão. Escrevivência. Socioeducação. Pandemia.

¹ Graduanda de Letras, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); escrevente no projeto Escrevivendo a liberdade. Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4192-3090>. E-mail: ananobre2001@gmail.com

² Graduanda em Direito, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP); bolsista PIBIC/CNPQ de Iniciação Científica; escrevente no projeto Escrevivendo a Liberdade. Franca, São Paulo, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8292-1967> E-mail: brunaajm@gmail.com

³ Graduada em Letras, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), especialização em curso em Formação de Escritor na PUC-Rio; escrevente no projeto Escrevivendo a Liberdade. Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0503-7836> E-mail: lrios@id.uff.br

⁴ Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista PIBIC/CNPQ de Iniciação Científica; escrevente no projeto Escrevivendo a Liberdade. Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9649-6001> E-mail: sophiaw.castro123@gmail.com

Abstract: *The present report tells, from four voices, different moments of academic formation, the work and importance of the extension project *Escrevivendo a Liberdade* (linked to the State University of Rio de Janeiro, under the coordination of Vanusa Maria de Melo and Socorro Calhau) focused on acting during the pandemic scenario. We seek to address not only the difficulties faced by socio-education in the face of the sanitary moment experienced by the country, but also the ways the project has found to maintain and strengthen the link between the university and its discussions and society from a perspective of non-formal education. We understand that the processes they went through inside and outside contexts of deprivation of freedom were of intense emotional overload that demanded solutions and proposals for collective care found in the literature. Therefore, we report these contacts, readings, exchanges and concerns worked internally by the members of the expanding project and the affection elaborated in our new forms of interaction with teenagers.*

Keywords: *Extension. Escrevivência. Socioeducation. Pandemic.*

Resumen: *El presente reporte relata, a cuatro voces, en diferentes momentos de la formación académica, el trabajo y la importancia del proyecto de extensión *Escrevivendo a Liberdade* (vinculado a la Universidad Estadual de Río de Janeiro, bajo la coordinación de Vanusa Maria de Melo y Socorro Calhau) se centró en actuar durante el escenario de la pandemia. Buscamos abordar no solo las dificultades que enfrenta la socioeducación ante el momento sanitario que vive el país, sino también las formas que ha encontrado el proyecto para mantener y fortalecer el vínculo entre la universidad y sus discusiones y la sociedad desde una perspectiva de la educación no formal. Entendemos que los procesos por los que atravesaron dentro y fuera de contextos de privación de libertad fueron de intensa sobrecarga emocional que exigieron soluciones y propuestas de cuidado colectivo que se encuentran en la literatura. Por ello, informamos de estos contactos, lecturas, intercambios e inquietudes trabajados internamente por los integrantes del proyecto en expansión y el afecto que se elabora en nuestras nuevas formas de interacción con los adolescentes.*

Palabras clave: *Extensión. Escrevivência. Socioeducación. Pandemia.*

Inicianças

O trabalho do projeto *Escrevivendo a Liberdade* se iniciou em meados de março de 2019, como projeto de extensão da Faculdade de Educação, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Entre os meses de março e julho, além de serem realizados os processos seletivos para o primeiro grupo de bolsistas, também foi desenvolvida uma formação em formato de oficina de escrita criativa, oferecida tanto para as bolsistas da época — Jéssica Montuano, Beatriz Batistela, Raissa Martins, Larissa Santos e Fabiana Pereira — quanto para a comunidade da UFF. O curso não era fechado, dessa forma, além da participação de alunos de graduação da própria universidade, contamos com a presença do público externo. A atividade era realizada uma vez por semana e se estendeu até o final do ano. Também foi

realizada uma oficina desse mesmo tipo com 20 servidores públicos do sistema socioeducativo. Em paralelo, também era feito um encontro semanal entre as coordenadoras do projeto — Vanusa Maria de Melo e Sandra Maciel — e as bolsistas, para a discussão de textos e propostas a serem desenvolvidas no ambiente de socioeducação do estado do Rio de Janeiro.

Vale pontuar que, apesar de as coordenadoras terem atuação prévia nesses espaços, a maioria das bolsistas iriam viver esse contexto pela primeira vez, o que tornou necessário maiores estudos sobre a área, já que o tema não tem sido amplamente discutido nas ementas de licenciatura. Os principais locais de atuação são: o Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE) – tanto a unidade masculina quanto a feminina localizados na Ilha do Governador, Rio de Janeiro – e Casa Mãe Mulher, em Belford Roxo.

Os encontros com as adolescentes na Unidade de Internação Feminina Professor Antonio Carlos Gomes da Costa (PACGC), localizada na Ilha do Governador, se iniciaram em julho, momento de férias escolares para elas, o que acabou se tornando estratégico para a viabilização de um horário na unidade feminina. A partir dessa entrada, começamos a realizar encontros semanais com as meninas, aos quais levamos livros e textos diversos de autoria majoritariamente negra, africana ou latino-americana. Dentre alguns dos autores apresentados temos: Ryane Leão, André Gabeah, Ondjaki, Marina Colassanti. Todos os encontros também impulsionavam uma produção escrita que se pautava e era incentivada pela *escrevivência* proposta por Conceição Evaristo, que “[...] conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva [...]” (EVARISTO, 2017). Permanecemos com essas atividades presenciais na unidade até março de 2020, quando se iniciou a pandemia.

As atividades práticas do grupo escrevendo passam por fundamentações teóricas relacionadas às perspectivas de educação não formal, uma vez que nossa proposta de atividade com a leitura e escrita estão desvinculadas das formas tradicionais de aprendizado. Buscamos uma educação conectada com a realidade daquelas que participam do grupo (FREIRE, 1967), capaz de escutar o que as adolescentes têm para dizer, numa troca de saberes que funciona como via de mão dupla. Dessa maneira, é possível trabalhar pela liberdade, e, coletivamente, “imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade” (HOOKS, 2013, p. 273). As autoras Vanusa Melo e Jéssica Mattos relatam que:

A experiência que temos vivido no projeto Escrevendo a liberdade nos mostra que, de fato, o trabalho de formação de escritoras a partir da leitura de literatura, colabora para uma prática pedagógica em liberdade. Ao falar em liberdade, pensamos no sentido que Bell Hooks deu à transgressão, sobre ir além dos padrões impostos e das práticas escolares já conhecidas, muitas vezes não revistas e que não desejamos reproduzir também no espaço não formal de educação que estabelecemos na unidade. (MELO; MATTOS, 2020, p. 234)

Vale apontar que, em paralelo, reforçando o valor extensionista do projeto, as bolsistas e coordenadoras também escreveram três artigos em conjunto. Realizamos mais uma turma do curso de Educação em contexto de privação de liberdade, em conjunto com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Popular (GEPEP) e recebemos o prêmio Paulo Freire conferido pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ)⁵.

Essas produções e a atuação realizada no período reforçam a importância de projetos de extensão como este. Em 2020, diante das surpresas e incertezas da quarentena, o Escrevendo a Liberdade mudou de casa, seguiu sob a coordenação da professora Vanusa Maria de Melo e foi acolhido pelo projeto de extensão Do cárcere à universidade, sob coordenação da professora Socorro Calhau, passando, então, a ser vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Iniciamos 2020 com atividades regulares e uma presença constante na unidade feminina, contudo, havia as notícias de incertezas em relação ao novo coronavírus. Nesse cenário, as atividades da unidade foram suspensas e começamos nossas articulações internas para nos adaptarmos à nova realidade.

Cheganças

A pandemia da Covid-19 foi alarmada, no Brasil, no dia 13 de março de 2020, pela Organização Mundial de Saúde. Desde essa data, houve a adoção de protocolos de prevenção à pandemia, a exemplo das medidas de restrição de circulação de pessoas, a necessidade de higiene das mãos, uso de máscaras, distanciamento social e testagem de pacientes com sintomas. O primeiro semestre de 2020, então, foi tomado pelo caos, medo e incertezas, que impactaram diretamente o cotidiano da cidade. Diante das características do vírus, houve uma

⁵ Disponível em: <http://www.alerj.rj.gov.br/Visualizar/Noticia/47261>. Acesso em: 28 set. 2021.

mobilização de alguns órgãos do Brasil para fiscalizar e colocar em prática a adoção de medidas que pudessem limitar a propagação da Covid-19 em espaços de privação de liberdade para adolescentes e jovens no país. Essas medidas foram reunidas na Recomendação nº 62, de 17 de março de 2020 (BRASIL, 2020), que, no seu Art.11, discorre sobre regras referentes à visitação a partir da formulação de um plano de contingência pelos gestores dos estabelecimentos.

Tendo em vista esse panorama, as atividades que aconteciam pelo Escrevivendo a Liberdade foram suspensas. O grupo, então, movimentou-se de duas formas: articulação de maneiras de manter contato com as adolescentes e foi iniciada uma dinâmica de encontros *online*, às sextas-feiras, com os *escrevientes* – são assim denominadas as pessoas que compõem o projeto Escrevivendo a Liberdade. Organizamos, então, em maio, a primeira chamada para novos integrantes, compreendendo que seria possível desenvolver um processo de formação por videoconferências.

A partir desses novos contatos, nosso grupo passou a ser composto por 18 escrevientes de formações distintas – pedagogas, professoras de português e literatura, geógrafas, historiadoras e produtora cultural. Durante esse período, estruturaram-se dentro do projeto formas de pensar atividades para os adolescentes em privação de liberdade que tentassem substituir as propostas presenciais do projeto: primeiras formas de manter contato com cartas, vídeos de contação de história, envio de livretos, *kits* de escrita e higiene pessoal.

Nas trocas de cartas, o principal objetivo era manter o vínculo com as adolescentes, oferecendo afeto mesmo que a distância, o conteúdo das correspondências versava sobre os sentimentos durante a pandemia, além das leituras em andamento. Já nos vídeos de contação de história, o objetivo era que as adolescentes pudessem visualizar nossas imagens e que a leitura continuasse presente, por meio da gravação dos escrevientes que se filmavam, cada um na sua residência, recitando um poema ou contando uma história curta de tema livre.

Os livretos consistiam em um compilado de textos, como cordéis e poemas, enviados para o Centro de Socioeducação Professor Antonio Carlos Gomes da Costa (Cense PACGC) e para a Casa Mãe, a seleção era feita por nós do grupo Escrevivendo, e buscamos, preferencialmente, escritores que retratam a realidade das periferias, como Sérgio Vaz, além de autoras com representatividade negra, como Maya Angelou. Os livretos eram entregues em conjunto aos *kits*, que incluíam itens para a escrita, como folhas, caneta, lápis entre outros, além de produtos de higiene pessoal.

Também desenvolvemos mais a nossa presença no *Facebook*, *Instagram* e *Youtube* com conteúdos literários voltados para as autoras e autores que são nossas referências, sempre vinculados às noções de escrevivência e da literatura como um direito humano (CÂNDIDO, 2004; CASTRILLÓN, 2011). Posteriormente, realizamos uma campanha para arrecadar fundos e ampliar a abrangência do projeto. A campanha iniciou-se em novembro de 2020 e se encerrou em janeiro de 2021, foram 14 encontros *online* transmitidos no *Youtube*, com presença de mais de 20 palestrantes, dentre eles contadores de histórias, escritores, cantores, compositores, atores, poetas, professores, todos disponíveis para conversar sobre suas vivências, literatura e liberdade.

Em paralelo a essas movimentações, não deixamos de ficar atentas às complicações que a pandemia provocou na socioeducação: até 22 de setembro de 2021 ocorreram 86 casos de adolescentes infectados pelo coronavírus no sistema socioeducativo do estado do Rio de Janeiro, o número de casos entre os servidores desse sistema era 364, chegando a 11 óbitos (BRASIL, 2021). Esses dados não são necessariamente compatíveis com a realidade, é necessário considerar os baixos índices de testagem e a falta de divulgação de informações internas.

Segundo o Mecanismo Estadual de Prevenção e Combate à tortura do Rio de Janeiro (RIO DE JANEIRO, 2020), a realidade das unidades socioeducativas durante a pandemia é marcada pela falta de políticas de isolamento, quantidade insuficiente de equipamentos de proteção individual (EPI) e condições insalubres, com escassez de produtos de higiene. Portanto, o sistema socioeducativo sofreu diversos impactos decorrentes da pandemia, além da perda de funcionários que vieram a óbito e o adoecimento daqueles que ocupam esse espaço, os adolescentes em cumprimento de medida tiveram uma série de direitos sendo violados.

Foi nesse contexto que, em outubro de 2020, entramos em uma nova e importantíssima atividade para o Escrevivendo a Liberdade: iniciamos encontros na Casa Mãe Mulher — localizada em frente a uma unidade socioeducativa em Belford Roxo, na Baixada Fluminense. A iniciativa de Sandra Santos, servidora do Degase, fundadora e coordenadora da Casa Mãe Mulher, tem como objetivo o acolhimento das mães que costumam ser a pessoa da família mais presente nos dias de visitação das unidades socioeducativas.

Esse espaço, além de proporcionar um ambiente adequado para a espera dos horários disponíveis para visitação, também oferece refeições e oficinas, inclusive a nossa, dentro do projeto “Arroz, feijão e poesia”. Nessa proposta, nossa atuação consiste na entrega de cestas

básicas para as famílias que frequentam o local, além de dinâmicas relacionadas à leitura e à escrita, em um dos encontros uma das mães participantes comentou “Eu fui escrever com fome e não consegui, mas como é que a Carolina Maria de Jesus conseguia?” (Jussara, 10/11/2021). Essa fala traz parte da justificativa do projeto, que busca contribuir para a segurança alimentar das famílias e promover a literatura nesses espaços.

Sabemos e vemos, a cada semana em que realizamos o trabalho no espaço Casa Mãe Mulher, da realidade enfrentada pelas figuras femininas, em foco as mães, responsáveis pelo seu jovem familiar na unidade. Também se sabe da precariedade das condições externas à unidade socioeducativa, tão grande quanto interna, sem conforto às visitantes, como falta de assentos, proteção do sol e chuva, amparo. Pensando nessa cruel circunstância, a Casa Mãe Mulher marca seu espaço de diferença, desenvolvendo o papel que o Estado deveria cumprir.

Esperanças

Janeiro de 2021 se apresentou com a finalização da campanha, na qual conseguimos arrecadar quantia suficiente para viabilizar financeiramente a ampliação do projeto, possibilitando, por exemplo, a compra de livros e outros materiais. Infelizmente, a situação de saúde pública se tornava mais grave, com a oscilação e subsequente aumento de casos da Covid-19. O Escrevivendo a Liberdade, assim como outras esferas da sociedade, precisou encontrar formas de se adaptar e continuar desenvolvendo o importante trabalho que fazemos. Nesse mesmo mês, além de retomar, seguindo as orientações sanitárias, as atividades na unidade feminina e em uma unidade masculina localizada no município do Rio de Janeiro.

Posteriormente, em março, uma nova entrada de escrevíveis aconteceu. No contexto de pandemia, com a ampliação das ações remotas, mais pessoas de fora do Rio de Janeiro passaram a compor o projeto. O fato de as reuniões semanais ocorrerem de forma virtual facilita com que haja escrevíveis de diferentes partes do país e até do mundo, como São Paulo, Bahia e Equador. Além disso, mesmo a distância, todos conseguem contribuir para algumas das atividades desenvolvidas pela extensão, por exemplo, auxiliando nas mídias sociais ou oferecendo oficinas nos encontros *online*.

Nas reuniões semanais, que acontecem remotamente, debatemos questões relacionadas à privação de liberdade a partir de sugestões de determinadas leituras, sejam elas: artigos, capítulos, teses e livros literários de poesia, contos e romance. Além disso, dentro do projeto,

238

existem sete núcleos: de atividades presenciais, comunicação, articulação política, contação de histórias, pesquisa, criação de material e organização de arquivos. O grupo busca o acolhimento em todas suas atividades, então, as novas escrevintes sempre tiveram suas dúvidas e anseios ouvidos num espaço aberto para partilha de sentimentos e reflexões. O fato de ser remoto traz a possibilidade de pessoas de diferentes regiões estarem nas reuniões, pensando criticamente sobre a temática, além de agregarem com sua bagagem histórica, cultural e de vida.

Nos encontros de formação dos escrevintes, lemos autoras como Silvia Castrillón e Maria Teresa Andruetto, que instigam o debate sobre a necessidade de compreender a escrita e a leitura como direitos que devem ser preservados em qualquer situação. Inclusive, evidenciamos a sua relevância no contexto de privação de liberdade. Além disso, é com a visão sobre literatura dessas autoras que compactuamos e a qual buscamos transmitir durante as oficinas com as adolescentes e com aquelas que frequentam a Casa Mãe Mulher.

Teríamos então, ao menos em nossos países, de definir a leitura e a escrita como direitos, como práticas que ajudam as pessoas a construir sua individualidade, a criar seu espaço no mundo e a estabelecer relações com os demais. Como necessidades relacionadas com a participação cidadã, e não, como estamos acostumados a vê-las como um luxo associado ao ócio e ao tempo livre ou como uma obrigação escolar. (CASTRILLÓN, 2011, p. 93-94)

Em geral, as novas integrantes possuem alguma relação com trabalhos desenvolvidos no interior de instituições privativas de liberdade. Algumas pessoas já trabalhavam ou atuaram no Degase e outros contextos similares. Nosso grupo já se aproxima a partir de uma prática que foge de um simples conteudismo e compartilha escuta para as questões que os adolescentes vivem ali dentro e fora daquele contexto, de modo a valorizar e acolher suas histórias, memórias, sonhos, angústias, visões de mundo.

A soma de experiências de novas escrevintes contribui para o desenvolvimento da extensão, que trabalha pelo diálogo entre universidade, sociedade civil e unidades socioeducativas. Entendemos que a universidade desempenha um papel relevante para a abertura desse processo de comunicação, contribuindo para ampliação do debate sobre a realidade das instituições privativas de liberdade (OLIVEIRA, 2017). Além disso, a universidade pode “protagonizar ações que promovam a redução quantitativa (menos prisões e

pessoas presas) e qualitativa (espaços menos fechados ao entorno social) do cárcere” (BRAGA, 2014, p. 369).

É pensando nisso que o *Escrevivendo a Liberdade* desenvolve as suas práticas extensionistas não apenas pela atuação em nossas redes virtuais e seminários, mas com a aproximação constante e os aprendizados trocados com as adolescentes presentes na socioeducação. Ademais, a leitura e a escrita configuram como uma prática de cuidado da mente diante da realidade vivenciada pelas adolescentes, possibilitando a criação de espaços para performance de liberdade dentro do confinamento (FELISBERTO, 2018). Nesse sentido, uma das adolescentes comentou “parecemos uma família, aqui, comendo coisas de ceia, conversando, lendo, nem parece cadeia” (Rosa, 21/12/2019). Além disso, as jovens poderão expressar e compreender os seus sentimentos e opiniões, em uma das leituras individuais propostas Dália (15/02/2020) disse “dá para entender eu mesma”.

Diante de um contexto pandêmico tão adoecedor, o projeto se mostra importante para resgatar assuntos e práticas que nos movem como educadoras, como pessoas, como leitoras, como escritoras. As subjetividades e singularidades das pessoas que participam do grupo se encontram, se partilham, se misturam. E dentro de todas as discussões, a literatura se faz presente: ela tira do peito os sentimentos que transbordam.

Referências

BRAGA, Ana Gabriela Mendes. Universidade e prisão: inspirações teóricas e experiências referências. **Revista Jurídica da Presidência**, Brasília, v. 16, n. 109, p. 345-371, jun./set. 2014. Disponível em: <https://revistajuridica.presidencia.gov.br/index.php/saj/article/view/15>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Boletim CNJ de monitoramento Covid-19**: registro de casos e óbitos. Brasília, DF: CNJ, 2021. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2021/09/monitoramento-casos-e-obitos-covid-19-150921.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Recomendação nº 62, de 17 de março de 2020**. Recomenda aos Tribunais e magistrados a adoção de medidas preventivas à propagação da infecção pelo novo coronavírus – Covid-19 no âmbito dos sistemas de justiça penal e socioeducativo. Brasília, DF: CNJ, 2020. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2020/03/62-Recomenda%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2021.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 4. ed. reorg. pelo autor. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’. Entrevistadora: Juliana Domingos de Lima. **Nexo**, São Paulo, 26 maio 2017. “Em entrevista ao ‘Nexo’, escritora fala sobre memória, vivência, escrita e os avanços e lutas do movimento negro”. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 8 nov. 2019.

FELISBERTO, Fernanda. Palavras encarceradas: as escrevivências em espaço prisional. *In*: PIRES, Thula; FREITAS, Felipe (org.). **Vozes do cárcere: ecos da resistência política**. Rio de Janeiro: Kitabu, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MELO, Vanusa Maria de; MATTOS, Jéssica Montuano Gonçalves Ramos. Experiências de autoria na socioeducação: literatura em liberdade. Fundação Universidade Federal do Tocantins. *In*: II JORNADA DE ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM CONTEXTOS DE PRIVAÇÃO E RESTRIÇÃO DE LIBERDADE, 2020, Tocantinópolis **Anais** [...] Tocantinópolis: UFT/PROGRAD/PROEX, 2020.

OLIVEIRA, Carolina Bessa Ferreira de. Universidade pública na prisão: desafios para além da pesquisa acadêmica. **ARACÊ – Direitos Humanos em Revista**, ano 4, n. 5, fev. 2017.

RIO DE JANEIRO (Estado). Mecanismo Estadual de Prevenção e Combate à Tortura do Rio de Janeiro. **Relatório Anual 2020**. Rio de Janeiro: MEPCT/RJ, 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1_e_-WNI7cgi38wgBAjbdw0ovrDH58ZjV/view. Acesso em: 21 jun. 2021.

Recebido: 30.09.2021

Aceito: 17.11.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**O TEATRO EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: RELATO SOBRE A FORMAÇÃO
DE UMA REDE**

***THE THEATER IN DEPRIVATION OF LIBERTY: A REPORT ON THE FORMATION
OF A NETWORK***

***EL TEATRO EN PRIVACIÓN DE LIBERTAD: INFORME SOBRE LA FORMACIÓN
DE UNA RED***

Laís Jacques Marques¹

Vicente Concilio²

Resumo: O presente escrito propõe um relato de experiência sobre a união de três universidades que realizam atividades teatrais em espaços de privação de liberdade. São elas a Universidade de Michigan (UM), a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). O objetivo do artigo é evidenciar os avanços, desafios e descobertas realizadas a partir da união das ações realizadas pelas três instituições. Dividido em três seções, na primeira, abordamos quais caminhos cada instituição percorreu até que se encontrassem. Na segunda, o que tal encontro propiciou para o desenvolvimento das práticas em espaços de privação de liberdade e, na seção final, como conclusão, discorreremos sobre as atividades atuais da rede e o que delas nos alimenta para seguirmos na busca pela inclusão do teatro em contextos prisionais e socioeducativos.

Palavras-chave: Teatro e Prisão. Pedagogia. Privação de Liberdade. Sistema Socioeducativo.

Abstract: *This paper proposes an analysis of the experiences of three universities that carry out theater activities in spaces deprived of freedom. They are the University of Michigan (Universidade de Michigan), the University of the State of Santa Catarina (UDESC) and the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UniRio). The objective of the article is evidence the advances, challenges and discoveries made from the union of actions carried out by the three institutions. Divided into three sections, the first one will discuss which paths each institution took until they met. In the second, what this meeting allowed for the development of practices in spaces of deprivation of freedom and, in the final section, as a conclusion, we discuss the current activities of the network and what, from them, feeds us to continue in the search for the inclusion of the theater in prison and socio-educational contexts.*

Keywords: *Theater and Prison. Pedagogy. Deprivation of Liberty. Socio-educational System.*

¹ Atriz e professora de teatro. Doutoranda em Teatro, pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Gravataí, Rio Grande do Sul, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5554-4177> E-mail: laisjacquesm@gmail.com

² Ator, diretor e professor de teatro. Doutor em Teatro, pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Teatro do Programa de Pós-Graduação em Teatro, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2897-1581> E-mail: viconcilio@gmail.com

Resumen: Este artículo propone un análisis de las experiencias de tres universidades que realizan actividades teatrales en espacios privados de libertad. Son la Universidad de Michigan (UM), la Universidad del Estado de Santa Catarina (UDESC) y la Universidad Federal del Estado de Río de Janeiro (UniRio). El objetivo del artículo es evidenciar los avances, desafíos y descubrimientos de la unión de acciones llevadas a cabo por las tres instituciones. Dividido en tres secciones, en la primera discutiremos qué caminos tomó cada institución hasta que se conocieron. En el segundo, lo que permitió este encuentro para el desarrollo de prácticas en espacios de privación de libertad y, en el último apartado, como conclusión, comentamos las actividades actuales de la red y lo que, a partir de ellas, nos alimenta para continuar en el buscar la inclusión del teatro en contextos penitenciarios y socioeducativos.

Palabras-clave: Teatro y Prisión. Pedagogía. Privación de libertad. Sistema socioeducativo.

Preâmbulo

Neste escrito, relatamos parte de nossa história enquanto rede de pessoas que atuam em espaços de privação de liberdade através de programas de extensão e de pesquisa vinculados a três Universidades. São elas a Universidade de Michigan (UM), a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Em três seções, iniciamos o relato no objetivo de evidenciar o trajeto que percorreram tais instituições até que seus caminhos se cruzem. Na segunda parte, compartilhamos o que cada uma realizou e realiza atualmente e o que, de tais ações, convergiram para a formação de um grupo. Por fim, apontamos quais aspectos reverberam em nossas práticas artísticas e pedagógicas, além de cotejar as transformações dos modos com que nos percebemos e nos relacionamos a partir da perspectiva da privação de liberdade.

De modo breve, pois aprofundaremos nosso histórico a seguir, em curtas linhas é possível afirmar que nossa história começou oficialmente em 1995, ano em que uma das três Universidades componentes da teia que aqui será apresentada registrou, academicamente, suas atividades teatrais em prisões. Nos referimos ao *Prison Creative Arts Project* (PCAP), potente projeto extensionista da Universidade do Michigan. Atualmente, o PCAP é considerado entre pessoas estudiosas da temática das artes em privação de liberdade como a maior organização de práticas artísticas em prisões do mundo.

Se por um lado, os Estados Unidos é o país com maior índice de pessoas privadas de liberdade mundialmente, conforme o levantamento do *Institute for Crime & Justice Research* (ICPR), que apontou 2,1 milhões de pessoas presas nos EUA no ano de 2020, o Brasil ocupa já o

terceiro lugar no *ranking*. Aqui, faz-se necessário mencionar a demora de nosso país frente à adesão da abolição da escravidão, sendo o último das Américas a admitir liberdade para pessoas que foram escravizadas ao longo do dito processo civilizatório nacional. A nosso ver, muito mais de 500 anos refletem no cenário que o Brasil vivencia quando o assunto é cárcere (BORGES, 2019).

No Brasil, é, em 1997, que a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) passa a atuar em prisões, o projeto nasce e se mantém em caráter extensionista nos presídios do estado. Entretanto, é necessário dizer que há registros do teatro sendo feito em prisões nacionais muito anteriores ao período em que iniciam o projeto. Parte do histórico do teatro realizado em prisões em nosso país é investigado por uma das coordenadoras do projeto de pesquisa e extensão *Observatório de práticas artísticas no cárcere e em espaços de privação de liberdade*, a Profa. Dra. Viviane Narvaes. A teatróloga pesquisou o Teatro do Sentenciado, criado por Abdias do Nascimento (1914 - 2011), no período em que o mesmo esteve preso (NARVAES, 2020). Para não alterarmos em demasia a rota de nosso relato, voltemos às conexões que nos transformaram em grupo.

Em 2017, outro importante feito une a UDESC às duas Universidades supracitadas, o ano marca o ingresso de práticas teatrais na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina, a partir do projeto de pesquisa e extensão *Teatro e Prisão: Infiltrações das Artes Cênicas em Espaços de Vigilância*, coordenado pelo Prof. Dr. Vicente Concilio. Aqui, faz-se relevante apontar que também passamos a atuar no sistema socioeducativo da mesma cidade, já no ano de 2019, como mais uma ação desenvolvida pelo projeto.

Nosso encontro foi e é propulsor de ações que reverberam não só na prática pedagógica do teatro, mas na tarefa de respaldar direitos muitas vezes negados a quem passa por privação de liberdade. É a partir desse fértil encontro entre programas de extensão e pesquisa que iniciamos a exposição de nosso relato.

Sobre a rede

Há, portanto, esses acontecimentos que cresceram, que cresceram - como se diz de uma árvore que ela cresce ou das paredes da casa que elas sobem; há redes que se tecem e se tramam, como tantas teias de aranha na bifurcação dos galhos ou nos recantos; ainda que passem os pássaros e a vassoura da dona da casa. (DELIGNY, 2015, p. 16)

O pedagogo francês Fernand Deligny (1913 - 1996), na obra *O aracniano e outros textos* (2015) faz jus ao nosso entendimento de rede ao relatar o que mobilizou suas pesquisas com crianças autistas em conflito com a lei na França. Deligny foi diretor de um centro de observação para crianças autistas e, segundo consta em investigações realizadas pela pesquisadora brasileira Sônia Regina da Luz Matos (2017), é possível analisar seu trabalho em duas fases. A primeira, em que o autor atuou por mais de dez anos em institutos correccionais e a segunda em que, desvinculado dos centros, criou um instituto próprio de descobertas artísticas, intituladas por ele como *cartografias aracnianas* (DELIGNY, 2015), com as crianças e jovens “desadaptadas/os” a que atendia.

Deligny ampliou o conceito de rede a partir do viés aracnídeo e, ao criar sua *cartografia aracniana*, engendrou estabelecer novas linhas, de fugas dos preconceitos sociais, mas principalmente de expressões, para a descoberta da potência inventiva de jovens autistas que, dado o contexto de miséria fruto da primeira guerra mundial que a França enfrentava, poucas alternativas de sobrevivência possuíam, para Deligny (2015, p.15), “A rede é um modo de ser” O centro que o pedagogo criou abrigava não só jovens autistas, mas seus familiares e a comunidade ao redor do local. Estes realizavam tarefas como preparar refeições, conservar o espaço físico e ensinar seus ofícios aos jovens, que, ali, tinham liberdade para sair, trabalhar ou se divertir e retornar quando quisessem ao centro. Gradualmente, Deligny desenvolveu uma pedagogia amparada no convívio da juventude autista em conflito com a lei e a sociedade, objetivando o contrário do que fazem os centros de internações, que os apartam do convívio social.

Já que compreendemos os liames componentes da rede como uma ação metodológica de apoio mútuo, pedagógico e social, se faz necessário, a nosso ver, compreender como tal teia se iniciou para que saibamos de forma e para que lado tecer mais e melhor nosso emaranhado trabalho. O questionamento quanto às origens da teia que tecemos é novamente despertado por influência de Deligny que diz:

Seduzido por essa palavra - aracniano -, fui procurar a aranha como termo de uma analogia. O inconveniente dessa escolha é que a aranha não é social; é solitária, e sua obra, ela a realiza sozinha, enquanto formigas, cupins e outros trabalham em coro; assim também, o homem. Por mais semelhante que seja a teia de aranha, a rede é obra de alguns, e uns mais uns são vários, sem que seja possível, como quando se trata dos cupins trinervitermes, identificar o mestre de obras que teria tido o projeto em gestação em sua cabeça, sua alma ou se coração. (DELIGNY, 2015, p. 24)

Sendo impossível, segundo a perspectiva de Deligny (2015), encontrar um “mestre de obras” de uma rede, nos interessa compreender, nesse primeiro movimento propiciado pelo desejo coletivo de tecer juntas/os, unir nossos fios, como se deu a busca por fortalecer a trama que criamos, enquanto educadoras/es de teatro em espaços de privação de liberdade.

Começamos pelas ações desenvolvidas (ou tramadas) por quem se encontra mais distante - no quesito geográfico - das práticas pedagógicas de teatro brasileiras, principalmente para que seja visível a linha do tempo de nossas ações até a chegada na formação de um grupo. O movimento iniciado pela teatróloga estadunidense Ashley Lucas enquanto diretora do PCAP abrangeu realizar amplo levantamento mundial do histórico do teatro em prisões. Na obra *Teatro em prisões e a crise global do encarceramento*, de Lucas (2021), além de ter relatado como chegou até a temática da arte atrás das grades, presenciou apresentações e oficinas teatrais em presídios do mundo e entrevistou participantes e seus familiares. De suma relevância a quem se dedica ao tema, a obra é rica na medida em que nos permite o acesso às opções metodológicas de trabalhos desenvolvidos mundo a fora.

Dentre as ações do PCAP, sabe-se, a partir do capítulo do livro *A busca do comum – práticas artísticas para outros futuros possíveis* (CRUZ; CRUZ; BEZELGA; FALCÃO e AGUIAR, 2019), intitulado *Avançamos juntos – um programa de intercâmbio sobre teatro nas prisões entre três universidades*, escrito por Lucas, Natália Fiche (uma das coordenadoras do grupo de teatro nas prisões da UniRio) e Concilio, que “o PCAP oferece atividade artística para adultos em todas as vinte e seis prisões estatais e uma prisão federal em Michigan, em duas instalações para jovens e em uma comunidade de habitação pública” (LUCAS; FICHE; CONCILIO, 2019, p. 131). De acordo com o estudo, um dos objetivos centrais do PCAP é desenvolver autonomia nos processos artísticos de quem participa das oficinas.

Lucas assumiu a direção do PCAP no ano de 2013, a convite da Universidade de Michigan, a partir daí, criou duas matérias no centro de artes em que leciona. Uma delas, intitulada Teatro e Encarceramento, tornar-se-ia obrigatória a quem desejasse fazer parte do “Programa de Intercâmbio do PCAP com o Brasil – uma aula de estudos no exterior na qual os estudantes da Universidade de Michigan recebem créditos através do Departamento de Teatro e Drama por seu trabalho com parceiros nas universidades brasileiras” (CRUZ; CRUZ; BEZELGA; FALCÃO e AGUIAR, 2019, p. 13). Dá-se então, em 2013, um forte laço em nossa trama.

Aqui, nossa rede se emaranha, sobre a participação de estudantes da Universidade de Michigan no Rio de Janeiro, faz-se necessário apresentar o surgimento do teatro realizado pela UniRio como projeto de extensão. Fundado por Fiche e Maria de Lourdes Naylor Rocha, a partir da visita ao Brasil de Paul Heritage, em junho de 1997, o Departamento de Artes da Universidade decidiu consolidar o trabalho de teatro em prisões como parte de uma atividade de extensão. Lucas, Fiche e Concilio (2019) explicaram que para que as oficinas realizadas pelos grupos em prisões do estado ocorram, é necessária a condução de oficinas introdutórias, prévias, ministradas pelo curso de graduação às pessoas que irão mediar ações nos presídios. Assim, compreende que, além de preparar estudantes para o campo, fortalecem o contato enquanto grupo formador da rede. Ainda, para Lucas, Fiche e Concilio (2019, p. 132), “O trabalho nas prisões não têm interesse em conhecer os crimes cometidos pelos participantes. O único foco é o teatro”. A partir dessa perspectiva, é que se dá, também, os trabalhos desenvolvidos pelas demais instituições.

A parceria entre Universidade de Michigan e UniRio ocorreu mediante a proposta feita pelo Prof. Dr. Renato Icarahy, então chefe do Departamento de Direção da UniRio. Na ocasião, Icarahy propôs a Lucas que levasse estudantes da Universidade de Michigan durante os próximos três anos (portanto de 2013 até 2016), a visitas longas ao Rio de Janeiro para que pudessem conhecer as unidades prisionais em que a UniRio ministrava oficinas, além de estabelecer relações e trocas quanto aos ensinamentos e práticas referentes ao teatro feito em prisões entre as/os estudantes das duas Universidades.

Assim também se aproximou o grupo de teatro em prisão da UDESC, terceira Universidade a somar na construção da rede que UniRio e Universidade de Michigan teciam. Concilio, coordenador do projeto Teatro e Prisão da UDESC, realizou como pesquisa de mestrado um trabalho de inegável relevância a quem se dedica a pensar e fazer teatro entre grades. Referência nacional, a obra *Teatro e prisão: dilemas da liberdade artística* (CONCILIO, 2008) é a primeira a abordar a temática do teatro feito em prisões nacionais. Na pesquisa, refletem-se os processos de montagens teatrais e apresentações realizadas com atrizes, atores e pessoas em privação de liberdade na cidade de São Paulo.

Entre ações espaçadas no Presídio Feminino de Florianópolis - SC sob a coordenação de Concilio, realizadas e interrompidas desde 2013, é, em 2017 e a partir do contato com o Centro Ciências Humanas e Educação (FAED) da UDESC, que as atividades ganham maiores proporções. O ano marcou o *1º Seminário Internacional de Educação Artística e Prisional* e

contou com palestras de Lucas e Fiche. A repercussão do evento e as falas das palestrantes - que enalteciam os avanços e conquistas do teatro quanto à melhoria da expressão de pessoas em situação de cárcere - engajaram a coordenadoria do Presídio Feminino de Florianópolis - SC, que, a partir dali, firmou compromisso em permitir e manter as oficinas de teatro na unidade prisional.

A partir do relato sobre a inserção do trabalho da UDESC no presídio Feminino em Florianópolis - SC, é possível refletir que a criação da rede possibilitou ampliar o debate sobre a arte em contextos prisionais, o que auxiliou imensamente na permanência e divulgação do projeto. A credibilidade dada por intermédio da palestra de Lucas e Fiche foram propulsoras do trabalho extensionista e de pesquisa que a UDESC desenvolve até hoje.

Os nós da rede

Acreditamos que os grupos de afinidade trabalhados em rede geram o apoio mútuo. Semelhante esteio notamos nas palavras de Lucas, Fiche e Concílio (2019), quando se referem ao intercâmbio entre as universidades brasileiras. Segundo os autores:

A oportunidade de viajar atraiu novos estudantes para o programa que, de outra forma, nunca teriam ouvido falar do PCAP, trazendo-os, portanto, para o trabalho que fazemos nas prisões de Michigan. Muitos participantes do PCAP relatam que suas experiências no Brasil os ajudaram a entender melhor as lutas pela justiça social e as prisões em um sentido mais amplo. (LUCAS, FICHE; CONCILIO, 2019, p. 133)

Neste relato, é possível observar que não foi só no Brasil que a união entre as Universidades se mostrou profícua, os diferentes desafios de se trabalhar teatro dentro de prisões em Michigan se comparados ao contexto brasileiro. Lucas, em suas palavras, “Nós, de Michigan, passamos boa parte do nosso tempo no Brasil surpresos com o quanto nossos colegas da UniRio e da UDESC realizam com tão pouco apoio de suas universidades” (LUCAS, FICHE, CONCILIO, 2019, p. 133). Segundo Lucas, se por um lado, em Michigan, o controle por parte das administrações penitenciárias durante as aulas do PCAP é mais rígido, aqui, o desafio se dá tanto no campo da segurança (pois, mesmo que menos, também somos vigiadas durante as práticas) quanto ao incentivo para que façamos nosso trabalho. Os apoios financeiros, quando existem, são muito menores do que os que recebem estudantes da

Universidade de Michigan. Isso se dá porque não há fomento para atender aos programas de extensão do Brasil, realidade oposta à vivenciada por Lucas nos EUA.

Conforme já apontado anteriormente no texto escrito em parceria Lucas, Fiche e Concilio (2019), se são pouco valorizados os trabalhos artísticos realizados em cenário nacional, a precariedade de efetua-los em penitenciárias no Brasil tornou-se evidente:

Infelizmente, tanto os projetos de Florianópolis quanto do Rio de Janeiro estão fortemente ligados à iniciativa pessoal dos professores, faltando apoio institucional e recursos necessários para apoiar o trabalho de arte e educação nas penitenciárias. A precariedade orçamentária das universidades públicas brasileiras é responsável por parte dessa dificuldade. No entanto, conhecer a estrutura e as estratégias desenvolvidas pelo PCAP alimenta nossos sonhos e pode inspirar a construção de propostas semelhantes no Brasil. (LUCAS; FICHE; CONCILIO, 2019, p. 133)

Os exemplos vivenciados na prática por parte de estudantes brasileiros que puderam visitar a sede do PCAP serviram de motivação para seguirmos na luta por infiltrar nossa arte em prisões nacionais. E seguirá servindo até que, em algum momento, avancemos e vencemos a precariedade com que nosso trabalho é encarado por parte das autoridades nacionais.

Sobre o intercâmbio entre Universidade de Michigan, UniRio e UDESC, percebemos que “A prisão brasileira é tudo que esperamos em um país em crise: uma sucessão de ausências. Falta de dinheiro, falta de espaço, falta de apoio. Mas quando o grupo se reúne para as aulas, com a vontade de que algo aconteça, o teatro emerge com força” (LUCAS, FICHE, CONCILIO, 2019). É esta força que nos referimos e que nos agarramos para seguirmos em luta, não só para mantermos nosso trabalho em ação nas unidades em que atuamos, mas para que consigamos avançar enquanto sociedade.

Tal força, emergente da prática teatral realizada em prisões, se faz presente em todos os fios que compõe nossa rede, fios estes que se fortalecem na medida em que cruzamos nossos caminhos, como num nó cego. Fiche (2019) também se ampara nessa trama e acredita nas possibilidades que a união do grupo permite. Para a autora:

Esse intercâmbio nos levou a lançar um olhar diferente sobre nosso próprio projeto e a compreender suas qualidades fundamentais. Vemos novas possibilidades de ação em nosso próprio contexto social e político. [...] Os estudantes da UniRio dizem que essa experiência os fez sentir que o mundo é muito maior do que imaginaram. Ao mesmo tempo, torna-os conscientes de que existem outras pessoas compartilhando os mesmos ideais que os deles,

buscando melhorar as vidas daqueles que são excluídos ou menos privilegiados, devido às mais diversas circunstâncias, trazendo amor e sorrisos para aqueles que deles necessitam e oferecendo educação e respeito. Esse sentimento de que compartilhamos propostas artísticas similares com pessoas em outro país fortalece nosso trabalho. (LUCAS; FICHE; CONCÍLIO, 2019, p. 134)

Há, a partir do intercâmbio, a ampliação da sensação de não estarmos sós na luta pelo acesso à arte e pelo desencarceramento. Além disso, a partir dele é possível facilitar as trocas para o aprofundamento de nossas práticas. O movimento retroalimentar que a rede proporciona amplia nossas potências e ações, engendra espaços de trocas e de compartilhamentos. Coletivamente, expomos as angústias que vivemos e que costumeiramente deixamos guardadas em nossa rotina para que não atravessem conosco os muros da prisão, uma vez que nossa premissa para o trabalho é a de levar alegria para a rotina institucional, marcada pela rigidez e pela vigilância.

Retomando o pensamento de Deligny (2020, p. 52), agora em *Semente de crápula - conselhos aos educadores que gostariam de mantê-la*, “Se estiverem trancafiados, tudo o que você pode fazer por eles é trazer-lhes três brotinhos de grama fresca, como faz aquela velha que vem dar uma olhada em seus coelhos na gaiola: bela história, projetos, músicas de caminhada... Mas isso jamais será carne de primeira”. Sabemos nossas limitações enquanto pessoas que engendram levar arte para trás das grades, mas, se nossa tarefa é essa, a de fazer com que o tempo de quem está privada/o de liberdade passe de modo menos doloroso do que corriqueiramente os são, que o façamos! Quem sabe, assim, nos tornemos socialmente mais tolerantes com as diferenças e resolvamos nossos dilemas estruturais de outro modo?

Considerações que não findam

Atualmente, tendo em vista os riscos de aglomerações ou contatos físicos que a pandemia da Covid-19 pode ocasionar, temos nos encontrado (ministrantes das oficinas e demais interessadas/os na temática das artes em privação de liberdade), de modo virtual e semanalmente, para lermos e debatermos textos que dialoguem com nossas ações. No ano de 2020 fora publicado o dossiê *Artes da cena atrás das grades*, pela revista de estudos em artes cênicas Urdimento, da UDESC (URDIMENTO, 2020). Nele constam textos escritos por mais de quarenta pessoas que colaboraram com relatos de experiências de artes vivas realizadas em

sistemas de privação de liberdade. Os estudos que realizamos a partir dos escritos presentes no dossiê nos auxiliaram na tarefa de ampliar a rede iniciada em 2013.

Em outubro de 2021, retomamos virtualmente nossa oficina de teatro no sistema socioeducativo da cidade de Florianópolis, no Centro de Internação Feminina (CIF). Nove jovens em privação de liberdade participam semanalmente dos encontros, que marcados por risadas, momentos de descontração e de escuta, como bem se pretendem nossas ações.

Objetivamos com o escrito relatar o histórico que uniu nossas ações extensionistas e teatrais em espaços de privação de liberdade. Amparamo-nos no pensamento de Deligny (2015, 2020) a respeito das noções de rede e de teia propiciadas pela experiência do autor com jovens autistas em conflito com a lei pois identificamos, nelas, propulsões de liberdade que almejamos atingir com as pessoas privadas de liberdade que encontramos ao longo de nossas atividades. Através da união entre as Universidades e, dada às descobertas que apresentamos ao longo do texto, as palavras de Lucas se fazem pertinentes. Parece-nos que as palavras dela contemplam o que almejamos expor ao longo do texto:

Que milagres o teatro pode nos proporcionar! Nós estávamos alheios ao fato de que éramos vigiados por uma câmera ou rastreados por monitores. Como no Brasil ou em qualquer lugar do mundo, foi assim que aconteceu em Michigan; o teatro nos permite separar o nosso sentimento de aprisionamento. (LUCAS; FICHE; CONCÍLIO, 2019, p. 134)

O sentimento de liberdade é deslocado do conceito de liberdade (que sabemos não ser uníssono, pois é mais um dos conceitos abstratos que pairam em nossa sociedade, mas que, no contexto de privação de liberdade, se faz extremamente material). Tal entendimento é apresentado em nosso relato a partir do olhar das artes vivas, conforme relatado por Lucas (LUCAS; FICHE; CONCÍLIO, 2019). No contexto se engendra, a partir do trabalho promulgado pela rede que tecemos, acima de tudo, a expressão.

Para além de expor os modos pelos quais encontramos reforço na tarefa de promulgar a relevância de nossas ações, com o escrito, propomos também a ampliação da rede de pessoas que atuam com teatro em ambientes de privação ou restrição de liberdade. Desejamos que nossos registros não cessem por aqui e que possamos, a cada encontro, reforçar o compromisso de infiltrar ações artísticas nos locais que costumeiramente nos são negados o acesso. O escrito é também um convite para compor a rede. Sempre em aberto. Sempre possibilidades de aprendizados e de apoio mútuo.

Referências

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CONCILIO, Vicente. **Teatro e Prisão: dilemas da liberdade artística**. São Paulo: Hucitec, 2008.

CRUZ, Carla; CRUZ, Hugo; BEZELGA, Isabel; FALCÃO, Miguel; AGUIAR, Ramon (org.). **A busca do comum** – práticas artísticas para outros futuros possíveis. Porto: i2ADS – Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, 2019.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Trad. Lara de Malimpensa. São Paulo: N-1 Edições, 2015.

DELIGNY, Fernand. **Semente de crápula: conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la**. São Paulo: N-1 edições, 2020.

LUCAS, Ashley E. **Teatro em prisões e a crise global do encarceramento**. São Paulo: Hucitec, 2021.

LUCAS, Ashley E.; FICHE, Natália; CONCILIO, Vicente. Avançamos juntos — um programa de intercâmbio sobre teatro nas prisões entre três universidades. *In*: CRUZ, Carla; CRUZ, Hugo; BEZELGA, Isabel; FALCÃO, Miguel; AGUIAR, Ramon (org.). **A busca do comum** – práticas artísticas para outros futuros possíveis. Porto: i2ADS – Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, 2019. p. 130-136.

MATOS, Sônia Regina da Luz. Os educadores franceses Célestin Freinet e Fernand Deligny. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 2231–2244, 2017.

NARVAES, Viviane Becker. Contribuições para uma história do teatro nas prisões do Brasil. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 39, p. 1-29, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/18847>. Acesso em: 6 nov. 2021.

URDIMENTO - Revista de Estudos em Artes Cênicas. Dossiê Temático: Artes da cena atrás das grades, v. 3 n. 39, dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/issue/view/788>. Acesso em: 18 out. 2021.

Recebido: 30.09.2021

Aceito: 07.11.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

**PAPO LÍRICO ENTRE CELAS: OFICINAS DE LITERATURA E CINEMA NO
CONJUNTO PENAL DE JEQUIÉ**

***PAPO LÍRICO BETWEEN CELLS: CINEMA AND LITERATURE WORKSHOPS IN
THE JEQUIÉ PENAL COMPLEX SCHOOL***

***PAPO LÍRICO ENTRE CELDAS: TALLERES DE LITERATURA Y CINE EN EL
COMPLEJO PENAL JEQUIÉ***

Valeria Lessa Mota¹

Anísio Assis Filho²

Ana Letícia de Jesus Silva³

Elenita Brito Aragão Assis⁴

Emanoel Jorge Leal Braga⁵

Domingos Calixto dos Santos⁶

Resumo: Em 2018, o Papo Lírico, Programa de Extensão da UESB, realizou as Oficinas de Literatura e Cinema que objetivavam ler e discutir obras cinematográficas e literárias prioritariamente baianas, no Complexo Penal de Jequié, com grupos formados por pessoas em tempos formativos diversos e com repertórios culturais diferenciados. Este relato objetiva apresentar esta experiência vista a partir de 2021, no cenário ainda de pandemia da Covid-19. As ações foram organizadas na concepção de oficina e de roda de conversa proposta por estudiosos inspirados pela educação emancipadora de Paulo Freire (1996), quem, ao lado de Antonio Augusto G. Batista (1991), orienta a visão sobre a leitura. A noção de arte

¹Licenciada em Letras. Mestre em Literatura e Diversidade Cultural. Professora da área de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6288-3748> E-mail: valeria.lessa@uesb.edu.br

² Licenciado em Letras. Mestre em Letras, Cultura, Educação e Linguagens. Professor da área de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3671-3278> E-mail: anisioassisfilho@gmail.com

³ Graduada em Letras, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9551-874X> E-mail: analeticia02@outlook.com

⁴ Graduada em Letras; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Professora da rede pública de ensino da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3421-3541> E-mail: elenita.aragao@nova.educacao.ba.gov.br

⁵ Graduado em Letras; Especialização em Antropologia com ênfase na Cultura Afro-brasileira, Jequié, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2502-2631> E-mail: emanoelbraga@gmail.com

⁶ Graduado em Letras; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura. Professor da rede estadual de ensino da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3421-3541> E-mail: domingos.calixto@nova.educacao.ba.gov.br

fundamentou-se em Alfredo Bosi (2004), a de ficção estriba-se na perspectiva de Antonio Candido (1989) e Wolfgang Iser (2002). Tais suportes teóricos amparam a discussão das ações, que propiciaram debates e reflexões acerca das relações entre leitor, vida e mundo, memórias, construções de outras histórias em um movimento humanizador. Esse resultado foi tão positivo que as oficinas foram replicadas com grupos e em ambientes variados, como a praça pública e evento acadêmico. As oficinas e rodas de conversa sobre modalidades artísticas podem ser cada vez mais alternativas oportunas de atividades coletivas em múltiplos espaços de discussão e mais uma via de oposição à crescente onda segregacionista no país.

Palavras-chave: Leitura. Literatura baiana. Cinema. Educação. Espaços socioeducativos e prisionais.

***Abstract:** In 2018, *Papo Lírico*, UESB's Extension Program, held Literature and Cinema Workshops that aimed to read and discuss primarily Bahian cinematographic and literary works at the Jequié Penal Complex, with groups formed by people with different educational backgrounds and also with different cultural repertoires. Through the workshops, developed as conversation circles, the reading of short fictional works favored debates on the relationships between the reader, life and the world, considering that both reading and its object are productions of meaning that rely on the reader's worldview, on his repertoire and class culture and enables him an experience on rewriting that involves self-understanding and reflection on reality. Afterwards, the workshops were held with different groups and in other environments, including the academic. After initial estrangement, the participants got involved in the proposed discussions on the relationship between reader and text, relationship with life and elaboration of self and the other. Understandably, the academic group, made up of undergraduates in Arts, explored the materialities more than others. The Covid-19 pandemic exacerbated individualism, distance, and inequality, in addition to accentuating illness. The feelings provoked by isolation call for urgent changes such as the construction and solidification of ways of living that overcome barriers to equality and brotherhood. Workshops and conversation circles on artistic modalities are increasingly becoming opportune alternatives for collective activities in multiple spaces for discussion and yet another way of opposing the growing segregationist wave in the country.*

Keywords: Bahian literature. Reading. Cinema. Education. Socio-educational space and prison.

***Resumen:** En 2018, *Papo Lírico*, Programa de Extensión de la UESB, realizó Talleres de Literatura y Cine que tuvieron como objetivo la lectura y discusión de obras cinematográficas y literarias principalmente bahianas en lo Complejo Penal Jequié con grupos formados por personas de diferentes épocas educativas y con diferentes repertorios culturales. Este informe tiene como objetivo presentar esta experiencia, vista a partir de 2021, en el escenario aún pandémico de Covid-19. Los talleres se organizaron a partir del concepto de taller y círculo de conversación propuesto por académicos inspirados en la educación emancipadora de Paulo Freire (1996), quien, junto a Antonio Augusto G. Batista (1991), orienta la mirada sobre la lectura. La noción de arte se basó en Alfredo Bosi (2004), la de ficción se basó en la perspectiva de Antonio Candido (1989) y Wolfgang Iser (2002). Dichos soportes teóricos sustentan la discusión de los talleres, que brindaron debates y reflexiones sobre las relaciones entre lector, vida y mundo, recuerdos, construcciones de otras historias en un movimiento humanizador. Este resultado fue tan positivo que los talleres se replicaron con grupos y en diferentes ambientes, como la plaza pública y el evento académico. Los talleres y círculos de conversación*

sobre modalidades artísticas se están convirtiendo cada vez más en alternativas oportunas para las actividades colectivas en múltiples espacios de discusión y una forma más de oponerse a la creciente ola segregacionista en el país.

Palabras clave: *Literatura bahiana. Lectura. Cine. Educación. Espacios socioeducativos y prisioneros.*

Introdução

A pandemia da Covid-19 acontece em um cenário de mundialização do capital a serviço do qual o Estado se organiza, desresponsabilizando-se cada vez mais celeremente da gestão de mediação entre as forças na sociedade de classes o que leva ao caminho da barbárie do lucro acima da sociedade, da humanização e do meio ambiente. Conforme Marques e outros (2021), a pandemia desmascarou a intensa e crescente desigualdade e reclama a necessidade de construir e solidificar modos de viver que unam ao invés de separar, que nos permitam a igualdade de condições e de direitos. O flagelo instigou lembranças e atualizou maneiras arcaicas de trabalho. À moda das guildas, mas em suportes midiáticos, os participantes do Projeto Papo Lírico 2021 se reuniram para registrar a experiência realizada na Escola Anexa ao Conjunto Penal de Jequié, em 2018, este texto é o resultado desse reencontro.

O Papo Lírico, ação extensionista da Área de Estudos Literários, do Departamento de Ciências Humanas e Letras (DCHL), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), tendo por base as pesquisas sobre escritores baianos, nasceu em 2002 como evento, cresceu como extensão continuada e, como Programa se estrutura em ações variadas que visam divulgar a literatura do Estado, incentivar a formação crítica e a criação artístico-literária em diálogo com a comunidade. A partir do convite de dois professores que atuam na Escola Anexa ao Conjunto Penal de Jequié, é que, em 2018, foi planejada a ação objeto deste relato. Institucionalizada a parceria, esta foi viabilizada porque, naquele ano, o Programa obteve financiamento da UESB, contando com uma monitora bolsista e, na fase preparatória, com dois monitores voluntários. Além destes, teve a colaboração de um membro da comunidade, experiente em ações comunitárias em espaços variados, inclusive o prisional (Funcionário da Prefeitura Municipal de Jequié) e do apoio do setor de audiovisual do *campus* de Jequié A proposta da ação foi ler e discutir obras artísticas, cinematográficas e literárias prioritariamente baianas, com os alunos da Escola Anexa ao Conjunto Penal de Jequié.

255

Criada em 1998, a Unidade Penal já foi ampliada e tem capacidade para 416 internos, mas como em outras unidades prisionais no país, a lotação não é respeitada e abriga hoje 556 pessoas entre o sexo masculino e feminino, condenados ao cumprimento de pena em regimes fechado e semiaberto, bem como de presos provisórios das Comarcas relacionadas ao Provimento da Corregedoria Geral de Justiça nº 03/2016 (BAHIA, 2016).

O Conjunto Penal de Jequié é composto por 8 módulos de vivência, em consonância à Lei de Execução Penal (BRASIL, 1984) e à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), há a oferta de educação gratuita nos turnos matutino e vespertino, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) para ambos os sexos, em 5 módulos sendo: 4 módulos para o sexo masculino e 1 módulo para o feminino.

Atualmente, a EJA é ofertada pelo Colégio Estadual Luiz Navarro de Brito, que tem sua sede no bairro KM 3, na cidade de Jequié, e possui no Conjunto Penal de Jequié uma Escola Anexa, mantendo o mesmo nome da escola sede, com a mesma gestão geral e um vice-diretor local. Em 2018, entretanto, a Escola Anexa era ainda vinculada ao Colégio Estadual Professora Georgina Miranda, situada no bairro Jequezinho.

Metodologia

A implementação do ensino em ambiente de privação de liberdade apresenta aspectos que são estritamente peculiares a este meio, os quais foram considerados na proposição da ação do Papo Lírico e na sua consecução. Destaque-se dentre eles, o modelo de correção ressocializadora que regulamenta o discurso jurídico sobre o assunto, conforme apontado por Clarissa Maia (2009) e Daniel Fernandes (2018), que se constrói e auxilia construir no imaginário social a figura do aluno que é “bandido”. A perspectiva educadora que fundamenta o fazer pedagógico precisa lidar com essa dualidade e orientar-se para um aluno como ser humano que possui um histórico de múltiplas violências, inclusive no âmbito educacional e com direito a uma educação crítico-reflexiva, que contribua para o aluno entender-se cidadão, capaz de reconstruir elos de cidadania e ressignificação humana. Desconstruindo aquilo que Paulo Freire (1996) chama de introspecção de uma culpa indevida, esta relativa à estigmatização dos alunos privados de liberdade e seus possíveis sentimentos de marginalização, de serem e terem nascidos delinquentes.

A ação docente dá-se no intervalo entre os sons ressonantes das portas que se fecham à entrada e saída das salas e faz latejar as paredes de uma violência em potencial que não se esgota na privação de liberdade. Esse espaço pode ser definido com as palavras de Denise Carrascosa (2015, p. 13) sobre as cadeias brasileiras: “ferozes mecanismos materiais e simbólicos de subalternização, apagamentos subjetivos e violentação daquilo que é correntemente entendido como condição humana”. Integrada ao módulo presidiário, a sala de aula é um espaço de detenção para os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, situa-se em um lugar incerto: dentro e fora do cárcere. Efeito similar à atividade dos professores e das professoras que também, momentaneamente, estão privados de sua liberdade e que devido a isto precisam controlar os próprios gestos e as práticas docentes. Para o interno, a classe onde ocorre a aula pode ser uma sala coletiva dentre outras do presídio, mas que pode lhe abrir, senão portas, frestas para possíveis liberdades.

A esse aspecto do ensino no ambiente prisional, destaca-se um outro que interfere na docência e no funcionamento da Escola Anexa ao Conjunto Penal de Jequié. Cada um dos 5 módulos tem a sua classe específica composta daqueles que querem e podem participar da formação educacional. Não é possível ao residente de um módulo frequentar a classe de outro módulo. Com isso, as classes são compostas por alunos de níveis escolares diferentes e quase sempre possuem duas turmas, de tempos formativos ou eixos diferentes que ocupam a mesma sala ao mesmo tempo. Não obstante, a característica majoritária da população carcerária do Brasil, as classes da Escola Anexa ao Conjunto Penal de Jequié têm um perfil de educandos comparável ao das escolas públicas brasileiras quanto ao repertório artístico-cultural, nível econômico e social. Aponte-se ainda a configuração incerta da classe a cada encontro em decorrência, dentre outras coisas, de alvarás e transferências de módulos ou unidade prisional.

O Papo Lírico entre Celas foi planejado tendo em vista o ambiente socioeducacional penal com seus estigmas, sua condição subalterna e submetida, os grupos variados tanto do ângulo da formação educacional quanto do repertório cultural e de classe social. Foram consideradas ainda as relações de poder que se constituem fora e dentro do sistema prisional, que se reproduzem não apenas nas leis, mas no discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder, operante nos corpos, gestos, discursos e desejos, conforme apontado por Michel Foucault (1979). O intuito era, e faz-se cada vez mais relevante quando grande parte da população é coisificada e vista como descartável, fruir a arte, ou seja,

cultivar o caráter criador, crítico, formativo e sensibilizador das obras produzidas por artistas regionais e, ao mesmo tempo, divulgar essas criações. O problema, portanto, era promover atividades em que as dessemelhanças, de valores, *status*, repertórios dos envolvidos na prática extensionista não fossem empecilhos para o diálogo e o intercâmbio de experiências da maneira mais igualitária possível.

A oficina foi escolhida por sua eficiência do ponto de vista estrutural e do ponto de vista pedagógico, como afirmam Léa Anastasiou e Leonir Alves (2004, p. 95), essa maneira de proceder é “lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá”. Abre possibilidade para o uso de recursos variados desde músicas e textos a observações diretas, vídeos, experiências práticas, dando lugar à “vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva” (ANASTASIOU; ALVES, 2004, p. 95), e como dizem Elaine Vieira e Lea Volquind (2002, p. 11), pode instalar “troca de relações, funções, papéis entre educadores e educandos” e articular e integrar saberes.

A oficina favorece uma *práxis*, a vivência artística e a reflexão sobre ela, realizadas por todos os envolvidos, por meio das “rodas de conversa” contribui para horizontalizar as relações entre os envolvidos na ação. A organização espacial dos participantes em círculos dá corporeidade à proposição de igualdade e liberdade dos participantes que se dispõem a falar ou silenciar ao sabor dos desejos e interesses. Compreende-se, também fundamentados na proposta educacional freireana (FREIRE, 1996, 1983), as rodas de conversa como “uma estratégia política libertadora, que favorece a emancipação humana, política e social de coletivos historicamente excluídos” (SILVEIRA; HILÁRIO; OLIVEIRA; MARTINS, 2012, p. 69), foi a concepção educacional adotada. Significa “uma postura ético-política em relação à produção do conhecimento e à transformação social, efetivando-se a partir das negociações entre sujeitos” e reflete a compreensão de construção do conhecimento como um “movimento contínuo de perceber – refletir – agir – modificar, em que os participantes podem se reconhecer como condutores de sua ação e da sua própria possibilidade de ‘ser mais’” (SILVEIRA; HILÁRIO; OLIVEIRA; MARTINS, 2014, p. 69).

No Programa Papo Lírico, a leitura é interpretada como produção de sentido que depende da visão de mundo, do repertório de vida que envolve a cultura de classe do leitor, conforme estabelece Freire (1983), ao declarar a precedência da leitura da vida sobre a leitura

da palavra, a qual possibilita ao sujeito leitor a reescrita que envolve a autocompreensão e a reflexão sobre a realidade. Nesse sentido, a leitura pode ser vista como feita de camadas, cujo tecido envolve habilidades e traz dimensões psicológicas e linguísticas, históricas e sociais. Assim, permite tanto “compreender as práticas efetivas e concretas do ato de ler” quanto “situar-se, nessas práticas efetivas e concretas do ato de leitura, que é universalizado e apresentado, pelas investigações psicológicas e linguísticas, como a leitura” (BATISTA, 1991, p. 35).

Se a arte, ou seja, o objeto estético que é criação, conhecimento e expressão (BOSI, 2004), fosse uma colmeia, as paredes das celas, literatura e cinema, seriam dissolvidas em alguns pontos, dentre os quais o da linguagem e o da ficção. Esta que ocupa um grande espaço de intersecção entre a arte literária e a sétima arte foi mobilizada na atividade extensionista que ora se registra. A ficção pode ser compreendida como um processo de falar de algo enquanto quer se tornar a própria coisa de que fala. Seria, portanto, uma forma dotada de sentido que produz sentido para algo fora dela, àquilo com que se parece, àquilo a que poderia fazer referência. Essa existência outra o é enquanto ficção, fingimento, mentira, mas que avisa que é logro, jogo, que não é aquilo com o qual se parece e atua como se o fosse.

Wolfgang Iser (2002) analisa o texto ficcional de modo relacional, vendo nele um movimento entre o fictício, o real e o imaginário que o ativa. No texto literário os elementos de realidade são repetidos pelo que ele chama de “atos de fingir”, os quais são transgressores de limites e dotados de intencionalidade, e, portanto, de sentido pela configuração do imaginário atuante. Esses atos são a seleção, a combinação e o desnudamento da ficcionalidade. Este último também tratado de “como se” remete à condição paradoxal da ficção que é como se fosse o mundo e, com isso, produz um efeito, ensina, ajuda a ordenar o pensamento, o mundo psíquico e sensibiliza estética e sentimentalmente. Tal proposição, retomada pelos teóricos da recepção e do efeito, remete à tradição. Na *Arte poética* (1, 3-16), Aristóteles (1994) concebe o fazer poético como *mimesis*, comumente traduzida como imitação, uma maneira do ser humano aprender, conhecer, inclusive a si mesmo, e com essa criação encontrar prazer.

Consubstanciadas e orientadas por essas reflexões teóricas, na época, foram realizadas reuniões com os participantes do Papo Lírico e os professores da Escola Anexa ao Conjunto Penal de Jequié, nas quais definiram-se os procedimentos de preparação das oficinas, tendo como suporte as competências gerais definidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

(BRASIL, 2018), documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. As competências que aspiram contribuir para a construção de uma sociedade mais ética, democrática, responsável e inclusiva, foram integradas ao projeto da escola como uma instância integradora e transversal.

A literatura e o cinema foram concebidos como arte para fruição, não como pretexto para outra coisa diferente de uma criação humana que humaniza, consoante proposto por Antonio Candido (CANDIDO, 1989). Flávio Aguiar (2012), em “O direito à literatura no século XXI: uma homenagem a Antonio Candido” explicita o que na aludida obra de Candido são os traços próprios da humanidade, os quais replica-se por embasar a ideia de humanidade aqui referida: “o exercício da reflexão”; “a aquisição do saber”; “a boa disposição para com o próximo”; “o afinamento das emoções”; “a capacidade de penetrar nos problemas da vida”; “o senso da beleza”; “a percepção da complexidade do mundo e dos seres”; “o cultivo do humor” e “a capacidade de fabulação”. O articulista abre o seu texto com uma referência a um evento de 2012, que lembrava o “holocausto da inteligência”, a “queima de livros considerados decadentes, subversivos, inadequados ao ‘caráter alemão’, que se realizaram em rituais macabros”, ocorridos na mesma praça germânica, em 1933. Tal lembrança favorece a que se tenha ciência de outras e opostas características humanas que a fruição artística pode ajudar a combater como, por exemplo, “a negação da reflexão como estratégia de dominação”; “a satisfação com a própria ignorância e a dos outros, e seu estímulo programado”; “a capacidade de fugir ou negar os problemas da vida através de fantasias fanatizantes”; “a simplificação fanática do mundo e dos seres, em geral de forma maniqueísta e autocomplacente”; e “o cultivo do ressentimento e do amargor, e a confusão do humor com o sarcasmo destruidor do outro” (AGUIAR, 2012).

A seleção das obras ficcionais foi precedida pela definição dos temas transversais contemporâneos da BNCC (BRASIL, 2018) e o tamanho do texto. Os textos literários e cinematográficos deviam comportar temáticas similares, precisavam ser curtos para permitir a sua apresentação, leitura e discussão em, no máximo, 3 horas, carga horária disponibilizada nas aulas da Escola Anexa. Assim, as oficinas possibilitariam uma ligação com os componentes curriculares e as áreas de conhecimento, circunstanciando o ensino no imaginário dos educandos. O dia e hora possível para a ação foi a terça-feira das 8 horas e 30 minutos às 11

horas e 30 minutos, tempo que era destinado às aulas regulares e contava com a participação também do professor do componente curricular da área de Linguagens.

Em reuniões semanais presenciais, foram definidas e preparadas três oficinas que seguiram os mesmos passos definidos para a sua aplicação. Escolhidos os textos, estes eram submetidos a uma análise que mimetizava a prevista para realização da ação: apresentação sucinta do texto literário (autor, situação de produção), leitura, exposição de sensações e questões iniciais suscitadas, releituras para comentar a estrutura do texto, relacioná-lo às condições de produção e debates as questões propostas. Depois a exibição do filme, seguida dos mesmos passos e uma ampliação da discussão.

O tema prioritário escolhido para fundamentar a escolha dos textos inseriu-se no que a BNCC (BRASIL, 2018) denomina macroárea temática, no caso a “Cidadania e civismo”. Contudo, uma das forças de liberdade da ficção capacita a aventar outros e novos temas que também atravessam os textos. A condição potente, apontada por Roland Barthes na sua famosa *Aula*, referia-se à literatura, mas a atribuímos aqui à ficção que realiza um deslocamento em relação ao seu material. Os poderes de liberdade destacados pelo semiólogo francês foram “*Mathesis, Mimesis, Semiosis*”. A ficção, ao recriar e significar um mundo como se fosse real (*Mimesis*), quer ser o real, tem a força do real (*Semiosis*), e por força da *Mathesis*, ela é enciclopédica, “assume muitos saberes”, fá-los girar, “não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto, é preciso” (BARTHES, 1978). Por conseguinte, temas de outras macroáreas também foram acolhidos ou perpassam os textos. Esse cenário possibilitaria a retomada dos textos pelos professores da Escola Anexa nas suas ações regulares.

Para a primeira oficina, foram escolhidos o conto *A menina que roía as unhas*, de Helena Parente Cunha (1998) e o curta de animação *Vida Maria* (2006), de Márcio Ramos, fundamentados no tema da desigualdade, nos quais se insere a questão da mulher na sociedade, o trabalho infantil e o “ciclo vicioso” de espectro mais amplo, estes se relacionam às macroáreas “Saúde” e “Diversidade cultural” (BRASIL, 2018). O relato de Euclides Neto (2014) *É proibido menino calçado frequentar escola* e o curta que lhe dramatiza *É proibido menino calçado entrar na escola* (2013) cujo roteiro, direção e montagem são de Edson Bastos e Henrique Filho, a canção *Senhor cidadão* (1972) de Tom Zé e o poema *Pan Cinema permanente* (1996) de Waly Salomão foram as obras da segunda oficina, selecionados pelas suas abordagens acerca da cidadania e a desigualdade social. Para a terceira oficina, a escolha

recaiu sobre o curta *Birdon* (2010) de Adelan Cynillo, o poema *Gaiola* (2005) de Mayrant Gallo e *Existência*, poema de Natanael, autor de um dos textos de *Sentimentos internos* (2018), obra resultante do projeto *Café com Poesia*, criado e desenvolvido pelos professores da Escola Anexa, Domingos Calixto, Janei Reis, Josivanda Almeida e Elenita Aragão. Estes textos, unificados pelo tema da liberdade, possibilitam a abordagem de temáticas da macroárea de “Saúde” e “Ciência e Tecnologia” (BRASIL, 2018).

Discussão e resultados

Apenas as duas primeiras oficinas foram desenvolvidas na Escola Anexa, elas cumpriram-se no período de 19 de setembro a 30 de outubro de 2018. A primeira aconteceu em todos os cinco módulos, a segunda, apenas nos 4 módulos masculinos, pois, no dia definido para efetivar-se no módulo feminino, a professora do horário estava concluindo outra atividade e não disponibilizou a classe. Todas as oficinas foram orientadas por três membros do Papo Lírico que contavam também com o auxílio dos professores do horário.

A primeira oficina foi antecedida pela apresentação da equipe e foi recebida com curiosidade e certo acanhamento, por ser, segundo depoimentos, “uma atividade diferente” e, provavelmente, por envolver pessoas de fora, de outra instituição. Mas, à medida que eram instados a falar, a maioria dos alunos aventaram considerações, reconheceram-se nas histórias, contavam as próprias, emocionaram-se, riam, se divertiam, e entristeceram-se, apresentavam questionamentos que, aos poucos, geravam discussões. Como era esperado, abordaram questões e enfatizaram aspectos algumas vezes diferentes daqueles ensaiados durante a preparação da ação. Alguns alunos participaram mais que outros, houve os que tentaram monopolizar a discussão, os que foram desconsiderados ou ouvidos com respeito pelos colegas. E também houve alunos que, mesmo convocados, mantiveram-se em silêncio participativo ou distante.

Visualmente, as ficções foram vivenciadas plenamente pela maioria dos alunos. Contudo, como a ficção é um lugar que é também outro, é possível que mesmo aqueles que não se manifestaram tenham usufruído a experiência que era o propósito do Papo Lírico: ler para ser; ser, lendo, falando, rememorando, sonhando... Ou seja, humanizando-se, mesmo que no lugar de violência que são os presídios e por poucos minutos. Isso pode parecer irrelevante, mas

não é. Insistir em ser humano com o outro, seja lá quem ele for, se na sociedade movida pelo e para o lucro já é perigoso ainda o é mais no espaço de brutalização sobre o qual discutiu Carrascosa (2015).

As oficinas de leitura de literatura e cinema viabilizaram a instauração, nas classes situadas nos módulos do Conjunto Penal de Jequié, a experiência de um “entre lugar”. A vivência ficcional abre caminho para paragens evasivas e para olhar-se e ao entorno por outro(s) prisma(s), possuído, “rico/ maduro de viagens/ e multilustrado!”, como elaborado por Ruy Espinheira Filho no poema *Tempo perdido*, cuja estrofe final faz ver uma ótica subversiva característica do deslocamento ocasionado pela ficção: “No tempo perdido/ recupero, enfim,/ tudo o que perdi/ no meu tempo ganho” (ESPINHEIRA, 1998, p. 15-16). O fazer artístico, pode-se ler, é tempo perdido do ponto de vista do trabalho na sociedade capitalista, mas leva ao encontro do sonho, da fantasia, do desejo, da reflexão, da criação e de um fazer que humaniza e possibilita a utopia e ser outro no espaço do instante da leitura.

Houve um pequeno estranhamento inicial, mas aos poucos, timidamente, os participantes aventuravam considerações, lembranças, reflexões sobre a vida e a opinião sobre os assuntos abordados que geravam muitas discussões. A percepção da estrutura das materialidades analisadas foi praticamente inexistente, embora tenha sido apontada pelos professores presentes. Os leitores produziram leituras dos textos que remetiam criticamente à realidade brasileira e, ao mesmo tempo, a eles mesmos, suas histórias, sonhos e problemas.

Considerações finais

As oficinas foram também desenvolvidas em outros lugares da cidade de Jequié. A primeira oficina foi levada na Praça da Amizade, ambiente cuidado por moradores do Conjunto Urbis I, localidade do bairro do Jequezinho; as duas primeiras foram vivenciadas em espaço terapêutico de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas (CAPS-AD) e na VIII Semana de Letras da UESB, evento universitário. As particularidades do espaço e do público não modificaram a metodologia e nem a boa recepção e o entusiasmo final dos participantes. A maior diferenciação compreensivelmente ocorreu na abordagem da estrutura das materialidades analisadas, tendo em vista que o grupo acadêmico era formado por estudantes do curso de Letras.

A pandemia da Covid-19 exacerbou o individualismo, o distanciamento e a desigualdade social, além de acentuar o adoecimento físico e mental. Essas profundas transformações sociais afetaram diretamente diversos setores da sociedade, dentre os quais o sistema educacional. Na verdade, a educação sempre percorreu caminhos longos e fragilizados, luta-se, há muito, pela democratização de um ensino mais humano, que defenda um projeto justo e inclusivo, avesso à centralidade polarizada e hegemônica, evidenciada fortemente, durante o período pandêmico.

Nesse cenário que separou ainda mais as pessoas, as oficinas e rodas de conversa com materialidades artísticas podem ser alternativas viáveis e versáteis de promover novos modos de relação em ambientes diferentes, socioeducativos e prisionais ou não para forjar brechas que se oponham à crescente onda segregacionista que tem separado ainda mais classes e grupos sociais brasileiros.

Referências

AGUIAR, Flávio. O direito à literatura no século XXI: uma homenagem a Antonio Candido. *In*: BLOG DA BOITEMPO. São Paulo, 31 maio 2012. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2012/05/31/o-direito-a-literatura-no-seculo-xxi-uma-homenagem-a-antonio-candido-por-flavio-aguiar/>. Acesso em: 19 jul. 2021.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (org.). **Processos de ensinagem na universidade**. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2004.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, prefácio, introdução e comentários de Eudoro de Sousa. S/l: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1994.

BAHIA. **Provimento da Corregedoria Geral de Justiça nº 03/2016**. 2016. Disponível em: <http://www7.tj.ba.gov.br/secao/arquivo/23/17349/PROVIMENTO%20CGJ%2003%202016%20CONJUNTO%20PENAL%20CONQUISTA%20pdf.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

BARTHES, Roland. **Aula** (aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977). Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Sobre a leitura: notas para uma concepção de leitura de interesse pedagógico. **Em aberto**, Brasília, ano 10, n. 52, out./dez. 1991.

BIRDON. Direção, roteiro e edição: Adelan Cynillo. Animação. 2010. Duração: 4min06seg.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 2004.

BRASIL. **Lei de Execução Penal nº 7.210, de 11 de julho de 1984**. Institui a Lei de Execução Penal. Brasil, DF, 1984. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7210.htm. Acesso em: 2 fev. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 12 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas contemporâneos transversais na BNCC**. Contexto histórico e pressupostos pedagógicos. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em: 16 jul. 2021.

CALIXTO, Domingos; REIS, Janei; ALMEIDA, Josivanda; ARAGÃO, Elenita (org.). **Sentimentos internos**. Coletânea. Jequié: Nocego, 2018.

CANDIDO, Antonio. **Direitos humanos e literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 107-126.

CARRASCOSA, Denise. **Técnicas e políticas de si nas margens, seus monstros e heróis, seus corpos e declarações de amor**. Literatura e prisão no Brasil pós-Carandiru. Curitiba: Appris, 2015.

CUNHA, Helena Parente. **Vento, ventania, vendaval**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação João F. Cunha, 1998.

É PROIBIDO menino calçado entrar na escola. Direção, roteiro e montagem: Edson Bastos e Henrique Filho. Produção: Voo Audiovisual. Ipiaú-BA-BR. 2013. Duração: 5 min., son., color.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. **Poesia reunida e inéditos**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FERNANDES, Daniel Fonseca. **O ensino entre pedras e grades: percepções sobre a educação escolar na Penitenciária Lemos Brito**. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler e três artigos que se complementam**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Mayrant. **Recordações de andar exausto**. Salvador: Aboio Livre Edições, 2005.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. *In*: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 2. p. 955-987.

MAIA, Clarissa Nunes. **Histórias das prisões no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MARQUES, Rosa Maria; LEITE, Marcel Guedes; BERWING, Solange Emilene; DEPIERI, Marcelo Álvares de Lima. **Pandemia, crises e capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

NETO, Euclides. **64: um prefeito, a revolução e os jumentos**. 2. ed. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Littera Criações, 2014.

SALOMÃO, Waly. **Algaravias: Câmara de ecos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

SILVEIRA, Ana Paula Trevisan da; HILÁRIO, Valter Colombo; OLIVEIRA, Patrícia Bertoli de; MARTINS, Simone Regina. Oficina pedagógica na EJA: a tecnologia e a transformação no espaço. **Revista Tessituras Geográficas** – FACCOS/CNEC, Osório, v. 1, n. 1, dez. 2012. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/tessituras_geograficas/dezembro_2012/pdf/oficina_pedagogica_no_eja_-_a_tecnologia_e_a_transformacao_no_espaco.pdf. Acesso em: 10 jul. 2021.

VIDA Maria. Direção, roteiro e edição: Márcio Ramos. Animação. Colorido. Produção Joelma Ramos e Márcio Ramos. Coprodução: Trio filmes, VIACGPaís: Ceará-Brasil. Ano: 2006. 9 min, son., color., 35 mm.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?** 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

ZÉ, Tom. Senhor cidadão. *In*: **Se o caso é chorar**. São Paulo: Continental, 1972. Disco sonoro, Lado A, Faixa 3.

Recebido: 13.10.2021

Aceito: 23.11.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



DOI: 10.22481/recuesb.v9i16.9591

PSICOLOGIA, SAÚDE E TRABALHO: ATUAÇÃO JUNTO A TRABALHADORAS E TRABALHADORES DA SOCIOEDUCAÇÃO A PARTIR DE UM PROJETO UNIVERSITÁRIO DE EXTENSÃO, ENSINO E PESQUISA

PSYCHOLOGY, HEALTH AND WORK: WORKING WITH SOCIO-EDUCATION WORKERS FROM A UNIVERSITY EXTENSION, TEACHING AND RESEARCH PROJECT

PSICOLOGÍA, SALUD Y TRABAJO: TRABAJANDO CON TRABAJADORES DE SOCIOEDUCACIÓN DE UN PROYECTO DE EXTENSIÓN, DOCENCIA E INVESTIGACIÓN UNIVERSITARIA

Elaine Cristina Schmitt Ragnini¹

Camila Brüning²

Resumo: Este artigo objetiva descrever e refletir sobre as ações de Psicologia, saúde e trabalho que temos criado e desenvolvido por meio da atuação em um Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa junto com trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação, buscando refletir sobre seus efeitos. A partir de um pedido para a intervenção da Psicologia junto a trabalhadoras e trabalhadores que apresentavam sinais de sofrimento e adoecimento no trabalho, operacionaliza-se inicialmente um diagnóstico institucional, que se desdobra em ações de intervenção cuja metodologia de trabalho é que sejam construídas de forma conjunta com as trabalhadoras e trabalhadores. Evidenciamos nos resultados como ao longo de mais de quatro anos de atuação do Projeto desenvolvemos pelo menos sete ações de intervenção junto com trabalhadores e trabalhadoras da Socioeducação que tem tido efeitos positivos, quais sejam: (i) reuniões anuais de abertura dos trabalhos e de devolutiva (fechamento); (ii) diagnóstico institucional; (iii) períodos de permanência na instituição; (iv) grupos operativos; (v) atendimentos clínico-institucionais individualizados; (vi) acompanhamento do sistema de gestão de faltas e controle de adoecimentos; (vii) intervenções na pandemia da Covid-19; sendo que há mais duas ações em desenvolvimento: palestras sobre Psicoeducação e construção coletiva de pesquisas. O artigo analisa e reflete sobre os efeitos que essas ações de intervenção em psicologia, saúde e trabalho tem tido em relação à promoção de saúde de servidores da Socioeducação. Os resultados apontam que não há uma política e nem ações sistematizadas em saúde do trabalhador no sistema socioeducativo, que há um significativo índice de sofrimento e adoecimento relacionados ao trabalho, e que as ações que temos realizado enquanto Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa em Psicologia e Trabalho tem efeitos individuais

¹ Psicóloga. Doutora em Educação, pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6086-238> E-mail: elaine@ufpr.br

² Psicóloga. Doutora em Administração, pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3869-3917> E-mail: camila.bruning@ufpr.br

e coletivos que são considerados positivos, porém insuficientes pelas trabalhadoras e trabalhadores, que demandam uma atenção e ação do próprio Estado para sua situação de sofrimento e adoecimento no trabalho. Esses resultados apontam para a necessidade da construção de um sistema de saúde do servidor que contemple a saúde em geral dessas trabalhadoras e trabalhadores, mas especialmente a saúde mental.

Palavras-chave: Psicologia. Trabalho. Socioeducação.

Abstract: *This article aims to describe and reflect on the actions of psychology and work that we have created and developed through the work in a University Project for Extension, Teaching and Research in the area of Psychology and Work with socio-educational workers, seeking to reflect on their effects. From a request for the intervention of psychology with workers who showed signs of suffering and illness at work, an institutional diagnosis is initially operationalized, which unfolds into intervention actions whose innovative methodology has been built together with the workers and workers. We will show in the results how, over the more than four years of the project's operation, we have developed at least seven intervention actions together with workers and workers in socio-education, namely: (i) Annual work opening and feedback (closing) meetings; (ii) Institutional Diagnosis; (iii) Periods of stay at the institution; (iv) Operating groups; (v) Individualized clinical-institutional assistance; (vi) Monitoring the absence management and illness control system; (vii) Interventions in the Covid-19 pandemic; and there are two more actions under development: Psychoeducation lectures and Collective construction of research. The article analyzes and reflects on the effects that these actions have had in relation to the health promotion of workers in socio-education. Results show that there is no policy or systematized actions in worker's health in the socio-educational system, that there is a significant index of suffering and illness related to work, and that the actions we have carried out as a University Extension, Teaching and Research Project in Psychology and work has individual and collective effects that are considered positive, but insufficient by workers, who demand attention and action from the State for their situation of suffering and illness at work. These results point to the need to build a server health system that addresses the general health of these workers, but especially mental health.*

Keywords: Psychology. Work. Socio-education.

Resumen: *Este artículo tiene como objetivo describir y reflexionar sobre las acciones de la psicología y el trabajo que hemos creado y desarrollado a través del trabajo en un Proyecto Universitario de Extensión, Docencia e Investigación en el área de Psicología y Trabajo con trabajadores socioeducativos, buscando reflexionar sobre sus efectos. A partir de una solicitud de intervención de psicología con trabajadores que presentaban signos de sufrimiento y enfermedad en el trabajo, se operacionaliza inicialmente un diagnóstico institucional, que se desdobra en acciones de intervención cuya metodología innovadora se ha construido junto a los trabajadores y trabajadoras. Mostraremos en los resultados cómo, a lo largo de los más de cuatro años de funcionamiento del proyecto, hemos desarrollado al menos siete acciones de intervención junto a trabajadores y trabajadoras de la socioeducación, a saber: (i) Apertura y retroalimentación anual de obra (cierre) reuniones; (ii) Diagnóstico Institucional; (iii) Períodos de estadía en la institución; (iv) Grupos operativos; (v) Asistencia clínico-institucional individualizada; (vi) Seguimiento del sistema de gestión de absentismos y control de enfermedades; (vii) Intervenciones en la pandemia de Covid-19; y hay dos acciones más en desarrollo: Charlas de Psicoeducación y Construcción colectiva de investigación. El artículo analiza y reflexiona sobre los efectos que estas acciones han tenido en relación con la*

promoción de la salud de los trabajadores en socioeducación. Los resultados muestran que no existe una política o acciones sistematizadas en salud del trabajador en el sistema socioeducativo, que existe un índice significativo de sufrimiento y enfermedad relacionados con el trabajo, y que las acciones que hemos realizado como Extensión Universitaria, Docencia e Investigación Proyecto en Psicología y Trabajo tiene efectos individuales y colectivos que son considerados positivos, pero insuficientes por los trabajadores, quienes demandan atención y acción del Estado por su situación de sufrimiento y enfermedad en el trabajo. Estos resultados apuntan a la necesidad de construir un sistema de salud del servidor que aborde la salud general de estos trabajadores, pero especialmente la salud mental.

Palabras clave: *Psicología. Trabajo. Educación social.*

Introdução

Este artigo apresenta um trabalho desenvolvido a partir de um Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa em Psicologia, na temática da Psicologia, Saúde e Trabalho, e voltado para a prevenção e promoção de saúde de trabalhadoras e trabalhadores que atuam no Sistema Socioeducativo de um estado do Sul do Brasil. O trabalho, que se iniciou em 2018 e encontra-se em andamento (2021), vem sendo realizado em uma Secretaria Estadual responsável pelo sistema socioeducativo e em dois Centros de Socioeducação (CENSEs). Mantém em sigilo o nome do Projeto, dos Centros e da Secretaria para garantir anonimato da instituição e participantes.

Sendo fruto de um projeto universitário de extensão, ensino e pesquisa, tem-se um objetivo tripartite que busca dar conta do tripé extensão-ensino-pesquisa: na (i) extensão, busca-se no projeto promover uma integração dialógica da universidade com a sociedade, contribuindo para esta com o trabalho universitário, ao mesmo tempo, em que se aprende sobre suas necessidades e o conhecimento que desenvolvem em suas práticas. Especificamente o trabalho que temos desenvolvido se constitui a partir da demanda que foi trazida à Universidade, pela Secretaria Estadual, responsável pela Socioeducação em um Estado Sul-brasileiro, para um trabalho de promoção de saúde junto as suas trabalhadoras e trabalhadores. Neste sentido, temos desenvolvido ações de acolhimento, atendimento, tratamento e orientação aos profissionais da Socioeducação que estão adoecidos e/ou com queixas relacionadas ao sofrimento psíquico, oferecendo uma escuta comprometida com os sujeitos e os processos de subjetivação que envolvem o trabalho e visando a construção de um campo discursivo que viabilize a construção

de laços sociais; no (ii) ensino, as atividades são realizadas por meio da atuação supervisionada de estudantes de graduação e pós-graduação em Psicologia. Tem-se como objetivo enriquecer e ampliar a formação numa metodologia de trabalho em Psicologia que é inovadora e está em pleno desenvolvimento. Além disso, temos operacionalizado eventos e cursos de extensão sobre a temática da Psicologia, Saúde e Trabalho voltada para a comunidade, com especial atenção às trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação e na (iii) pesquisa, o Projeto tem tido dois eixos de contribuição: de um lado (1) temos como objetivo identificar, analisar e dar visibilidade pública sobre como está o contexto de trabalho e a situação de saúde das trabalhadoras e dos trabalhadores da Socioeducação. A pesquisa, neste sentido, tem sido realizada e tem gerado produtos, alguns já publicados, como Brüning *et al.* (2018), Brüning *et al.* (2021), Bruning, Ragnini e Luz (s/d). E, ao mesmo tempo, (2) temos como objetivo desenvolver e refletir sobre efeitos de estratégias e dispositivos de intervenção em Psicologia, Saúde e Trabalho junto a este campo de atuação.

Temos, portanto, um dos objetivos de nosso Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa desenvolver a metodologia de intervenção em saúde no trabalho que considere uma série de variantes em jogo no processo de adoecimento e saúde relacionados ao trabalho, que possam ultrapassar o espaço do corpo físico e/ou do ambiente de trabalho e que considere as peculiaridades do contexto de trabalho em questão. Intenciona-se que esta metodologia seja desenvolvida em conjunto com trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação que participam no projeto e multiplicada na Instituição de modo que possa ser replicada para demais Centros de Socioeducação.

Uma vez esclarecido sobre os objetivos tripartites do Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa que temos desenvolvido, cabe esclarecer sobre o que se objetiva especificamente com o artigo que aqui se apresenta. Uma vez que, em trabalhos anteriores já tivemos a oportunidade de publicizar e discutir resultados sobre como está o contexto de trabalho e a situação de adoecimento e sofrimento de trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação, no presente trabalho temos como objetivo o seguinte: descrever e analisar as ações de Psicologia, Saúde e Trabalho que temos criado e desenvolvido por meio da atuação no Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa junto com trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação de uma Secretaria Estadual de Socioeducação e de dois Centros de

Socioeducação localizados em uma cidade da região Sul do Brasil, buscando refletir sobre seus efeitos.

A Socioeducação visa ao atendimento de adolescentes envolvidos em atos infracionais. Trabalhar no sistema socioeducativo implica a atuação direta com os adolescentes e, também, a realização de atividades na área administrativa (controle e processos para a operacionalização das ações), na área técnica (avaliação, educação, formação, assistência social e à saúde), e na área de vigilância e segurança. No Brasil, o Sistema Socioeducativo é um serviço público e desempenhado no âmbito dos estados (semiliberdade e internação) e municípios (demais medidas). Desta feita, parte dos trabalhadores e trabalhadoras da Socioeducação são servidores públicos estaduais, concursados, estatutários, com vínculo e regime de trabalho próprios do sistema de cada estado, parte é concursado, porém com contrato de trabalho temporário (chamado Processo Seletivo Simplificado – PSS) e há trabalhadoras e trabalhadores com vínculo de trabalho terceirizado. É comum que os estados terceirizem atividades como cursos profissionalizantes, limpeza e, em alguns casos, inclusive atividades de segurança, por exemplo.

Embora reconheçamos que o conjunto de trabalhadoras e trabalhadores que atuam na Socioeducação seja mais amplo, neste Projeto, temos somente tido a oportunidade de colaborar com profissionais concursados e PSS que atuam em medidas socioeducativas operacionalizadas em âmbito estadual de semiliberdade e internação, tanto vinculados à Secretaria equivalente à de Justiça, tais como agentes socioeducativos, técnicos e administrativos, quanto à Secretaria equivalente à de Educação, isto é, professores (o nome/sigla das secretarias é mantido em sigilo para não permitir sua identificação). A partir de demanda apresentada para o Departamento de Psicologia de uma Universidade pública federal para uma atuação no sistema socioeducativo visando à saúde de trabalhadoras e trabalhadores, as intervenções que temos realizado junto a diversas instâncias na Instituição tiveram início em 2018, sendo realizadas até o presente momento (2021). Neste artigo apresentaremos o percurso de desenvolvimento das atividades do Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa de Psicologia com foco na saúde do trabalhador da Socioeducação, destacando-se as ações de intervenção desenvolvidas junto com as trabalhadoras e trabalhadores que participam do Projeto e apresentando e discutindo resultados até aqui alcançados com essas ações.

A Socioeducação no Brasil e a atuação estadual

O atravessamento da lei na vida de crianças e adolescentes brasileiros é de longa data, a primeira legislação referente é o Código Mello Mattos, de 1927. Nesse contexto, o termo “menor” era aplicado a crianças que circulavam pelas ruas da cidade, oriundas de famílias pobres, abandonadas, e por vezes envolvidas em atividades relacionadas à criminalidade (COIMBRA; AYRES, 2008). A legislação que veio em substituição a essa foi promulgada em 1979, denominada Código de Menores. Funcionava a partir da Doutrina da Situação Irregular, tendo uma ação considerada como paliativa que não tomava preocupação com o problema do menor em compreendê-lo e atendê-lo, e sim em “tirar de circulação”, o que potencialmente atrapalhava a ordem social (COIMBRA; AYRES, 2008).

Coimbra e Ayres (2008) colocam que, no entanto, a situação de risco considerada para os “menores” estabelecia a família pobre como incompetente pela sua carência de recursos financeiros para manutenção de seus filhos. A situação de pobreza era considerada um problema individual e, portanto, não cabia ao Estado a formulação de políticas que visassem agir sobre essa situação. Ao mesmo tempo, era de responsabilidade do Estado a tutela das crianças, de modo que muitas foram afastadas compulsoriamente de suas famílias. Neste contexto se dá a criação da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) em 1964, que origina posteriormente a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM), em 1976, que implanta em nível estadual a Política Nacional do Bem Estar do Menor. Funabem e Febem visavam ao atendimento de crianças abandonadas e os então chamados “menores infratores”, e durante décadas foram alvo de denúncias de maus tratos que ganharam notoriedade negativa entre o fim da década de 1990 e início dos anos 2000 (SÃO PAULO, 2021).

Após a redemocratização do Brasil (1988), foi então promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, com vistas a cumprir com as prerrogativas dos artigos 227 e 228 da Constituição Federal (RODRIGUES, 2015). Nessa nova legislação há substituição do termo “menor” por “criança e adolescente”. É estruturada a partir da Doutrina de Proteção Integral, em que é abandonado o foco do assistencialismo, redirecionando a orientação das ações do Estado, da família (e de toda a sociedade) à proteção integral da criança e do jovem (COIMBRA; AYRES, 2008). É a partir do ECA então que a criança e o adolescente passam a ser considerados cidadãos (RODRIGUES, 2015).

Neste estatuto, mais especificamente no Título III, há disposições sobre a prática de atos infracionais de crianças e adolescentes. São eles considerados inimputáveis, estando sujeitos a cumprir medidas socioeducativas, quais sejam: advertência, reparação do dano, prestação de serviço à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade ou internação (BRASIL, 1990). Esta última é definida como “medida privativa de liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento” (BRASIL, 1990). Isto significa que deve ser aplicada como último recurso (quando tratar-se de uma infração cometida mediante grave ameaça ou violência à pessoa, reincidência de infrações graves, ou descumprimento reiterado e injustificável de uma primeira medida) devendo haver atividades pedagógicas obrigatórias (BRASIL, 1990).

Para a organização e estruturação das medidas socioeducativas, em 2012, foi promulgada a Lei 12.594, que também institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). De acordo com a lei do SINASE no âmbito estadual, o Sistema Socioeducativo está conferido a uma Secretaria, que é responsável pela gestão, organização, promoção e desenvolvimento do Sistema Socioeducativo estadual. As unidades em que há regime de internação e semiliberdade são chamados Centros de Socioeducação (CENSE). Para cada Estado, há uma estrutura e um número de CENSE específico que, usualmente, se localizam em diferentes cidades do Estado, o número de vagas ofertado também é definido por cada Estado. Para desenvolver o trabalho de Socioeducação com os adolescentes em conflito com a lei, o Estado organiza a estrutura do Sistema, o que implica a contratação de pessoal qualificado. Para sua efetivação, emprega-se, atualmente sob a forma de serviço público: professores, técnicos administrativos, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, enfermeiros, técnicos em enfermagem, médicos e os agentes de segurança socioeducativos.

Assim, o trabalho em Socioeducação pressupõe a atuação direta com os adolescentes e inclui atividades de avaliação, educação, formação, vigilância, segurança, entre outras (GURALH, 2010a; GURALH 2010b; HERCULANO; GONÇALVES, 2011; PERES DA COSTA, 2011, SANTOS; SILVA, 2011; SOUZA; VENÂNCIO, 2011). Outra característica do trabalho na Socioeducação, no caso nacional, como já fora indicada no texto, mas que merece ser enfatizada: é tratar-se de um serviço público. Desta feita, visa-se compreender como se dá a dinâmica do trabalho no sistema socioeducativo e suas relações com a saúde em geral e a saúde mental em específico.

Saúde e Trabalho: uma apresentação da proposta de atuação

Sendo o objetivo deste artigo descrever e refletir sobre ações de Psicologia, Saúde e Trabalho que temos criado e desenvolvido por meio da atuação em um Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa junto com trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação, buscando a proteção e promoção de sua saúde, consideramos importante apresentar sobre a compreensão de saúde que tem guiado nossas atividades. Neste trabalho adotamos a compreensão de saúde, em sua relação com o trabalho, como a condição de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos de tanto realizar suas aspirações como satisfazer suas necessidades, bem como de mudar ou enfrentar o ambiente, isto é, a saúde é aqui entendida conforme a proposta de Mendes (2007) como um recurso para a vida cotidiana, e não como um objetivo de vida a ser alcançado. Neste sentido, a saúde implica os recursos sociais, pessoais e a aptidão física e psicológica para o desempenho das funções pessoais e sociais, tais como o trabalho.

Já quanto à compreensão aqui adotada sobre a gestão da saúde do trabalhador, compreendemos que além de políticas e ações estabelecidas pelo Estado, as organizações públicas e privadas que empregam trabalhadoras e trabalhadores também são responsáveis por garantir, acompanhar e atender a saúde de seus profissionais. É o que está determinado pela Lei nº 24/94, que define e regulamenta o Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional (PCMSO) nas empresas. Tanto o setor privado, quanto o público, devem desenvolver os programas internos de acompanhamento e intervenção em situações relacionadas à saúde de suas trabalhadoras e trabalhadores. Pesa, e deve ser discutido, que os casos de adoecimento psíquico relacionados ao trabalho ainda não são devidamente compreendidos e encaminhados. Geralmente o sofrimento e o adoecimento psíquico são abordados no plano particular/individual, não sendo visível no âmbito das organizações de trabalho (RAGNINI, 2014). Nesse sentido, entendemos que para uma efetiva gestão da saúde do trabalhador a compreensão da dinâmica institucional e o controle dos adoecimentos relacionados ao trabalho, podem auxiliar no esclarecimento sobre as condições e dinâmica do adoecimento, o que inclui as condições do ambiente de trabalho, das relações e da dimensão subjetiva que está intimamente relacionada ao trabalho.

Especificamente sobre a saúde de trabalhadoras e trabalhadores do sistema socioeducativo, uma revisão sistemática da literatura nacional aponta que são poucas as

produções e intervenções no âmbito dos Estados brasileiros (BASTOS, 2021). Com relação especificamente à atuação da Psicologia em sua interface com o trabalho, observa-se que a saúde mental de trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação foi tomada como objeto de estudo e intervenção em poucos estudos, a partir de diferentes abordagens teóricas. Destaca-se, como exemplo a utilização da abordagem do Stress (SOARES, 2013) e da abordagem cognitivo comportamental (PALMA; NELFELD, 2011), sendo que ambos os artigos se localizam na área da psicologia organizacional.

A proposta de intervenção que se tem construído propõe inovações em relação ao que se encontrou disponível na literatura nacional: destaca-se, primeiramente que buscamos adotar referenciais teóricos interdisciplinares e críticos, tais como, a Teoria da Economia Política do Poder em Estudos Organizacionais (FARIA, 2017), em conversação com autores que trabalham com Análise Institucional, tais como Lourau (1995) e Lapassade (1977) e Psicologia Institucional, tais como Guirado (2004a; 2004b) e Bleger (1984).

Além do referencial teórico interdisciplinar para pensar e atuar sobre a saúde e trabalho, a referência na Psicologia Institucional amplia o escopo de análise e atuação que é comumente tratado em trabalhos sobre saúde do trabalhador da Socioeducação: trata-se de uma área de atuação da Psicologia que pretende um trabalho em diferentes campos institucionais ou organizações sociais (escolas, empresas, hospitais, entre outros), visando à promoção da saúde. Para tal, define-se a partir de uma compreensão crítica das relações de poder e da ordenação burocrática no campo institucional. Com isso, neste trabalho expande-se o campo de investigação e atuação para além da dimensão organizacional, buscando uma atuação também no âmbito institucional.

Outra inovação que convém destacar é o fato de que se tomam as intervenções críticas em Psicologia como referencial de embasamento teórico e prático, e tem-se buscado construir a partir disso uma possibilidade de trabalho em Psicologia, Saúde e Trabalho que se afasta em alguns sentidos de abordagens tradicionais. Marcante na metodologia de intervenção que temos proposto são as ações de intervenção que são construídas em conjunto com a instituição, por meio de um trabalho junto às suas trabalhadoras e trabalhadores, de forma que não se trata de uma proposta pronta de aplicação. Em nosso Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa, entendemos o papel da extensão e pesquisa como prática social reflexiva, engajada e potencialmente libertadora e transformativa da realidade social.

Procedimentos metodológicos

Nesta seção, apresentamos os aspectos metodológicos de dois eixos do nosso trabalho - que apenas com finalidade didática se pode pensar em separado, pois na prática ocorrem como uma mesma coisa: (i) primeiramente, apresentamos aquilo que estamos aqui chamando de Metodologia de Pesquisa, isto é, os procedimentos metodológicos da coleta e análise das informações que apresentamos neste artigo com destaque aos aspectos técnicos de metodologia de pesquisa; (ii) em seguida, apresentamos aquilo que estamos chamando de Metodologia de Trabalho, isto é, a metodologia de intervenção (não apenas de pesquisa) que temos realizado no Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa junto com trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação.

Sobre a Metodologia de Pesquisa, quanto às delimitações técnicas dos procedimentos metodológicos de pesquisa que temos realizado, destacamos que o desenho de pesquisa adotado é o da pesquisa-ação (FLICK, 2009). O campo empírico é constituído por uma Secretaria Estadual e dois Centros de Socioeducação (CENSEs) de um Estado da região Sul do Brasil, sendo os participantes da pesquisa-ação as trabalhadoras e os trabalhadores dessa Secretaria e desses dois CENSEs.

Busca-se a utilização de métodos de pesquisa que promovam a real participação das trabalhadoras e trabalhadores na pesquisa, como coautores em um diálogo no qual o conhecimento se constrói de forma colaborativa entre participantes e equipe de pesquisa. Pretende-se, desta maneira, enfrentar a dicotomia tão característica em estudos científicos que tomam o sujeito como objeto de pesquisa e posicionam os pesquisadores como detentores de uma expertise que o sujeito não possuiria (PARKER, 2005).

Este artigo se constitui, portanto, em um relato de pesquisa empírica e considera um trabalho realizado junto com as trabalhadoras e trabalhadores, ao longo de cerca de quatro anos de atuação em um Projeto de Extensão, Ensino e Pesquisa, que se vem desenvolvendo entre os anos de 2018 a 2021. Ao longo desse período, a equipe do Projeto foi constituída por 19 estudantes de graduação e pós-graduação e 3 professoras de um curso de graduação em Psicologia. Os estudantes participantes da equipe estiveram vinculados ao campo empírico via projeto de pesquisa, projeto de extensão, estágio obrigatório e estágio não obrigatório.

A equipe de pesquisa mantém registro de suas atividades em diário de campo, no qual são anotadas as atividades semanais de cada membro da equipe, bem como as percepções sobre observações participantes, além da transcrição de entrevistas realizadas. O diário de campo é de visualização compartilhada entre toda a equipe do projeto, que se reúne semanalmente por 2 horas para análise, interpretação e discussão do caso.

Quanto aos participantes da pesquisa, participam trabalhadoras e trabalhadores de uma Secretaria Estadual e dois CENSEs que ocupam diferentes cargos: representantes das áreas responsáveis pela gestão de pessoas e de processos de saúde e segurança no trabalho na Instituição, bem como agentes de segurança socioeducativos, professores, técnicos administrativos, técnicos de enfermagem, administradores, assistentes sociais, psicólogos, pedagogos, médicos, enfermeiros, odontólogos, terapeutas ocupacionais e auxiliares de operação. Até este momento nosso projeto não obteve autorização institucional para atuar junto a trabalhadores terceirizados da instituição, assim, todos os participantes são profissionais concursados, com vínculo estatutário efetivo ou temporário (PSSs). Tomaram parte nas atividades do projeto até o momento cerca de 100 trabalhadoras e trabalhadores (cabe ressaltar que a população desses dois CENSEs e Secretaria perfaz um total aproximado de 200 pessoas. Usa-se um número aproximado, pois o Projeto se desenvolve já há cerca de quatro anos e ao longo do tempo o total de trabalhadoras e trabalhadores nestas unidades variou).

Os procedimentos de coleta de informações compreendem a realização de análises documentais; observação participante na rotina das unidades; entrevistas e acolhimentos psicológicos individuais; reuniões em grupos com os participantes para o trabalho sobre temáticas determinadas pelos próprios; realização de reuniões abertas com as trabalhadoras e trabalhadores - tais como para apresentação e combinado de proposta anual de trabalho, bem como reuniões anuais de devolutiva para a discussão, junto aos trabalhadores, de resultados parciais do trabalho e construção de encaminhamentos.

A primeira etapa de atividades foi realizada a partir de análises documentais, por meio da qual a equipe do projeto buscou uma aproximação exploratória com o campo de empírico: foram identificados e analisados documentos da instituição que dizem respeito à organização formal do trabalho, tais como editais e resoluções referentes à gestão da carreira dos trabalhadores da Socioeducação, bem como cadernos de normas que estabelecem as regras de execução do trabalho formal na organização.

A partir dessa aproximação exploratória com o campo, procedeu-se com a proposta de iniciar um trabalho pela via da construção de um diagnóstico institucional provisório. Para isso foram estabelecidos contatos, reuniões e comunicações com a gestão em nível de Secretaria Estadual e, posteriormente, em nível de direção dos CENSEs, de forma a operacionalizar formalmente os vínculos, termos de compromisso e enquadramento da do trabalho do Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa. Conforme demanda da Instituição, foi construído e formalizado um Projeto de Pesquisa perante Comitê de Ética em Pesquisa (sob o número de registro 15039919.2.0000.0102). Após a aprovação do Projeto de Pesquisa deu-se a inserção da equipe de no campo empírico.

Sobre a Metodologia de Trabalho, isto é, a metodologia de intervenção (que inclui, mas não se limita apenas à de pesquisa) que temos realizado no Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa, a partir das reuniões iniciais com Gestão e Diretores, combinou-se o início do trabalho em primeiramente um CENSE (por eles designado), por meio da realização de um Diagnóstico Institucional. A entrada da equipe do Projeto nesse CENSE ocorre então pela realização do diagnóstico, e a partir dessa ação se busca compreender o contexto de trabalho, a situação de saúde, adoecimento e sofrimento das trabalhadoras e trabalhadores, ao mesmo tempo em que se começa a construir um espaço de diálogo e colaboração com os participantes para a construção conjunta de ações de intervenção subsequentes.

No ano de 2020, a pedido da Gestão, o trabalho é expandido para um segundo CENSE, no qual se inicia a entrada da equipe do Projeto na unidade por meio da mesma ação, pela realização de um Diagnóstico Institucional.

Essa é a Metodologia de Trabalho que temos adotado no Projeto: uma metodologia que consiste em conjuntamente com os participantes do Projeto, isto é, equipe da Universidade e trabalhadoras e trabalhadores da Instituição, construir as ações de intervenção em Psicologia, Saúde e Trabalho que desenvolveremos. Não se trata de uma metodologia de trabalho que já se encontra pronta para ser aplicada independentemente do contexto organizacional/institucional, e sim uma metodologia que se busca personalizável à realidade do contexto específico de trabalho, bem como a demanda e o engajamento das trabalhadoras e trabalhadores para os quais a intervenção se dirige.

Aqui cabe pontuar: embora a Metodologia de Trabalho tenha delineamentos já mais claros de partida, aquilo que aqui estamos chamando de “ações de intervenção” vai sendo

construído em conjunto com trabalhadoras e trabalhadores que participam no Projeto. Algumas dessas ações têm como característica serem de proposição da equipe do Projeto (professoras e estudantes da Universidade), outras serem de proposição dos participantes do Projeto (trabalhadoras e trabalhadores da Secretaria e dois CENSEs), no entanto, todas são apresentadas, discutidas, acordadas, operacionalizadas, realizadas e avaliadas em conjunto. Essa Metodologia de Trabalho se propõe como uma intervenção crítica, e pressupõe uma permanente crítica da intervenção, isto é, exige que constantemente se identifique, analise, reflita e dê direcionamento aos efeitos das ações de intervenção que são realizadas (PARKER, 2005). Assim, também essa crítica, buscamos realizá-la em conjunto: equipe e participantes do Projeto.

Na seção a seguir, apresentamos sobre as ações de intervenção que foram construídas até o momento junto com trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação no Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa que temos desenvolvido propondo reflexões sobre seus efeitos.

Resultados e discussão

Retomando o objetivo deste artigo que é descrever e analisar as ações de psicologia, saúde e trabalho que temos criado e desenvolvido por meio da atuação de Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa junto com trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação, buscando refletir sobre seus efeitos, é importante evidenciar que ao longo de mais de quatro anos de atuação do projeto desenvolvemos pelo menos sete ações de intervenção junto com trabalhadores e trabalhadoras da Socioeducação, quais sejam: (i) reuniões anuais de abertura dos trabalhos e de devolutiva (fechamento); (ii) diagnóstico institucional; (iii) períodos de permanência na instituição; (iv) grupos operativos; (v) atendimentos clínico-institucionais individualizados; (vi) acompanhamento do sistema de gestão de faltas e controle de adocimentos; (vii) intervenções na pandemia da Covid-19, que compreendem adaptações de ações que já vinham sendo desenvolvidas, bem como a operacionalização de novas ações de demanda da instituição, tais como de grupos de acolhimento de luto, e mais (viii) ações ainda em desenvolvimento, tais como palestras de psicoeducação e construção coletiva de pesquisas.

Nesta seção de resultados, apresentamos uma descrição de cada uma dessas ações realizadas, discutindo e refletindo sobre o que já pudemos recolher a respeito de seus efeitos em termos de prevenção/promoção de saúde no trabalho na Socioeducação. Como apresentado na seção de metodologia deste artigo, algumas dessas ações têm como característica serem de proposição da equipe do Projeto ao passo que outras são de iniciativa dos participantes sendo que todas são apresentadas, discutidas, acordadas, operacionalizadas, realizadas e avaliadas em conjunto. No desenvolvimento dessas mais de sete ações de intervenção aqui apresentadas, destaca-se que as primeiras têm como característica serem de proposição da equipe do Projeto, ao passo que as últimas (mais recentes cronologicamente) tem sido de proposição dos participantes. Consideramos este já um dos efeitos do trabalho que se vem realizando - trabalhadoras e trabalhadores tem buscado possibilidades de mudar sua realidade de trabalho de forma mais ativa e protagonista.

O trabalho no Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa na área de Psicologia e Trabalho junto a trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação teve início a partir de uma demanda inicial de trabalho que partiu de uma psicóloga que trabalhava no Sistema e estava afastada da função técnica para trabalhar na gestão do sistema. Ela pedia: “precisamos de uma intervenção em saúde e trabalho, pois nossos servidores estão adoecendo”. A solicitação era a de que fosse realizado um trabalho em todos os Centros de Socioeducação do Estado. Dada à capacidade de trabalho e o dimensionamento de equipe, propusemos iniciar um projeto piloto em um CENSE, mantendo aberta a possibilidade de expansão do trabalho para outros Centros posteriormente.

Um CENSE foi então escolhido a critério da coordenadoria de saúde da Secretaria Estadual responsável pelo sistema socioeducativo do Estado para o início do trabalho. Buscou-se delimitar a demanda e compreender a situação de trabalho e saúde de agentes de segurança socioeducativos e demais trabalhadoras e trabalhadores atuantes neste centro de Socioeducação onde o trabalho do Projeto foi iniciado. Sem saber exatamente do que adoeciam, a equipe do Projeto iniciou o trabalho pela proposta de construção de um Diagnóstico Institucional, a fim de conhecer as relações entre os sujeitos-trabalhadores do sistema e a própria Instituição, delimitando o que faz adoecer e propondo, a partir disso, a construção coletiva com as trabalhadoras e trabalhadores de possíveis ações de intervenções em Psicologia, saúde e trabalho.

Durante os seis primeiros meses de atuação e intervenção de psicologia neste Centro de Socioeducação foram realizadas conversas com diversos atores institucionais sobre a demanda e a abertura para um trabalho em Psicologia Institucional visando à saúde e ao trabalho. Essas conversas ocorreram em diversas reuniões que chamamos de reuniões de apresentação do Projeto, e que objetivavam iniciar uma possibilidade de trabalho com os participantes. Tanto a demanda quanto a abertura para o trabalho foram sinalizadas por atores institucionais posicionados em cargos instituídos de gestão na hierarquia do serviço público estadual para além do Centro de Socioeducação investigado. A demanda foi trazida para a Universidade como uma proposta de colaboração institucional entre Poder Público, em nível estadual, e Universidade. Desde então essa equipe do projeto tem proposto essa ação de realizar reuniões de apresentação do projeto, com finalidade de promover abertura e engajamento de trabalhadores e trabalhadoras nas ações de psicologia, saúde e trabalho tem sido realizada anualmente, no início do ano letivo (segue-se o calendário letivo da Universidade).

A dinâmica dessas reuniões tem adotado os seguintes procedimentos: combina-se com gestão em nível da Secretaria Estadual e com a direção em nível do Centro de Socioeducação a realização das reuniões (são ofertados dois horários para atender os diferentes turnos de trabalho); agenda-se com a gestão e direção as datas e realizam-se os procedimentos burocráticos exigidos pela gestão e direção para que se possa divulgar e operacionalizar a reunião. A partir disso, realiza-se a divulgação e convite a todas as trabalhadoras e trabalhadores para participar da reunião; esclarece-se em todas as comunicações que a participação é voluntária. As reuniões tem tido duração de aproximadamente duas horas e são compostas de dois momentos: (1) em um primeiro momento a equipe do Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa se apresenta (os integrantes da equipe mudam anualmente), e apresenta/retoma as atividades que foram desenvolvidas até o momento; apresenta/retoma os resultados do trabalho; e apresenta uma proposta inicial de atividades para o próximo período anual. (2) Em um segundo momento, a palavra é aberta às trabalhadoras e trabalhadores para que apresentem suas considerações, e para que juntos, equipe e participantes do Projeto conversem e combinem as ações a serem realizadas no período.

Ao final do ano letivo, são realizadas reuniões semelhantes, porém de devolutiva/fechamento do trabalho. De forma análoga, a reunião também é realizada em dois momentos, um de apresentação dos resultados do trabalho realizado ao longo do ano, e outro

de palavra aberta, em que as trabalhadoras e trabalhadores são convidados a compartilharem suas considerações sobre as ações e efeitos das ações realizadas. Ocorre também a despedida de estudantes que se formarão e/ou deixarão de atuar no Projeto. Busca-se ao final dessas reuniões de devolutiva estabelecer se há a vontade e o interesse por parte dos participantes que o trabalho seja retomado e continuado no ano subsequente.

Temos contado com a participação média de 20 trabalhadoras e trabalhadores por reunião tanto de apresentação quanto de devolutiva. Os efeitos dessas reuniões têm sido importantes: para o trabalho do projeto são momentos fundamentais de manifestação de demanda por um trabalho de Psicologia, saúde e trabalho e de firmação de compromisso das trabalhadoras e trabalhadores com as ações que se definem coletivamente e que serão realizadas ao longo do período. Para a promoção de saúde no trabalho essas ações tem sido importantes por promoverem um espaço em que trabalhadoras e trabalhadores podem se escutar, reconhecer e trocar percepções sobre como está seu contexto de trabalho e sua condição de saúde, bem como se colocarem como atores ativos na construção de alternativas para melhorarem sua condição de trabalho e saúde. O fato de que em algumas dessas reuniões, voluntariamente, participam a diretoria do Centro de Socioeducação, e os gestores da Secretaria Estadual, também é apontado como positivo pelos participantes, que veem nestes momentos oportunidade de trazer à atenção de seus superiores hierárquicos queixas e descontentamentos em relação ao seu contexto de trabalho.

Como apresentado na seção de procedimentos metodológicos neste artigo, o Diagnóstico Institucional é uma ação de intervenção que tem sido proposta pela equipe do Projeto como estratégia para iniciar o trabalho junto com trabalhadoras e trabalhadores nos Centros de Socioeducação em que temos atuado. Para a realização de diagnóstico institucional são realizadas entrevistas com servidores, análise de documentos da instituição e do sistema socioeducativo do Estado, bem como observações de campo. As entrevistas são exploratórias e semipadronizadas, realizadas individualmente, e tem como objetivo a compreensão das relações instituídas e dos lugares subjetivos ocupados pelos sujeitos institucionais.

Assim, resultam na produção de diagnóstico das relações instituídas e seus pontos de conflito. Foi até o momento produzido um diagnóstico institucional em um Centro de Socioeducação, sendo que outro, em um segundo Centro, encontra-se em andamento, na etapa de entrevistas. O diagnóstico institucional que já temos provisoriamente finalizado no primeiro

Centro de Socioeducação foi construído a partir de entrevistas com os participantes da instituição, da análise de documentos e de observação da rotina e do cotidiano da instituição. Foram realizadas duas modalidades de entrevistas, sendo elas abertas e semipadronizadas. As entrevistas abertas, exploratórias, foram realizadas com trabalhadoras e trabalhadores de todos os setores do Centro de Socioeducação em estudo, tais como os agentes, professores, técnicos administrativos, gestores, médicos, dentistas, entre outros. Nessas entrevistas iniciais foi possível identificar diferenças significativas nas vivências do trabalho e saúde entre os servidores que atuam nesta instituição.

Estes resultados já foram publicados em outros trabalhos, mas, como exemplo, destacamos que quando perguntados sobre como percebiam sua saúde atualmente, de 52 trabalhadoras e trabalhadores entrevistados, apenas 4 relataram sentirem-se bem. Dos demais: 14 servidores, técnicos e agentes, relataram alguma forma de estresse; houve 8 relatos de pressão alta; 3 relatos de oscilações de humor, 3 de pensamentos negativos recorrentes e 3 de ansiedade; 2 relatos de gastrite, 2 de taquicardia, 2 de impactos em relacionamentos pessoais, 2 de dores no corpo, 2 de insônia e 2 de cansaço. Há ainda relatos singulares sobre esofagite, psoríase, alta taxa de colesterol, problemas de visão e alcoolismo. Além disso, de 52 entrevistados, quase metade (21) alegaram fazer uso de alguma forma de medicamento – sem estabelecer se haveria ou não ligação com o trabalho. Alguns não souberam, não quiseram ou não sentiram a necessidade de nomear a medicação em uso. Pudemos identificar 3 tipos de medicamentos sendo utilizados pelos trabalhadores: (i) psicofármacos (relatado em oito entrevistas); (ii) hipotensores (relatado em 4 entrevistas); e (iii) fármacos relacionados a problemas gastrointestinais (relatado em uma entrevista).

Esses achados iniciais foram então investigados em maior profundidade por meio de entrevistas semipadronizadas (FLICK, 2009), na qual se buscou estabelecer um diálogo com trabalhadoras e trabalhadores sobre os seguintes pontos de investigação: (1) dados gerais de perfil social; (2) história na instituição – a fim de explorar história de vida e o que na historicidade desses sujeitos se atualizava na história dessa instituição, se trabalhou em outras unidades socioeducativas; (3) categoria profissional – explorou-se aspectos da rotina, ações realizadas e relação subjetiva com estas, motivação, planos em relação ao trabalho; (4) relações de trabalho – dos servidores entre si e com os adolescentes; (5) saúde – investigou como os funcionários percebem sua saúde e bem-estar, se apresentam algum problema de saúde, se

fazem uso contínuo de medicamentos, se já precisaram ser afastados do trabalho por motivos de saúde, se percebem uma relação do trabalho com a saúde; (6) relação com o local de trabalho como um todo – buscou entender como os servidores veem o local de trabalho, o que mudariam e não mudariam, e o que esperariam de uma intervenção de psicologia na instituição.

No início de cada entrevista, foi apresentado e solicitado assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que continha explicações sobre os objetivos da pesquisa e intervenção e descrição do procedimento de entrevista. As entrevistas tiveram duração média de 1 hora, foram gravadas com autorização dos participantes e posteriormente transcritas. As transcrições foram então analisadas conforme método de Análise de Conteúdo Temática Axial, tal como proposto por Flick (2009).

Com o intuito de manter em sigilo qual o Centro de Socieducação investigado, não serão divulgados os números absolutos de população e amostragem abordadas nesta ação de intervenção, no entanto, cabe ressaltar que a técnica de amostragem adotada foi a Amostragem Teórica, também chamada de Amostragem Gradual por Flick (2009), na qual o intuito não é atingir um percentual estatisticamente representativo da população total, mas conversar com quantos novos participantes sejam necessários até que se atingisse aquilo que o autor denomina de saturação teórica: conforme a proposta de Flick (2009) a amostra foi realizada gradualmente num processo contínuo de coleta e análise de dados em que se procedeu com a realização de novas entrevistas até que se identificou que pouco de substancialmente novo, isso é, que tratava de nova temática não identificada até o momento, aparecia em cada nova entrevista com participantes diferentes. No estudo diagnóstico, considerou-se saturação teórica e interrompeu-se a coleta de novos dados via entrevistas individuais num momento em que se havia entrevistado 37% do total de trabalhadoras e trabalhadores da instituição.

Todas as trabalhadoras e trabalhadores do Centro de Socioeducação foram convidados a participar da pesquisa diagnóstica, o convite foi realizado diretamente pela equipe do Projeto e também intermediado pela direção do referido CENSE. A equipe procedeu com os convites tanto por envio de mensagem em e-mail institucional dos colaboradores, afixação de cartazes com convite em murais e editais na instituição, e por meio de convites em conversas informais realizadas pela equipe de pesquisa durante seu tempo de permanência semanal na instituição. Os convites intermediados pela direção foram realizados a partir de iniciativa da mesma, por meio de conversas entre diretores e trabalhadoras e trabalhadores sem que um critério de

escolha dos participantes tenha sido estabelecido pela equipe do Projeto. A participação na pesquisa era voluntária, e isso foi esclarecido com a direção assim como no início de cada entrevista, no entanto alguns participantes convidados pela direção expressaram terem compreendido que a participação na pesquisa era uma determinação da direção. Nesses casos, foi reforçada junto aos participantes sua liberdade em participar ou não da pesquisa diagnóstica. Houve casos de entrevistados que nesse momento optaram por não dar continuidade à sua participação.

Como resultado das entrevistas, pode-se indicar a identificação de alguns atores institucionais, como: o gestor com visão de Socioeducação; o gestor com visão de segurança; agentes de segurança socioeducativos – com visão de Socioeducação e com visão de segurança; Professores; Equipe Técnica. A visão que cada ator possui da Socioeducação tem relação direta com seu fazer e a operacionalização das orientações de Socioeducação. Mas também com o sentido do trabalho e a realização profissional no e pelo trabalho. Identificou-se a existência de disputas e alianças entre os atores institucionais, o que corrobora para o estabelecimento de conflitos, mas também das alianças para resolvê-los ou fazer os enfrentamentos do que se coloca institucionalmente. Em relação às condições de trabalho identificaram-se relatos de que a infraestrutura é inadequada, existe falta de materiais e de servidores, e ocorre a responsabilização individual de trabalhadoras e trabalhadores por problemas que estão no nível de gestão, além da possibilidade de violência no cotidiano do trabalho. Estes dois últimos aspectos, especialmente, produzem sofrimento psíquico aos servidores, gerando estresse, sintomas depressivos e de ansiedade. Inclusive, há alguns servidores com diagnóstico de síndrome do pânico, além de outros que apresentam somatizações diversas e hipertensão.

Tais condições interferem diretamente na organização do trabalho, causando sobrecarga de trabalho em alguns servidores, o que também se relaciona com o adoecimento psíquico de outros. Além disso, o salário é entendido como insuficiente para a manutenção de uma condição adequada de vida. Ainda, alguns servidores relatam que fazem uso de parte de sua remuneração para a realização de algumas atividades no Sistema. Sobre as relações de trabalho, pudemos identificar que, no que concerne às relações entre colegas, há conflitos e contradições. Por vezes essas relações se apresentam tanto como um refúgio no trabalho, dita por alguns como a única

“coisa boa” no trabalho, quanto como também sendo produtora de sofrimento para outros, que divergem da cultura instituída na organização.

A internação do adolescente no sistema, enquanto medida socioeducativa, vista sob o prisma da saúde das trabalhadoras e trabalhadores, mostra-se como sendo uma teia complexa para a realização do trabalho. As contradições entre o que é proposto na lei e o que o Estado efetiva são sentidas no dia-a-dia desses profissionais, na falta de materiais, nas punições que recebem quando algo “dá errado”, e no sofrimento de cada um deles. O Diagnóstico Institucional, então, apontou elementos conflituosos na relação com o trabalho, que estão relacionados tanto à estruturação e dinâmica da organização, quanto à organização psíquica e vivência subjetiva do trabalho por parte dos servidores. Destaca-se que esses conflitos podem ser lidos à luz do mal-estar no trabalho, e que eles têm efeitos para a saúde em geral e a saúde mental das trabalhadoras e trabalhadores.

Retiramos disso que os efeitos de se iniciar um trabalho de Psicologia, Saúde e trabalho junto a trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação por meio da proposta e realização de um Diagnóstico Institucional tem sido importantes: para o trabalho do Projeto possibilita à equipe conhecer sobre o contexto de trabalho e situação de saúde, adoecimento e sofrimento no trabalho, além de, por meio dos vários contatos com os participantes, permitir à equipe apresentar o Projeto para diversas trabalhadoras e trabalhadores da instituição, ao mesmo tempo em que permite que nesses contatos os participantes conheçam os membros da equipe, e inicie-se um processo de diálogo e colaboração que se pode continuar em outras ações de intervenção. Já para a promoção de saúde no trabalho, a realização e devolutiva dos resultados do Diagnóstico Institucional também é apontado pelos participantes como tendo um efeito importante, uma vez que permite que a equipe do Projeto sistematize e apresente às trabalhadoras e trabalhadores participantes uma “fotografia” de como relatam que está sua condição de trabalho e saúde, que engloba a visão de múltiplos sujeitos. Os momentos de devolutiva do Diagnóstico Institucional ocorreram nas reuniões de devolutiva (conforme apresentado no ítem (i) desta seção), e foram acompanhados de considerações dos participantes de surpresa e sentimentos positivos de verem que algumas coisas que vivenciam são vivenciadas também pelos colegas, de reconhecimento mútuo, de acolhimento, além de identificar pontos comuns do contexto de trabalho que percebem como problemáticos, buscando direcionar ações para a mudança desses aspectos.

Outro efeito destacado da realização e apresentação de resultados do Diagnóstico Institucional pelas trabalhadoras e trabalhadores participantes foi a potencialidade desse artefato (documento/ texto/ apresentação) para dar visibilidade e legitimidade (pois entendem que uma vez que foi produzido via “método científico” então “provam” seu sofrimento) a queixas/denúncias a respeito de aspectos do contexto de trabalho na Socioeducação que percebem como problemáticos. Participantes propuseram que o material produzido fosse apresentado à gestão da Secretaria Estadual e a instâncias mais altas na gestão estadual “para que conhecessem a realidade do seu trabalho no CENSE”. A equipe do Projeto esclareceu que não assume esse papel de comunicação com as demais instâncias institucionais, mas que se disponibiliza para um trabalho conjunto em que os próprios participantes possam se utilizar dos resultados do Diagnóstico Institucional para que realizem as ações de enfrentamento e negociação que acreditem ser apropriadas. Desde então algumas ideias de produção conjunta de documentos, pesquisas, e outros artefatos têm sido propostas pelos participantes para que sejam desenvolvidas no Projeto, como se verá, algumas dessas ideias propostas pelas trabalhadoras e trabalhadores têm sido realizadas em ações de intervenção e tem apresentado efeitos positivos.

Além das (i) reuniões de apresentação e devolutivas, e (ii) do Diagnóstico Institucional uma terceira ação de intervenção que foi proposta pela equipe do Projeto às trabalhadoras e trabalhadores deste primeiro Centro de Socioeducação onde se começou o trabalho foi a realização de períodos de permanência da instituição. A equipe de psicologia vinculada ao Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa disponibilizava horários de permanência na instituição. A cada semestre esses horários eram alterados, em função da dinâmica da instituição e disponibilidade da equipe. Procuramos manter ao menos quatro períodos de 4 horas de permanência na semana, em uma sala destinada à equipe. Nesta sala, trabalhadoras e trabalhadores podiam localizar a equipe nos horários de permanência, passar para conversas breves conforme sua demanda, agendar horários para conversa sobre situações de trabalho, tirar dúvidas sobre as atividades do Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa e marcar atendimentos individuais.

Como nos indica Guirado (2009), é fundamental, enquanto psicologia, constituirmos um lugar na instituição, para que se possa ter compreensão das práticas em que se está inserido, do movimento dos grupos nessa prática e da “apropriação daquele que se configura seu objeto,

aquilo em nome de que a instituição se faz” (GUIRADO, 2009, p. 332). Assim, localizar o trabalho da psicologia a partir do motivo de existência da instituição e todos os desdobramentos dessa existência, é condição essencial para fundamentar um trabalho não na lógica de um saber pré-constituído sobre a dinâmica dos grupos e a saúde das trabalhadoras e trabalhadores, mas na lógica de um saber a ser construído sobre essa dinâmica com quem faz parte da instituição e nela adoece. Dentre os efeitos que recolhemos da realização desta ação podemos destacar que a manutenção da permanência deste espaço possibilitou um vínculo com a instituição, demarcar o lugar de trabalho e articular as demais ações do Projeto.

Inicialmente o projeto focou a realização das ações anteriormente descritas: (i) reuniões, (ii) Diagnóstico Institucional e (iii) permanências, no entanto, à medida que o trabalho foi acontecendo, fomos tendo como efeito uma participação mais ativa de trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação, tendo partido deles a proposta de realização de um trabalho em grupo, como “rodas de conversa”, metodologia que conhecem dado um trabalho de pedagogia na Socioeducação. A partir desse interesse em trabalhar em grupos, chegamos à proposta conjunta da realização de grupos operativos. Segundo Pichon-Rivière (1991), o grupo operativo é um “conjunto de pessoas reunidas por constantes de tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, implícita ou explicitamente, uma tarefa que constitui sua finalidade” (p. 157). Um dos objetivos da técnica dos grupos operativos é o de auxiliar na minimização dos medos básicos e o de favorecer o rompimento dos estereótipos que funcionam como barreira à mudança. Esses grupos também podem resultar em benefícios terapêuticos.

A proposta do trabalho com os grupos operativos é que cada integrante do grupo possa compartilhar suas ideias e necessidades a partir de um tema escolhido, identificando as possibilidades e limites da realização de um trabalho comum e fazendo as aberturas para que um novo modo de fazer se realize na dinâmica do cotidiano da instituição. Ou seja, quando o grupo aprende a problematizar as dificuldades que emergem no momento da realização de suas tarefas, é possível dizer que ele entrou em trabalho operativo. Nesse momento, a elaboração de um projeto comum é possível e o grupo pode construir um projeto de mudança.

No ano de 2019, foram realizados dois grupos operativos, um com professores e outro com agentes da Socioeducação e técnicos. Todas as trabalhadoras e trabalhadores de um Centro de Socioeducação foram convidados a participar dos grupos, tanto por intermédio da direção

da unidade, quanto da própria equipe do Projeto. A participação era voluntária, e foram agendados horários de encontro dos grupos no próprio local e horário de trabalho conforme disponibilidade dos participantes durante um período de 4 meses. Foram realizados 14 encontros quinzenais, com aproximadamente 2 horas de duração cada, tendo uma média de 8 participantes, mais a presença de dois membros da equipe do Projeto, um atuando como coordenador e outro como observador e auxiliar.

As temáticas debatidas foram: o Diagnóstico Institucional realizado, e a partir dele, com o objetivo de pensar a situação de saúde no trabalho e intervenções possíveis foram estabelecidos pelos participantes o trabalho das seguintes temáticas: depressão, ansiedade, estresse, cultura institucional, organização, condições, rotina, significado do trabalho e relações de trabalho. Os primeiros encontros dos grupos começaram com a discussão sobre Diagnóstico Institucional, e a depender do que foi sendo levantado nas discussões, os participantes e a equipe do Projeto definiam as possibilidades de ação e o que seria discutido na sequência. Pela dinâmica da instituição imprimida pela carga horária de plantões, os encontros dos grupos operativos aconteceram numa frequência quinzenal.

Como efeitos dessa ação de intervenção pudemos recolher que a partir desse trabalho de escuta e de mobilização de cada um a partir da sua posição na instituição, compreende-se que é possível “aplicar as regras de funcionamento da linguagem e buscar brechas, espaços, para fazer com que possam emergir falas de sujeitos, que buscam operar rachaduras no que está cristalizado, uma vez que os discursos institucionais tendem a produzir repetições para preservar o igual” (KUPFER, 2004). Assim, o objetivo da psicologia é trabalhar na direção de propiciar a emergência desses discursos e posições.

Como principais efeitos dos grupos operativos, podemos citar ainda: a organização de um conhecimento sobre a instituição, sua dinâmica e os elementos geradores de conflito no trabalho; a reflexão sobre a identidade profissional e o sentido do trabalho no Sistema Socioeducativo; reconhecimento de elementos relacionados ao sofrimento e adoecimento no trabalho; organização pelas trabalhadoras e trabalhadores de uma rede de proteção e cuidado no trabalho.

Assim como no caso da ação de intervenção (iv) grupos operativos, o desenvolvimento de Atendimentos clínico-institucionais individualizados também foi uma ação de intervenção que partiu de demanda e proposta das trabalhadoras e trabalhadores participantes do Projeto.

Os atendimentos clínico-institucionais consistem em atendimentos clínicos individuais a trabalhadoras e trabalhadores que solicitam o atendimento para a equipe do Projeto. O pedido é feito no contexto da permanência, ou por e-mail, e o trabalhador pode ser atendido por membros da equipe do Projeto na Clínica de Psicologia da Universidade ou na própria sala da equipe no CENSE para a realização dos atendimentos. Identificamos ser comum a queixa de dificuldade em ser atendido por um psicólogo na rede de assistência do governo do Estado, ou mesmo na rede de saúde pública. Esse contato com a equipe do Projeto viabilizou o atendimento desses sujeitos-trabalhadores, dando condições para que a palavra pudesse ser colocada onde havia angústia, estresse, ansiedade e estados depressivos.

Nos atendimentos realizados pela equipe do Projeto, pode-se notar que parte das trabalhadoras e trabalhadores que buscou o serviço de atendimento clínico-institucional fazia uso de medicação psicotrópica. E em algum momento do percurso profissional, eles haviam sido atendidos por psiquiatras, os atendimentos sustentaram um local de fala e escuta sobre os impasses dos sujeitos, mas que se localizam no trabalho. Como efeito, pode-se indicar um questionamento dessas trabalhadoras e trabalhadores sobre seu adoecimento e sofrimento (RAGNINI; DARRIBA, 2017), assim como a diminuição das ausências no trabalho. Para se manter vivo e trabalhando, mas também podendo questionar seus sintomas e seu sofrimento, encontrou-se na fala uma saída possível.

Diferentemente das ações anteriormente apresentadas que foram propostas pela equipe ou pelos participantes do Projeto, nas quais se encontrou uma possibilidade de trabalho conjunto para sua realização, há uma proposta de ação que tem sido apresentada pela equipe do Projeto e que tem encontrado obstáculos em sua realização: trata-se de um acompanhamento do sistema de gestão de faltas e controle de adoecimentos. Essa proposta de trabalho foi indicada pela equipe do Projeto a partir do Diagnóstico Institucional realizado. Identificou-se que não havia um sistema integrado de acompanhamento do absentismo, nem mesmo um controle sobre as causas dos afastamentos do trabalho. A proposta era compreender o motivo ou a sintomatologia característica do sofrimento e dos adoecimentos no trabalho nestes Centros de Socioeducação e propor intervenções no âmbito da saúde em geral e da saúde mental no trabalho.

A ação de intervenção não encontrou ainda forma de efetivação, com a justificativa de que os atestados são entregues ao serviço de perícia da saúde ocupacional do Estado, que congrega todas as trabalhadoras e trabalhadores estaduais, não havendo uma congregação ou

análise dos dados específicos dos servidores da Socioeducação, e de que não há um controle de faltas e atestados sistematizado no nível do Centro de Socioeducação ou da Secretaria Estadual que possa ser acessado pela equipe do Projeto. Esse fato demonstra a ausência das ações de controle e acompanhamento em saúde ocupacional no Sistema de Socioeducação nesse Estado, o que, de certa maneira, dificulta a compreensão sobre o processo de saúde e doença e a proposição de ações e programas que possam auxiliar as trabalhadoras e trabalhadores na manutenção e promoção de sua saúde. A equipe do Projeto insiste num esforço de implementação dessa ação de intervenção, por considerar ser fundamental em um trabalho de promoção de saúde do trabalhador que acompanhamento e controle sejam realizados.

Durante a pandemia da Covid-19, as ações de intervenção do Projeto de Extensão, Ensino e Pesquisa foram suspensas entre os meses de março a outubro de 2020, tendo retornado em novembro de 2020. De lá para cá, as ações de intervenções foram adaptadas para serem realizadas de forma remota, concentrando-se nas seguintes: realização de permanência de forma remota nos dois Centros de Socioeducação; realização de entrevistas remotas para a realização de Diagnóstico Institucional no Centro que que começamos a trabalhar mais recentemente; realização de grupos operativos remotos no Centro no qual os grupos operativos já eram realizadas presencialmente; realização de atendimentos clínico-institucionais individualizados remotos (disponíveis para trabalhadoras e trabalhadores de ambos os CENSEs); de Palestras Psicoeducação com temáticas relacionadas à Psicologia, saúde e trabalho (disponíveis para trabalhadoras e trabalhadores de ambos os CENSEs); realização grupos de acolhimento do luto (realizados com trabalhadoras e trabalhadores de ambos os CENSEs).

A principal mudança na metodologia das ações de intervenção foi o sistema de comunicação com os servidores e o fato de que alguns se encontravam em trabalho remoto. Um efeito importante dessa mudança foi que se passou a depender mais da direção dos CENSEs e de um servidor determinado para que a comunicação com as trabalhadoras e trabalhadores fosse realizada. Ainda sobre os efeitos dessas adaptações, cabe destacar que o trabalho remoto e em escala causou mobilizações nas equipes de trabalho, indicando sobrecarga por parte de uns e medo de estar na instituição por parte de outros. Considerou-se assim que a experiência de permanecer no Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa, ainda que de forma remota, já que os CENSEs estavam funcionando de forma restrita e fechada para entrada da equipe do Projeto de forma presencial para conter as contaminações e possíveis surtos da Covid-

19 na instituição, foi fundamental para a garantia do lugar de palavra para as trabalhadoras e trabalhadores na instituição. Pudemos compreender ao longo da realização destas ações durante a pandemia que com o novo estado de vigilância em saúde imposto pela pandemia, as relações de trabalho e os afetos no trabalho sofreram importantes modificações, seja pela falta de contato físico e o novo modo de trabalhar (com quadro reduzido de funcionários e trabalho remoto), seja pelo excesso de trabalho e a exposição frequente ao contexto do mundo em pandemia. A falta ou o excesso aparecem na instituição como mobilizadores das energias psíquicas, podendo promover incertezas, angústias e outros sintomas.

Como apresentado na seção de metodologia deste artigo, e no início desta seção de resultados e discussão, algumas das ações de intervenção que temos desenvolvido têm como característica serem de proposição da equipe e outras de iniciativa dos participantes do Projeto, sendo que temos percebido como efeito das ações ao longo do tempo que mais recentemente as ações de iniciativa das trabalhadoras e trabalhadores têm se tornado mais frequentes e inovadoras. É o caso das ações já desenvolvidas nos grupos operativos, dos atendimentos clínico-institucionais individualizados e dos grupos de acolhimento de luto, que foram demandas de ações que participantes apresentaram à equipe do Projeto a partir de modelos e dispositivos de trabalho que reconheciam como próprios de uma certa ideia que tinham a respeito do que seria um trabalho de Psicologia. Desde março de 2021 temos desenvolvido uma ação proposta pelos participantes de levar referências teóricas da área de psicologia para embasar seu conhecimento sobre temas de saúde e trabalho. Essa proposta tem resultado numa ação que chamamos de Palestras de Psicoeducação.

As Palestras de Psicoeducação consistem em eventos de extensão, em que membros da equipe do Projeto realizam palestra sobre tema da Psicologia elencado como sendo de interesse dos participantes. A palestra é seguida de roda de conversa em que trabalhadoras e trabalhadores presentes podem trazer suas considerações, relacionar as temáticas apresentadas à sua realidade de trabalho, e/ou dar o encaminhamento que melhor entenderem para o momento de conversa entre pares. Até o momento foram realizadas quatro Palestras de Psicoeducação: duas sobre as temáticas de emoções e afetos no trabalho (ofertadas em horários diferentes, para dar conta das diferenças de turno nos CENSEs), e duas sobre estigmas sobre a saúde mental. Há previsão de serem realizadas palestras sobre as temáticas de uso de medicamentos e trabalho, e sentido do trabalho. As palestras até o momento foram realizadas

de forma remota, contaram com a participação média de 15 participantes cada, e tiveram cerca de 2 horas de duração. A avaliação dessas ações ainda não foi realizada junto com os participantes, mas o que já recolhemos de seus efeitos é que se trata de mais um espaço para troca, reconhecimento mútuo, acolhimento e formação de sentido de coletividade entre os participantes.

Mais recentemente, temos recebido propostas de ações por parte das trabalhadoras e trabalhadores que participam no Projeto que consideramos mais inovadoras em termos do que tradicionalmente é tido como um trabalho tradicional de Psicologia, e damos especial destaque à proposta de ação que temos chamado de Construção Coletiva de Pesquisas. Desde a primeira reunião de devolutiva realizada junto aos trabalhadores do primeiro CENSE no qual temos atuado, na qual se apresentaram resultados do Diagnóstico Institucional, a ideia de ter um documento resultado de pesquisa científica que “prove” que as queixas das trabalhadoras e trabalhadores sobre seu contexto de trabalho são prejudiciais à sua saúde e que precisam ser “conhecidas pelo Estado” para que “mudem o que está ruim”, é apontada por alguns participantes como uma solicitação que trazem à equipe do Projeto. Temos trabalhado essa solicitação, de forma que trabalhadoras e trabalhadores que se sintam engajados na construção deste “documento” tomem parte na produção do mesmo, e deem a ele o encaminhamento que julgam necessário. A ação de intervenção que temos coletivamente construído a partir disso é a de pensar uma possibilidade de Construção Coletiva de Pesquisas sobre o contexto de trabalho e situação de saúde nesse Centro de Socioeducação.

Esta ação está ainda em desenvolvimento, até o momento, o que realizamos foi o seguinte: membros da equipe do Projeto ficaram responsáveis por realizar uma revisão sistemática da literatura buscando levantar o que já existe disponível na literatura científica nacional sobre a condição de trabalho e saúde de pessoas que trabalham na Socioeducação. Esta revisão foi realizada e encontra-se publicada no trabalho de Bastos (2021). Foram realizados dois eventos de extensão no qual trabalhadoras e trabalhadores desse CENSE (de onde partiu a demanda) foram convidados a participar para apresentação e discussão dessa revisão de literatura. Esses eventos de extensão seguiram o modelo das Palestras de Psicoeducação: foram divididas em 2 momentos, um de apresentação, seguido por uma roda de conversa, e tiveram média de participação semelhante cerca de 15 participantes cada. Também, tiveram cerca de 2

horas de duração, a análise, reflexão, avaliação direcionamento dos efeitos dessas ações ainda está por ser realizada.

Conclusões e considerações finais

Este artigo teve como objetivo descrever e analisar as ações de Psicologia, saúde e trabalho que temos criado e desenvolvido por meio da atuação em um Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa junto com trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação de uma Secretaria Estadual de Socioeducação e de dois Centros de Socioeducação localizados em uma cidade da região sul do Brasil, buscando refletir sobre seus efeitos. Foram apresentados e discutidos os efeitos de seis ações de intervenção, quais sejam: (i) Reuniões anuais de abertura dos trabalhos e de devolutiva (fechamento); (ii) Diagnóstico Institucional; (iii) Períodos de permanência na instituição; (iv) Grupos operativos; (v) Atendimentos clínico-institucionais individualizados; (vi) Acompanhamento do sistema de gestão de faltas e controle de adoecimentos.

Além disso, foram apresentadas e discutidas as adaptações de ações que foram realizadas em decorrência da pandemia da Covid-19, que compreendem adaptações de ações que já vinham sendo desenvolvidas, bem como a operacionalização de novas ações de demanda da instituição, tais como a realização de grupos de acolhimento de luto, em razão do falecimento de servidores em decorrência da Covid-19 nos dois CENSEs em que o Projeto atua. O artigo apresentou ainda as ações que estão em desenvolvimento, tais como Palestras de Psicoeducação e Construção Coletiva de Pesquisas, cuja análise e avaliação ainda não foi realizada juntamente com os participantes do Projeto, de modo que pouco se pode recolher neste momento a respeito de seus efeitos. Uma vez que em trabalhos anteriores já tivemos a oportunidade de apresentar sobre como está o contexto de trabalho e a situação de adoecimento e sofrimento de trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação, no presente trabalho estes resultados foram apresentados apenas superficialmente, de modo a exemplificar a origem das demandas ou os efeitos das ações que temos realizado, porém o enfoque do artigo recaiu sobre as ações de intervenção e os efeitos do trabalho.

Consideramos que o artigo com foco na Metodologia de Trabalho que temos desenvolvido nesse Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa junto com

trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação é necessário, pois se trata de proposta de intervenção que propõe inovações em relação ao que se encontrou disponível na literatura nacional a respeito de como tradicionalmente se trabalha pela via da Psicologia, Saúde e Trabalho a questão da saúde, sofrimento e adoecimento das pessoas que trabalham na Socioeducação. É nosso interesse que essa proposta de trabalho seja conhecida e discutida perante a comunidade acadêmica, para que do diálogo entre os pares também amplie a reflexão crítica sobre essa forma de intervenção.

Destacam-se como diferenciais da Metodologia de Trabalho que se adota no Projeto o fato de adotar referenciais teóricos interdisciplinares e críticos (Teoria da Economia Política do Poder em Estudos Organizacionais, Análise Institucional e Psicologia Institucional); ampliar o escopo de análise e atuação que é comumente tratado em trabalhos sobre saúde das pessoas que trabalham na Socioeducação por meio de uma compreensão crítica das relações de poder e da ordenação burocrática no campo institucional, com isso expandido o campo de investigação e atuação para além da dimensão organizacional, buscando uma atuação também no âmbito institucional; e, finalmente, tomar como referência intervenções críticas em psicologia como referencial de embasamento teórico e prático, buscando partir disso construir uma possibilidade de trabalho em Psicologia, saúde e trabalho nas quais as ações de intervenção são construídas em conjunto com a instituição, trabalhando conjuntamente com suas trabalhadoras e trabalhadores, pois entendemos que é esse o papel da Extensão Universitária e da Pesquisa como prática social reflexiva, engajada e potencialmente libertadora e transformativa da realidade social.

Neste artigo, apresentamos os efeitos que essas ações de intervenção em Psicologia, saúde e trabalho têm em relação à promoção de saúde de servidores da Socioeducação. As ações que temos realizado enquanto Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa em psicologia e trabalho têm efeitos individuais e coletivos, que são considerados positivos pelas trabalhadoras e trabalhadores participantes do projeto, o que culmina na demanda pela continuação das atividades ano a ano.

Pode-se evidenciar que as ações de intervenção desenvolvidas propiciaram aberturas para o diálogo e a mobilização da dimensão subjetiva das trabalhadoras e trabalhadores na instituição. Além disso, percebemos como trabalhadoras e trabalhadores têm se mostrado mais propositivos, inovadores e participativos na proposta de ações que visem à promoção de sua

própria saúde. Retiramos disso que há certo protagonismo que vem sendo amplificado nas trabalhadoras e trabalhadores e um alargamento de seus recursos para modificar seu contexto de trabalho. Tomamos isso como evidência de uma melhora em sua condição de saúde.

Fazemos essa afirmamos a partir da nossa compreensão de saúde em relação com o trabalho, que como apresentamos neste artigo segue o proposto por Mendes (2007b), e diz respeito à condição dos sujeitos de realizar suas aspirações, satisfazer suas necessidades, bem como de mudar ou enfrentar o ambiente, isto é, como um recurso para a vida cotidiana que implica os recursos sociais, pessoais e a aptidão física e psicológica para o desempenho das funções pessoais e sociais, tais como o trabalho. Embora tenhamos recolhido efeitos positivos das ações realizadas via o Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa, identificamos também que as ações do Projeto são consideradas insuficientes pelas trabalhadoras e trabalhadores, que demandam uma atenção e ação do próprio Estado para sua situação de sofrimento e adoecimento no trabalho.

Destacamos como os resultados de nossas investigações apontam que não há uma política e nem ações sistematizadas em saúde do trabalhador no sistema socioeducativo, e que há um significativo índice de sofrimento e adoecimento relacionados ao trabalho. Esses resultados, assim como o referencial teórico e a compreensão de gestão de saúde no trabalho que aqui adotamos, apontam para a necessidade da construção de um sistema de saúde do servidor que contemple a saúde das pessoas que trabalham na Socioeducação nesse Estado. Nossas propostas de intervenção em psicologia, a partir de um diagnóstico institucional, visaram compreender a relação do trabalho com a saúde de trabalhadoras e trabalhadores do sistema socioeducativo, e a partir do referencial teórico e da metodologia adotados, foram investigados os âmbitos de contexto (condições e organização) e relações de trabalho, sendo possível notar que em todos estes há aspectos que produzem sofrimento para estes profissionais. O presente artigo evidencia que ações a partir de um Projeto Universitário de Extensão, Ensino e Pesquisa na área de Psicologia, saúde e trabalho junto com trabalhadoras e trabalhadores da Socioeducação parecem ajudar, porém, isoladamente, não dão conta de sanar esse sofrimento e adoecimento.

Referências

- BASTOS, C. **Saúde do Trabalhador**: um estudo com servidores da Socioeducação. Qualificação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2021.
- BLEGER, J. **Psico-higiene e Psicologia Institucional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- BRASIL. Constituição do Brasil [1988]. Brasília, DF, 1988.
- BRASIL. **Lei 12.594 de 12 de janeiro de 2012**. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional [...]. Brasília, DF, 2012.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990.
- BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). **Levantamento anual SINASE 2017**. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2019.
- BRUNING, C.; RAGNINI, E. C. S.; LUZ, L. B. S.; Psicologia e Trabalho: relato de pesquisa empírica sobre trabalho e saúde na Socioeducação. *In*: POLLI, G. M.; TAGLIAMENTO, G. **A pesquisa e a prática na formação em Psicologia**: graduação e pós-graduação. Curitiba: Juruá, s/d.
- BRUNING, C.; RAGNINI, E. C. S.; MORABITO, J. T; BASTOS, C. Trabalho e subjetividade na Socioeducação. *In*: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 7., 2021, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: CBEO, 2021.
- BRUNING, C.; RAGNINI, E.C.S.; BEZUSKA, A. S. H.; CODUTTI, G. ; ARAUJO, H. A.; TEMPORAL NETO, J.; SOUZA, K. A. T.; LUZ, L. B. S. Reflexões sobre a atuação da psicologia em saúde do trabalhador: relato de experiência de intervenção em instituição de Socioeducação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 5., 2018, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: CBEO, 2018. p. 1-7.
- COIMBRA, C. M. B.; AYRES, L. M. Da moralidade e situação irregular à violência doméstica: discursos da (in)competência. *In*: COIMBRA, C. M. B.; AYRES, L. S. M.; NASCIMENTO, M. L. do (org.). **Pivetes**: encontros entre a Psicologia e o Judiciário. Curitiba: Juruá, 2008. p. 57-69.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Saúde do trabalhador no âmbito da saúde pública**: referências para atuação da(o) psicóloga(o). Conselho Federal de Psicologia. 2. ed. Brasília: CFP, 2019.
- FARIA, J. H. **Poder, controle e gestão**. Curitiba: Juruá, 2017.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUIRADO, M. Em instituições para adolescentes em conflito com a lei, o que pode a nossa vã psicologia? *In*: BRANDÃO, E. P.; GONÇALVES, H. S. (org.). **Psicologia jurídica no Brasil**. Rio de Janeiro: NAU, 2004b. p. 249-276.

GUIRADO, M. **Psicologia institucional**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2004a.

GUIRADO, M. Psicologia institucional: o exercício da psicologia como instituição. **Interação em Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 323-333, 2009.

GURALH, S. A. O processo de investigação acerca da prática profissional em um centro de Socioeducação, a partir da utilização do grupo focal. **Revista Varia Scientia**, v.10, n.17, p. 89-101, 2010a.

GURALH, S. A. **O regime de privação de liberdade sob enfoque da Socioeducação: experiência do Centro de Socioeducação Regional de Ponta Grossa**. 2010. 195 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2010b.

HERCULANO, J. A. H.; GONÇALVES, M. C. Educador social: segurança e socioeducador, a conciliação. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 4, n. 1, p. 74-101, 2011.

KUPFER, M. C. O que toca à/a Psicologia Escolar. *In*: MACHADO, A. M.; SOUZA, M. P. R. (org.). **Psicologia escolar: em busca de novos rumos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 55-65.

LAPASSADE, G. **Grupos, organizações, instituições**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
LOURAU, R. **A análise institucional**. São Paulo: Vozes, 1995.

MENDES, R. Conceito de patologia do trabalho. *In*: MENDES, R. (org.). **Patologia do trabalho**. São Paulo: Atheneu, 2007. v.1. p.47-92.

PALMA, P. C.; NEUFELD. C. B. Intervenção cognitivo-comportamental em grupo de socioeducadores: um relato de experiência. **Revista Brasileira de Terapia Cognitiva**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 55-61, 2011.

PARKER, I. **Qualitative Psychology: introducing radical research**. England/EUA: Open University Press, 2005.

PERES DA COSTA, R. Representações sociais do trabalho do Educador Social de Socioeducação. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE / I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 10., 2011, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: PUC, 2011.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

RAGNINI, E. C. S. **Saúde mental no trabalho – sujeito, sintoma e clínica:** por uma incidência do discurso psicanalítico no campo da saúde do trabalhador. 2014. Tese 194 f. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

RAGNINI, E. C. S.; DARRIBA, V. A. O campo da saúde do trabalhador sob o crivo do mal-estar como fundamento ético. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 707-724, 2017.

RODRIGUES, E. C. C. Pane no sistema: o cenário nacional nos 25 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente. **Revista Epos**, v. 6, n. 2, p. 70-97, 2015.

SANTOS, W. L.; SILVA, M. A. O educador social: uma função socioeducativa ou de segurança? **Revista de Serviço Social**, Londrina, v. 14, n. 1, p. 102-123, jul./dez. 2011.

SÃO PAULO. Fundação Estadual de Bem Estar do Menor. **FEBEM:** um novo olhar. 2021. Disponível em: <http://www.dialogue.com.br/web/sites/febem/frames/p01.html>. Acesso 10 out. 2021

SOARES, L. M. B. **Trabalho e estresse:** um estudo com agentes socioeducativos. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SOUZA, V. L. T.; VENÂNCIO, M. M. R. Os sentidos atribuídos à medida socioeducativa de liberdade assistida por jovens em conflito com a lei e seus socioeducadores. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 32, p. 163-185, jun. 2011.

Recebido: 13.12.2021

Aceito: 03.12.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

RELATO DE EXPERIÊNCIA: DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA “ENREDANDO SABERES: IMPASSES DA PRÁTICA”: O TRABALHO EM REDE NA SOCIOEDUCAÇÃO

"ENGAGING KNOWLEDGE: IMPASSES IN PRACTICE": NETWORKING IN SOCIO-EDUCATION

"INVOLUCRAR EL CONOCIMIENTO: IMPASSES EN LA PRÁCTICA": TRABAJO EN RED EN SOCIOEDUCACIÓN

Lucia Maria de Freitas Perez¹

Andréa Martello²

Samia Jraige³

Marlise Eugenie D'Icarahy⁴

Laura de Sousa Ferreira Brito⁵

Yasmim Cristina dos Santos Nascimento⁶

Resumo: Este escrito se propõe a tecer um relato das experiências vivenciadas durante a execução do projeto “Em nome do Sujeito: encontros de psicanálise, educação, literatura e artes”, um dos braços do Programa de extensão “Enredando Saberes: impasses da prática”, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Tal projeto, em parceria com o Serviço de Psicologia da Vara de Execução de Medidas Socioeducativas do Rio de Janeiro

¹ Psicóloga. Doutora em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Associada do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5244-7926> E-mail: luciafreitasperez@gmail.com

² Psicóloga. Doutora em Teoria Psicanalítica, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8000-8138> E-mail: demartello@gmail.com

³ Museóloga. Mestra em Ciências Sociais, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Integrante do Programa de extensão “Enredando saberes: impasses da prática” da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7599-7974> E-mail: samia.jraige@gmail.com

⁴ Psicóloga. Doutora em Teoria e Clínica Psicanalítica, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e em Psicologia pela Universidade Nice Sophia Antipólis, atual Université Côte D’Azur. Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4221-3066> E-mail: marliseeugenie@gmail.com

⁵ Graduanda em Pedagogia, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3128> E-mail: britosousalaura@gmail.com

⁶ Graduanda em Direito, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5419-4993> E-mail: cristinasantoscd361@gmail.com

(VEMSE/RJ), compôs, desde 2018, o programa interinstitucional “Eu apoio a voz do adolescente”, que enlaçando a universidade, o judiciário e setores educativos de três diferentes museus - Museu da ALERJ, Museu da Justiça e Museu Histórico Nacional - fomentou novas estratégias de atendimento e acolhimento aos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas que, atentas às dimensões psicológica, cultural, política, pedagógica e jurídica, contribuíram para a integração desses jovens na dimensão simbólica de seu tempo, a partir da promoção de uma elaboração de seu lugar na cidade.

Palavras-chave: Programa de extensão. Socioeducação. Psicanálise. Atividades culturais. Museus.

***Abstract:** This paper proposes to weave an account of the experiences lived during the execution of the project “In the name of the Subject: meetings of psychoanalysis, education, literature and arts”, one of the arms of the extension program “Engaging Knowledge: impasses of practice”, of the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO). This project, in partnership with the Psychology Service of the Socio-educational Measures Execution Court of Rio de Janeiro (VEMSE/RJ), has composed, since 2018, the inter-institutional program “I support the voice of the adolescent”, which links the university, the judiciary and educational sectors of three different museums - ALERJ Museum, Justice Museum and National Historical Museum - promoted new strategies for assisting and welcoming adolescents in compliance with socio-educational measures that, attentive to the psychological, cultural, political, pedagogical and legal dimensions, contributed for the integration of these young people in the symbolic dimension of their time, from the promotion of an elaboration of their place in the city.*

Keywords: Extension program. Socioeducation. Cultural activities. Museums.

***Resumen:** Este artículo propone tejer un relato de las experiencias vividas durante la ejecución del proyecto “En nombre del Sujeto: encuentros de psicoanálisis, educación, literatura y artes”, uno de los brazos del programa de extensión “Engaging Knowledge: impasses of práctica”, de la Universidad Federal del Estado de Rio de Janeiro (UNIRIO). Este proyecto, en alianza con el Servicio de Psicología del Juzgado de Ejecución de Medidas Socioeducativas de Rio de Janeiro (VEMSE/RJ), ha compuesto, desde 2018, el programa interinstitucional “Apoyo la voz del adolescente”, que vincula al Los sectores universitario, judicial y educativo de tres museos diferentes - Museo ALERJ, Museo de la Justicia y Museo Histórico Nacional - impulsaron nuevas estrategias de atención y acogida de adolescentes en el cumplimiento de medidas socioeducativas que, atentas a los aspectos psicológicos, culturales, políticos, pedagógicos y dimensiones legales, contribuyeron para la integración de estos jóvenes en la dimensión simbólica de su tiempo, a partir de la promoción de una elaboración de su lugar en la ciudad.*

Palabras clave: Programa de extensión. Socioeducación. Actividades culturales. Museos.

Introdução

Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?

Paulo Freire

Este trabalho consiste em apresentar, em forma de relato de experiência, um pouco da história, da proposta, da dinâmica e das questões suscitadas e trabalhadas de maneira coletiva pelos integrantes do projeto extensionista “Em nome do sujeito: encontros de psicanálise, educação, literatura e artes”. Desde sua origem, em 2016, o projeto visou, através da valorização da psicanálise, da literatura e das artes em geral, produzir no cotidiano de diferentes espaços institucionais, intervalos que pudessem favorecer a emergência do sujeito e de sua singular sensibilidade. Em meados de 2017 e ao longo de 2018, este projeto que compõe o Programa “Enredando saberes, impasses da prática”, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PROEXC/UNIRIO) voltou-se para a socioeducação, a partir do estabelecimento de parceria com Serviço de Psicologia da Vara de Execução de Medidas Socioeducativas (VEMSE). Giro que nos pareceu fundamental por colocar em trabalho impasses históricos, dos quais destacamos o “racismo estrutural” (ALMEIDA, 2018), entendendo que a história do Brasil traz marcas de um processo de colonização perverso, fruto de uma tradição colonialista escravocrata e que se reflete na forma preconceituosa pela qual a sociedade ainda segrega e criminaliza a juventude pobre e negra.

Reconhecemos que no âmbito legal esforços já vinham sendo feitos no sentido de destacar e proteger esse grupo, entendendo-os como pessoas ainda em desenvolvimento e que culminaram, em 1990, na promulgação da Lei Federal nº 8.069, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990). Lei que ratifica o direito da população infanto-juvenil à proteção integral já conferida pela Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), conferindo aos adolescentes o direito de um pleno desenvolvimento físico, biológico, psicológico e cognitivo. De acordo com o ECA (BRASIL, 1990), adolescentes de até 18 anos, que cometam atos infracionais, devem cumprir medidas socioeducativas, não apenas para reparar estes atos perante a sociedade, mas para, através de um trabalho educativo, serem reintegrados à sociedade. Entretanto, embora mais de 30 anos tenham decorrido, desde a promulgação da lei, boa parte das conquistas ali preconizadas ainda não se efetivaram no cotidiano da realidade

brasileira. Muitas transformações se fazem ainda necessárias, especialmente no que tange ao tratamento conferido à juventude negra e pobre, predominante no sistema socioeducativo do Estado do Rio de Janeiro (MENDES; JULIÃO, 2018). Assim, por colocar em trabalho tais impasses e apostando, como Lacan (1998), que o psicanalista pode e deve estender sua ação e seu campo de reflexão para as questões de seu tempo, consideramos promissora a parceria estabelecida entre o programa de extensão desenvolvido no âmbito de nossa universidade e o Setor de Psicologia da Vara de Execução de Medidas Socioeducativas. Esse convênio foi formalizado no Diário Oficial da União, em 28 de janeiro de 2018, e originou o Programa Interinstitucional “Eu apoio a voz do adolescente” (TRIBUNAL DA JUSTIÇA, 2018). Tal programa é voltado para o planejamento e execução de ações de promoção de uma escuta direcionada aos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, na tentativa de se fazer avançar alguns desses imperativos.

A participação de um coletivo de professoras de Psicologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), todas psicanalistas e de seus alunos de diversos cursos, bem como dos setores educativos do Museu da Justiça – Centro Cultural do Poder Judiciário (CCMJ), do Museu Histórico Nacional (MHN) e do Palácio Tiradentes da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), em colaboração com a única psicóloga lotada na VEMSE, foi fundamental. A partir do trabalho dessa rede interinstitucional, houve uma efetiva convocação e valorização da palavra desses jovens e de suas famílias que, nas diferentes atividades propostas concebidas pelo Programa, tiveram oportunidade de se interrogar acerca de sua efetiva participação nos espaços públicos da cidade. Através da circulação da palavra, alguns desses adolescentes, bem como seus familiares e diferentes atores de seus processos socioeducativos, revisitaram seus percursos e foram convocados a elaborar suas experiências, a partir de seu desejo - dentre todos, o principal material necessário à construção de alternativas diferenciadas para suas existências. A metodologia adotada, calcada na ética da psicanálise (PEREZ; D'ICARAHY; BARROS; MARTELLO, 2019), contribuiu para subverter o lugar por eles ocupado na cena pública: passaram de meros objetos sobre os quais recaíam sanções e medidas punitivas, para sujeitos que, de alguma forma, puderam se implicar em suas histórias e trajetórias.

Em execução desde 2018, o projeto passou por várias fases, atingindo aproximadamente 200 jovens em cumprimento de diferentes medidas socioeducativas, além de seus familiares.

Entre suas ações, destacam-se as visitas mediadas realizadas em museus e centros culturais, ações educativas, esquetes teatrais, e dramatizações, sempre acompanhadas de rodas de conversas, nas quais os adolescentes produziram elaborações acerca da experiência na socioeducação e nas atividades realizadas no projeto. Essas elaborações foram registradas em documentos individuais, denominados por nós como “A voz do adolescente”, que, quando autorizados pelos autores, puderam ser anexados aos seus autos processuais, fazendo reverberar a voz e a perspectiva desses jovens no espaço jurídico. A seguir, descrevemos as diferentes etapas do projeto, ao longo dos últimos anos, e a especificidade do trabalho realizado em parceria com os museus e instituições culturais.

Ano de 2018: Adolescentes em Liberdade Assistida

Por uma questão de facilidade estratégica e de logística, inicialmente, direcionamos nosso olhar para os adolescentes em cumprimento da medida Liberdade Assistida, prevista no art. 112, inciso IV, do ECA (BRASIL, 1990). Quando em cumprimento dessa medida, mais branda que as demais e que faculta aos adolescentes à livre circulação pela cidade, tais jovens eram convidados pela Vara a participar das ações propostas por nosso programa interinstitucional. Esses convites eram encaminhados pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), que se incumbia de reuni-los, providenciando o transporte que os conduziria até o Centro do Rio, local onde se situa o setor de Psicologia da VEMSE, ponto de origem e finalização de nossos circuitos.

As rodas de conversa e visitas aos museus abriram aos adolescentes a possibilidade de expressar suas perspectivas, enquanto sujeitos e cidadãos que passaram pela experiência da socioeducação. No processo de elaboração, ocorrido ao longo das visitas e das rodas, discutiam-se questões trazidas por esses jovens, bem como outras introduzidas pelas equipes em parceria. Durante o registro final, eram acompanhados pelos alunos do projeto extensionista e pelos educadores dos espaços culturais que, quando necessário, os assessoravam pedagogicamente, pois alguns desses adolescentes apresentavam dificuldades no letramento, muitos deles não eram alfabetizados. Nesses registros, as formas de expressão adotadas eram as mais variadas e de total livre escolha, como poemas, desenhos, histórias, colagens, cartas e textos. Ao fim, eram convidados pela equipe a compartilhar e a anexar esses registros em seus autos processuais.

Ano de 2019: Adolescentes em Internação Domiciliar

Ao final de 2018, alguns jovens em cumprimento da medida de Internação, por conta da superlotação nas unidades do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE), receberam, por parte do Ministro Fachin, a determinação de cumprir a excepcional medida de Internação Domiciliar (BRASIL, 2018). Através dessa medida de exceção, alguns jovens, que até então, cumpriam medida em um regime fechado, foram selecionados para experienciar uma nova modalidade, intermediária entre a Internação e a Liberdade Assistida, que poderia ser cumprida em seus lares, porém sem a mesma flexibilidade oferecida aos que cumprem a medida mais branda. Desde que acompanhados por seus pais ou responsáveis, esses jovens, até então totalmente segregados, puderam, no Rio de Janeiro, participar das ações de nosso programa, possibilitando uma abertura para a criação de novas propostas direcionadas a esse novo público. Para além das visitas a museus, introduzimos a apresentação de esquetes teatrais, sempre seguidos pelas rodas de conversas e pela elaboração de registros.

Ano 2020-2021: O que fazer na pandemia?

Em março de 2020, no retorno às aulas, fomos surpreendidos com a eclosão de uma pandemia (SARS-Covid-19) que ensejou a suspensão das atividades presenciais de ensino, pesquisa e extensão de nossa universidade. Como dar continuidade virtualmente a atividades que têm como traços principais o encontro, a socialização e a livre circulação por espaços culturais? Diante da impossibilidade de acesso direto aos jovens em cumprimento de medidas, durante o isolamento social, temos nos dedicado a preparação de material educativo que possa funcionar como disparador nas sessões individuais e virtuais conduzidas pela psicóloga da Vara, como vinhetas, jingles, pequenos filmes, podcasts, bem como ao estudo sobre a temática, à organização do material coletado durante a experiência e à construção de um *site* para o Programa.

Transitando pelos espaços museais

A ideia de museu tradicional ainda está muito associada à exposição de uma história oficial e de “verdades” que reforçam o poder já instituído. Percebemos a dificuldade de determinados grupos estarem presentes nesses espaços ainda hoje. Em paralelo, diversas percepções sociais do papel dos museus passam a entrar em disputa, e diferentes públicos passam a interferir em sua dinâmica (VARINE-BOHAN, 1995). Pensando os museus enquanto lugares de memória e o apagamento da memória enquanto prática racista, a presença dos adolescentes da socioeducação é de extrema importância, assim como a existência de iniciativas que atuem como contrapontos, como resistências e até mesmo como subversões nesses espaços. Dessa maneira, aproveitamos os espaços museais e culturais para serem aliados e para atuarem como alternativa dentro das práticas socioeducativas.

Os três museus parceiros do programa, Museu da Justiça, Museu Histórico Nacional e Palácio Tiradentes, da ALERJ, com seus acervos artísticos, históricos e humano e com a atuação de seus educadores e educadoras, tiveram um papel singularíssimo no planejamento e execução de nossas ações, categorizando três roteiros que exigem um lugar especial nesse relato de experiências.

Museu da Justiça – Centro Cultural do Poder Judiciário

O prédio localizado na Rua Dom Manuel, 29, Centro do Rio de Janeiro, e que hoje abriga tanto o Museu da Justiça - Centro Cultural do Poder Judiciário (CCMJ), como a sala do setor de Psicologia da VEMSE, tinha como finalidade originária ser o endereço da Corte de Apelação, tribunal de última instância do Distrito Federal. Transformado em museu, em 1988, voltou-se à preservação da memória do Poder Judiciário.

Acolhidos inicialmente na sala do setor de Psicologia da VEMSE, os adolescentes participavam de jornadas educativas que começavam por uma leitura do simbolismo em sua arquitetura. Desde a rua, eram convidados a examinar coletivamente a fachada do prédio, adentrando até o interior dos diversos salões, mediados pelas intervenções do setor educativo do museu, que buscavam despertar a curiosidade dos adolescentes pelo espaço. Durante o percurso, discutiam-se, entre outros assuntos, temas referidos aos sentidos que podem ser

conferidos à palavra justiça. O momento culminante se dava no Salão do Antigo Tribunal do Júri, quando os adolescentes dramatizavam um ato que narrava, ao modo do júri popular, um processo de julgamento. A dramatização lhes permitia, além de experienciar diferentes papéis, refletir coletivamente sobre as encenações e sobre valores éticos e morais.

O roteiro acima, adotado desde a primeira versão de nossa proposta de trabalho, quando dirigimos nossas ações apenas para os adolescentes em Liberdade Assistida, sofreu uma significativa alteração ao nos dirigirmos, no início de 2019, para aqueles em Internação Domiciliar. Nesse novo formato, o primeiro acolhimento a esse grupo de jovens, acompanhados de seus familiares, também acontecia na sala do Serviço de Psicologia da VEMSE, de onde eram conduzidos à sala multiuso, atualmente um teatro localizado no subsolo do CCMJ. Nesse espaço, assistiam à esquete teatral do grupo KRIADAKI, protagonizada pelos atores Adriano Rodrigues Oliveira (Jacaré) e Edson Sodré, alunos do curso de teatro da UNIRIO e integrantes do Projeto Teatro nas Prisões, vinculado ao programa “Enredando Saberes: impasses da prática”.

A temática da peça “Nosso Evangelho”, concebida por Sodré, por despertar questões relativas às vulnerabilidades sociais, econômicas e raciais, favoreceu o debate entre todos integrantes do projeto. As rodas de conversas, disparadas pela peça e mediadas pela psicóloga da Vara, pelas docentes e discentes do projeto e pelos representantes das instituições parceiras, mobilizaram memórias, afetos e interrogaram os sentidos tradicionalmente estabelecidos.

Após o desdobramento das discussões suscitadas pela peça, os jovens eram direcionados até a sala do educativo, onde eram realizadas atividades e ações educativas, debates, a partir de objetos mediadores e da visita aos espaços históricos. Em paralelo a estas atividades, voltadas especificamente aos adolescentes, familiares e acompanhantes faziam uma visita pelo museu, conhecendo salas como o Tribunal Pleno e o Tribunal do Júri. Em seguida, discutiam, também em rodas de conversa, a respeito de questões de liberdade e direitos sociais. Nessas conversas, pais e responsáveis traziam seus pontos de vista sobre o tratamento concedido pelos representantes do Estado para com eles e seus filhos, sobrinhos e netos submetidos ao processo socioeducativo, além de suas angústias relativas ao futuro dos adolescentes sob suas guardas.

Museu Histórico Nacional

O Museu Histórico Nacional, situado na Praça Marechal Âncora, s/n – Centro do Rio de Janeiro, foi criado em 1922, com a missão de preservar e divulgar a história do país. A partir das diversas exposições que abriga e do trabalho realizado pelos educadores do espaço, as atividades tinham como objetivo a atualização e revisão crítica das narrativas hegemônicas. Por decisão estratégica, limitamos nosso passeio ao Pátio dos Canhões, ao antigo Arsenal de Guerra, e também a algumas exposições de longa duração, tal como a intitulada “As moedas contam a história”, que despertavam maior interesse dos jovens. Durante a visita, debatíamos com os adolescentes sobre questões históricas, correlacionando-as com nossas próprias histórias.

Além de debater aspectos históricos, a ação ofereceria a possibilidade desses jovens acessarem equipamentos culturais e lugares de memória da cidade, até então desconhecidos ou nunca visitados. A partir das reflexões críticas elaboradas coletivamente, muitos desses jovens puderam tomar a palavra, produzindo falas contundentes. Os adolescentes se posicionavam nessas discussões, não como meros espectadores, mas como sujeitos que se situavam no presente, amparados no passado, podendo projetar outros e diferentes futuros. A partir do contato com a historicidade do sistema jurídico brasileiro, pôde-se discutir sobre o teor punitivista que norteia, de forma recorrente, as ações socioeducativas no Brasil.

Palácio Tiradentes – ALERJ

O Palácio Tiradentes foi construído na antiga Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) que também fora conhecida como “Cadeia Velha”, localiza-se na rua Primeiro de Março, s/n, Praça XV, Rio de Janeiro/RJ, e deve seu nome ao fato de ter tido como um de seus prisioneiros Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes, enforcado em praça pública, em abril de 1792. Na atualidade, para os adolescentes em conflito com a lei, ter a oportunidade de conhecer onde foram e são criadas leis, bem como ter contato com o projeto “Parlamento Juvenil”, no qual jovens de escola pública são selecionados para participar ativamente na criação de leis que impactam a vida cotidiana de suas comunidades, abriu-lhes novas perspectivas (LUCIUS, 2018). Tais experiências apresentaram-lhes outras formas e possibilidades de atuação e intervenção social, em que poderiam exercer um papel ativo nesta instância de poder.

Percorrer junto aos adolescentes às ruas do Centro da cidade, permitiu-nos perceber o modo como éramos confrontados por olhares atravessados, deixando evidente preconceitos e o desconforto em relação às nossas presenças. Na chegada à ALERJ, éramos recebidos pelos estagiários do Setor Cultural, que nos apresentavam à “Casa do povo”, às discussões do Plenário, e a outros espaços histórico-culturais abertos à visitação. Finalmente, quando da chegada ao Salão Nobre, debatiam-se temas como os direitos sociais, o acesso à justiça, aos direitos humanos, o ECA, o Código Penal e a visão de cada adolescente a respeito da elaboração e execução de leis. Em uma dessas reuniões, tivemos as presenças de Renata Souza, Deputada Estadual e Presidente da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania, e de Mônica Cunha (CASH, 2016), fundadora do Movimento Moleque, uma organização de mães, pelos direitos de adolescentes no Sistema Socioeducativo e seus familiares, contra a redução da maioria penal, contra a revista vexatória e a favor dos direitos humanos, fundada em dezembro de 2003, no Rio de Janeiro. As duas mulheres expuseram aos presentes a importância do envolvimento da população na articulação política para reivindicar os direitos básicos dos mais vulneráveis e com pouca participação nos espaços de poder.

Considerações finais: efeitos produzidos pela experiência extensionista

A passagem por essas vivências produziu efeitos não apenas nos adolescentes que cumpriam algum tipo de medida socioeducativa, mas em todos os que, de alguma forma, participaram do processo. Integram o projeto de extensão alunos de diferentes cursos de graduação da UNIRIO, tais como Pedagogia, Biologia, Música, Teatro, Serviço Social, Direito, Medicina, além de voluntários de diferentes áreas como a Museologia e a Filosofia. A coordenação do projeto é exercida de forma colegiada, por professoras de Psicologia, com formação em Psicanálise, enredando diferentes saberes na construção de uma prática mais inclusiva e que faz valer a função do sujeito e de sua diferença.

Nos encontros, nos deparamos com diferentes impasses, entre eles as distintas linguagens utilizadas pelos adolescentes nas visitas aos espaços museais. Como aproximar a linguagem empregada em ambientes formais, como os museus, à linguagem corriqueira dos adolescentes? Gírias e jargões nos deram pistas sobre os conflitos territoriais que envolvem diferentes regiões do Rio de Janeiro. Como, então, promover condições mínimas para possíveis

trocas entre grupos reconhecidamente rivais? Muitos dos jovens extensionistas, oriundos de cotas, moradores dos subúrbios e periferias contribuíram para tal aproximação, via identificação com os adolescentes. Naquele ambiente de tamanha estranheza, a presença dos jovens estudantes introduziu, em um primeiro contato, pontos de abertura e familiaridade, que facilitaram uma maior participação dos adolescentes.

Outro desafio que nos foi colocado pela prática perpassa às estratégias de mediação: como mobilizar o desejo e o interesse pela troca simbólica em adolescentes tão alijados desse tipo de experiência cultural, durante atividades em espaços pouco ou nunca frequentados? Essas questões continuam a nos levar a um constante debate e exigem de nós um contínuo trabalho de avaliação e de sensibilidade, em sintonia com as especificidades de cada grupo.

“Há um mais além da técnica, a ética” (PEREZ; D’ICARAHY; BARROS; MARTELLO, 2019, p.161), afirmam as coordenadoras do programa, que do lugar de psicanalistas e professoras universitárias inseridas na pólis, foram responsáveis pela criação, sustentação e fundamentação deste programa interinstitucional. Tal como uma grande teia, segue crescendo mais e mais, constituindo uma rede ampliada, nos transmitindo, em ato, a existência viva de uma “ética do desejo que, transcendendo a qualquer moral pré-concebida, possibilita ao sujeito não ser esmagado pelas violentas forças presentes no contemporâneo que clamam por seu silenciamento” (PEREZ; D’ICARAHY; BARROS; MARTELLO, 2019, p.161).

Marcados por essa ética, afirmamos que o impacto da experiência do projeto “Em nome do sujeito” está sendo de suma importância para a formação acadêmica dos jovens universitários participantes, pois apresenta novos espaços de atuação profissional, como o campo socioeducativo, expandindo a reflexão para uma vivência fora dos muros da universidade. Aproxima os jovens universitários e a própria universidade de outras realidades, contribuindo para que o integrante do projeto extensionista se abra para outras perspectivas e outras formas de escuta. Passamos a “sentir na pele” o quanto os processos históricos se perpetuam, atuando de forma inconsciente, na naturalização e manutenção de formas jurídicas obsoletas, racistas e colonialistas. O trabalho realizado pelo programa interinstitucional valoriza o lugar de fala e a potência da escuta e diferente do que ocorre com as tradicionais instâncias e instituições de poder, se esforça para não estigmatizar as experiências individuais dos

aprendizes, mas sim, considerá-las no momento do fazer pedagógico, entendido como um processo de ação, criação e transformação.

Essa experiência ilustra o quanto a voz do adolescente em conflito com a lei, assim como a de outras “minorias”, precisa ser ouvida e para isso é necessário que nós, enquanto sociedade, nos disponhamos a ouvi-la. O processo de desenvolvimento de uma escuta na formação de qualquer acadêmico, coloca na práxis a teoria absorvida na universidade, articulando a Psicanálise de Freud e Lacan à Paulo Freire, que em *Pedagogia do Oprimido* (1968) ou a *Pedagogia da Autonomia* (1996) nos apresentam teorias que contribuem para a construção de uma prática pedagógica que deslegitima a ação autoritária e cerceadora, defendendo a liberdade dos educandos em exercer sua subjetividade. Assim, apostamos no enredamento de saberes, pois acreditamos, fundamentados nessa experiência que, assim como a Psicanálise, a educação transformadora seja uma forma de intervir no mundo, a fim de fazer emergir a realidade em suas variadas formas.

Por sua parte, a fundamentação psicanalítica, extraída de uma práxis calcada no ensino de Freud e Lacan, permitiu-nos, tocar nos “mistérios do corpo falante”, introduzindo uma prática de falação que testemunhamos exercer efeitos sobre o corpo e sobre o sintoma em suas diversas modalidades, destacando-se aqui a dimensão sociopolítica do sofrimento. Queremos crer que através da tessitura da rede simbólica, constituída a partir desse enredamento de saberes e de afetos, tal como o por nós proposto neste Programa, estejamos convocando à fala sujeitos, que vêm sendo tradicionalmente silenciados. Apostamos que o ecoar dessas vozes permita, tanto a seus emissores como àqueles que as escutam, protagonizar a construção de saídas para pontos de impasses, sejam estes particulares ou coletivos, contribuindo para que tradicionais e naturalizadas formas de subjugação humana passem, minimamente, a produzir estranhamento.

Sustentamos que quanto mais e melhor os sujeitos possam falar daquilo que lhes atravessa, maiores serão as possibilidades de transformação nos modos pelos quais o inconsciente, enquanto linguagem, contribui na manutenção e sustentação de formas preconceituosas. Iniciativas como essa procuram oferecer maiores chances aos sujeitos de virem a ocupar novas posições nos laços sociais, não mais assujeitados a uma moral da conformação, mas fazendo valer uma ética que afirma e sustenta um lugar para a diferença, para o novo e para a transformação.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2018.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 26 mar. 2021.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Agravo regimental no Habeas Corpus 143.988**. **AGTE(s)**: Todos os Adolescentes Internados na Unidade de Internação Regional Norte. **ADV.:** Defensor Público-Geral do Estado do Espírito Santo. **AGDO.:** Superior Tribunal de Justiça. Rel. Ministro Edson Fachin. Brasília, DF, 16 de agosto de 2018. Diário da Justiça Eletrônico, 20 de agosto de 2018. Disponível em: https://www.stf.jus.br/arquivo/djEletronico/DJE_20180817_169.pdf. Acesso em: 27 mar. 2021.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília, DF, 1988.

CASH, Anna. **Rede de mães contra a violência do Estado**: uma entrevista com Mônica Cunha. RioOnWatch, publicado em 9 mar. 2016. Seção Destaques, Denúncias, Entrevistas e Perfis. Disponível em: <http://riononwatch.org.br/?p=18634>. Acesso em: 27 mar. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LUCIUS, Leon. **Ação traz jovens em Liberdade Assistida à ALERJ**. Rio de Janeiro, 6 jun. 2018. Disponível em: [http://www.alerj.rj.gov.br/\(X\(1\)S\(m4sukk2nom5bncl15mmisngb\)\)/Visualizar/Noticia/43270?AspxAutoDetectCookieSupport=1](http://www.alerj.rj.gov.br/(X(1)S(m4sukk2nom5bncl15mmisngb))/Visualizar/Noticia/43270?AspxAutoDetectCookieSupport=1). Acesso em: 27 mar. 2021.

MENDES, Claudia Lucia Silva; JULIÃO, Elionaldo Fernandes. **Trajetórias de vida de jovens em situação de privação de liberdade no Sistema Socioeducativo do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Degase, 2018.

PEREZ, Lucia Maria de Freitas; D'ICARAHY, Marlise Eugenie; DE BARROS, Rita Maria Manso; MARTELLO, Andréa. Por uma ética da pólis: psicanálise e política. *In*: BRANDÃO, Eduardo (org.). **Psicanálise e Direito**: subversões do sujeito no campo jurídico. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2019.

TRIBUNAL DA JUSTIÇA. **TJ do Rio inaugura serviço de psicologia para adolescentes**. Rio de Janeiro, 4 jun. 2018. Disponível em: <http://www.tjrj.jus.br/noticias/noticia/-/visualizar-conteudo/5111210/5569938>. Acesso em: 27 mar. 2021.

VARINE-BOHAN, Hugues. **A respeito da mesa redonda de Santiago do Chile (1972).**

1995. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3832560/mod_resource/content/1/HUGUES%20DE%20VARINE.pdf. Acesso em: 1 nov. 2021.

Recebido: 30.09.2021

Aceito: 15.11.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**UMA BRINQUEDOTECA NO PRESÍDIO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DE
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

***A TOY LIBRARY IN THE PRISON: FORMATIVE EXPERIENCES OF UNIVERSITY
EXTENSION IN TIMES OF PANDEMIC***

***LUDOTECA EN LA CÁRCEL: EXPERIENCIAS FORMATIVAS DE EXTENSIÓN
UNIVERSITARIA EN TIEMPOS DE PANDEMIA***

Andréa Kochhann¹

Ana Paula Fernandes Soares²

Wlisses Cavalcante Santos³

Resumo: O presente artigo é reflexo do projeto de extensão “A pedagogia e a brinquedoteca: rompendo fronteiras” que se efetiva pelo atendimento de crianças, filhos dos presos, da Unidade Prisional de São Luís de Montes Belos, Goiás. O atendimento acontece na brinquedoteca, construída com todos os princípios de uma brinquedoteca, dentro do espaço prisional. Com a pandemia o projeto de extensão se ressignificou com intuito de aproximar as crianças e adolescentes de seus pais e tem realizado suas atividades de forma remota. Os acadêmicos envolvidos no projeto atuam como protagonistas de todo o processo, desde o planejamento das atividades, até a efetivação e avaliação. As atividades são de caráter pedagógico formativo e educativo, tanto para os acadêmicos quanto para as crianças atendidas. Assim, o objetivo desse artigo é apresentar como o projeto se efetiva, considerando o princípio da extensão acadêmica, processual e orgânica, pela práxis crítico emancipadora, em que a unidade teoria e prática alicerça a formação dos acadêmicos ao longo do ano, para que possam desenvolver as atividades com as crianças compreendendo o sentido de ser da ação. Alicerçaremos então estes escritos nos autores Gadotti (2017), Kochhann (2019-2021), Reis (2021), Manchur; Suriani; Cunha (2013).

Palavras-chave: Brinquedoteca. Cárcere. Atividades formativas. Cidadania.

¹ Pós-Doutoranda em Educação (PUC-GO). Doutora em Educação (UnB). Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiás, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6852-073X> E-mail: andreakochhann@yahoo.com.br

² Graduanda de Pedagogia, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), *Campus* Oeste Sede São Luís de Montes Belos; Bolsista Voluntária de Iniciação Científica. Goiás, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4414-1895> E-mail: clabiadragnell@gmail.com

³ Graduando de Letras, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), *Campus* Oeste Sede São Luís de Montes Belos; Graduando de História, pela Unopar, Goiás, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8116-045X> E-mail: wllisses_cavalcante@outlook.com

Abstract: *This article is a reflection of the extension project "Pedagogy and toy library: breaking borders" that is effective by the care of children, children of prisoners, of the Prison Unit of São Luís de Montes Belos, Goiás. The service takes place in the toy library, built with all the principles of a toy library, within the prison space. With the pandemic, the extension project was resignified in order to bring children and adolescents closer to their parents and has carried out their activities remotely. The students involved in the project act as protagonists of the entire process, from the planning of activities to the implementation and evaluation. The activities are of a formative and educational pedagogical character, both for the students and for the children attended. Thus, the aim of this article is to present how the project is effective, considering the principle of academic, procedural and organic extension, by the emancipatory critical praxis, in which the unit theory and practice underlaws the formation of students throughout the year, so that they can develop activities with children understanding the meaning of being of action. We will then support these writings in gadotti (2017), Kochhann (2019-2021), Reis (2021), Manchur; Suriani; Cunha (2013).*

Keywords: *Toy library. Prison. Formative activities. Citizenship.*

Resumen: *Este artículo es un reflejo del proyecto de extensión "Pedagogía y biblioteca de toy: rompiendo fronteras" que es efectivo por el cuidado de niños, hijos de presos, de la Unidad Penitenciaria de São Luís de Montes Belos, Goiás. El servicio se lleva a cabo en la biblioteca de juegos, construida con todos los principios de una biblioteca de juegos, dentro del espacio de la prisión. Con la pandemia, el proyecto de extensión se resignificó con el fin de acercar a los niños, niñas y adolescentes a sus padres y ha realizado sus actividades de forma remota. Los alumnos implicados en el proyecto actúan como protagonistas de todo el proceso, desde la planificación de las actividades, hasta la implantación y evaluación. Las actividades son de carácter pedagógico formativo y educativo, tanto para los alumnos como para los niños atendidos. Así, el objetivo de este artículo es presentar cómo el proyecto es efectivo, considerando el principio de extensión académica, procedimental y orgánica, mediante la praxis crítica emancipatoria, en la que la unidad teoría y práctica subyace a la formación de los estudiantes a lo largo del año, para que puedan desarrollar actividades con los niños entendiendo el significado de ser de acción. Luego apoyaremos estos escritos en Gadotti (2017), Kochhann (2019-2021), Reis (2021), Manchur; Suriani; Cunha (2013).*

Palabras clave: *Juguetería. Prisión. Actividades formativas. Ciudadanía.*

Introdução

A extensão universitária por vezes sofre ambiguidades em sua concepção. A ação extensionista é uma iniciativa que deve partir das instituições de ensino superior, objetivando a indissociabilidade no que cabe a práxis, visto que a extensão tem caráter formativo em relação aos acadêmicos e a comunidade como uma relação transformadora. A variável parte do momento que essa visão se torna simplista. E os envolvidos com este texto fomentam a compreensão da mesma como princípio educativo e científico.

Esse artigo é fruto do projeto de extensão “A pedagogia e a brinquedoteca: rompendo fronteiras”, busca romper essa visão simplista, viabilizando uma ação transformadora entre docentes e acadêmicos, bem como da comunidade em que está inserido, possibilitando que as ações do projeto se tornem um instrumento de mudança social (GADOTTI, 2017, p. 2). Esse projeto de extensão é uma das ações vinculadas ao Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade (GEFOPI), que prima por processos formativos de ação transformadora.

Salienta-se ainda que buscamos manter uma prática extensionista processual orgânica no que cabe as atividades desenvolvidas pelo grupo. Cabendo a esta segundo a definição de Reis que:

A linha de ação processual- orgânica tem como característica o desenvolvimento de ações de caráter permanente, imbricado ou inerentes ao processo formativo (ensino) e a produção de conhecimento (pesquisa) da universidade, em parceria político-pedagógico com a sociedade civil ou política, numa dimensão mutuamente oxigenante e mutuamente transformante. (REIS, 2021, p. 41)

Caracterizam-se, assim, a formação que unifica os conhecimentos e transformações geradas no meio social, como a produção de conhecimento como componente formador educativo científico-cultural que prima a construção da práxis.

Extensão universitária e o GEFOPI: experiências formativas

A Extensão Universitária é uma das atividades formativas da universidade e que deve primar pela formação acadêmica como objetivo maior e por consequência benefícios para a comunidade atendida, no movimento real de oxigenação mútua de conhecimentos, tanto teóricos quanto práticos. Com esse sentido de ser das atividades de extensão, defendemos que a mesma precisa ser entendida e vivenciada enquanto práxis. Pois, como uma atividade que se efetiva no movimento real, para muito um mero movimento prático, para outros – como os autores – um movimento teórico-prático-teórico (KOCHHANN, 2019, 2021). Considerando esse conceito de extensão o GEFOPI e suas atividades se efetivam.

O GEFOPI é configurado como programa ou projeto extensionista integrado, cadastrado pela Universidade Estadual de Goiás, tendo em 2021, sido incluído ao cadastro do CNPq como

grupo de pesquisa. A organização acontece por discussões por *WhatsApp*, *Google Meet*, rodas de conversa, minicursos, oficinas, salas de cinema, projetos de pesquisa, projetos de extensão, elaboração de revistas pedagógicas, participação de eventos com publicação acadêmica, publicação de capítulos de livros e demais atividades desenvolvidas em espaços formativos no que cabe a temática, com metodologias que prezam a interdisciplinaridade e o interprofissionalismo.

Desde sua criação, o GEFOPi está vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e, por seu caráter interdisciplinar, aceita acadêmicos de outros cursos como Letras, História, Psicologia, Matemática, Química e outros, além de estudantes de mestrado e doutorado. Sua elaboração no ano de 2006 e coordenação foi gerido pela Prof. Dra. Andréa Kochhann, com estruturação sistemática e orgânica direcionada à formação docente. Em vias pandêmicas iniciada 2020, o GEFOPi buscou uma ressignificação de suas atividades, tendo continuidade ainda no ano de 2021 em prol das novas necessidades das medidas remotas.

As atividades atentem aos acadêmicos atualmente vinculados, egressos e docentes da UEG, demais Instituições de Ensino Superior (IES) e cursos, do mesmo modo a comunidade em geral de diversas cidades, estados e países, pela rede de pesquisadores. A coordenação geral conta com professores que coordenam áreas como colaboradores, em que cada um dos projetos ou áreas tem um coordenador, um grupo de acadêmicos e a comunidade.

O GEFOPi segue linhas de pesquisa e estudo que são: 1. Formação docente e trabalho pedagógico; 2. Didática e processos de ensino; 3. Educação, Linguagem e Tecnologias; 4. Gestão pedagógica, currículo e políticas de qualidade. As linhas de pesquisa abrangem os projetos de pesquisa, projetos de extensão, bem como ensino e produção acadêmica com base nas formas metodológicas, dessa maneira, o GEFOPi constitui-se em 4 eixos: ensino, pesquisa, extensão e produção acadêmica.

No eixo Ensino, temos formação em relação a didática e oralidade para apresentações e palestras, grupo de estudos por temas ou área de interesse, orientação em pequenos grupos presencial ou *online*, orientação de monografias e estágio extracurricular, formação em normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e utilização das mídias educacionais, entre outras. As atividades de ensino não se vinculam diretamente às disciplinas curriculares de um curso, mas à aprendizagem.

No eixo Pesquisa, são desenvolvidos projetos de pesquisa como iniciação científica e de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Os projetos de pesquisa se vinculam às linhas de pesquisa do grupo e alicerçam as discussões em *lives*, palestras, oficinas, escritas de artigos, capítulos de livros, livros, entre outros.

No eixo Extensão, realizamos ações vinculadas à comunidade em geral, como oficinas, rodas de conversas, palestras, mesas redondas, minicursos, formações, sala de cinema, *lives* pelo *Instagram* e *Youtube*, orientação pedagógica às escolas, espaços esportivos, espaços assistenciais, eventos e outros.

No eixo Produção acadêmica seja no movimento do ensino, da pesquisa ou da extensão, os partícipes se tornam protagonistas de eventos científicos, escrevem para periódicos *Qualis* e capítulos de livros, publicam as revistas pedagógicas, organizam livros, produção de material pedagógico, entre outros. A constituição do GEFOPI de forma em geral pode ser vista pela Figura 1.

Figura 1 – Constituição do GEFOPI



Fonte: GEFOPI (2021). Elaboração: Raniele Moreira da Costa (2021) e Adaptação: Maiane Piscila de Souza.

Partindo dos vários eixos e metodologias, os pesquisadores e partícipes vinculados, podem participar concomitantemente das várias ações elegendo os objetivos primando o crescimento acadêmico científico dos envolvidos no que cabe ao momento.

A brinquedoteca no presídio: rompendo fronteiras da Pedagogia

O projeto de extensão “A pedagogia e a brinquedoteca: rompendo fronteiras” objetiva atender crianças e adolescentes, filhos/as de reeducandos/as, nos horários de visitas íntimas, na agência prisional de São Luís de Montes Belos, em Goiás. Esse atendimento aconteceu na Brinquedoteca construída no espaço do presídio, onde já realizam esse atendimento, mas sem acompanhamento pedagógico.

O acompanhamento pedagógico, no que se refere ao projeto de extensão, se efetiva nos horários e dias em que ocorrem as visitas aos reeducandos/as. Essa atividade é dirigida pelos acadêmicos vinculados à extensão brinquedoteca, sendo eles do curso de Pedagogia, Letras e demais cursos da UEG, coordenado pela Prof. Dra. Andréa Kochhann. O firmamento da parceria aconteceu entre a direção da UEG, *Campus Oeste*- Sede São Luís de Montes Belos e a direção da agência prisional, intermediado pelo projeto de extensão.

As atividades desenvolvidas durante o acompanhamento pedagógico partem dos planejamentos em que são criadas situações problemas, jogos pedagógicos para desenvolver a concentração e o raciocínio lógico, quebra-cabeças, desenhos, filmes, recorte e colagem, modelagem, contação e ilustração de histórias, entre outras atividades.

O acompanhamento pedagógico busca abranger as atividades escolares para aquelas crianças e adolescentes que estão frequentando a escola, atendendo suas necessidades específicas através do levantamento dos conteúdos escolares, criando uma relação de aprendizagem. Essas atividades são ministradas com materiais de apoio como textos, que englobam histórias em quadrinhos, literatura infantil, jogos e brincadeiras, brinquedos, desenhos e outros. Partindo do cenário pandêmico, as atividades foram modificadas para que o acompanhamento com as crianças ainda ocorresse.

Inicialmente, as adaptações quanto à Covid-19 foram realizadas pela migração para a forma *online* ou remota, seja por *WhatsApp*, *Google Meet* ou outra ferramenta. Preliminarmente, ocorreram formações como os acadêmicos, organização das atividades,

ponderando o ensino remoto ou presencial e o processo avaliativo. Conforme os encontros puderem ser presenciais aconteceram novas adaptações e cuidados para o retorno ao presencial.

Na execução do projeto, são dispostas oportunidades para os acadêmicos vivenciarem a práxis criadora, na unidade teoria e prática, de mesmo modo o processo de gestão pedagógica e publicação de artigos como capítulos de livros sobre o projeto e participação em eventos. O projeto prima como extensão, fecundar a pesquisa-ação ou pesquisa participante, bem como a produção científica. No que cabe ao princípio da indissociabilidade é possível enquanto o projeto de extensão acontece, realizar um projeto de iniciação científica que pode se tornar também uma monografia e/ou futuras publicações.

A criação do projeto em 2018, em atendimento à solicitação do diretor do presídio, foi efetivada pela Profa. Selma Maria e Profa. Marisleila Júlia que, na época, eram docentes da UEG, as quais coordenaram o projeto por dois anos. Com a saída das professoras da Instituição e os benefícios confirmados pelo diretor à época, sentiu-se a necessidade de o Projeto continuar em 2020 que passou a compor as atividades do GEFOPi.

Em março de 2020, é decretado período de pandemia e as atividades do projeto precisaram ser realinhadas ao momento crítico. Ao longo de 2020, as atividades ocorreram de forma *online* e foram reeditadas para ocorrer novamente em 2021. Ao total, a equipe do projeto, em 2021, se apresenta composto pela coordenadora geral, 2 monitores, sendo 1 acadêmico de Letras e 1 acadêmico de Pedagogia, mais 6 acadêmicos de Pedagogia e 3 acadêmicos de Letras, 1 egressa de Pedagogia e 1 doutorando em educação em presídios. Além da participação dos diretores prisionais, cujos ambos formados em Pedagogia.

As ações da brinquedoteca no presídio: movimentos em tempos pandêmicos

Ao longo do ano de 2021, devido os cuidados de medidas sanitárias para prevenção da Covid-19, as atividades realizadas no Presídio, vinculadas ao projeto de extensão da Brinquedoteca, se efetivaram por movimentos de formação dos acadêmicos, por via de *lives*, encontros temáticos via plataforma *Google Meet* e orientações pelo *WhatsApp*, bem como por ações de elaboração de atividades como vídeos e cartas.

Os movimentos de formação trazem consigo o aprofundamento em sua fundamentação teórica aplicada à prática, cabendo dizer que “é neste contexto que o projeto de extensão

promove a inserção do acadêmico no seu ambiente de trabalho e o conduz para a sua futura carreira de docência, sendo esse um campo rico para a construção e reconstrução de conhecimentos” (MACHUR; SURIANE; CUNHA, 2013, p. 339).

O planejamento das *lives* foi considerando a temática central “Humanização das relações sociais”. As *lives* ocorreram no Instagram do grupo @gefopiueg, a primeira *live* ocorreu no dia 16 de fevereiro, com o tema “Imagens de cárcere e de encarcerados na voz de estudantes de graduação: uma análise discursiva”, sendo mediado por Wlisses Cavalcante, contando com a participação de Gabriella Magalhães.

Figura 2 – Live Imagens de Cárceres e de encarcerados na voz de estudantes de Graduação



Fonte: @gefopiueg 2021.

A segunda *live* ocorreu no dia 20 de fevereiro, com o tema “Extensão como práxis” sendo mediado por Wlisses Cavalcante, contando com a participação da Profa. Dra. Andréa Kochhann.

Figura 3 – Extensão como Práxis



Fonte: @gefopiueg 2021.

A terceira *live* ocorreu no dia 6 de março, com o tema “O presídio e a humanização, em uma perspectiva de que não é um espaço de isolamento, mas de ressocialização”, sendo mediado por Jordana Nunes, contando com a participação de Gabriela Magalhães.

Figura 4 – O presídio e a humanização



Fonte: @gefopiueg 2021.

As *lives* aconteceram de maneira periódica transmitidas no Instagram do GEFOPI, com temáticas variadas e pertinentes ao objeto pesquisado. Além das *lives* ao vivo no Instagram, ocorreram encontros temáticos pelo *Google Meet*. Um dos encontros aconteceu no dia 6 de março com o tema “Estudos sobre presídio e humanização I”; o segundo no dia 20 de março, com o tema “Estudos sobre presídio e humanização II”; o terceiro no dia 10 de abril, com o tema “A importância da brinquedoteca”; o quarto no dia 24 de abril, com o tema “Desperte o contador de histórias que existe em você!”; o quinto no dia 8 de maio, com o tema “A importância da contação de histórias na brinquedoteca”; o sexto no dia 22 de maio, com a temática “A importância das ações de ressocialização na unidade prisional” e o sétimo e último encontro aconteceu no dia 19 de junho como forma de socialização entre integrantes havendo uma roda de conversa e relatos de experiências, das edições passadas do projeto, visto que ele se efetiva há mais de quatro anos.

Esses encontros eram divididos em dois momentos em que por vezes o primeiro acontecia nas *lives* do *Instagram* e o segundo no *Google Meet*. Essa divisão acontecia para haver um momento de discussão para tirar dúvidas, contribuindo a formação. Os encontros do primeiro semestre de 2021, tiveram um caráter preparatório para as atividades a serem desenvolvidas posteriormente.

Figura 5 – Encontros GEFOPI e Brinquedoteca



Fonte: @gefopiueg 2021.

Além das *lives* no Instagram e dos encontros pelo *Google Meet*, ocorreram as orientações pelo *WhatsApp* e as atividades como vídeos e cartas. As orientações pelo *WhatsApp* são realizadas pela coordenadora geral do projeto aos monitores, que dinamizam as mesmas entre o grupo de acadêmicos envolvidos. Além das orientações postas de forma em geral para todos do grupo, também divulgação de eventos da área.

Figura 6 – Orientações pelo WhatsApp



Fonte: @gefopiueg 2021.

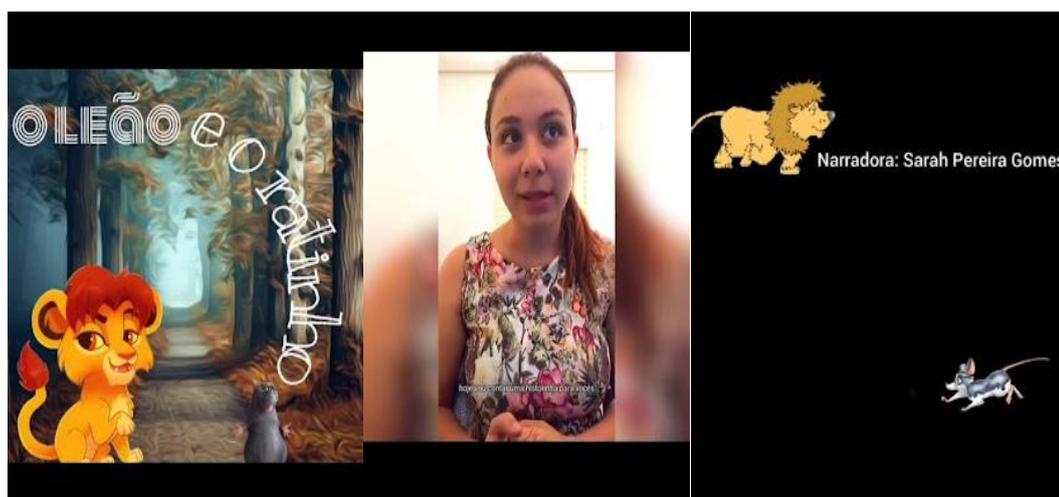
As atividades foram no sentido de gravar vídeos, editá-los e enviá-los para os filhos dos presos, como forma de interação pedagógica. Os vídeos foram gravados pelos acadêmicos, tendo como pano de fundo a contação de história como “Chapeuzinho vermelho” e “O leão e o ratinho”, atividades de inglês, bem como atividades pautadas nas habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Tanto os vídeos como as atividades são enviadas ao diretor do presídio para validação e encaminhamento às mães das crianças, esposas dos presos.

Figura 7 – Vídeo - História Chapeuzinho Vermelho



Fonte: Produção dos acadêmicos.

Figura 8 – Vídeo - O Leão e o ratinho



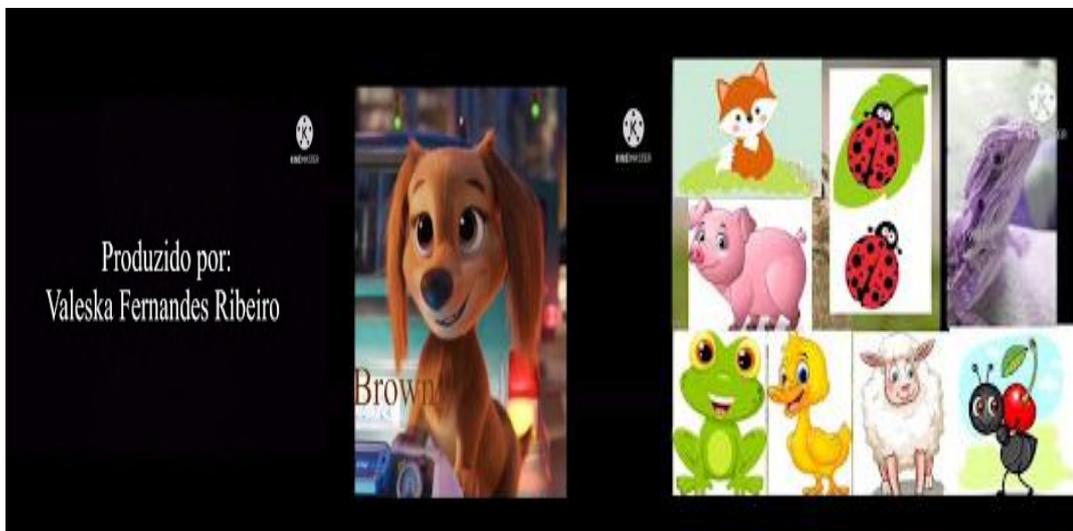
Fonte: Produção dos acadêmicos.

Figura 9 – O Eu, o Outro e o Nós



Fonte: Produção dos acadêmicos.

Figura 10 – O nome das cores em inglês



Fonte: Produção de Acadêmicos.

Uma outra atividade que foi planejada e está sendo efetivada no momento, são as cartas elaboradas pelos reeducandos/as para serem enviadas aos seus filhos, em comemoração ao Dia das Crianças, 12 de outubro. Esse movimento está sendo coordenado pelo diretor do presídio. Esperamos que alcancemos o êxito.

O olhar dos gestores do presídio: avaliando o projeto de extensão

Como forma de avaliação do projeto realizou-se um questionário aberto com o diretor da época de criação do projeto e com o atual diretor. O diretor atual é o Valteir Rodrigues de Oliveira, que respondeu ao questionamento “Como você avalia as atividades do projeto Brinquedoteca no presídio?” alegando que *“Positivas, pois retirou as crianças de dentro do cárcere, proporcionando a essas crianças um encontro com os pais em um ambiente saudável e acolhedor”*.

A situação dos encontros entre pais e filhos eram dentro do cárcere e, às vezes, de forma constrangedora. Com o espaço da brinquedoteca e as orientações dos acadêmicos, as crianças aprendiam com as atividades enquanto as mães visitavam intimamente seus pais e depois o encontro com os pais em lugar agradável e divertido, apropriado para uma criança.

Foi questionado também ao diretor atual “Em 2021, devido a pandemia, as atividades foram modificadas, você acredita que mesmo assim, o projeto deve permanecer?” O mesmo respondeu que *“Acredito sem sombra de dúvidas, é um projeto que veio pra ajudar a convivência de famílias, estreitar laços, tudo em um ambiente totalmente saudável, que é a brinquedoteca. Um ambiente ímpar dentro do Sistema Prisional”*.

A pandemia trouxe ressignificações de todas as atividades do projeto, visto que não se pode ter o contato presencial com as crianças. Por isso, as atividades foram pensadas para serem realizadas de maneira remota, focando na formação dos acadêmicos e comunidade envolvidas e também com atividades pedagógicas para as crianças por vias remotas. Como as visitas estavam proibidas, por questões de segurança sanitária, as crianças não iam até a unidade prisional e, por isso, recebiam as atividades pelo *WhatsApp* das mães.

O diretor na época da criação Josimar Pires Nicolau do Nascimento, e que acompanha o projeto até o momento como colaborador, visto ter assumido um cargo superior em outra localidade, respondeu em forma de texto ao questionamento “Como você avalia as atividades do projeto Brinquedoteca no presídio?”

O ambiente prisional é um local que por si só contradiz a existência de um processo de transformação do ser humano, tendo em vista sua estrutura fechada, com grades e segurança. Entretanto, semanalmente diversas crianças entram neste ambiente para visitar seus pais e familiares que ali estão cumprindo pena por descumprirem a lei. Deste modo, é necessário garantir o direito do reeducando em receber sua visita, mas também, garantir que a

criança sofra o mínimo possível de exposição a este ambiente hostil que, em suma é o cárcere. Neste sentido, as ações do presente projeto, com uma parceria entre o sistema prisional e a Universidade, busca, em um maravilhoso espaço dentro das dependências do Presídio de São Luís de Montes Belos – GO, atender os filhos de reeducandos que os visitam semanalmente. Neste espaço estas crianças ficam sobre a guarda de estagiários dos cursos de Pedagogia e outros que também aprimoram seus conhecimentos e atuarão diretamente com as crianças, cumprindo desta forma etapa obrigatória de sua formação acadêmica. Insta salientar que as crianças muitas vezes acabam expostas a cenas inapropriadas dentro do cárcere durante os dias de visitação. Levadas para a brinquedoteca, após um período com os pais, elas recebem orientação pedagógica e reforço escolar, tendo em vista que muitas delas faltam à aula para visitarem seus parentes presos, sendo que desta forma recebem uma compensação em suas aprendizagens escolares e é tratada humanamente. Compreende-se que não haverá justiça social sem que a sociedade assuma de fato a proatividade na resolução das mazelas sociais. Deste modo, considerando que a proteção da criança e do adolescente é dever do Estado e de toda a sociedade, ações que surjam do sei do aparato do estado ligado a promoção da justiça são fundamentais para a construção de uma sociedade fraterna e igualitária. Deste modo, através das ações do projeto, onde surge uma janela de oportunidade de falar semanalmente com crianças (na brinquedoteca) que estão expostas às mazelas da prisão, constitui-se algo formidável.

Além disso, as crianças que costumeiramente faltam às aulas nos dias de visitação aos pais no presídio, recebem na brinquedoteca o reforço escolar e uma série conhecimentos e brincadeiras. Assim, quanto ao funcionamento da justiça, a que se considerar que ações como estas, dentro de um ambiente onde em virtude de uma sentença criminal, e a ação da justiça em punir, existe a percepção de que a punição dada a uma pessoa, jamais passará da pessoa do condenado. Nos casos das crianças, filhos dos presos, isto é fundamental pelo sucesso do projeto. Desta forma, a criação da brinquedoteca no Presídio de São Luís de Montes Belos – GO representa um importante ajuda no processo de aprendizagem das crianças que visitam a Unidade Prisional e também, reduz a exposição destas ao ambiente carcerário, que como dito, acaba sendo inapropriado para a exposição prolongada de crianças por se tratar de um ambiente hostil por natureza estrutural. (Josimar Pires Nicolau do Nascimento, ex-diretor do presídio, 2021)

O diretor da época da criação da brinquedoteca dentro da unidade prisional, ao responder à questão desenvolveu um texto de análise ampla em vários aspectos no que tange à importância do projeto de extensão, principalmente para as crianças, filhos dos presos. O ambiente hostil e, muitas vezes, com cenas inapropriadas para as crianças, a partir da instalação do projeto de extensão não aconteceu mais. Espera-se que as ações desenvolvidas possam contribuir para o processo de reeducação do preso e amenizar os impactos de um espaço carcerário pode trazer para a formação de caráter de uma criança.

Considerações

Um projeto de extensão deveria ter por finalidade a formação dos acadêmicos envolvidos e a transformação da sociedade atendida como reflexo das ações desenvolvidas no movimento de protagonismo dos acadêmicos. O projeto de extensão “A pedagogia e a brinquedoteca: rompendo fronteiras” prima por fazer de seus envolvidos protagonistas e, principalmente, visando sua formação teórica e prática, de maneira crítica e consciente de seu papel como cidadão. É objetivo do projeto também as mudanças de comportamento das crianças que visitam seus pais, tendo um local acolhedor e de aprendizagem para permanecerem, enquanto seus pais se encontram intimamente. Esperamos que as ações desenvolvidas pelo projeto possam formar os acadêmicos e possibilitar mudanças na vida das crianças, por não estarem presenciando certas cenas inapropriadas. O amparo a estas crianças e adolescentes devem ser essenciais e priorizado pela ação extensionista, partido do pressuposto de que estão fragilizadas devido a situação familiar. Propiciar um espaço neutro no ambiente prisional ameniza então os impactos psicológicos marcantes que podem ocorrer nessa visitação. Isso é uma questão de cidadania e direitos humanos.

Referências

GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária: para quê?** Instituto Paulo Freire. 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em: 30 set. 2021.

KOCHHANN, Andréa. A práxis crítico-emancipadora na formação docente: constructos epistemológicos. *In*: CURADO SILVA, Kátia Augusta Pinheiro Cordeiro (org.). **Epistemologia da práxis na formação de professores: diferentes prismas**. Campinas: Mercado de Letras, 2021.

KOCHHANN, Andréa. **Formação docente e extensão universitária: tessituras entre concepções, sentidos e construções**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/36801>. Acesso em: 30 set. 2021.

MANCHUR, Josiane; SURIANI, Ana Lucia Affonso; CUNHA, Márcia Cristina da. A contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas.

Revista Conexão UEPG, v. 9, n. 2, p. 334-34, jul./dez. 2013. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514151730016> Acesso em: 30 set. 2021.

REIS, Renato Hilário dos. **Histórico, tipologias e proposições sobre extensão universitária no Brasil**. Linhas Críticas, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 41-47, 2021. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/2610>. Acesso em: 6 nov. 2021.

Recebido: 18.10.2021

Aceito: 02.12.2021



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).